
EDITORA
18+
DE AMIGOS
A
AMANTES
Ricochete
série Viciado
AUTORAS BESTSELLER DO NY TIMES
KRISTA & BECCA
RITCHIE

DE AMIGOS
A
AMANTES

Ricochete

série Viciado

AUTORAS BESTSELLER DO NY TIMES

KRISTA & BECCA
RITCHIE

Copyright © 2013 K.B.Ritchie
Copyright © 2022 Editora Bezz

Título original: *Ricochet*
Tradução: Deise Müller
Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes
Capa Original: Twin Cove Designs
Capa adaptada: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Ritchie, Krista & Becca
Ricochete (série Addicted)/Krista & Becca Ritchie; Tradução: Deise Müller.

1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2022.

ISBN: 9786589906735

Sobre *trademark*™ : a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

CONTEÚDO ADULTO

Leitura indicada para Maiores de 18 anos

AVISO DA EDITORA

Esta é uma obra de ficção, apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os das autoras e da editora. O livro pode servir de gatilho para pessoas sensíveis por conter *descrições eróticas explícitas; linguajar indevido; situações de angústia e ações de vícios em alto grau, assim como uso de substâncias ilícitas*. **NÃO** recomendado para pessoas sensíveis a esses temas.

Indicado para maiores de 18 anos.

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Uma boa notícia...
Agradecimentos
Sobre as autoras

Capítulo 1

Eu fiz merda.

Esse é o meu único pensamento enquanto assimilo meus arredores. Um DJ toca música alta através de amplificadores embutidos na parede enquanto pessoas se esbaldam com drinques coloridos. Minha irmã mais nova, Daisy, beberica cerveja de um copo de plástico vermelho, observando seus amigos modelos. Eu temo que ela vá abordar um cara e tentar nos juntar, para tirar Loren Hale da minha mente. Cinco horas atrás, eu acreditava que uma festa em casa seria uma escolha segura.

Eu estava errada.

Tão, tão errada.

Eu deveria estar castamente enfiada sob meu edredom, dormindo durante as celebrações de Ano Novo em minha casa com Rose. Apenas alguns dias atrás, Lo, meu melhor amigo, meu namorado, um cara que literalmente abrange *toda* a minha vida, partiu para a reabilitação. Rose e eu gastamos uma segunda-feira inteira embalando meus pertences. Eu vasculhei fotos, bugigangas e objetos de valor, explodindo em lágrimas aleatoriamente. Exceto por roupas e itens de higiene pessoal, o que é meu, era de Lo. Eu senti como se estivesse passando por um divórcio.

Ainda sinto.

Apenas uma hora depois, Rose ligou para a empresa de mudança e os pagou

para terminar de empacotar as coisas do meu antigo apartamento e desempacotar em nossa nova casa. Ela comprou uma casa de campo com quatro quartos perto de Princeton com cinco acres de terra exuberante, varanda branca, persianas pretas e hortênsias roxas. Ela me lembrava as casas sulistas em Savannah ou do filme *Divinos Segredos.* Quando eu disse isso a ela, ela parou com as mãos nos quadris, apreciando a construção com aqueles poderosos olhos amarelos. Então, ela deu um grande sorriso e disse: — Eu acho que sim.

A distância de corpos masculinos não impede minha mente de viajar para lugares ruins. Eu me preocupo com Lo a maior parte do tempo. Eu me remexo a noite toda, até finalmente ter que engolir grandes doses de pílulas para conseguir descansar. Sinto falta dele. E antes que ele partisse, eu nunca imaginei um mundo sem Lo aqui. Minha garganta se fechou com o pensamento, meu coração despencou e minha cabeça girou. Agora que o momento chegou, percebo que ele levou um pedaço meu com ele. Quando eu disse isso a Rose, ela deu um tapinha em meu ombro e disse que eu estava sendo irracional. Era fácil para ela dizer. Ela é inteligente, confiante e independente. Tudo o que eu não sou.

E eu não acho… eu não acho que há muitas pessoas que realmente entendam como é estar tão envolvida com alguém, compartilhar cada momento e, então, tê-lo arrancado de você. Nós temos um relacionamento doentio e co-dependente.

Eu sei disso.

E eu estou tentando mudar, crescer e superar, mas por que isso tem que ser uma condição?

Eu quero crescer *com* ele.

Eu quero *estar* com ele.

Eu quero amar Lo sem que as pessoas me digam que o nosso amor é excessivo.

Um dia, eu espero que a gente chegue lá. *Esperança*, isso é tudo o que eu tenho para seguir em frente agora. É a minha força motriz. É literalmente o que me mantém de pé.

Os primeiros dias de abstinência me torturaram, mas me esconder no meu quarto ajudou. Recusei-me a ver o mundo real até que eu pudesse resistir aos impulsos mais fortes. Até agora, eu tenho contido minhas necessidades sexuais me afogando em amor-próprio. Joguei fora metade da minha pornografia para tentar apaziguar Rose e para me convencer de que eu estou no caminho da recuperação, como Lo. Mas não tenho tanta certeza de que esse é o caso. Não quando o meu estômago se aperta ao pensar em sexo. Mas, principalmente, eu quero fazer sexo com *ele*.

E eu me preocupo com esses cinquenta por cento de chance de arrastar outro cara para o banheiro, onde vou fingir que ele é Lo por um único momento para satisfazer minha fome. Eu não deveria estar aqui. Em uma festa. Ficar longe de coisas selvagens tem me ajudado até agora. Isso aqui… não chega nem perto dos meus momentos mais selvagens, mas é o suficiente para me empurrar para um lugar ruim.

Quando Daisy ligou e me convidou para uma "festa caseira", eu imaginei algumas pessoas misturando drinques fortes, reunidas ao redor da TV para assistir a apresentações musicais. Não *isso*. Não um apartamento no Upper East Side, abarrotado com modelos… modelos *masculinos*. Eu mal podia dar um passo para o lado sem que uma parte de corpo invadisse meu espaço pessoal. Eu sequer olhava para ver qual parte tocou minha pele.

Eu deveria ter dito não a Daisy. Eu tenho muitos medos desde que Lo partiu, mas o meu maior é falhar com ele. Eu quero esperar por Lo, e se eu não

for forte o suficiente para suprimir essas compulsões antes que ele retorne da reabilitação, então, nosso relacionamento realmente terminará. Não haverá mais Lily e Lo. Não haverá mais *nós*. Ele estará saudável, e eu estarei presa em um ciclo destrutível, sozinha.

Então, eu tenho que tentar. Mesmo que algo em meu cérebro diga *vá*. Eu continuo me lembrando do que espera por mim se eu não esperar por ele. Vazio. Solidão.

Eu vou perder o meu melhor amigo.

De acordo com as instruções bem informadas de Rose (ela tem lido sobre vício em sexo, assim como Connor, mas essa é outra história), eu deveria estar procurando por um terapeuta adequado antes de participar de qualquer evento social que vá me fazer cair em tentação. Daisy não tem ideia do meu vício, que envolve o fascínio por caras gostosos e o êxtase de uma transa. Rose é a única pessoa da minha família que está ciente do meu problema, e vai continuar assim no que depender de mim.

Ainda assim, eu não disse *não* para Daisy. Mesmo quando eu estava tentando dizer isso, ela usou a carta "eu nunca te vejo" para fazer eu me sentir culpada e ceder. Ela completou dizendo que eu nem mesmo sabia que ela havia terminado com Josh durante a Ação de Graças. Primeiro erro: perguntar "Como vai Josh?" no telefone essa manhã. E eu que achei que estava sendo muito esperta por me lembrar do nome dele e tal. Esse é o quão "não envolvida" eu estou na vida dela. Então, não só eu estava processando seu status de solteira, como também estava sentindo uma chuva torrencial de remorso fraterno. Eu tive que dizer sim para compensá-la. Essa é a Lily 2.0, a garota que realmente está tentando fazer parte do mundo da sua família.

Isso significa passar tempo de qualidade com Daisy. E me preocupar com ela saltando de volta na piscina do namoro. Especialmente se esses modelos

mais velhos estão lançando seus anzóis para fisgá-la.

Então, aqui estou. Obviamente não preparada para esse tipo de festa. Embora eu tenha abandonado meu moletom por calça preta e uma blusa azul de seda.

— Estou tão feliz por estarmos aqui juntas. — Daisy exclamou pela terceira vez. — Eu nunca te vejo. — Ela joga o braço ao redor do meu ombro, puxando-me para um abraço bêbado. Eu quase engoli seu cabelo castanho-dourado, quase loiro. Os fios lisos e repicados fluindo pelo peito dela a baixo.

Nós nos separamos e eu tiro uma de suas mechas do gloss dos meus lábios.

— Desculpe. — Ela disse, tentando puxar o cabelo de volta, mas suas mãos estavam ocupadas: cerveja em uma mão e um cigarro queimando preguiçosamente entre dois dedos na outra. — Meu cabelo está longo pra caralho. — Ela suspirou, frustrada, ainda lutando com as mechas. Ela acabou usando o ombro e pescoço para tentar puxar o cabelo para longe do peito, parecendo frenética enquanto fazia.

Eu percebi que Daisy xinga mais quando está irritada. O que estava tudo bem por mim. Mas eu tenho certeza de que nossa mãe teria que gastar três horas a mais de meditação para esquecer a boca suja de Daisy.

E é exatamente por isso que eu não me importo se ela xinga muito ou não. Por mim, ela que faça o que quiser fazer. Daisy precisa ser Daisy para variar, e eu estou realmente animada para vê-la longe das garras neuróticas e maternais da minha mãe.

Ela se ajeita e apoia o cotovelo no meu ombro. Eu sou baixa o suficiente para ser o seu descanso de braço. — Lil — Daisy diz. — Eu sei que Lo não está aqui, mas eu prometo que vou tirá-lo da sua mente essa noite. Sem papo de reabilitação. Nenhuma menção a quadrinhos ou qualquer coisa que te faça lembrar dele. Nada, ok? Somos só eu e você, e um monte de amigos.

— Você quer dizer um monte de *pessoas atraentes.* — Usei a terminologia correta. Estou cercada por pessoas bonitas que poderiam correr por uma praia, no estilo *Baywatch*, e causar uma onda de tesão. Ou eles poderiam desfilar em uma passarela e você provavelmente encararia os rostos deles mais do que suas roupas.

Pelo menos eu iria.

Isso faz de mim a pessoa mais feia aqui? Eu provavelmente sou a única garota que não é modelo. Ok. Eu estou bem com isso. Cercada por pessoas que são um 10, eu sou provavelmente um 6. Eu aceito isso.

Ela sopra fumaça dos lábios e sorri. — Eles não são todos tão bonitos assim. Mark parece um roedor numa luz ruim. Os olhos dele são muito próximos.

— E ele consegue trabalhos?

Ela assente com um sorriso bobo. — Algumas marcas gostam de coisas excêntricas. Você sabe, sobrancelhas grossas, dentes espaçados.

— Huh. — Tentei localizar Mark e seu jeito de roedor, mas ele não estava por perto.

Eu meio que gostaria de ter um traço de assinatura mais legal.

Traços de assinatura? Soa como conseguir um patrono fodão no Mundo Bruxo. Embora eu tenha certeza de que o meu seria tosco também. Como um esquilo.

Eu tento entender o traço de assinatura dela, examinando sua legging preta, camisa cinza longa e jaqueta verde, estilo militar. Ela não usa um único traço de maquiagem, sua pele suave, fresca e perfeita. — Você realmente tem uma pele ótima. — Eu aceno, pensando que resolvi o enigma. Eu sou tão boa. Quase dou um tapinha em minhas costas.

Suas sobrancelhas se erguem e ela bate o quadril no meu de brincadeira. —

Todas as modelos têm pele boa.

— Oh. — Percebo que eu vou ter que perguntar. — Qual é a sua assinatura?

Ela coloca o cigarro nos lábios e balança uma mecha de cabelo na minha direção. — Este bebê. — Ela murmura. Ela solta os fios em seu ombro e enfia o cigarro de volta entre os dedos. — Cabelo super longo de princesa da *Disney*. É assim que minha agência chama. — Ela dá de ombros. — Nem é tão especial. Com perucas e outras coisas, qualquer um pode ter meu cabelo.

Eu diria a ela para cortá-lo, mas isso só vai apontar para o fato de que ela *não pode* fazer nada sobre isso. Não quando a agência controla seu visual. Não quando nossa mãe teria uma parada cardíaca. — Você tem mesmo o cabelo melhor do que eu — digo a ela. O meu é oleoso metade do tempo.

Eu provavelmente deveria lavá-lo mais.

— Rose tem o melhor cabelo. — Daisy diz. — Tem o comprimento perfeito e é super brilhante.

— Sim, mas acho que ela escova uma centena de vezes por dia. Como a garota malvada de *A Princesinha*.

Os lábios de Daisy se contorcem com um sorriso. — Você acabou de comparar nossa irmã com uma vilã?

— Ei, uma vilã com um ótimo cabelo. — Eu me defendo. — Ela apreciaria isso. — Pelo menos eu espero que sim.

Daisy termina o cigarro e o descarta em um cinzeiro de cristal sobre a lareira. — Estou feliz por você estar aqui.

— Você não para de dizer isso.

— Bem, eu estou mesmo. Você está sempre tão ocupada. Eu sinto que nós não conversamos muito desde que você foi para a faculdade.

Eu me sinto ainda pior. Ser muito mais jovem do que Poppy, Rose e eu

deve ter sido solitário. Eu ser uma viciada e ficar evitando toda a minha família não ajudou. — Estou feliz por estar aqui também. — digo a ela com um sorriso largo e honesto. Mesmo que este seja meu maior teste desde a ausência de Lo, pelo menos eu sei que fiz algo certo. Vir aqui, passar um tempo com Daisy, é um progresso. Apenas um tipo diferente.

De repente, seus olhos se iluminam. — Eu tenho uma ideia. — Ela agarra minha mão antes que eu possa protestar. Saímos do apartamento e seguimos para o corredor. Ela corre em direção à escada, arrastando-me junto com ela.

Estou começando a me acostumar com essa nova Daisy impulsiva. Que, Rose me informou, aparentemente existe há dois anos. Quando nos mudamos para nossa nova casa, convidamos Daisy para ajudar na decoração. Em seu passeio pela casa de campo de quatro quartos, ela viu a piscina no quintal. Não importava que ainda fosse inverno. Um sorriso travesso surgiu em seu rosto e ela escalou a janela do quarto de Rose, até o telhado, e se preparou para pular na água, três andares abaixo.

Eu não pensei que ela fosse fazer isso. Eu disse a Rose: — Não se preocupe. É provavelmente para chamar atenção.

Mas ela ficou só com a roupa de baixo, começou a correr e mergulhou na piscina. Quando sua cabeça apareceu, ela tinha o maior e mais bobo sorriso de "Daisy". Rose quase a matou. Meu queixo ficou permanentemente caído.

E ela flutuou de costas, mal tremendo de frio.

Rose disse que quando nossa mãe não está por perto, Daisy tende a ficar selvagem. E não com rebeldias do tipo *vou beber para afogar minhas mágoas e cheirar cocaína*. Ela só faz coisas que nossa mãe condenaria, e Daisy provavelmente sabe que somos mais indulgentes. Quando Rose viu que Daisy sobreviveu ao salto sem uma contusão, ela simplesmente a chamou de estúpida e deixou o assunto de lado. Nossa mãe teria reclamado por uma hora

inteira, surtando com qualquer lesão que pudesse ter arruinado sua carreira de modelo.

Mais do que tudo, acho que Daisy só quer ser livre.

Acho que tive sorte de escapar do escrutínio rigoroso de minha mãe. Mas talvez não. Eu não fiquei perfeita. Pode-se até dizer que eu sou totalmente ferrada.

Subimos as escadas até o último andar, e Daisy girou a maçaneta, o frio cortante alfinetando meus braços nus. O telhado. Ela me levou para o telhado.

— Você não está pensando em pular, está? — Eu imediatamente pergunto com os olhos arregalados. — Não há piscinas para você pousar dessa vez.

Ela bufa. — Não, dã. — Ela solta minha mão e coloca sua cerveja no chão de cascalho. — Vê essa vista?

Arranha-céus iluminam a cidade, e as pessoas até explodem fogos de artifício em outros prédios, as cores crepitando no céu para a celebração desta noite. Carros buzinam abaixo, meio que abafando a atmosfera majestosa da noite.

Daisy estende os braços e inala profundamente. E ela grita a plenos pulmões:

— FELIZ ANO NOVO, NOVA YORK! — São apenas dez e meia, então, tecnicamente ainda é *véspera* de Ano Novo. Sua cabeça se vira para mim. — Grite, Lil.

Esfrego meu pescoço quente, ansiosa. Talvez seja a falta de sexo. Ou talvez o sexo seja a única coisa que vai me ajudar a me sentir melhor. Então... o sexo é a causa ou é a solução? Nem sei mais. — Eu não sou de gritar. — *Lo discordaria.* Minhas bochechas coram.

Daisy me encara e diz: — Vamos, vai fazer você se sentir melhor.

Duvido.

— Abra bem a boca. — Ela brinca. — Vamos lá, irmã mais velha.

Eu sou a única que acha que isso soou pervertido? Olho por cima do ombro. Ah, sim, estamos sozinhas.

— Grite comigo. — Ela salta na ponta dos pés, preparando-se para dizer "Feliz", mas para quando não compartilho seu entusiasmo pelo feriado. — Você tem que relaxar, Lily. Rose deveria ser a mais tensa. — Ela pega minha mão. — Vamos. — Ela me leva para mais perto da borda.

Eu dou uma olhada para baixo. Oh, Deus. Estamos super alto. — Tenho medo de altura. — digo a ela, encolhendo-me.

— Desde quando? — Ela me pergunta.

— Desde que eu tinha sete anos e Harry Cheesewater me empurrou de um trepa-trepa.

— Ah, sim, você quebrou o braço, não foi? — Ela sorri. — E o nome dele não era *Chess*water?

— Lo inventou o apelido dele. — Bons tempos.

Ela estala os dedos, lembrando. — Isso mesmo. Lo colocou um foguete na mochila dele por vingança. — Seu sorriso desaparece. — Gostaria de ter um amigo assim. — Ela dá de ombros, como se fosse tarde demais para ela, mas ela ainda é jovem. Ela sempre pode se aproximar de alguém, mas, porém, com nossa mãe a arrastando por aí, ela provavelmente tem menos tempo para amigos do que qualquer uma de nós. — Ok, chega de falar de Lo. Ele deveria ser banido da conversa hoje à noite, lembra?

— Esqueci. — Murmuro. A maioria das minhas histórias de infância o envolve. Posso contar muito poucas em que ele não está presente. Viagens em família, ele estava lá. Reuniões, ele estava lá. Jantares em família, ele estava lá.

Meus pais poderiam muito bem tê-lo adotado. Inferno, minha avó faz seu bolo de frutas especial para ele sem nenhum motivo. Ela envia para ele de vez em quando. Ele a encantou de alguma forma. Eu ainda acho que ele lhe deu uma massagem nos pés ou algo desagradável.

Eu me contorço. Eca!

— Vamos jogar um jogo. — Daisy sugere com um sorriso bobo. — Faremos perguntas uma à outra e, se errarmos, a outra pessoa terá que dar um passo em direção à borda.

— Uhh... isso não parece divertido. — Meu destino estará em sua capacidade de responder a uma pergunta.

— É um jogo de confiança. — Ela diz, com os olhos brilhando. — Além disso, eu quero conhecê-la melhor. Isso é tão ruim? — Agora não posso dizer não.

Ela está me testando, eu acho.

— Está bem. — Farei as perguntas fáceis para que ela saiba a resposta e eu não tenha que sentir meu coração saltar do peito.

Ela nos posiciona de modo que fiquemos talvez a um metro e meio da borda. Merda. Isso não vai ser divertido. — Quando é o meu aniversário? — Ela me pergunta.

Meus braços de repente esquentam. Eu sei isso. Eu sei. — Fevereiro... — *Pense Lily, pense. Use essas células cerebrais.* — … dia vinte.

Seus lábios se contorcem em um sorriso. — Bom, agora é a sua vez.

— Quando é meu aniversário?

— Primeiro de agosto. — Ela diz. E nem espera que eu diga que está certa. Ela sabe que está. — Quantos namorados sérios eu tive?

— Defina sério. — Essa eu não sei. Eu realmente não sei. Eu nem sabia que

ela começou a namorar até ouvir o nome de Josh sendo mencionado enquanto estávamos comprando vestidos para o Baile de Caridade.

— Eu os trouxe para casa para conhecer mamãe e papai.

— Um. — digo a ela com um aceno nada confiante.

— Eu tive dois. Você não se lembra do Patrick?

Eu franzo a testa e coço meu braço. — Que Patrick?

— Ruivo, magro. Meio imaturo. Ele costumava beliscar minha bunda, então, eu terminei com ele. Eu tinha quatorze anos. — Ela dá um passo mais perto da borda, já que eu sou claramente a pior irmã de todas.

Suspiro pesadamente, percebendo que é a minha vez. — Uhh... — Eu tento pensar em uma boa pergunta, mas todas elas contêm Lo de alguma forma. Finalmente penso em algo razoavelmente bom. — Que papel eu interpretei na produção do *Mágico de Oz*? — Eu tinha apenas sete anos e, a pedido de Lo, seu pai puxou os pauzinhos e tirou o filho da apresentação para que ele não tivesse que interpretar o Homem de Lata. Lo estava tão feliz que nunca teve que ensaiar com a turma. Ele dormia no fundo da sala, com a boca aberta, tirando um tempo extra de soneca enquanto tentávamos memorizar falas resumidas, adaptadas à nossa idade.

Eu sentia falta dele.

— Você foi uma árvore. — Daisy diz com um aceno de cabeça. — Rose disse que você jogou uma maçã na Dorothy e a deixou com um olho roxo.

Eu aponto para ela. — Isso foi um acidente. Não deixe Rose espalhar mentiras… — Essa história está em seu arsenal para usar contra mim, eu juro.

Daisy tenta sorrir, mas é fraco. Eu posso dizer que meu relacionamento com Rose é algo que a incomoda, então, eu paro de falar. Ela pergunta: — O que eu quero ser quando crescer?

Eu deveria saber isso. Não deveria? Mas eu não tenho absolutamente nenhuma ideia. — Uma astronauta. — digo.

— Boa tentativa. — Ela dá um passo à frente. — Não tenho certeza do que quero ser.

Eu fico boquiaberta. — Essa pergunta foi uma pegadinha. Não é justo.

Ela encolhe os ombros. — Gostaria de ter pensado nisso primeiro?

Olho para a minha distância da parede e depois para a dela. Mais dois passos e ela estará na borda. — Não, obrigada. — Estou em êxtase por ela estar respondendo minhas perguntas corretamente, mas me sinto um pouco culpada por estar sendo uma droga com as dela. Acho que ela sabia que eu falharia nesse jogo.

Talvez ela queira perder e, dessa forma, não posso dizer a ela para pular. Não se tudo fizer parte do jogo. Jesus, espero que não seja o caso. Mas meu estômago afunda com o pensamento. Parece cada vez mais provável que sim.

— Qual é o meu nome do meio? — Eu tento uma fácil.

— Martha. — Ela diz com uma risada. — Lily Martha Calloway. Não é uma droga ter o nome da nossa avó?

— Olha quem está falando, Petunia. — Ela foi castigada com um *segundo* nome de flor.

— Você sabe o que os garotos sempre me perguntam?

— O quê?

— Você foi deflorada?

Eu já ouvi isso antes.

Seus olhos encontram os meus brevemente. — Eu fui?

O frio espeta meu pescoço. — Essa é a minha próxima pergunta?

Ela assente.

— Você é virgem. — digo, hesitante. Certo? A última vez que conversamos sobre isso, jogamos um jogo no iate de nossa família, e tanto Daisy quanto Rose disseram que seus cartões V ainda estavam intactos.

Ela dá um passo à frente, suas botas batendo no parapeito.

Uoooou… — Você está mentindo. — digo com os olhos arregalados. Quando diabos ela perdeu a virgindade? Com quem?!

Ela balança a cabeça e seu cabelo balança ao vento. Ela coloca uma mecha atrás da orelha.

— Foi com Josh?

— Não. — Ela diz suavemente, como se não fosse grande coisa. Talvez não para mim. Na verdade, eu tentei suprimir a memória da minha primeira vez. Foi estranho, e doeu um pouco. Sempre que penso nisso, começo a corar. Então, eu o enterrei profundamente, bem no fundo da minha mente.

— Quem? Quando? Você está bem?

— Há alguns meses. Eu não sei... as garotas estavam falando sobre sexo na aula, como elas fizeram isso e tal. Eu só queria ver como seria. Foi ok, eu acho. Definitivamente não é tão divertido quanto fazer isso. — Ela balança as sobrancelhas de brincadeira.

— Mas quem…? — Meus olhos podem literalmente saltar do meu rosto. *Por favor, não seja como eu*, é tudo o que consigo pensar.

— Um modelo. Fizemos um ensaio juntos e ele voltou para a Suécia, então, não se preocupe, você não vai tropeçar nele aqui.

Estou aprendendo tanto sobre Daisy em uma noite. É difícil de digerir. Sinto que acabei de me empanturrar de hambúrguer e batatas fritas do *Five Guys*, quase vomitando um pouco.

— Quantos anos ele tem? — *Por favor, que não seja estupro estatutário.* Não sei se consigo guardar esse segredo.

— Dezessete.

Eu relaxo. — Rose sabe?

Daisy balança a cabeça. — Não, eu não contei a ninguém que perdi a virgindade. Você é a primeira. Você não vai dizer nada, certo? Mamãe me mataria.

— Não, mas... se você vai começar a fazer sexo, deve ter cuidado.

— Eu sei. — Ela assente. — Você acha... você acha que pode me levar a uma clínica? Eu meio que quero estar no controle de natalidade.

— Sim, vou te levar. — Outro segredo que terei que manter da família, mas esse eu aceitarei com prazer. Gravidez não planejada pode ser evitada e as meninas não devem sentir vergonha de tomar a pílula. — Apenas prometa que não vai enlouquecer e fazer sexo com um monte de caras aleatórios. — Porque eu faria, e olha o quão bem eu me saí.

— Ui, eu não faria isso. — Ela torce o nariz, e o meu estômago cai. E é por isso que não posso contar a mais ninguém da minha família sobre meu vício. Rose estava certa. Eles simplesmente não entenderiam. — Vou para a faculdade? — Ela faz outra pergunta para o nosso jogo. Eu nem consigo me lembrar se é a vez dela ou a minha.

— Não posso prever o futuro.

— Eu *quero* ir para a faculdade, então?

— Essa... é uma pergunta muito boa... para a qual não tenho a resposta. Você quer?

Ela balança a cabeça. — Não. Pelo menos, ainda não. Estou pronta para fazer dezoito anos e fazer fotos sem a mamãe lá. Poderei ir sozinha à França e

conhecer a cidade sem que mamãe programe todo o meu itinerário. Você sabe, este ano ela nem me deixou ir ver o Louvre.

— Isso é péssimo.

Daisy assente. — Sim, é um saco. — Em seguida, sua bota pousa no parapeito de cimento. Meu coração dá uma guinada na minha garganta.

— Ok, fim de jogo! — Jogo minhas mãos para cima. — Vamos voltar para dentro.

Daisy sorri de orelha a orelha e fica de pé, empoleirada na porra do parapeito com uma queda de vinte andares. Ela se endireita e estica os braços. — EU SOU UMA DEUSA DE OURO!

Eita. Citar *Quase Famosos* não alivia meu pânico.

Em vez disso, ela grita a plenos pulmões, o que se transforma em uma gargalhada.

Este momento de conexão entre irmãs foi um pouco longe demais.

— Tudo bem, fim de jogo. Você ganhou. Sério, vou ter catapora. — Ou pelo menos uma erupção cutânea que se parece com isso. Eu começo a andar de um lado para o outro, com muito medo de me aproximar e puxá-la. E se eu puxar e ela cair para trás como na televisão? É assim que as pessoas morrem.

Daisy começa a caminhar como se fosse uma corda bamba. — Não é tão assustador. Honestamente, é como… — Ela ri. — É como se o mundo estivesse ao seu alcance, sabe?

Eu balanço minha cabeça repetidamente, tanto que meu pescoço dói. — Não, não. Não faço ideia do que você está falando. Alguém te derrubou de cabeça? — Isso parece meio provável agora.

E então ela pula.

Para o cascalho.

Eu respiro. Ela pega seu copo descartável enquanto caminha até mim e envolve um braço em meus ombros. — É possível que uma das babás tenha feito isso. Talvez isso explique por que não sou tão inteligente quanto Rose.

— Ninguém é tão inteligente quanto Rose. — Exceto talvez Connor Cobalt.

— Verdade. — Ela diz com uma risada e se vira para a porta. — Agora, vamos ver se podemos encontrar um cara gostoso para você.

Sim, isso não vai ser bom.

★★★

Daisy tenta me juntar com um modelo loiro assustadoramente atraente. Um rosto como o dele pode realmente existir sem o Photoshop? Estrutura óssea perfeita, os olhos azuis mais bonitos que já vi. Querido Deus, estou com problemas.

— Vou pegar um ponche. Vocês dois fiquem aqui e conversem. — Daisy diz. Eu tento agarrar seu cotovelo antes que ela desapareça.

— Daisy... — Eu vou matá-la.

Ela gira e sussurra *se misture*, disfarçando com outro sorriso.

Eu olho de volta. Ele se eleva sobre mim e toma um gole de um copo descartável. Ele se inclina até o meu ouvido, sua mão afundando na minha cintura. E abaixando. Eu engulo em seco.

— Você é como uma pequena joia escondida. — Ele me diz com uma risadinha. Evito aqueles olhos azuis intensos que começam a percorrer meu corpo, aquecendo lugares que não deveriam, de forma alguma, ser aquecidos por ninguém, exceto por Loren Hale.

Afasto suas mãos tão freneticamente que acabo parecendo que estou matando moscas. Murmuro algo incoerente que soa como *eu tenho que fazer xixi* ou talvez *há uma abelha aqui*. De qualquer forma, eu me desvencilho dele e

da multidão de modelos na área de dança. Encontro um lugar seguro no sofá perto da janela que vai até o chão, a cidade reluzente iluminada e desperta com táxis e pedestres.

Daisy está discutindo com um cara que parece ter a idade dela. É difícil dizer neste grupo. Ele tem cabelo preto e traços europeus, magro como se pudesse liderar uma banda de indie rock. Ela não sabe que eu abandonei seu amigo com mão boba.

Ao meu lado está sentado um garoto semiconsciente e drogado, olhando para o teto. Sigo seu olhar, sem encontrar o que parece ser tão interessante além de gesso branco.

Dou uma olhada para a mesa de carvalho junto à parede – decorada com várias bebidas baratas. As pessoas se servem, e eu inconscientemente procuro por Lo atrás de uma morena de cabelos cacheados. Depois que ela coloca alguns cubos de gelo em sua bebida e vai para a cozinha, eu o vejo.

Encostado na parede bege, segurando uma taça com um líquido âmbar.

Suas maçãs do rosto estão acentuadas, e sua expressão oscila entre ligeiramente irritada e divertida. Ele toma um pequeno gole e encontra meu olhar, *sabendo* que estou olhando, como se compartilhássemos um segredo além de todas as pessoas aqui. O canto de seu lábio sobe quando ele toma outro gole, e eu congelo no meu lugar.

Ele abaixa o copo e encosta a cabeça na parede, levantando um pouco o queixo. Ele me encara. Eu encaro de volta. E todo o meu peito infla com hélio.

Eu o quero.

Eu preciso dele.

Preciso que ele me abrace. Preciso envolver meus braços ao redor de seu corpo. Preciso que ele sussurre no meu ouvido que tudo vai ficar bem. Que seremos melhores um para o outro. Nós seremos? Ainda nos amaremos se ele

estiver sóbrio e eu estiver passando pelas coisas que me atormentam? Ele vai se encaixar na minha vida se eu estiver lutando com meu vício enquanto ele está saudável e livre do dele?

Eu quero me encaixar na vida dele. Eu só espero que quando ele voltar, ele me queira também.

Então eu pisco. Ele se foi. Para algum lugar. Ninguém vai me dizer em que reabilitação ele se internou, e fico com essas fantasias angustiantes, desejando que ele volte. Pelo menos consegui arrancar algumas respostas de Ryke. Ele disse que durante o primeiro mês de reabilitação, Lo não deveria ter nenhum tipo de comunicação externa. Não tenho certeza se isso se aplica *apenas* a mim, mas tenho a sensação de que Ryke está em contato com Lo desde que o deixou.

Então, talvez eu seja a única que esteja sendo evitada e que fui expulsa da vida de Lo como lixo.

Ainda assim, espero ansiosamente por fevereiro. Os privilégios de receber e-mail serão restaurados. E março, quando o telefone será liberado. Se eu conseguir aguentar até janeiro, ficarei bem. Ou, pelo menos, é isso que eu continuo me dizendo.

Meu telefone vibra e eu o pego no bolso, enxugando os olhos com o pulso enquanto leio o texto.

Ryke: Deixei minha carteira na sua casa. Eu preciso que você abra os portões.

Eu congelo e releio o texto mais quatro vezes. *Abra os portões.* Tipo, na casa fechada em que eu deveria estar agora – a que Rose comprou em uma cidadezinha isolada. Posso fingir que não li a mensagem?

Ryke: Lily, eu sei que você está aí.

O quê? Como?!

Ryke: Eu não vou foder com você. Apenas me deixe entrar. Eu deveria estar na Time Square agora.

Meus dedos pairam sobre o botão. Se eu me recusar a responder, posso agir como se nunca tivesse recebido as mensagens. Simples. Posso mentir amanhã sobre ter perdido o meu telefone. Seria melhor do que lidar com Ryke agora.

Ryke: Nós dois temos iPhones. Eu sei quando você leu minhas mensagens, então, pare de me ignorar e abra a porra dos portões.

Uhh...

Meu telefone toca, e eu pulo. RYKE MEADOWS preenche a tela.

Estou em apuros. Nosso relacionamento ainda não é do tipo de falar ao telefone. Ultimamente, estamos restritos às mensagens de texto. Mesmo que ele seja meio-irmão de Lo, ele *acabou* de entrar em nossas vidas. E embora Lo possa perdoar todas as transgressões passadas de Ryke – como passar sete anos com o conhecimento do paradeiro de seu irmãozinho e não fazer nada sobre isso (como dizer 'oi' pelo menos) – eu mantinha Ryke a uma certa distância. Não tem nada a ver com suas partes de garoto e sexo, mas mais a ver com suas qualidades irritantes. Como se meter nos assuntos de outras pessoas. Como ser um macho alfa quando a situação não pede isso.

Meu dedo continua pairando acima do grande botão verde, e eu tomo uma decisão precipitada e corro para o pátio para evitar a música e conversas altas. Mesmo do lado de fora, as ruas selvagens compensam a falta de música alta

enquanto as pessoas se reúnem lá embaixo para as festividades desta noite. Meu telefone vibra furiosamente na minha mão. Rapidamente, pressiono o alto-falante no ouvido e espero Ryke falar primeiro. Eu realmente não vou iniciar *essa* conversa.

— *Abra a porra do portão.* — Ele rosna.

— Não posso.

— *O que você quer dizer com não pode? Tire sua bunda da cama e venha aqui.* — Eu o ouço sacudir a entrada de ferro, como se tentasse abri-la por pura força bruta.

— Você está tentando invadir?

— *Estou considerando isso.* — Ele suspira, agitado. — *Passaram-se sete dias desde que ele partiu, não* cinco *malditos anos. Você está agindo de forma patética.*

Eu franzo meus lábios. É por *isso* que eu não gosto dele. Sua honestidade crua é tão rude às vezes. Ryke leva o significado de "amor duro" a um nível totalmente novo. — Eu percebo isso. E só para você saber, eu parei de usar só moletom no quarto dia, e no quinto dia, eu lavei meu cabelo. — Eu não sou patética. Estou tentando viver sem meu melhor amigo. É difícil. Toda a minha razão para acordar de manhã e colocar um sorriso no rosto foi tirada de mim.

— *Parabéns. Agora, abra o portão.*

E então, minha sorte vai pelo ralo. — FELIZ ANO NOVO, FILHOS DA PUTA! — Um cara grita cinco andares abaixo. Estou cem por cento certa de que Ryke ouviu o grito bêbado pelo telefone.

— Antes que você diga qualquer coisa — Falo rapidamente, sentindo a fúria escaldante de Ryke através do telefone. —, Daisy *me implorou* para vir a esta festa. Ela me olhou com aqueles grandes olhos verdes de corça. Você nunca foi atingido pelos olhos de corça de Daisy, então, não pode julgar. Daí, eu pensei: ei, deve ser algo bem simples. Ela tem quinze anos. Deve ser uma pequena

festa do pijama entre meninas na cidade. Nada para se preocupar. — Eu aponto para o meu peito estupidamente, mesmo que ele não esteja nem perto de mim. — Não é minha culpa que minha irmãzinha tenha amigos com o dobro da idade dela. Eu nem sabia que ela bebia fora da nossa família até esta noite! Então, *isso* não é minha culpa. Você me ouviu, Ryke? Não. É. Minha. Culpa. — Eu termino meu discurso com uma respiração pesada.

Depois de uma pequena pausa, tudo o que ele diz é: — *Onde diabos você está?*

— Provavelmente irei para casa depois que a bola cair. — Evito a resposta caso ele pretenda vir me encontrar.

— *Você confia em si mesma?*

Eu fico quieta e olho para um modelo com um corpo escultural, que se debruça sobre o parapeito para chamar a atenção de uma garota na rua.

Ele está sem camisa.

E é gostoso. Mas acho que isso é autoexplicativo, considerando o trabalho dele.

Eu confio em mim? *Não completamente*. Mas não posso ficar reclusa para sempre e chafurdar em meus lençóis como uma hiena moribunda. Eu tenho que ser corajosa. Eu tenho que tentar ser normal. Mesmo que minha mente grite *não*.

Ryke toma meu silêncio como resposta. — *Se você não pode nem dizer sim, então você não deveria estar em nenhuma festa. Encontre Daisy e fique com ela até eu chegar aí.*

O quê? Não, não, não. — Você não precisa ser minha babá, Ryke.

Ele exala alto. — *Olha, eu prometi a Lo que me certificaria de que você não pulasse de um penhasco quando ele fosse embora. Se te ajudar o ajuda, então, eu farei o que for preciso. Eu te vejo logo.* — Ele desliga e percebo que nunca lhe disse o endereço do apartamento. Talvez ele esteja blefando e apenas tentando incutir

medo para que eu evite fazer algo precipitado e estúpido. Como ficar com um modelo. Como beijar um cara aleatório. Estou assustada com o lugar em minha mente que diz *vá* – o gatilho que esquece o amor da minha vida por um momento breve e horrível. E então, quando acabar, estarei cheia de vergonha e desgosto tão profundo que não saberei como rastejar de volta.

Eu respiro fundo e sacudo minhas mãos trêmulas. Entro no apartamento e vejo Daisy ao lado da geladeira prateada com uma variedade estonteante de ímãs de letras anexados. Alguém soletrou *goze comigo*. Inteligente.

Daisy toma um gole de um copo de plástico vermelho, agora cheio de ponche, e conversa com um modelo italiano alto, seu cabelo cor de chocolate espesso e o sorriso insanamente brilhante. Quando me aproximo, ela diz um rápido adeus e hesitantemente vira o telefone na palma da mão.

— O que foi? — Pergunto.

— Algo estranho acabou de acontecer. Eu não sei... — Ela toma outro gole de ponche e lambe os lábios. — Ryke me mandou uma mensagem.

Ah, Merda.

— Quero dizer, eu nem sabia que ele me conhecia.

Tanto quanto me lembro, Ryke conheceu Daisy uma vez na casa da minha família em Villanova, um subúrbio chique fora da Filadélfia, e foi mais um aceno de longe do que uma verdadeira saudação. — O que ele queria?

— Saber em que festa eu estava. Dei-lhe o endereço. — Ela encolhe os ombros. — Você acha que ele gosta de mim ou algo assim?

—… Eu não sei, Dais. Ele tem vinte e dois anos e não é o tipo de cara que daria em cima de uma garota de quinze anos. Porque esses caras são pervertidos.

Seus lábios se curvam em uma carranca profunda. — Sim, eu acho que tem

razão. Mas por que ele me perguntaria onde eu estou? Quer dizer, eu pareço mais velha, Lily. E eu ganho meu próprio dinheiro…

— Você ainda tem quinze anos. — digo a ela. — Ele tem vinte e dois. — Essa história precisa acabar agora, antes que ele chegue aqui. Eu não posso deixá-la pensar que tem uma chance com ele. Não, não, não. Eu coço meu pescoço. Talvez eu esteja pegando catapora.

Ela geme. — É tão fodidamente frustrante. Eu me sinto mais velha do que sou a metade do tempo. Algumas pessoas me tratam como se eu tivesse vinte e poucos anos, e depois volto para a escola e sou mimada novamente. Me dão respeito, e então isso é tirado de mim. Repetidamente. — Ela bebe o resto de sua bebida.

— Sinto muito. — digo, sem saber o que mais dizer a ela para fazê-la se sentir um pouco melhor. — Você está perto de completar dezesseis anos, e só terá mais dois anos pela frente. — Agito minhas mãos desajeitadamente como pompons falsos.

Ela ri um pouco. — Você é tão brega.

Eu dou de ombros. — Isso te fez rir.

— Fez. — Ela balança a cabeça.

— De qualquer forma, como Ryke conseguiu seu número?

— Eu não dei para ele. Talvez ele tenha ligado para Rose e pedido a ela. — Ela para de falar. — Então... por que você acha que ele está vindo?

Eu inalo uma respiração tensa, meus músculos se apertando. — Não tenho certeza. — Minto.

— Acho que veremos. — Ela olha para o copo vazio. — Vou pegar um refil. Que tal você ficar um pouco com Bret? — Ela inclina a cabeça para o cara loiro assustadoramente bonito de quem eu me desviei.

— Tentando se livrar de mim? — Eu brinco. — Eu não sou divertida?

Ela sorri. — Só não quero deixar você aqui sozinha. Afinal, fui eu quem te pediu para vir. E pode demorar um pouco para eu escapar da tigela de ponche. — Ela acena para a grande bacia cheia de líquido vermelho e abacaxis fatiados. — Vê o Jack ali. — Eu localizo o cara europeu de cabelos pretos que notei antes.

— Sim?

— Ele é um tagarela. Eu nunca consigo me afastar dele, e me sinto culpada quando tento. Provavelmente levarei dez minutos.

— Eu posso ir te salvar. — Sugiro.

Ela balança a cabeça e coloca o cabelo atrás da orelha. — Não, não. Eu me viro. Divirta-se. *Socialize*. — Ela diz novamente. Como se socializar fosse a solução. Não é.

Minhas palmas suam e meus nervos se agitam quando ela desaparece. Eu realmente quero ir atrás dela, mas ela basicamente disse *não me siga, Lily*. Não disse? Eu engulo minha ansiedade e acidentalmente faço contato visual com um modelo de pele escura, seus bíceps se destacando enquanto ele apoia duas mãos na mesa de álcool.

Eu mordo minhas unhas, perdendo o controle. Talvez eu devesse tentar me acalmar. Sair e fazer minhas próprias coisas. Encontrar alguém... Bret...

Não.

Meu corpo vibra com os anseios familiares que eu me neguei por sete dias inteiros. A única coisa que vai saciar o nervosismo, o medo e tudo o que enche minha cabeça confusa é sexo.

Sexo é a solução.

Mas em vez de escolher um modelo para dar em cima, concentro-me no

banheiro. *Vá até lá e você vai se sentir melhor*, eu fico repetindo para mim. Eu não preciso de um cara. Eu posso cuidar de mim mesma.

Então, eu vou para o banheiro no pequeno corredor. Depois de esperar em uma fila um pouco longa, tranco a porta e me acomodo no assento do vaso sanitário. Tento me lembrar de que realizei esse ritual em lugares muito mais nojentos. Desço meu short e calcinha até os tornozelos.

Respiro um pouco, relaxo e encontro o ponto latejante com meus dedos. Fechando meus olhos, eu flutuo em minha mente, transportando-me desta festa para outros lugares mais quentes.

Imagino Lo. Recrio uma memória não muito distante onde estávamos juntos de verdade.

As luzes haviam diminuído; os *trailers* do filme haviam terminado e os créditos de abertura estavam rolando. Na escuridão, tentei não me concentrar na respiração pesada de Lo, na forma como seu braço e perna pressionavam firmemente os meus. Seus olhos fixos na tela, não olhando para mim para ignorar a tensão dolorosa. Em vez disso, sua mão direita percorria habilmente minha perna, silenciosamente me dizendo para me concentrar no filme. Mesmo que o cinema estivesse vazio, ficar isolada na última fileira não ajudava a aliviar meus desejos.

Sua mão esfregou meu joelho nu, aproximando-se da minha coxa a cada minuto que passava. Apertei-as com força, a tensão aumentando com uma lentidão insuportável. Eu inalei respirações rasas e afiadas, esperando o inevitável mergulho de seus dedos, querendo muito mais.

Ele era tão provocador. Isso nunca mudou.

Sua mão se moveu cada vez mais para cima. Sob minha saia, tocando o tecido macio da minha calcinha. Minha boca se abriu quando seu dedo roçou o ponto pulsante. Tão levemente. Não havia força ou pressão suficiente. Eu me

contorci e resisti à vontade de gritar por mais.

Silêncio. Escuridão. O medo de ser pega. Essa era a atmosfera tentadora com a qual estávamos brincando. Engoli em seco, mantendo minha cabeça virada para a tela, mas as imagens ficaram borradas para mim. Eu estava perdida nesses sentimentos tão, tão profundos.

Meu coração acelerou de medo com o pensamento de alguém aparecer. Os lanterninhas verificavam o cinema de vez em quando, e eu não queria ser banida ou presa. Mas perdi a força para dizer *não* no momento em que sua palma acariciou meu joelho e deslizou para cima.

Eu afundei no meu assento e cobri os olhos com minha mão. Minha cabeça naturalmente começou a se inclinar para trás enquanto seus dedos acariciavam meu montículo molhado e sensível.

— Lo. — Choraminguei em uma respiração suave, um pouco sufocada.

Seus lábios entreabertos roçaram minha orelha tão lentamente que quase gozei ali mesmo. Ele sussurrou: — Quietinha. Não gema.

Eu precisava que ele me preenchesse. E como se fosse uma deixa, seus dedos mergulharam dentro de mim, seu polegar fazendo círculos no meu clitóris. O ar ficou preso na minha garganta. *Não gema. Ahhh...*

A comédia ao fundo não era alta o suficiente para abafar os ruídos que eu sabia que viriam a seguir. De jeito nenhum eu poderia inalar esses sons. Um já havia escapado, agudo e irrefreável.

Ele não se concentrou mais no filme. Seus lábios roçaram minha nuca, mas o cinema escuro mascarou seus movimentos. Eu apenas o *sentia*. A plenitude de seus lábios, a forma como seu braço roçava meu seio, pulsando seus dedos em um ritmo intoxicante.

Senti o clímax chegando como a sensação da subida em uma montanha-russa. *Possua-me*, eu queria gritar. Mas me contive. Engoli meus gemidos e

agarrei o apoio de braço à minha esquerda. Minha boca se abriu quando ele atingiu o ponto certo. Eu resisti um pouco, meus dedos dos pés se curvando e uma camada de suor se acumulando.

Oh, não.

Instintivamente, apertei minhas pernas, apertando sua mão ao ponto de ser desconfortável, qualquer coisa para conter os sons que estavam prestes a vazar dos meus lábios e nos entregar.

Ele beijou minha têmpora e sussurrou: — Eu preciso da minha mão, amor.

Meus olhos estavam bem fechados, e eu balancei a cabeça repetidamente. *Não,* não*,* não. Se eu deveria gozar sem gritar, então, ele não poderia fazer *isso* agora. Eu tinha que... me recompor primeiro. Uma parte insana de mim pensou em remover sua mão completamente e montar em sua cintura, pegando algo mais substancial para alimentar essa *necessidade*.

Sua mão livre suavemente roçou meu pescoço, e seus lábios encontraram os meus, beijando tão profundamente e com tanta força que a minha parte insana venceu. Eu queria seu pau dentro de mim, completamente, e eu não dava a mínima para onde eu estava. Apressadamente, estendi a mão para abrir seu zíper, tateando no escuro para encontrar a abertura.

Seus lábios se separaram dos meus, e ele agarrou meu pulso para me impedir. Ele se inclinou no meu ouvido mais uma vez, sua respiração fazendo cócegas na minha pele sensível. — Eu quero minha outra mão primeiro.

Hesitei por um breve segundo antes de relaxar minhas coxas e aliviar a pressão em sua mão. Voltei a procurar seu zíper, mas Lo empurrou seus dedos mais rápido e mais forte dentro de mim.

Meus olhos tremeram, minhas costas arquearam, e o grito que eu estava segurando saiu como se eu tivesse alcançado o orgasmo mais forte de todos.

Bastardo traiçoeiro.

Eu pensei que tinha acabado, mas ele manteve os dedos no lugar, e meu corpo inteiro explodiu novamente. E de novo. Inclinei-me para frente devido às ondas repentinas e agarrei seu bíceps duro e sua camisa de algodão, seu braço ainda pressionado fortemente contra meu peito, deslizando para baixo, desaparecendo entre minhas pernas. Só de pensar no jeito que ele estava dentro de mim me desfez.

Ele deslizou a mão livre sobre minha boca, bloqueando os ruídos que continuavam rasgando através de mim. Um após o outro. Meu corpo estremecia e não desacelerava. Não quando ele continuava se movendo, tocando um novo lugar que me enviava em outra espiral de prazer.

Qualquer medo de alguém nos ver foi afogado pelo êxtase que inundou minha cabeça. Agarrando-se a ele desesperadamente. Em uma *necessidade* vital e palpável.

Eu já não ansiava por nada mais. Ele era o suficiente.

— Lily! — *Sim.* — LILY! — A porta bate com um som raivoso. *Não.*

Meus olhos se abrem de volta para o momento presente. A festa. Estou no banheiro, minha testa suada. Meus olhos estavam meio revirados na parte de trás da minha cabeça, *quase* chegando ao clímax com a memória.

Eu ainda preciso chegar lá. A tensão queima, mas a voz de Ryke me assusta o suficiente para pular do vaso sanitário como se tivesse me eletrocutado. Eu me visto apressadamente. — Quase lá! — Eu digo a ele e me encolho quase que imediatamente. *Sério*? Não podia escolher *nenhuma* outra palavra?

— Espero que não. — Ryke diz, sua voz tão próxima que eu o imagino encostando um ombro no batente da porta.

Coro furiosamente. Lavo as mãos com bastante sabão e olho no espelho. Apesar do meu rosto corado, eu pareço apresentável. Até agora, tenho tentado eliminar a pornografia da minha vida, não as fantasias. Eu não deveria ter

vergonha, mas meu estômago dá um nó, de qualquer maneira.

Eu amo essa memória em que me concentrei. Porque mais tarde descobri que Lo havia pago ao gerente para uma sessão privada do filme, comprando todos os ingressos que lotariam o cinema. Ele planejou me excitar. Ele planejava saciar minhas necessidades de uma nova maneira. Talvez Rose chamaria isso de ser permissiva, mas, agora, é uma das lembranças mais doces no meu banco de memória pornô.

Assim que abro a porta, uma garota de cabelos pretos resmunga "vadia" e avança, empurrando-me contra a parede próxima. Ok, isso *não* era necessário. Ela bate a porta, e olho para cima para ver a fila agora muito maior de garotos e garotas com mãos nos quadris e olhares furiosos.

Meu rubor, que mais parece uma alergia, brota em meus braços. Espero que eles acreditem que eu estava vomitando o ponche, não me masturbando.

E quando me viro um pouco, encontro Ryke, encostado na parede exatamente como imaginei. Seus braços estão cruzados e ele me examina com olhos duros e penetrantes. Seu cabelo castanho está bem arrumado, competindo com os desses modelos. Ele também está com um pouco de barba por fazer, o que o faz parecer mais velho e mais durão. Ele me dá uma longa olhada, como se tentasse ver a mancha da devassidão.

Eu o ignoro e vou em direção à sala, sabendo que ele me seguirá. Não me surpreendo quando sinto sua presença como uma sombra irritante e *indesejada*. Quando chego à cozinha, ele coloca a mão no meu ombro, girando-me para encontrar seus olhos acusadores, como se eu já tivesse fodido com tudo.

Talvez eu tenha. Já não sei de mais nada. Eu gostaria que alguém pudesse me dar um guia sobre o que exatamente devo fazer, mas ninguém parece saber. A porra do meu vício não é normal. Esse é o problema.

— Você está péssima. — Ele começa.

— Obrigada. — digo secamente. — Se foi para isso que você correu por toda a cidade, então, missão cumprida. Você pode me deixar em paz agora.

— Por que você faz isso? — Ele rosna.

— Faço o quê? — Eu faço muitas coisas. Assim como ele.

— Age como se eu fosse um maldito *rato*.

Eu dou de ombros. — Não sei. Talvez porque você *mentiu* para mim por meses. — Ele poderia ter me dito que era irmão de Lo. *Eu* me sinto tão enganada quanto meu namorado, mas a diferença é que eu não deixo as coisas para lá tão facilmente. Não quando Ryke é uma erupção cutânea que eu não posso medicar.

Ele revira os olhos e diz: — Supere isso.

Eu o odeio. — Ok. — Eu dou um meio-sorriso irritado. — Superei. — Eu tento passar por ele para ir encontrar minha irmã.

Ele suspira exasperadamente e agarra meu braço para me parar. — Espere. Desculpa, ok? Eu não conhecia seu relacionamento com Lo. Eu não podia confiar em você com essa informação. Você teria contado a ele?

Eu paro, hesitando. Não tenho certeza. Talvez. Eu olho para ele com as sobrancelhas franzidas, entendendo seus receios. — Eu ainda não gosto de você. — Eu sempre o lembro.

— Você não está crescendo em meu conceito também. — Seus olhos voam ao redor da sala. — Não consegui encontrar Daisy. Eu procurei por uns dez malditos minutos. — Ele passa a mão pelo cabelo, impaciente.

Eu arfo. — Você sequer se lembra de como ela é?

— Já vi fotos suficientes. — Ele me diz. — Alta. Realmente alta pra cacete. Os mesmos olhos verdes que os seus. O cabelo castanho das Calloway. Muito

magra e sem peitos. Parece certo?

Eu olho feio para ele, embora seja quase preciso. A pedido de sua agência de modelos, ela tingiu o cabelo de castanho-claro na semana passada. — Ela tem quinze anos. — digo asperamente.

Ele dá de ombros. — Talvez ela ainda vá ter peitos.

Eu olho para ele sem expressão, tentando encontrar palavras que representem minhas emoções agora. Eu pisco.

Não, não há nenhuma.

Fico com a minha frase de sempre. — Você é tão idiota.

Ele nunca nega isso. — Vamos apenas encontrar sua irmã e ir. Podemos assistir à bola cair em sua casa. — Ele não esfrega na minha cara que eu arruinei seus planos para esta noite. Quem sabe que tipo de mulher ele planejava encontrar e foder depois. Tenho evitado ver Ryke em seu habitat natural. É uma parte dele que pretendo manter muito, muito longe. Porque isso significaria que somos amigos. E nós *não* somos amigos. Somos apenas duas pessoas que coexistem de vez em quando e se veem por aí. É isso.

Eu examino a área, passando pela cozinha em direção à pista de dança lotada. Eu não a vejo em lugar nenhum. Nem mesmo perto da tigela de ponche cheia de modelos pitorescos. Eu traço seus bíceps com meu olhar, seus músculos girando sob as camisas apertadas. Jesus. Esta festa não é para mim. Sinto minha testa esquentar com uma camada de suor ansioso. *Tire-me daqui.*

— Eu não a vejo. — Murmuro.

— Como poderia, quando está fodendo com os olhos metade dos caras daqui?

Meu queixo cai. Estou farta de seus comentários maldosos. Eu me viro para ele com os punhos cerrados e olhos furiosos. — O que eu fiz para você?

Sua mandíbula endurece como pedra, e os músculos se contraem em seu rosto. *Bota tudo para fora, amigo.* Meu comando mental deve funcionar porque ele diz: — Você olha para os outros caras quando Lo está presente?

É disso que se trata? Meu estômago cai e dói. Um soco no estômago provavelmente seria mais agradável. Claro que Lo se importaria que eu estivesse olhando. *Eu* me importaria. E eu realmente não fantasiei com nenhum outro cara além dele desde que ele se foi. Mas isso não importa. Não quando sei que estou a um pequeno passo de imaginar um corpo sem nome e sem rosto com todos os movimentos certos e todas as palavras certas.

Mas não sei como parar uma vez que comecei. E estou tentando colocar os freios. Estou desesperada e carente agora, e sendo tudo o que eu realmente, *realmente* não quero ser.

Eu preciso de um terapeuta, eu acho. Preciso encontrar alguém que saiba como me ajudar. *Vou me esforçar mais.*

— Não é traição olhar. — digo em voz baixa. — E ele não está aqui, Ryke. Me dá um tempo.

Ele solta um longo suspiro e esfrega a nuca. — Eu odeio que ele esteja namorando uma viciada. Você não tem ideia… — Ele esfrega os olhos. — Isso torna as coisas duas vezes mais difíceis, você sabe disso?

— Sim — Sussurro —, eu sei.

Ele exala novamente, a tensão finalmente deixando seus músculos. — Olha, eu sei que vocês se amam. Eu sei que vocês tentarão ficar juntos mesmo que isso os mate. Eu posso parecer um grande idiota, e eu sei que estou muito em cima de você…

Uhhh... Eu me encolho e ruborizo, uma combinação horrível.

— Droga. Não *desse jeito*, Lily. — Ele balança a cabeça, seu rosto se contorcendo em leve desgosto, e ele aponta para mim. — Você pensa mais em

coisas pervertidas do que qualquer maldito cara que eu conheço.

Culpada.

— E eu não sei como ser legal. Eu não sou assim, nunca fui. Então, às vezes, isso significa ser um pé no saco. — Ele aponta para mim. — Não tome isso sexualmente. — *Tarde demais.* Ele abaixa a mão e diz: — Eu vou escolhê-lo em vez de você, todas as vezes, mas você é uma grande parte da vida dele, então, isso significa que você fará parte da minha – quer você goste ou não.

— Ok. — Eu murmuro. O que mais há para dizer?

A festa começa a animar quando uma famosa estrela do pop sobe ao palco na televisão. Todos começam a imitar desajeitadamente os movimentos de dança, tropeçando e batendo uns nos outros. Não vejo Daisy na multidão.

— Devemos nos separar para procurá-la? Cobrir mais terreno? — Eu pergunto, roendo minhas unhas.

— Não. — Ele pega minha mão, tirando minhas unhas da boca. Seus olhos pousam em um grupo de caras cheirando linhas de coca, passando um prato de vidro entre eles perto da janela. — Uma garota de quinze anos deveria estar nesse tipo de festa?

Provavelmente não. — Eles são modelos.

Suas sobrancelhas franzem como se dissesse *e eu me importo com isso?* — E daí?

Acho que isso não é desculpa, mas é tão difícil falar com ele. Eu sinto que estou constantemente lutando com um daqueles robôs de plástico do jogo *Rock 'em Sock 'em*. E eu sou péssima nesses jogos.

Ando em direção à tigela de ponche onde vi Daisy pela última vez e o sinto me seguindo novamente. Ele desliza pelo caminho que vou abrindo.

Seis pessoas cercam um cachimbo e o passam umas para as outras, a fumaça

se espalhando ao redor de seus olhos vidrados. Felizmente, Daisy não está no círculo, e eu espio por baixo de alguns braços antes de ver alguém segurando um braço de sofá. Ao lado dela está sentado Jack, o "tagarela" de cabelos pretos, que se aproxima enquanto ela toma um gole de sua bebida e abre um sorriso fraco. Eu devo ter perdido-a com todas as pessoas dançando no centro.

Quando ela me vê, ela diz algo para ele e se levanta rapidamente. Ela balança um pouco e depois coloca a mão no meu pulso. — Ah, ótimo. Achei que ia ter que conversar com ele a noite toda.

Ryke a inspeciona com seu olhar feroz de sempre, os olhos voando de seu rosto para seu copo descartável. — Você não é menor de idade? — Tecnicamente, eu também sou, mas não menciono isso, especialmente porque não tenho bebido, então, não há nenhum ponto em dizer isso.

Os olhos de Daisy se estreitam para ele. — Você é meu pai? — Ela pergunta, inclinando a cabeça, seu tom casual sutilmente mordaz. — Eu não acho que é.

— Por que me fazer a porra da pergunta que você vai responder? — Ele rosna para ela, não recuando, embora ela seja minha irmã e uma adolescente. Por que ele tem que ser tão confrontador? Lo a teria ignorado. Eu acho.

— Foi retórico. Você sabe o que isso significa? — Ela pergunta. — É uma pergunta que é dita para expressar um ponto de vista. Uma figura de linguagem.

Eu arregalo os olhos. Uau, ela está hostil. Deve ter algo a ver com nossa conversa sobre ser tratada como mais velha e depois mais jovem. Por que mais ela iria explodir com ele?

— Eu não sabia. — Ele diz, inclinando a cabeça *dele*. — Você sabe o que é isso? Sarcasmo. — Ele se aproxima um pouco do rosto dela. Mais alto do que ela por cerca de dez ou onze centímetros.

Ela levanta o queixo, elevando-se. — Você é hilário. — Ela diz sem

expressão.

A sobrancelha dele arqueia. — Eu acho que você sabe o que é sarcasmo, então. — Ele arranca o copo da mão dela, seus músculos relaxando nos ombros largos. — Que merda é essa, afinal? — Ele cheira e se encolhe. — Isso é nojento pra caralho.

— É um ponche. — Ela diz. — É meio forte. Eu só bebi um copo e meio. — Seus olhos caem um pouco, mas ela parece coerente. Ainda não está bêbada. Talvez tonta. Eu decidi não beber porque o álcool retira as inibições, e as minhas precisam estar fortes.

De repente, dois caras começam a gritar no meio da pista de dança. Suas namoradas tentam puxá-los para trás, agarrando seus músculos largos, mas elas não conseguem contê-los quando eles começam a avançar um para o outro.

— Sério? — Daisy balança a cabeça com a cena. E antes que eu absorva a briga, suas botas batem contra a madeira e ela desliza entre os corpos para alcançar os dois caras furiosos.

Ela é louca. Minha irmã é maluca. Querido Deus.

O Cara Tatuado empurra o Cara Bronzeado.

— Que porra sua irmã está fazendo? — Ryke pergunta, e quando vemos Daisy se meter fisicamente entre os dois caras, Ryke amaldiçoa sob a respiração e se apressa para os dois corpos. Eu sigo logo atrás, agarrando sua camisa para não perdê-lo de vista.

Daisy joga as mãos entre os dois caras.

— Saia da porra do meu caminho! — Cara Tatuado grita com ela.

— Bryan. Vamos lá, o que você vai fazer? Dar um soco nele? — Ela não tem nem um pouco de medo de ser atingida no fogo cruzado. E eu me pergunto: *e*

se ela quiser ser? Isso é tão fodido.

— Fique fora disso, Dayse! — Ele grita. — Esse filho da puta dormiu com Heidi. — Uma ruiva tenta tocar o ombro dele, mas ele a afasta. Um círculo se abre ao redor deles enquanto as pessoas nos arredores observam – como se os dois caras fossem Danny Zuko e Sandy Olsson[1], prestes a realizar uma dança épica.

Só que esta incluirá socos e chutes e provavelmente sangue.

— Ela é uma mentirosa do caralho! — Cara Bronzeado diz, as veias pulsando em seu grande pescoço.

Eu fico a uma distância segura, com muito medo do Cara bronzeado, que parece pronto para acabar com a raça de Bryan por sugerir que ele transou com outra garota.

Daisy mantém as mãos entre eles, separando seus corpos, mas suas pálpebras continuam a cair. Ela oscila um pouco, mas fica em pé. Ela está bêbada? Mas ela quase não bebeu nada, e isso parece estar atingindo-a com muita força de repente.

Ryke avança para a "área de luta" e coloca a mão no ombro de Daisy. — Vai.

— Eles não vão se socar aqui. — Ela diz a ele. — Isso é estúpido.

Seus lábios encostam no ouvido dela, e eu o ouço dizer: — Esta não é a porra da sua luta, Daisy. Deixa pra lá.

Ela o empurra fracamente, oscilando muito, e aponta para Bryan. — Você acha que é um homem? — Ela bufa. — Você bate nele, e depois? O outro cara te bate de volta e você vai se sentir melhor?

— Cala a porra da boca. — Bryan diz a ela.

Ryke lhe lança o pior olhar possível, um que poderia seriamente mover as montanhas. Seus olhos caem de volta para Daisy. — Mexa-se.

Ela encara Bryan em desafio. — Você quer bater nele? Vai ter que passar por cima de mim.

— Daisy! — Eu grito. Sim, ela quer ser atingida. Para sentir algo, talvez. Eu não sei, mas ela está me assustando.

E é aí que o Cara Bronzeado ataca por trás. Ryke a empurra para fora do caminho, e ela cai de joelhos enquanto ele leva um soco na mandíbula. Eu me contorço ao redor da multidão, as pessoas aplaudindo e fazendo caretas enquanto Bryan dá uma joelhada no Cara Bronzeado e Ryke tenta lutar para sair da briga deles.

Daisy já se levantou do chão, enxugando as mãos na jaqueta verde militar. — Lily? — Ela tropeça no meu peito. Abrimos caminho para a área da cozinha, finalmente podendo respirar ar livre.

— Você está louca? — Eu grito com ela. — Você não pode provocar os caras para baterem em você.

Ela passa um braço fraco em volta do meu ombro. — Você acha que mamãe ficaria brava se eu arruinasse meu lindo rosto? — Ela ri um pouco, mas o riso rapidamente morre. Ela pisca repetidamente, como se visse estrelas ou manchas pretas. — Lily?

— O que há de errado? — Eu pergunto a ela com a voz aguda, agitando seu ombro.

— Eu não sei... algo... não está certo...

— Você está bêbada? — Que pergunta idiota de se fazer.

Ryke irrompe pela multidão, um vergão vermelho florescendo em sua bochecha. — Essa foi a porra da coisa mais idiota que eu vi em muito tempo.

Ela se vira muito, muito devagar. — Quem é idiota? Eles ou eu? — Ela continua piscando, e ele a encara por um longo momento, vendo a estranheza

em seus movimentos.

— Você está bem?

— Perfeita. — Ela diz. — Você está bem? — Seus olhos se movem lentamente para o hematoma dele.

— Perfeito. — Ele murmura, ainda inspecionando o estado dela. — Sabe, você tem colhões enormes.

— Os maiores. — Seus lábios puxam em um sorriso apertado, mas eles caem junto com as suas pálpebras.

— Daisy? — Sua voz preocupada apunhala o meu estômago.

Os joelhos dela cedem e ele a agarra por baixo dos braços antes que ela caia no chão.

— Que porra é essa? — digo, meu coração martelando.

Ele a levanta, e sua cabeça pende para trás, seus braços pendurados sem vida ao seu lado.

— Dayse. — Os olhos duros de Ryke se estreitam e ele bate levemente no rosto dela. — Dayse, olhe para mim. — Nada. Ele aperta as bochechas dela e balança a cabeça um pouco. Ela está apagada.

Coloco dois dedos em seu pescoço e sinto um pulso fraco. — Não entendo. Ela tomou uma cerveja e um copo de ponche. — Bem, um e *meio*, mas duvido que metade tenha importância no grande esquema das coisas. Certo?

Ryke apoia a orelha em seu peito, sentindo o subir e descer de suas costelas. — Ela está respirando, mas fracamente.

Ok. Eu mordo minhas unhas, tentando descobrir o que poderia ter acontecido. Isso não é da bebida. Eu sei como é estar *bêbada*, e isso... não é da bebida.

Ryke ajusta Daisy em seus braços para que ele a segure melhor, ele puxa

uma de suas pálpebras para cima. — Suas pupilas estão dilatadas. — Sua mandíbula endurece. — Quem serviu o ponche dela?

Minha boca cai lentamente. — Você acha que alguém a drogou?

— Eu *sei* que alguém a drogou, caralho.

Jack. Eu examino a sala e paro no cara de cabelo preto na cozinha. Ele se inclina contra a geladeira, empurrando os ímãs ao redor com seu amigo para soletrar *lamba meu pau.*

Ryke segue meu olhar, cerrando os dentes. — É ele?

— Sim.

— Segure ela para mim. — Ryke diz, colocando os pés flácidos da minha irmã no chão. Ele descansa o peito dela contra o meu corpo, e eu envolvo meus braços ao redor da cintura dela, mantendo-a um pouco ereta para que ela não caia no chão.

— O que você vai fazer? — Eu pergunto. *Bater nele pra caralho? Ter uma conversa civilizada? Estrangulá-lo para obter respostas?* Existem muitas escolhas.

— Fique aqui.

Isso não foi uma grande resposta.

Antes que eu possa perguntar novamente, Ryke entra na cozinha com uma expressão sombria. A primeira coisa que ele faz: enfia um braço musculoso em Jack, prendendo-o contra a geladeira com o bíceps cortando seu ar. Os ímãs coloridos deslizam da geladeira e caem no chão.

— Que porra é essa?! — Jack xinga com um sotaque inglês. Ele tenta escapar do aperto forte de Ryke, mas Ryke joga todo o seu peso sobre ele, parecendo prestes a arrancar a garganta de Jack.

— O que você colocou na bebida dela?

— Eu não sei do que você está falando. — Ele diz, olhando para o seu amigo

ao lado. O garoto tenta interromper e colocar a mão no ombro de Ryke, mas Ryke lhe dá um olhar mortal.

— Você me toca e eu quebro a porra do pescoço dele.

Meus olhos se arregalam, parcialmente acreditando na ameaça. Seu amigo levanta as mãos, recuando.

Ryke se volta para Jack novamente. — A irmã da minha amiga, Daisy, foi drogada. Você serviu a bebida dela. Eu quero que você me diga o que diabos colocou nisso.

A compreensão começa a surgir em suas feições. — Oh, merda, companheiro. Ela está apagada? — Ele tenta olhar por cima do ombro de Ryke para ver Daisy, mas Ryke dá um tapa na lateral de seu rosto. — Jesus! Ok, ok, você não precisa me bater. Eu vou te dizer o que você quer saber. — Ele faz uma pequena careta, culpado. — Colocamos Ecstasy líquido no ponche, mas apenas o suficiente para ficar chapado… só isso. Sinceramente, não achei que alguém fosse desmaiar com isso.

— Ah, é? — Ryke zomba. — O corpo de cada pessoa reage de maneira diferente às drogas. Ela pesa, o que, uns cinquenta quilos? Você não acha que isso a atingiria mais forte do que a você? Use a porra do seu cérebro.

— Ok. — Ele engole em seco. — Ok, você está certo, companheiro. Eu vou usar da próxima vez. Força cerebral ligada.

Ryke se afasta dele. — E avise às garotas da sua festa sobre o que está no ponche, especialmente se você vai colocar uma droga de estupro nele.

— Entendi. — Ele assente rigidamente.

Ryke revira os olhos, ainda puto da vida. Ele caminha de volta para mim e, sem esforço, levanta o corpo inerte de Daisy em seus braços. Ele junta as mãos dela e as coloca em seu peito para que ela não pareça uma pessoa morta. Estou congelada em estado de choque. A série de eventos desta noite fritou minha

mente. Eu me sinto estúpida. Apenas estúpida. Não somente boba.

Ryke para do lado de fora da cozinha e grita para a multidão: — Para quem não sabe, há drogas no ponche! Tenham a *porra* de um feliz ano novo!

Eu bato a porta ao sair, aumentando o drama da nossa partida. Espero que a declaração de Ryke tenha ajudado alguém esta noite. Talvez não, mas não há muito mais que possamos fazer sem arruinar a noite de todos e sermos completos estraga-prazer.

Descemos o elevador e saímos do complexo de apartamentos. — A que distância está o seu carro? — Eu pergunto enquanto caminhamos pela calçada. As ruas estão cheias de veículos e táxis. Almas corajosas e bem vestidas andam entre o trânsito parado, indo a lugares, mas nunca chegando lá rápido o suficiente.

— Não muito longe. Paguei para estacionar em um deck. — Ele explica, acelerando o passo. Eu tento acompanhar.

— Como ela está?

Seus olhos descem para ela e voltam. — Você pode me fazer um favor?

— Sim?

— Pesquise os efeitos do Ecstasy líquido para mim.

O medo me atinge, e eu desbloqueio o meu celular, digitando rapidamente. — Uhh... inconsciência — dã —, respiração lenta, batimento cardíaco fraco... — Meus olhos começam a se arregalar com a série de palavras: *temperatura corporal baixa, vômitos, náuseas, convulsões, coma, morte.* Morte. — Precisamos chegar a um hospital agora! — Começo a digitar freneticamente 9-1-1. Acabei discando 8-2-2. Droga!

— Ei, desacelere por um segundo. Guarde o telefone e me conte os outros sintomas, Lily.

— Hum, convulsão, coma, morte... — Acho que vou vomitar.

— Bem, ela não está tendo uma convulsão. Ela não está em coma e com certeza não está morta. Então, pare de surtar. — Ele ajusta Daisy em seus braços. — Ela está fria pra caralho.

Eu estalo meus dedos e pulo nas pontas dos meus pés. — Esse é um. A temperatura corporal baixa é um sintoma.

Seus olhos escurecem. — Mais alguma coisa que você não está me dizendo?

Pense. — Uhh... vômito e náusea. É isso.

Ele assente. — Vou levá-la ao hospital. Ela vai ficar bem. Apenas, não tenha um ataque de pânico na rua. Acha que pode fazer isso?

Eu olho feio para ele. — Sim.

Felizmente chegamos ao estacionamento mal-iluminado e nos aproximamos de seu *Infinity* que está espremido entre um *Mini Cooper* e uma *BMW*. — Minhas chaves estão no meu bolso. — Ele me diz.

Olho para o bolso da calça. Perto de sua virilha.

Ele revira os olhos. — Agora não é hora de ser pervertida, Calloway.

— Certo. — digo, estendendo a mão, sentindo minhas bochechas em chamas. Ele também não parece feliz por eu procurar perto de seu pênis. Eu puxo seu conjunto de chaves e pressiono o botão de destravar. O carro buzina e pisca para a vida, as luzes traseiras piscando.

— Sente-se no banco do passageiro e eu vou colocar Daisy no seu colo. — Ele me diz. Faço o que ele pede, e ele coloca minha irmã desengonçada no banco comigo. Eu coloco suas longas pernas para o lado e ponho a mão em sua cabeça, úmida e fria, descansando sua bochecha no meu peito. Neste momento, sinto-me a única responsável por ela.

— Para o hospital. — Eu o lembro.

— Eu sei. — Ele gira a chave na ignição e entra na rua. Apenas cinco minutos, e estamos engarrafados no trânsito. Tantas pessoas vagam pelas ruas que elas batem no carro de Ryke e jogam confete no para-brisa.

Eu mantenho meus dedos pressionados no pulso de Daisy, verificando seu pulso a cada poucos segundos.

Enquanto nos sentamos em silêncio, observo as garotas nas ruas laterais, oscilando enquanto andam de salto alto, seus acompanhantes mantendo um braço embaixo delas para que não caiam de cara no cimento. Os casais me lembram Lo – só que eu é quem estaria mantendo-o reto. Não o contrário.

No ano passado, usei um vestido prata brilhante e decidi ficar sem calcinha a noite inteira. Achei que seria mais fácil para uma rapidinha no banheiro com um cara qualquer. Em retrospecto, essa foi uma má, má ideia. Eu dancei a noite toda em um clube chique e estava bêbada demais para perceber que eu estava mostrando tudo para a multidão a cada salto.

Lo acabou dançando ao meu lado, mantendo uma mão no meu ombro para me impedir de pular muito alto. Ele até puxou a parte de trás do meu vestido para mim. Perto da meia-noite, ele se ofereceu para me dar a *cueca dele*, que eu prontamente recusei. Eu amo toda a memória – mesmo que seja uma bem fodida. A única coisa que tento esquecer é o fim daquela noite. Onde ele reservou um quarto no *Ritz* para dormirmos, e eu me esgueirei para um quarto um andar abaixo para transar com um cara.

— Você acha que ele ainda vai querer estar comigo quando voltar? — Eu pergunto suavemente. Mesmo se eu esperar por ele, eu me pergunto se ele ainda vai esperar por mim.

Ryke aperta o volante com força. — Não sei.

— O que você sabe? — Eu pergunto, puxando o cabelo suado de Daisy do rosto dela.

Ryke me encara. — Você se masturba demais.

Meus olhos se arregalam e instintivamente olho para Daisy, que está em outra dimensão. Ela pode nem ter ouvido. Esperançosamente.

— Ela provavelmente não vai se lembrar de nada. — Ryke me diz.

Isso não impede que a mortificação aqueça meu rosto. É claro que ele não conseguiu se conter de comentar sobre o que eu estava fazendo no banheiro.

Antes que eu encontre coragem para responder, Daisy geme e suas pálpebras tremem. Eu vejo o branco de seus olhos até que eles rolem o suficiente para mostrar o verde.

— Dais. — Eu agito seu braço.

Ela vira a cabeça um pouco, lenta e fraca. Seus olhos se erguem para encontrar os de Ryke. Ele mantém uma mão firmemente no volante, seus dedos apertados enquanto ele olha para ela. Depois de um longo momento dos dois apenas fodidamente *olhando* um para o outro, Ryke pergunta: — Você vai vomitar?

Ela pisca pesadamente e diz: — Não.

Ryke tira o cinto de segurança e estaciona o carro. Ele abre a porta do carro.

— O que você está fazendo? — Eu olho espantada para ele.

— Ela estava sendo sarcástica. — Ele me diz.

Eu franzo a testa. Isso *não* soou como sarcasmo.

Ele dá a volta no *Infinity* até o nosso lado, conseguindo sair do banco do motorista. Ele abre a minha porta, e ela lentamente gira seu corpo para o lado de fora, seus pés na beira do carro. Ela apoia a mão no batente da porta e respira pesadamente, sua cor ficando mais nítida.

Eu esfrego suas costas enquanto sua cabeça começa a cair. Ela quase cai de

cara no chão. Eu agarro seus ombros para mantê-la no meu colo, e Ryke se ajoelha na frente dela. Ele levanta o queixo dela com dois dedos.

— Daisy, olhe para mim. — Ele estala os dedos perto dos olhos dela.

Eu não posso dizer se ela está encontrando seu olhar ou não.

— Que... festa fodida, hein? — Seu corpo inteiro treme.

— Sim. — Ryke assente, seus olhos correndo sobre os braços e pernas dela, notando seus tremores. — Que festa fodida.

— Isso... foi... retórico. — Seu corpo balança, engasgando. Ryke rapidamente sai do caminho e ela vomita na calçada. Ele faz uma careta, e as pessoas começam a contar do lado de fora.

— 10...9...

Estamos muito longe para ver a bola brilhante cair, mas a multidão grita em uníssono, preenchendo o mundo com um coro jubiloso.

Este deve ser um dos piores e mais assustadores Ano Novo de todos os tempos. Ficando logo atrás da vez em que eu beijei um sapo em um desafio. Embora isso tenha sido mais nojento do que assustador.

— 7…

E esta será a primeira vez que não terei um beijo de Ano Novo.

— 5…

Mesmo quando eu era criança, Lo colocava as mãos nas minhas bochechas e me beijava muito rapidamente, e nós caíamos na gargalhada depois. Ele acabava me perseguindo nas festas chiques que nossos pais nos levavam, tentando roubar outro beijo.

Eu sempre o deixei me pegar.

— 2…1.

— FELIZ ANO NOVO!!

Janeiro

Daisy volta a se sentar enquanto a multidão ruge de excitação, pessoas puxando seus entes queridos para o primeiro beijo do Ano Novo.

Ryke a examina por um longo segundo. — Você está bem?

— Ótima. — Ela limpa o lado da boca com a mão. — Você pode... pode apenas me levar para casa?

Ele balança a cabeça. — Você vai para o hospital.

Ela fecha os olhos por um longo tempo e, quando os abre, posso ver seu olhar furioso. — Não.

— Sim — ele afirma. — Isso não é a porra de uma democracia. Meu carro, minhas regras.

— Meu corpo, minhas regras. — Ela retruca. — Honestamente, estou apenas enjoada agora. — E enquanto diz isso, ela treme como se estivesse com calafrios.

Ele coloca a mão na testa dela, e ela dá um tapa. — Não me toque.

Ele faz uma careta. — Você está um cubo de gelo. Você foi drogada, Daisy. Se você dormir e entrar em coma, a culpa é nossa.

— Ele está certo — digo a ela. Uau, essas palavras têm um gosto estranho na minha boca. — Você vai para o hospital. Rose teria arrumado um helicóptero à essa altura; você tem sorte de estarmos apenas dirigindo com você até lá, e não fazendo uma cena maior.

Daisy inala uma respiração lenta. Ela puxa seus membros de volta para o carro e se acomoda contra o meu peito. Ryke bate a porta e dá a volta para o lado do motorista.

— Sinto muito. — Daisy sussurra para mim. — Esta noite... era para ser divertida... — Ela treme. — Era... era para eu tirar sua mente de Lo...

Eu sorrio e cutuco seu quadril. — Você fez. E sabe de uma coisa? Apesar do que aconteceu no final, eu me diverti muito. — Isso não é mentira. Acho que aprendi mais sobre minha irmã hoje do que nos últimos sete anos.

— Sério? — Ela fecha os olhos, afundando de volta para um lugar melhor. Eu continuo verificando seu pulso. Apenas por segurança.

— Sério mesmo.

Ryke entra e fecha a porta. Ele olha pelo para-brisa dianteiro por um longo tempo. — Eu só tenho que te fazer uma pergunta, Lily. — Ele olha para mim. — Todas vocês, garotas Calloway, são tão loucas assim?

Eu engasgo com uma risada, prestes a negar, mas eu realmente não posso. — Poppy é bem normal.

Ele assente repetidamente, assimilando isso.

O trânsito começa a diminuir e finalmente conseguimos dirigir. Respiro fundo, feliz por estar indo em uma boa direção.

---

1. Personagens centrais do filme *Grease – Nos Tempos da Brilhantina*, de 1978

Capítulo 2

O hospital foi um fiasco. Mesmo uma semana depois, eu me encolho ao lembrar sobre como Daisy mentiu para a enfermeira. Ela perguntou seu nome, e Daisy cuspiu: — Lily Calloway.

Eu não a corrigi porque entendia seus motivos. Ela não queria que o hospital ligasse para nossa mãe e a envolvesse na situação. Então, entreguei minha identidade à enfermeira de roupa branca, que poderia passar por Daisy porque minha foto de dezesseis anos está quase apagada. Fiquei até surpresa que o departamento de trânsito não me obrigou a refazê-la. Na foto, meu cabelo cobre quase todo o rosto, e eu inclinei minha cabeça para baixo, tentando terminar o processo de tirar a foto o mais rápido possível. Depois, Lo zombou de mim pela foto, mas a dele não ficou muito melhor. Ele sorriu sarcasticamente, parecendo um grande idiota de dezesseis anos.

Pensar em Lo não ajuda minha mente esta noite. Eu rolo na cama, apertando os lençóis e pressionando meu rosto no travesseiro. Algumas noites são piores que outras. Esta tem sido brutal.

Meu corpo aquece com uma camada de suor pegajoso. Eu só quero ele. Meus olhos se fecham com força, e imagino suas mãos passando pelas minhas costas nuas, girando meus quadris em direção aos meus ombros...

Eu preciso que alguém me abrace, esfregue as palmas das mãos sobre todas as partes doloridas, que massageie meu seio e chupe meu pescoço, para fazer essa tensão explodir em êxtase. Eu anseio tanto por isso que acabo roendo

minhas unhas até o toco, virando de lado e olhando para a parede, pergunto-me se eu deveria encontrar algo para me aliviar.

Não.

Eu lambo meus lábios e estremeço, meu corpo tremendo enquanto prolongo o que ele quer. Ou talvez seja apenas meu cérebro pregando peças em mim. Talvez esteja tudo na minha mente.

Eu inalo uma respiração profunda e me encosto na cabeceira de carvalho. Eu encontro o controle remoto na mesa de canto e ligo a televisão de tela plana acima da minha cômoda. Ela enche a parede, parecendo futurista entre minha cama *king-size* com dossel branco e poltrona de veludo vermelho. Rose decorou meu quarto, e eu tenho que admitir, ela fez um bom trabalho com a arte pop e as almofadas xadrez pretas. Eu não faria questão do dossel. Uma noite, eu me enrolei nele como uma tortilha e comecei a me debater dentro dele.

Eu clico nos canais *On Demand* e leio os especiais noturnos, encontrando um filme pornô onde um professor seduz uma aluna. Tão clichê, mas definitivamente vai me deixar excitada. Só espero que isso me ajude a encontrar o alívio que estou procurando.

Avanço o início, onde a garota geralmente apenas faz sexo oral. Normalmente, boquetes no pornô não me excitam... a menos que o cara faça algo doce como segurar o cabelo dela por trás e dizer que ela é linda enquanto faz isso. Mas eu já vi muitas cenas em que o cara enfia a coisa na garganta dela. Ser sufocada por um pau não me excita.

Chego no meio do filme e o professor espalha a garota sobre a mesa. Ele usa óculos de armação vintage e uma camisa branca de botões. Sua calça já foi tirada e ele rapidamente ataca sem nenhuma outra preliminar. Ela solta um grito assustadoramente alto e seus gemidos começam. — Mmmmmm

siiiiimmm. Assim... assimmmm. — Ela massageia seu próprio seio grande enquanto ele empurra com força. Eu posso notar que ela está fingindo, e talvez caras com tesão não se importem, mas eu sim. Seus ruídos aumentam e percebo que seus orgasmos estão me fazendo estremecer. Nem todo pornô é igual.

Eu fecho e alugo outro filme.

Querendo ser surpreendida, dou uma olhada na descrição e mal olho para o título. Desta vez, avanço novamente e rapidamente percebo em que tipo de categoria o filme se enquadra.

A garota está pendurada em um banco de um vestiário enquanto o cara bate em sua bunda nua. Ou é sobre submissão ou escravidão ou talvez um pouco de ambos. Eu me acomodo na cama, silenciosamente esperando que essa garota não grite como uma hiena.

Ela solta um pequeno grito quando o cara empurra dentro dela. Suas estocadas são duras e ásperas e ela se agarra aos armários em busca de apoio. Ele agarra seu corpo e solta uma série de grunhidos ásperos. Depois de apenas alguns minutos, ela diz: — Por favor, me faz gozar, senhor. Por favor.

Geralmente isso funciona para mim. Mas não sinto nada. Nem sequer me sinto *perder* o tesão. Estou apenas... vazia.

Eu tiro o som do vídeo e penso sobre alugar outro, mas não tenho certeza se um filme com minhas estrelas pornô favoritas vai ajudar. Parece bobo quando tudo o que eu quero é Loren Hale. A estimulação visual não cura o desejo pelo meu namorado.

A experiência miserável desta noite de repente desencadeia uma memória recente com Lo – quando ele estava sóbrio por um período muito curto de tempo. Pauso o filme e enxugo os olhos.

Lo se jogou na minha cama em nosso apartamento na Filadélfia enquanto

eu ligava meu pornô. Eu tinha perguntado se ele queria assistir a um vídeo comigo, pensando que poderia ser diferente agora que ele estava sóbrio. Ele me olhou com as sobrancelhas enrugadas e um sorriso torto antes de dar de ombros e me seguir para o quarto.

Na tela, uma garota loira descansava na cela, e um policial jovem e sexy entrou, examinando seu corpo com um olhar lascivo.

— Por que ela está lá? — Lo perguntou, envolvendo um braço em volta do meu ombro. Eu descansei minha cabeça em seu peito duro, meu coração batendo descontroladamente com o pensamento do que poderia acontecer entre nós. Eu queria que ele me tomasse assim como o policial tomaria a garota.

— Acho que ela foi presa por engano por prostituição ou algo assim, e esse policial vai questioná-la sobre isso. Mas ela realmente vai fazer sexo, então, ele vai deixá-la ir.

Lo arqueou a sobrancelha. — Entendi.

Engoli em seco, perguntando-me se ele estava analisando o que eu queria. Ele raramente assistia pornô comigo. Sempre que eu colocava um, era um evento privado, mas com Lo lá, a antecipação foi suficiente para me deixar ansiosa e contorcida por dentro.

A loira se mexeu um pouco quando o policial começou a revistá-la. Seus dedos desceram até a barra do short dela. — Ele não deveria ter feito isso antes de colocá-la na cadeia? — Lo perguntou com um sorriso.

— É pornô. Não precisa fazer sentido.

Suas costas arquearam quando os dedos do policial mergulharam em sua calcinha e ficaram fora de vista. — Você está escondendo alguma coisa aí que eu precise saber?

Ela balançou a cabeça. — Não... senhor... — Sua respiração falhou, então, ela

soltou um longo gemido de prazer, praticamente convulsionando com seu toque. E minha respiração ficou superficial.

Pelo menos até que eu olhei de volta para Lo. Ele tinha uma carranca profunda, como se tentasse me entender através do pornô. Sentei-me e me desvencilhei dele. — Esta é uma má ideia. — Eu disse, prestes a desligar. Eu procurei pelo controle remoto, mas ele agarrou meu pulso suavemente.

— Não, espere, estou assistindo aqui. — Ele continuou concentrado na pornografia.

O policial abriu o zíper do short da garota e puxou primeiro até os tornozelos e depois completamente. — Você foi uma garota muito má. Sair daqui será muito, muito simples se você cooperar. Apenas pegue isso aqui... — Ele apontou para seu pau, e ela o agarrou, seus olhos grandes e inocentes. — Coloque na sua boca e chupe. Você pode fazer isso por mim?

A garota assentiu rapidamente. Ela se inclinou para frente enquanto ele abaixava a calça azul-marinho – sem cueca. Ela segurou o pênis e o enfiou na boca.

— Caralho, sim. — Ele gemeu profundamente e puxou o cabelo de seu rosto. — Receba seu castigo, querida. — Na verdade, eu achei que essa cena de boquete não era tão broxante. Claro, provavelmente ajudou o fato de Lo estar sentado ao meu lado. Ela o lambeu como um picolé e depois abriu a boca com um refrescante *ahhhh*.

Lo soltou uma longa risada, quebrando o clima instantaneamente. Meu corpo inteiro esquentou de vergonha, *não* o tipo de "quente" que eu queria.

— O que é tão engraçado? — Eu perguntei.

— Shhh. — Ele disse, com um grande sorriso pateta no rosto. Tentei falar novamente, mas ele colocou a mão nos meus lábios, cobrindo minha boca enquanto assistia ao filme, hipnotizado e divertido.

— Você gosta disso? — O policial perguntou. A garota respondeu com um gemido profundo e gutural, balançando a cabeça para frente e para trás novamente. Então, ela tirou o pênis da boca e bateu contra a bochecha. — Pooooorra — ele gemeu. — Porra, é isso aí.

O policial puxou a garota para seus pés e arrancou a blusa dela, massageando seus seios. — Eles são muito bonitos.

Lo riu mais alto e olhou para mim, sua mão ainda firmemente plantada na minha boca. — Isso realmente te excita?

Finalmente, ele afrouxou o aperto para me deixar responder.

— Eu costumo pular o começo. — Eu confessei. — A menos que... — Não, não vou dizer a ele.

Seus olhos se iluminaram. — A menos que o quê?

Corei quando disse: — A menos que o cara puxe o cabelo dela para trás.

O sorriso de Lo tomou todo o seu rosto. — Isso é adorável. — Ele pegou o controle remoto e acelerou para o sexo real, onde o casal fala menos e geralmente há apenas gemidos e grunhidos. — Assistir a isso é melhor do que fazer sexo com outra pessoa? — Lo perguntou, estreitando os olhos para a tela.

— Não... talvez... às vezes — Gaguejei. — É conveniente.

Ele olhou de volta para mim com as sobrancelhas levantadas. — Melhor que comigo?

Eu balancei a cabeça. — De jeito nenhum.

— Então você já teve sexo que foi *pior* do que assistir pornografia? Quem diabos você estava fodendo? — Ele perguntou.

Dei de ombros, não tendo realmente uma maneira de responder a essa pergunta. Meus olhos lentamente deixaram os dele para o filme, onde o policial tinha a garota esparramada no chão. Foi difícil desviar o olhar,

especialmente porque eu antecipei alguma ação quente pela frente.

— Ei. — Lo suspirou, roçando os dedos contra meu queixo. Ele gentilmente inclinou minha cabeça para ele, e seus lábios entreabertos pareciam prontos para me beijar. Esperei que ele diminuísse a distância entre nós, mas em vez de me pegar em seus braços e imitar o filme, ele falou: — Em uma competição entre mim e isso... — Ele apontou o dedo em direção ao filme. — Eu vou ganhar. Toda vez.

Ele lambeu os lábios, seus olhos percorrendo meus seios, meu abdômen e o lugar que implorava por pressão entre minhas pernas. Ele estava prestes a provar que era melhor do que pornografia, mesmo que eu já tivesse dito isso a ele. Ele estendeu a mão e aumentou um pouco o volume, bem quando o policial saiu de cima dela para trocar de posição. Tentei não olhar para a tela, mas o policial *era* grande. Então, a garota habilmente subiu nele, arqueando as costas para que seus seios enormes se tornassem o foco da atenção.

Lo se endireitou e agarrou minhas pernas, puxando-me com tanta força que eu perdi o ar. Minhas costas bateram no colchão, distraindo-me com sucesso. Ele pairou sobre o meu corpo e se inclinou para perto. Sua boca encontrou minha orelha, e sua língua deslizou para dentro, fazendo meus membros tremerem.

Quando ele se afastou, sussurrou roucamente: — Um filme pode fazer isso? — Ele agarrou meus pulsos, trazendo-os acima da minha cabeça, como fazia tantas vezes. Ele os prendeu com uma mão e, usando a outra, levantou minha camisa e meu sutiã. Seus lábios traçaram linhas desde o meu peito até a borda da minha calcinha, provocando sensações que eu quase não podia aguentar. Eu queria que ele empurrasse para dentro. Queria gozar com cada impulso. E eu sabia que ele me daria. Quando se tratava de sexo, ele me oferecia tudo.

Um filme não poderia me tocar do jeito que Lo podia.

Eu daria quase tudo para ouvi-lo terminar com um “eu te amo”. Como ele sempre fazia.

Em vez disso, agora, olho para minha televisão pausada, desejando que Lo estivesse aqui para preencher minhas necessidades em vez de pornografia sem sentido. Eu não consigo nem tentar chegar ao clímax com isso. Tudo o que faço é pensar em Lo, e como ele basicamente disse – em seu próprio jeito ardiloso – que eu deveria parar de assistir pornografia e encontrar minha dose nele.

O filme parecia brega e sem graça, e tão fodidamente estúpido em comparação. Então eu desliguei.

Eu me levanto e pego todos os meus vídeos, e os coloco na lixeira embaixo da minha mesa. Eles não se encaixam, então, pego a lixeira de alumínio e abro minha porta, prestes a encontrar uma lata de lixo maior que conterá todos os meus segredos sujos.

Isso parece certo.

Mas abandonar a pornografia não diminuirá nenhuma tensão dentro de mim.

Ainda não, pelo menos.

Enquanto desço as escadas para a cozinha, ouço vozes distantes. É quase meia-noite, mas não estou surpresa com a conversa. Connor Cobalt e Rose agendam seu tempo juntos como se fosse uma reunião de negócios. Ela me informou que ele poderia aparecer por aqui tarde da noite em janeiro, já que as noites são o único momento que eles podem se ver este mês.

— Por que você está lendo isso? — Rose pergunta a ele. Eu vou furtivamente em direção à sala de estar. Aproximo-me e espio por trás do arco da entrada. Eles estão de costas para mim enquanto compartilham o sofá creme, coberto com um cobertor roxo. Daqui, sinto o cheiro das flores recém-

colhidas que enchem o vaso na mesa de centro de vidro. Connor traz um novo buquê toda vez que elas murcham. Desta vez, ele escolheu margaridas amarelas e rosas que me lembram minha irmã mais nova.

O braço de Rose pressiona contra Connor enquanto eles se sentam perto, cada um com seu próprio notebook. Ambos estão vestindo roupas formais demais para usar em casa. Connor ostenta um terno cinza carvão – que vale milhares de dólares, sem dúvida – enquanto ela usa uma peça da Calloway Couture: um minivestido preto com uma saia transparente por cima. Elegante, como sempre.

Connor não levanta os olhos da tela. — Porque é útil.

— Freud não é útil. Ele é enfurecedor, sexista e *errado* na metade do tempo. — Ela tenta fechar o notebook dele, e ele aperta a mão dela, levando os nós dos dedos aos lábios.

Ele lhe dá um leve beijo antes de dizer: — Só porque você não gosta das teorias dele não o torna errado. Tem coisa boa aqui.

— Como o quê? 'Inveja do pênis'? — Ela retruca.

Eu franzo a testa. O que diabos é *inveja do pênis*? E pior… eles estão realmente falando sobre minhas necessidades sexuais *de novo*? Eu peguei Rose com uma pilha de livros outro dia, todos sobre vício em sexo, e eles não estavam apenas destacados e marcados, mas também havia notas em *post-its* coladas dentro. E essas notas, deixe-me te dizer, não tinham a caligrafia de Rose. Como Connor Cobalt foi *meu* tutor primeiro, posso identificar sua letra cursiva, parecida com caligrafia chique.

Eu posso lidar com minha irmã metida nos meus assuntos, mas o namorado dela, que acha que está sempre certo... Bem, isso era um pouco difícil de engolir.

Estou me acostumando com isso. Mesmo que seja incrivelmente estranho.

Durante anos, Lo era o único que conhecia meus segredos, e agora, tenho mais três pessoas guardando meu segredo. É muito para lidar.

E definitivamente demais para processar.

— Sim — Connor diz —, inveja do pênis e desenvolvimento psicossexual.

— Você está tão errado. Minha irmã não tem inveja do pênis – isso implica que ela possivelmente poderia ter o Complexo de Electra.

Eu me encolho, sabendo o que é *isso*. Não tenho vontade de dar uns pegas no meu pai. Não, obrigada.

— Eu nunca disse que ela tinha isso. — Ele diz levemente, não na defensiva como a maioria dos homens fala com Rose, uma garota que ataca com força total, olhos gelados e duros, pronta para lutar com garras e poder. Eu a amo por isso. E sempre que eles batem boca, estou acenando internamente com bandeiras de Rose Calloway, torcendo para que minha irmã mais próxima ganhe. — Mas sua irmã é uma viciada em sexo. Com quais teorias você vai começar? Aristóteles? Hamburguismo? Ou que tal Erik Erikson? Lily tem uma coisa com nomes famosos.

Rose lhe dá um olhar afiado. — Hamburguismo, sério?

— Freud foi pioneiro na psicanálise. Se você o desacredita, então, as referências ao *McDonald's* começam a voar.

Ela fecha o notebook dele, e ele descansa um braço no encosto do sofá, virando-se um pouco para ela. Eu tenho que recuar para trás da parede, escondendo-me mais.

Connor tem lábios rosados, cabelos castanhos grossos e ondulados e um sorriso que vale os milhões em seu fundo fiduciário. — Sim? — Ele diz, olhando para os lábios dela, que ela aperta com força.

Rose usa seu cabelo castanho em um rabo de cavalo. Seus olhos verde-

amarelados, cor de gato, o perfuram. — A teoria psicossexual tem um jeito de retratar as mulheres como brinquedos quebrados e ineficientes que precisam ser consertados.

— Eu sei. — Connor diz. — Muito disso é misógino, mas é interessante, você não acha?

— Não. Eu acho enfurecedor.

Seus lábios se curvam em um sorriso. — Assim como eu?

Ela revira os olhos, mas meio que permanece olhando, pois se recusa a perder completamente o contato. Eu posso dizer que ela quer beijá-lo, talvez tanto quanto ele quer beijá-la. Mas ela vira a cabeça, quebrando o momento. Rose tem um jeito único de afastar um cara. Às vezes acho que ela teme a falta de poder que vem em um relacionamento, como se pudesse perder algum tipo de vantagem se deixar Connor entrar.

Ele não parece derrotado. Na verdade, seus olhos pulsam com exatamente o oposto. Determinado. Desafiado.

Um fio de cabelo se solta do seu rabo de cavalo, e Rose o coloca atrás da orelha. — Eu acho que encontrei alguma coisa aqui. Este psicólogo sugere que o vício sexual pode estar intimamente relacionado ao transtorno obsessivo compulsivo. Se eu investigar o TOC, talvez eu tenha uma melhor compreensão do que Lily está passando.

— *Nós.* — Ele diz.

Rose franze as sobrancelhas. — O quê?

— Você disse "se *eu* investigar o TOC". Eu te disse que quero ajudar, então, vou ajudar. Lily é minha amiga também. — Ele se move para que seus corpos fiquem um pouco mais próximos, e o notebook de Rose fica apoiado um pouco na perna de cada um deles. Eles parecem estar tendo um "momento"; eu decido sair silenciosamente e ir para a cozinha, mas, quando me viro, um dos

DVDs no topo da minha lixeira desliza e cai no chão de madeira.

Eu congelo, meus olhos se arregalando quando seus pescoços giram. Eu sou um cervo preso em seus faróis. *Por favor, não digam nada. Deixem-me ir embora e fingir que não nos vimos.*

Mas eu não tenho essa sorte.

Rose fecha seu notebook, para que eu não possa ver sua tela, e se levanta do sofá, alisando o vestido com as mãos. — O que você está fazendo acordada? Achei que você tivesse tomado um remédio para dormir. — E então seus olhos vagam para os DVDs na lixeira.

— Ainda não tomei. — digo, evitando Connor. Sua presença piorou o meu constrangimento. E, no entanto, ambos agem completamente inocentes, como se isso não fosse fora do comum. Por que sempre sou eu que cora violentamente com um novo tom de vermelho?

— O que é isso? — Rose caminha para perto do meu corpo congelado perto do arco da entrada da sala, bloqueando o caminho entre a cozinha e a sala de estar. Connor se levanta e coloca as mãos nos bolsos da calça, casualmente. Ver a irmã da sua namorada carregando uma caixa cheia de pornografia é *tão* normal.

— Eu estava jogando fora. — digo a ela enquanto ela inspeciona os DVDs com uma olhada.

— O que causou isso? — Rose pergunta, mas algo esperançoso pisca em seus olhos. Ela pode ver que estou tentando, e meu peito flutua, sentindo-me um pouco melhor por sua reação.

— Eu só achei que era hora de me livrar de tudo.

— Isso é todo o resto? — Connor pergunta, esgueirando-se para perto de Rose. Sua presença causa um nó no meu estômago – por ele ser uns bons dez centímetros mais alto que Rose, ainda mais alto que eu. Sua construção forte e

musculosa me lembra do que estou sentindo falta.

Desconfortável, dou um passo para trás e evito seus olhares. — Vou jogar isso no lixo e depois voltar para cima.

Rose deve me ler muito bem porque ela usa o braço para empurrar Connor de volta. — Você precisa ir.

— Rose, ela está bem. Ela não pode ter medo dos homens para sempre. E, de qualquer forma, ela foi a uma festa com modelos masculinos. Como eu posso ser diferente de qualquer um deles? — Eu o pego exibindo seu sorriso impecável.

— Você não acabou de se comparar com um supermodelo…

— Sim, eu comparei.

Rose olha para o teto como *oh, meu Deus*. — Você quer saber quantas vezes por dia eu questiono por que estou com você?

— Cinco vezes.

— Cem.

— Se você me dissesse que ia exagerar, eu teria respondido isso, mas pensei que estávamos sendo realistas aqui, querida.

Eu bufo. — Fala sério.

Connor gesticula para mim. — Vê, ela está bem.

Rose coloca as mãos nos quadris e olha para mim para um veredito final. Se eu dissesse não, ela expulsaria Connor. E Connor está meio que certo, por mais que eu odeie admitir isso. Eu não deveria ter medo de ficar perto do sexo oposto. Mesmo que eu tenha ficado um pouco nervosa depois do Ano Novo.

— Ele pode ficar. — digo a ela.

Seus olhos se estreitam para mim como se eu tivesse escolhido a resposta errada.

Eu murmuro, *o quê?*

Ela faz um pequeno movimento com a cabeça para Connor. *Ela* não o queria mais aqui? Mas então vejo Connor e ele está – sem mentira – sorrindo de orelha a orelha, como se tivesse vencido o *Academic Bowl Tournament* contra Princeton, a faculdade de Rose (e agora a minha).

Ela perdeu essa briga, eu vejo.

— Eu vou te ajudar com a sua pornografia. — Connor diz. Ele vai até a cozinha para encontrar um saco de lixo enquanto eu tento apagar essa frase da memória. Coloco a lixeira no chão e espero Rose explodir. Seu rosto enruga como se ela estivesse prestes a dar à luz.

Quando Connor desaparece na despensa, Rose desabafa. — Eu não suporto ele. —Ela diz. — Honestamente, ele me deixa louca, Lily.

Eu realmente tento não rir. Rose e Connor terminaram cinco vezes em dezembro. Suspeito que esse número dobre em janeiro. Os dois terminam e depois se reencontram em alguns dias. É tão fofo quanto cansativo.

— Eu acho que você o deixa louco também. — digo a ela. — E eu quero dizer no sentido Britney Spears[2]. — Eu murmuro a melodia da música dos anos noventa e canto o refrão. Seu rosto escurece, não achando graça. Eu não posso deixar de rir. Essa é a Rose.

Seus ombros relaxam enquanto ela pega os DVDs novamente. — Você tem certeza de que quer fazer isso?

— Sim. — digo rapidamente, não querendo pensar muito sobre esse salto gigante. Prefiro correr em direção à linha de chegada do que rastejar lentamente agora. É por isso que bato o pé nervosamente, esperando que Connor volte correndo com o saco que vai selar meu destino. Espero conseguir suprimir a vontade de comprar novos filmes no futuro ou clicar em *sites* pornôs na internet. Acho que consigo. *Espero que sim.* Isso é tudo que eu

realmente tenho no momento.

— Então... — digo, nervosamente girando meus dedos — você acha que eu tenho TOC? — Faria sentido, mais ou menos. Eu realmente relaciono minhas necessidades sexuais com compulsões. A *necessidade* de obter esse êxtase natural. Como uma pessoa obsessiva compulsiva *precisa* seguir sua rotina sistemática. Eu simplesmente nunca relacionei os dois.

— Alguns psicólogos acreditam que os vícios se correlacionam com o TOC, mas não posso diagnosticar você. — Rose diz com sinceridade. — Você realmente precisa ir ao terapeuta...

— Eu sei — eu a interrompo. —, eu sei, eu só... não decidi para qual eu quero ir. — Quem pensaria que havia tantos terapeutas de vício em sexo na área? E eu já procurei por um grupo de Viciados em Sexo Anônimos e não encontrei nada. Como a maioria dos grupos consiste em homens tentando refrear seus desejos sexuais, eles têm uma política rígida de não aceitarem mulheres. Faz sentido, mas também tornou quase impossível encontrar uma VSA que aceite mulheres. Eu desisti da busca por enquanto e pretendo fazer terapia individual.

Há também instalações de tratamento para vício em sexo. Reabilitação, como Lo. Mas Rose vetou essa opção rapidamente. Ela realmente não me deu uma resposta definitiva, e depois de enrolar bastante, ela finalmente admitiu que eu tenho ansiedade social. Que eu não deveria estar em grandes grupos tentando resolver meu problema.

Ontem, eu rebati: — Eu não tenho ansiedade social. — E ao mesmo tempo, eu estava andando de um lado para o outro pelo meu quarto.

Ela inclinou a cabeça com as sobrancelhas levantadas. — Quando foi a última vez que você esteve em um ambiente de grupo?

— Muitas vezes. — disse a ela. — Eu vou a clubes, Rose. As pessoas estão em

toda parte.

— Mas você é forçada a falar com elas? Você fala com *alguém* além de Lo? Realmente, Lily, pense nisso. Você sequer conversa com seus encontros de uma noite ou apenas dá uma olhada e os fode?

Ela estava certa. Talvez eu tenha ansiedade social. E, de acordo com Rose, eu deveria me concentrar em uma coisa de cada vez. Também acho que ela prefere cuidar de mim do que me mandar embora. Ela ficaria louca sem saber exatamente qual seria o programa de reabilitação ou o que eles fariam. Então, por ora, a terapia é a melhor solução.

— Estou trabalhando nisso para você. — Rose me diz. — Tenho horário com dois, amanhã. — Literalmente, ela está marcando consultas apenas para interrogar os terapeutas. Eu a amo mais do que ela sabe. — O último cara era um completo idiota. Perguntei a ele sobre terapia cognitivo-comportamental e ele me deu um olhar vazio. Eu não estou mentindo.

Connor se aproxima com o saco de lixo. — É verdade. — Ele acrescenta. — Eu estava lá.

Minhas bochechas ficam vermelhas, mas eles mal percebem. Ou talvez eles simplesmente não se importem. Sim, tem que ser isso.

Antes que eu mesma possa colocar os DVDs na sacola, Connor pega a lixeira do chão e a despeja no saco. O fato de que ele está em contato próximo com o meu pornô deu um nó no meu estômago e aqueceu meu peito inteiro.

Connor disse a Rose: — Aquele último homem era um completo idiota.

Ela hesita em concordar com ele, embora eu possa dizer que ela concorde.

— O que ele fez?

Connor amarra a sacola e a coloca na parede. Ele lança um olhar furtivo para Rose, cheio de segredos, algo que eu tive com Lo. Meu coração afunda,

mas afasto os pensamentos rapidamente.

— Bem, nós aparecemos no consultório do terapeuta, e Rose se apresentou e contou a ele sobre os problemas sexuais dela...

— Espere... — Levanto minhas mãos, meus olhos esbugalhados. Eu olho entre os dois, e eles apenas ficam lá como se nada estivesse fora do comum. Como se essa história fosse normal pra caralho! Eu pisco para Rose. — Você não fingiu ser eu, fingiu?

Ela balança a cabeça. — Claro que não, Lily.

Eu expiro. *Bom.* Isso seria embaraçoso.

— Eu disse a ele que eu era viciada em sexo, mas dei a ele minhas informações pessoais. Você está segura.

Oh, meu Deus. — Por que você faria isso?

Ela deu de ombros. — Era a única forma de ele me ver. Eu tinha que ser uma paciente primeiro.

Eu me encolho, me recusando a olhar para Connor. Estou mais envergonhada por ela do que deveria. Eu percebo que isso pode ser o que eu vá sentir em breve. Talvez até dez vezes mais. — E o que aconteceu?

Rose examina minha reação e imediatamente se aproxima de mim, colocando a mão no meu ombro. — Você não precisa ouvir isso. Nem todo terapeuta é como ele, e eu prometo a você, Lily, que nunca a mandaria para um que eu não achasse absolutamente perfeito.

Certo, mas um vislumbre de medo ainda me esfria por dentro. — Ainda assim, quero saber.

Connor pressiona alguns dedos nos lábios, inspecionando-me da mesma forma que minha irmã fez, imaginando se eu posso lidar com a verdade.

— Por favor. — Acrescento.

Meu beicinho deve conquistá-los – ou pelo menos conquistou a Rose porque ela quebra primeiro. — Ele me perguntou quais eram minhas preferências sexuais, e eu disse a ele que gravito em torno de pornografia e encontros de uma noite, mas nada muito excêntrico. — No fim de semana em que Lo foi para a reabilitação, eu confessei para Rose a maioria dos meus segredos. Expliquei meus hábitos de abandonar eventos familiares (e até mesmo disse a ela quais) por uma rapidinha no banheiro ou um encontro em um clube. Nada grandioso. Entrar, conseguir o meu êxtase e sair. Era assim que eu gostava com todos, menos com Loren Hale.

— E o que aconteceu? — Quase mordo as unhas, mas decido cruzar os braços, mantendo as palmas das mãos escondidas.

— Ele passou por uma lista de coisas, perguntando-me se elas me excitavam. —Rose diz, sem vergonha alguma.

Connor parece igualmente indiferente. Deus, eles exalam confiança. Ele diz: — Dedilhado, consolos, vibradores, oral, anal, estilo cachorrinho...

— Ela entendeu. — Rose retruca.

Ele sorri de volta, e eu juro que eles têm outro "momento" – Rose parecendo que quer arrancar a cara dele, e Connor parecendo querer beijá-la por isso. Tão estranho.

Eu esfrego meu pescoço quente de vergonha. — Vocês dois *alguma vez* já se sentiram envergonhados? — Se esse é um superpoder de uma pessoa inteligente, eu totalmente também quero.

Connor olha para o teto, pensativo. — Bem, houve aquela vez... Na verdade, não... — Ele balança a cabeça. — Não, eu não sou assim. — Seus olhos azul-escuros encontram os meus. — Eu sou imune a constrangimentos.

— Eu também. — diz Rose.

Eu olho de lado para ela. — Sério? — Deve ter havido alguma vez... Oh, sim.

— E quando você estava na sexta série em uma excursão escolar para D.C.? — Eu não estava com ela, mas seus colegas de classe repetiram a história com tanta teatralidade que só um robô poderia ter passado por aquilo sem ficar constrangido. Minha mãe disse que ela chorou lágrimas de raiva e *vergonha* durante todo o caminho para casa.

Rose arregala os olhos, alarmada. — Você quer saber o que o terapeuta disse ou não?

— Você está corando? — Connor pergunta a ela com uma risada. Connor: 2. Rose: 0. Ela vai me matar.

— Vamos voltar ao assunto em questão — digo, tentando aliviar para ela, mas o estrago já está feito.

Connor cutuca o quadril dela com o cotovelo. — O que aconteceu? Você caiu na Piscina Refletora?

— Não. — Ela diz sem expressão, olhando para a parede.

— Você citou errado o discurso de Abraham Lincoln?

— Isso não aconteceria, e isso não é nem um pouco embaraçoso.

— Eu ficaria envergonhado. — Ele diz, com as sobrancelhas levantadas.

— Sim? Bem, você é como um galo verde. Se o seu tipo existe, há apenas um espécime.

Ele sorri. — Diga isso de novo.

— Prefiro estripar sua gata.

Eu ri. — Uau, pegou pesado. — Trazer Sadie para as discussões sempre anima as coisas. Rose já ameaçou mutilar o animal de estimação dele de vinte maneiras diferentes. É sua principal arma contra o namorado, mas ele acha cada uma tão divertida quanto a outra. Aparentemente, Rose ainda não entrou no apartamento dele devido a gata malhada de Connor que odeia mulheres.

Como é uma fêmea, Rose acha que a criatura é tão próxima de ser um demônio quanto um animal pode ser.

Connor se esforça para não abrir um sorriso ainda maior e mostrar a derrota. Ele inclina a cabeça para o lado. — Algum garoto idiota puxou sua calcinha para cima, não foi? Dê-me o nome dele, eu quero falar com ele.

— Era a sexta série. — Ela diz com as sobrancelhas franzidas. — Você não precisa ler meu livro anuário e atacar todas as pessoas que me fizeram mal.

Eu me intrometo. — Sim, porque ela já castrou a maioria deles.

Connor solta uma risada, e eu juro que ele está prestes a se ajoelhar e propor casamento. Ele lambe os lábios para esconder seu prazer crescente. — Então, eu estou certo? Foi um "cuecão"?

— O quê? Não. — Rose recua, ofendida. — Eu nem acho mais tão constrangedor. Na verdade, apenas me apoquentou, e é por isso que acho que devemos *seguir em frente*.

— Eu não quero deixar isso pra lá, querida. Apenas conte logo. Respire e conte tudo de uma vez. — Ele inala fortemente e sopra pela boca, provocando-a um pouco, e os olhos de gato dela queimam buracos nele.

— Tudo bem, Richard. — Oh, ela até usou seu nome verdadeiro. As coisas estão ficando sérias agora. Não posso negar – as brigas deles afastam minha mente da saudade de Lo e dos meus hábitos. Às vezes eu acho que estar perto de Rose e Connor ajuda a diminuir a tensão. Outras vezes, apenas sinto que eles ficam no caminho entre mim e meus desejos. — Eu estava andando por um dos museus Smithsonian e parei em frente a um modelo do sistema solar. Enquanto eu lia os títulos, um grupo de meninos da minha classe se juntou atrás de mim, apontou e riu antes de dizer: "Eu posso ver Urano".

Connor não riu. — Isso nem é inteligente.

Fica pior, é tudo o que penso.

Os lábios de Rose se contorcem, tentando sorrir, mas a raiva brilha em seus olhos com a memória. — Eu os ignorei, e então eles disseram: "Ei, seu ânus está sangrando".

Connor franze a testa.

— Fiquei menstruada pela primeira vez naquele dia.

Eu faço uma careta por sua memória dolorosa. Esse tipo de coisa permanece com alguém para sempre. Mesmo que pareçam pequenas e insignificantes, histórias de infância como essa de Rose são as que duram a vida toda.

— Dê-me os nomes deles. — Connor acena para ela com dois dedos enquanto pega o telefone e abre o aplicativo de notas.

Rose na verdade abre um leve sorriso. — Eu gritei com eles. — Ela diz a Connor, — Naquele dia. Eu me virei e os mandei calar a boca, e corri para o banheiro, chorei e liguei para minha mãe. — Seu rosto fica sério. — Eu nunca quero ter filhos.

Meu estômago cai com a bomba que ela acabou de explodir no recinto. *Eu* sabia disso sobre Rose, mas falar sobre crianças na frente de um namorado bem novo seria um gatilho para eles fugirem.

Claramente, este é um teste de Rose Calloway.

Connor inala profundamente, como se estivesse digerindo a proclamação repentina. Seu rosto permanece em branco, aceitando o desafio de Rose. Ela está praticamente pedindo que ele fuja. — Depois disso, eu também não iria querer. Os meninos deveriam ser mais respeitosos com o sistema reprodutor feminino. Foi o que trouxe esses fodidos ao mundo.

Rose ri disso, quase gargalhando. Não posso deixar de sorrir também.

— Fodidos? — Ela repete.

Ele dá de ombros. — É melhor do que merdinhas.

— Na verdade, acho que "merdinhas" é mais apropriado.

Meus olhos franzem. — Vocês dois estão realmente discutindo palavrões?

— Sim. — Eles dizem em uníssono, voltando sua atenção para mim. Rose continua de onde parou na história envolvendo o terapeuta. — De qualquer forma, ele passou por uma lista e me perguntou o que eu preferia, eu disse a ele e ele perguntou com que frequência. Então, ele me perguntou se eu tentei parar, mas ele disse isso de uma maneira completamente não profissional.

Connor elabora. — Ele disse a ela que a maioria das mulheres entra em seu escritório em busca de atenção, especialmente dele porque é bonito e em forma, e que para verificar seu problema, ela precisaria – e cito – "chupar pau até sua boca sangrar".

Meu queixo cai. — O quê? — digo em voz baixa.

Rose lhe dá um soco na lateral, e ele finge estremecer, irritando-a ainda mais. — Eu estava tentando resumir. — Ela diz. — Você não precisava dizer a ela palavra por palavra.

— Eu odeio parafrasear. Em suas palavras, isso *me apoquenta.*

Rose leva a mão ao rosto dele, ignorando-o e dizendo-lhe para calar a boca em um movimento rápido. Seus olhos encontram os meus e eles se suavizam consideravelmente. — Fiquei sabendo *depois* que ele nunca havia tratado uma viciada em sexo antes. Estou tentando encontrar uma mulher que entenda sua condição. E eu *prometo*, ela não apenas será respeitosa, mas também será inteligente e saberá mais do que Connor e eu juntos.

— Isso é impossível — Connor diz a ela. — Somos as duas pessoas mais inteligentes do mundo. Coloque-nos juntos, e você obtém um super-humano.

Rose revira os olhos dramaticamente, mas na verdade ela está sorrindo. —

Você é um idiota. — Ela acena para mim. — Ok?

Eu acredito em Rose. Eu confio nela mais do que em qualquer outra pessoa no mundo inteiro, talvez até mais do que em Lo. Ele ficaria tão ofendido se me ouvisse dizer isso, mas, neste momento, acho que é verdade. Ele não está aqui. Mas eu tenho ela.

Há algo além de reconfortante nisso. — Obrigada, Rose. — Dou-lhe um abraço e torço para que não importe o quão horrível eu seja, não importa o quanto eu reclame e regrida, ela me perdoe.

2 ANOS ATRÁS

Minhas sandálias balançam na minha mão. Meus pés descalços tocam a calçada suja. Estou correndo. Bem, na verdade estou *perseguindo*. Enquanto tento alcançar Lo, um dormitório de calouros aparece ao fundo, carros da polícia fervilhando no prédio de tijolos. Menores de idade bêbados estão algemados ou recebendo um sermão.

Lo gira, desacelerando *e* recuando ao mesmo tempo. Ele é tão bom em fugir das coisas. Aos dezoito anos, ainda luto para acompanhá-lo.

— Mais rápido, Lil. — Ele me diz, mas tem um sorriso bobo no rosto. Como se isso pudesse ser considerado uma nova aventura. Correr da polícia durante nossa primeira semana de faculdade. Eu correndo atrás dele.

— Nós estamos... subindo... uma... colina. — Bufo, meu ritmo algo entre uma caminhada e uma corrida. Algo pegajoso gruda na sola do meu pé, e eu me encolho, olhando para baixo com uma careta. Espero que tenha sido apenas chiclete.

— Eu vou deixar você para trás. — Ele ameaça, mas eu mal acredito nele. Especialmente por ele estar quase rindo para mim. Ele ganha velocidade novamente, correndo para frente, esperando que eu ganhe forças para

finalmente alcançá-lo.

Eu nunca vou conseguir. Mas é um bom pensamento.

Meus joelhos se dobram sob mim, e eu uso a última gota da minha energia para disparar em direção a ele colina acima. Há tráfego do nosso lado esquerdo enquanto os carros retornam dos clubes e bares. A festa do dormitório que participamos nem foi tão divertida. A cerveja era uma droga, como Lo observou. Não havia espaço para se mover, e os corredores estavam tão cheios de pessoas que um cheiro estranho permeava o ar. Como maconha e suor misturados. Nojento.

Mas eu não me arrependo. Porque Lo estava lá, e teremos algo para rir mais tarde.

Sua camisa preta começa a se moldar às costas, peito e braços, delineando a forma de seus músculos magros, dando-me uma ideia do que está por baixo. Quando ele corre, ele fica lindo. Como se ninguém pudesse tocá-lo, como se ele estivesse deixando para trás um mundo em chamas e indo em direção a um mundo pacífico. Suas bochechas ficam afiadas; seus olhos se estreitam em determinação. Claro que eu não consigo ver nada disso.

Eu só tenho uma bela visão de sua bunda.

Isso também não é ruim de se ver.

Então, eu começo a cair. A dor sobe pelo meu tornozelo tão excruciante que deixo escapar um grito. *Que caralho.* Eu sento na minha bunda e inspeciono o osso. Não está saindo da pele, mas o músculo parece tenso e estirado.

— Lil? — Lo corre de volta para mim, quase derrapando morro abaixo com o rosto cheio de preocupação. Ele se inclina para o meu tornozelo e inspeciona o osso exatamente como eu fiz. Seus dedos tocam levemente minha pele. — Está doendo muito?

— Muito. — Faço uma careta.

— Tão ruim quanto quando você quebrou o braço? — Ele pergunta, me lembrando do valentão no parquinho quando éramos pequenos. Harry *Cheese*water.

Eu balanço a cabeça e ele coloca as mãos debaixo das minhas axilas, levantando-me como se eu fosse uma bonequinha. Eu tento colocar um pouco de pressão no meu pé para testá-lo, mas a dor se intensifica como mil agulhas afiadas. Meus olhos começam a lacrimejar e eu os enxugo com raiva. Estou puta por ter caído. Especialmente com as sirenes da polícia tocando à distância.

Lo não precisa ser jogado na cadeia. A última vez que ele esteve lá, seu pai ameaçou mandá-lo para uma academia militar. A única coisa que fez o pai dele mudar de ideia foi a minha promessa de ajudar a "consertar" Lo, que foi solidificada com nosso relacionamento falso. Mesmo que eu quisesse ajudá-lo, não posso. Ele me olhou feio esta noite apenas por sugerir que ele deveria mudar para cerveja. Ainda me pergunto se ele teria me deixado sozinha na festa se eu lhe dissesse para não beber nada. O melhor que posso fazer é tentar convencê-lo a *não* beber mais de uma garrafa. Isso está em meu poder, e eu uso sempre que posso. Mas a única maneira de ele realmente melhorar é se ele quiser primeiro.

E, claramente, ele não está nem perto desse ponto. Eu nem tenho certeza do quanto vai demorar.

Ele bebeu tanto que seus olhos ficaram vidrados. Ele ainda está presente – ele ainda está *aqui* – mas eu vejo a fome por beber mais, de deitar e apenas dormir embalado pela leveza que a bebida oferece a ele.

— Você provavelmente torceu. — Lo diz, seu olhar caindo para o meu pé novamente.

— Eu posso mancar até lá. — digo a ele. Devemos chamar Nola para nos buscar. Nós odiamos táxis o suficiente para correr o risco de sermos vistos por um policial, mas ainda temos o motorista da minha família. E da família de Lo. Mas Anderson seria o último recurso. Por alguma razão, nenhum de nós sugere nossos motoristas como uma opção. É tarde, e eu realmente não quero acordar Nola para nos salvar.

— Isso parece uma ideia estúpida. — Ele diz.

Olho por cima do ombro, as luzes vermelhas e azuis piscando ao longe. — Apenas vá sem mim. Eu vou te alcançar.

Suas bochechas ficam afiadas como sempre fazem. — Isso soa ainda mais fodido.

— Eu não bebi nenhum álcool. — digo a ele. — Se os policiais me pegarem, eu ficarei bem. Se eles pegam você, você terá problemas com seu pai.

— Obrigado por me lembrar. — Ele solta um suspiro profundo, e então se vira – de costas para mim. Justamente quando eu acho que ele vai sair correndo, realmente ouvindo meu pedido, ele faz algo bem diferente. Ele se abaixa, levanta minhas pernas e me ergue em suas costas. — Segure firme, amor.

Minhas mãos envolvem seu pescoço, e ele acelera.

O vento chicoteia meus cabelos castanhos, e ouço sua respiração tranquila enquanto ele me leva para longe do caos e em direção à cidade onde moramos. Já montei nas costas dele antes. Quando éramos crianças. Quando não consegui subir as Dunas Great Sand, no Colorado. Quando esqueci de usar sapatos fechados na floresta tropical da Costa Rica. Quando eu só precisava de uma carona. Ele estava sempre lá.

Minutos se passam e então eles se transformam em horas, e Lo diminuiu para uma caminhada, as ruas da Filadélfia vivas e brilhantes no meio da noite.

Nós vamos para o Drake – para o nosso novo apartamento que compartilhamos.

Lo me girou para ficar de frente para ele, e ele me segura nas costas enquanto eu descanso minha cabeça na curva de seu pescoço e ombro, meus olhos se fechando.

Meus desejos dessa noite já foram saciados. A única pessoa que me passa pela cabeça é o homem que me carrega. — Se você fosse um *X-Men*, acho que você seria o *Mercúrio*. — digo com um pequeno bocejo. Ele tem velocidade sobre-humana, capaz de correr tão rápido quanto um raio. Ele também é filho do *Magneto*, que às vezes espera muito dele. O relacionamento entre pai e filho deles é um dos mais difíceis entre os mutantes.

Ele pondera sobre isso e depois sussurra: — Eu prefiro ser o *Satânico*.

Eu sei. Prefiro ser a *Véu* na maior parte do tempo e escapar dos meus momentos mais embaraçosos indo para o nada, mas a verdade é que provavelmente nem sou digna de ser comparada a um *X-Men*. Pelo menos Lo é como alguém. Pelo menos ele pode se identificar com alguém.

Ele olha para mim quando começo a adormecer. — Como está seu tornozelo?

— Maravilhoso — eu sussurro —, porque eu não estou me apoiando nele.

— Acho que temos uma bolsa de gelo na geladeira.

Meus olhos se fecharam completamente. — Mmm, parece bom.

Ele beija o topo da minha cabeça e depois sussurra: — Eu te amo, Lil.

Dizemos essas palavras o tempo todo, mas elas nunca perderam o impacto. Elas significam mais para mim do que ele jamais saberá. Porque no final das contas, esse tipo de amor é diferente de um encontro à primeira vista com um homem em um bar, uma paixão na escola preparatória ou um novo romance

borbulhante. Nosso *eu te amo* abrange anos de pesar, mágoa, riso e dor.

E cada vez que dizemos as palavras, sinto a adrenalina da nossa infância. Eu não poderia imaginar algum dia perder isso.

⋆⋆⋆

Depois de uma noite inteira de gelo no músculo, sinto tanto frio pela manhã que anseio por calor. Às dez da manhã, preparo um banho de espuma e deito nas bolhas espumosas, deixando meu ferimento mergulhar nas águas calmantes. A felicidade nem define esse sentimento. Isso é... até que Lo abre a porta do banheiro e entra lentamente. Eu afundo ainda mais na água e junto algumas bolhas para esconder meu corpo nu.

— Você tem seu próprio banheiro. — Eu o lembro enquanto ele corre a água sob a escova de dentes. Uma azul do *Homem-Aranha* que ele trouxe para cá.

Ele se vira, apoiando-se contra a borda do meu balcão. Vestindo apenas calça com cordão que não deixa absolutamente *nada* para a imaginação. Mas eu mantenho meus olhos firmemente plantados nos dele.

— Eu queria ver como estava seu tornozelo. — Ele admite antes de colocar a escova de dentes na boca. Uma semana na faculdade e ainda não me adaptei totalmente a viver com ele. Éramos íntimos antes, mas compartilhar o espaço borrou ainda mais as linhas que realmente não precisavam de mais desfoque.

— Estou aquecendo ele. — Explico e levanto meu pé da água, deixando de fora a parte sobre querer o calor muito mais do que meu tornozelo precisa.

Eu não esperava que ele se aproximasse, a escova de dentes ainda pendurada na boca, e pressionasse os dedos na área inchada. Eu tento não deixar a dor transparecer muito no meu rosto.

Lo tira a escova de dentes da boca e aponta para mim. — Descanso na cama para você. — Ele ordena antes de se virar e cuspir na pia, e então ele enxagua a

boca.

— Você se sente bem? — Pergunto, observando-o limpar os lábios na toalha.

Quando ele volta sua atenção para mim, seus olhos pousam na banheira. — Eu gostaria de um banho de espuma. — Ele diz, um sorriso brincando em seus lábios. Outro momento em que eu deveria dizer não e não me submeter às suas provocações e brincadeiras.

Mas as palavras simplesmente não vêm, e ele já está tirando a calça, deixando a cueca boxer preta e pulando direto na água. A *Jacuzzi* é grande o suficiente para sete pessoas, então, não é tão estranho.

Ele solta um gemido alto enquanto afunda. Não posso deixar de sorrir.

— Só não se aproxime — Aviso —, estou nua. — Eu ruborizo com as palavras.

É a vez dele sorrir, um sorriso travesso que eu não gosto.

— Lo… — Aviso novamente.

Ele levanta as mãos da água, no gesto "eu venho em paz". — Vou ficar aqui mesmo. — Bom. — É com você que nós dois devemos nos preocupar. — Eu franzo a testa. Ele pode estar certo sobre isso. Eu me afasto um pouco mais para trás, evitando seu sorriso bobo. Eu pressiono meu corpo firmemente na banheira de porcelana.

Depois de um momento, Lo limpa a garganta e brinca com as bolhas, passando-as entre os dedos. — Então... ontem à noite, ele usou camisinha?

— Sim. — Assinto, respondendo à sua pergunta, embora não tenha vontade de falar sobre a noite passada.

— Você sabe que os caras da faculdade são diferentes. — Lo diz, ainda fixado nas bolhas.

— Eles são mais excitados. — Concordo. É o meu próprio *playground* sexual. Talvez seja por isso que Lo parece tão preocupado.

— Eles bebem mais — Acrescenta — e podem esquecer de usar. Você não pode deixar isso acontecer, ok?

Durante a última semana, fiquei tão neurótica por Lo estar na faculdade, cercado por festas todas as noites onde a bebida nunca acaba (na maioria das vezes). Eu nunca pensei que ele teria medo por mim.

Contra o melhor julgamento, eu me aproximo um pouco e cutuco seu pé com o meu. Pelo menos, espero que seja o pé dele. Eu realmente não posso dizer através de todas as bolhas. — Eu vou ficar bem. — digo com confiança. — Sou sempre eu quem está no controle durante o sexo. Eu dito as regras. — O fato de eu não beber ajuda, já que geralmente preciso levar Lo para casa depois. Ontem à noite, nós pedimos a Nola para nos levar até a festa, com a intenção de irmos para casa em uma hora razoável, sem as luzes da polícia piscando ao fundo. *Oops.*

— Você ao menos percebe o quão pequena você é? — Lo pergunta, incrédulo. —Honestamente, Lil.

Eu jogo algumas bolhas em seu rosto. — Eu sou grande o suficiente.

— Você é ridiculamente magra e tem ١,٧٧m. *Eu* sou grande.

Meus olhos descem. Não intencionalmente. Pelo menos eu espero que sim. Ele já está sorrindo de novo e minhas bochechas queimam. — Podemos mudar de assunto? — Eu pergunto, meio choramingando. — Só não sei o que você quer que eu diga. — Ele não vai me dizer para parar, não adianta girar em torno desse tópico como um carrossel indutor de vômito em um *playground*.

— Não, eu não quero mudar de assunto. — Ele diz asperamente. — E eu quero que você me convença de que eu não deveria ficar nervoso sempre que você foge com um cara que parece que pode quebrar você ao meio.

— Se eu puder convencê-lo, você vai esquecer esse assunto pelo menos pelo resto do ano? — Pergunto, já pensando no que eu poderia dizer... ou fazer.

— Combinado.

— Tudo bem. — Respondo. — Então, aja como o cara excitado da faculdade.

— Não é difícil.

Eu reviro os olhos. — E eu vou te mostrar o quão no controle eu estou.

Ele me encara. — Você percebe que está nua?

Ah, merda. Eu esqueci.

— O que torna isso ainda melhor. — Ele diz. — Mais realista, certo?

Certo. Mas meu coração começou a bater forte no peito, também me lembrando que isso é real, mas talvez não seja. Ainda estamos meio que fingindo. Bom Deus. *Alice no País das Maravilhas* teve mais facilidade em discernir a realidade do que eu.

Aceno para ele e, antes que eu possa processar qualquer outra coisa, Lo alcança a água e agarra meu pé machucado. Eu não sei onde isso vai dar. Talvez ele esteja preocupado com meu tornozelo novamente. Ele gentilmente o pega em suas mãos e beija o calcanhar docemente.

Estou tão confusa. Como vou convencê-lo de que estou no controle se ele só está beijando meu pé?

Seus olhos encontram os meus, e eles não se afastam, mesmo quando ele se inclina e coloca a boca em volta do meu dedo do pé. Puta merda. Eu posso sentir sua língua girando em torno dele, e ele começa a chupar. Eu sinto como se alguém tivesse me incendiado. O banho não ajuda a suprimir as chamas.

Quando ele lambe o arco do meu pé, eu o puxo de suas mãos.

Seus olhos se erguem, acusadores. — Você não gostou disso? — Ele pergunta, sabendo muito bem que eu gostei.

— Eu não deixo eles chuparem meus dedos. — digo.

— Vamos ver o que você faz então. — Ele desafia.

Eu mordo a isca e me aproximo, feliz que as bolhas escondem meu corpo. Ele relaxa contra a banheira de porcelana agora, recostando-se enquanto eu monto em sua cintura. Ele tenta se sentar e assumir o comando novamente, e eu bato minhas mãos contra seu peito. Minha boca encontra seu pescoço e começo a deixar um rastro de beijos enquanto meus quadris se movem para frente e para trás sobre ele. A dureza em sua cueca cresce debaixo de mim. Sou grata por ele ainda estar usando sua boxer, mesmo que eu não tenha nenhuma roupa. Eu só preciso lembrar que isso é para provar um ponto. *Nada mais.*

Antes que ele possa avançar para mim novamente, minha mão desce para seu pau e eu o aperto com firmeza, mas não com muita força. Ele geme e se recosta na banheira. Eu sorrio no meu próximo beijo e começo a massagear por fora da sua cueca. Eu tenho tudo sob controle.

Mas ele me agarra pela cintura e, em um movimento rápido, de repente estou por baixo. Eu tento me afastar, mas seus dedos encontram meu pulso e sua outra mão afunda sob a água e toca o ponto entre minhas pernas. Eu estremeço de *necessidade*. Meu corpo está tão confuso à essa altura.

Ele se inclina, seus lábios roçando o lóbulo da minha orelha. — Você está no controle? — Ele pergunta com a voz rouca. — *Lute comigo.*

Eu tento empurrá-lo novamente, mas ele apenas empurra de volta, me prendendo na banheira escorregadia. Meu peito liso e nu toca o dele e minha mente não consegue processar nada além das palavras *mais* e *preciso*.

Eu sei que estou perdendo.

— Não posso.

Ele não recua. Apenas balança a cabeça, um pouco aflito. — Por que não?

— Você é muito grande. — *E eu acho que quero isso.*

Ele abre um sorriso, mas rapidamente desaparece quando ele percebe o que isso significa. — Então você vai... — Ele para, incapaz de dizer as palavras.

— Eu vou ficar longe de qualquer atleta ou caras corpulentos. E eu tenho *spray* de pimenta e, como eu disse, posso cuidar de mim, desde que o cara não fique muito agressivo. — *Ou não seja Loren Hale.*

— Você não disse isso.

— Estou dizendo agora. — Ele está prestes a se afastar e eu rapidamente deixo escapar: — Você pode colocá-los em mim? — Não. Não. Não. Eu não...

Sua mão ainda está na minha boceta, segurando-a. Eu não olho em seus olhos, mas posso senti-lo olhando para mim com diversão.

— Você tem regras. — Ele me lembra. — Eu não posso te fazer gozar, lembra? — Certo. Eu criei essa regra depois que Lo e eu fomos um pouco longe demais um dia. Não fizemos sexo, mas cheguei ao clímax e foi demais. Mesmo que estivéssemos em um relacionamento falso. Mas ainda brincamos. Ele ainda me toca. Eu ainda o toco. E agora, estou tão necessitada que só quero senti-lo dentro de mim. De alguma forma.

— Decida-se, Lil. — Ele diz suavemente.

Eu sei que ele fará se eu pedir. Ele faria qualquer coisa por mim, mas não sei se é justo com ele.

— Eu vou só... pegar outra coisa. — Como um brinquedo.

— Tem certeza?

Dou-lhe um aceno fraco e ele finalmente se afasta de mim. Mesmo na água morna, sinto um pouco de frio pela ausência de um corpo.

Pela ausência dele.

---

2. Canção *(You Drive me) Crazy*, do álbum *Baby One More Time*, de 1999.

Capítulo 1

Entro na limusine onde Poppy, Rose e Daisy estão sentadas nos bancos de couro, minhas duas irmãs mais velhas enchendo taças de champanhe. Cada uma de nós usa um vestido de coquetel, e os diferentes estilos refletem nossas personalidades um pouco demais. Poppy usa um vestido de seda marrom-boêmio com mangas drapeadas e um decote em V, um cinto marrom apertado na cintura. Rose ostenta um lindo vestido azul-escuro sob medida, o decote reto na clavícula e um simples colar de diamantes contra o peito. Ela parece pronta para um discurso político, não para o grande lançamento do novo refrigerante Fizzle.

E minha irmã mais nova usa um vestido verde, nas costas nada além de cordas cruzadas em uma variedade selvagem de padrões. Eu, por outro lado, saí correndo da casa dos meus pais em um tubinho preto sem alças. Nada de especial nisso. Não muito chamativo. Nada excepcionalmente fofo. Mas é confortável *e* faz meus seios parecerem um pouco maiores.

— Oi. — digo, correndo meus dedos pelo meu cabelo castanho que chega aos ombros. Poppy tenta me passar um copo, e eu balanço a cabeça, empurrando levemente a mão dela. — Eu não estou bebendo. — Tentei me livrar desse evento pelo menos vinte vezes na semana passada, mas minha mãe não quis saber. Prefiro não encontrar uma razão para abandonar minhas irmãs e dançar com um cara excitado.

— Eu aceito. — Daisy diz com um sorriso tímido. Ela balança as

sobrancelhas.

— Não. — Nós três dizemos a ela em uníssono. Mesmo que eu não tenha contado para os nossos pais sobre o desastre do Ano Novo, eu ainda tive que contar para Rose e Poppy. Eu esperava que Daisy ficasse furiosa e me odiasse depois por compartilhar os detalhes da noite, mas ela agiu de forma madura sobre isso. Pensando bem, acho que manter o segredo sobre o controle de natalidade anulou o fato de tê-la dedurado sobre o Ecstasy líquido.

— Você não deveria querer beber nunca mais depois do que aconteceu. — Rose diz a ela.

— Por quê? Você vai me drogar, Rose? — Ela suspira, zombando. — Minha própria irmã. A traição. O escândalo!

Rose lhe dá um olhar afiado. — Eu gostaria que você levasse a sério o que aconteceu.

Daisy suspira e se encolhe, cruzando os braços. — Eu nunca vou beber ponche em uma festa novamente. Lição aprendida.

— Obrigada. — Rose coloca a borda da taça em seus lábios vermelhos.

— Você é tão parecida com a mamãe, é assustador.

Merda. Rose fica dura como uma pedra. Eu vejo a dor correndo por ela, mesmo que ninguém mais possa. Acho que Daisy não percebe o quanto Rose está tentando evitar ser como nossa mãe. Ela teme esse caminho mais do que qualquer uma de nós.

— Então... — digo para quebrar a tensão. — Isto é divertido.

Belo jeito de iniciar uma conversa, Lily.

O carro acelera ao longo da estrada em direção ao *Ritz,* onde o evento acontecerá. Fizzle não cria um novo refrigerante há cinco anos, então, esse lançamento é importante. Meu pai até manteve o novo sabor em segredo da

mídia e de nós. Pode ser Dragon Fruit Fizz, pelo que sei, o que soa incrivelmente nojento.

Eu faço uma careta.

— O quê? — Poppy diz com uma risada curta. Minha irmã mais velha parece uma nativa da Califórnia com um bronzeado dourado o ano todo. Uma trança rabo-de-peixe elaborada repousa contra seu ombro. — Você se parece com Maria quando eu tento vesti-la com calças. — Sua filha de três anos é uma mini-fashionista. É meio assustador.

Eu sorrio também – prestes a contar a ela o meu pensamento.

— Não, não, não! — Rose grita, digitando furiosamente em seu telefone. — Eu não posso acreditar nisso.

Meu estômago dá um nó, esperando, rezando para que sua explosão não tenha nada a ver comigo.

Daisy coloca um chiclete na boca e oferece para o resto de nós, como se Rose não tivesse acabado de ter uma explosão repentina. Ela realmente é muito dramática. Nós todas meio que somos. Eu pego um pedaço, mas Poppy balança a cabeça.

— O que foi? — Poppy pergunta.

Rose coloca a mão na testa e depois olha pela janela. — Nossa mãe se encarregou de nos arranjar acompanhantes para a noite.

Eu engasgo com meu chiclete e começo a tossir.

Daisy geme. — Não…!

Poppy bate nas minhas costas, mas eu realmente acho que inalei o chiclete direto para os meus pulmões.

— Ela faz isso toda vez que saímos. Não deveria ser tão surpreendente. — Poppy exclama, colocando a borda de sua taça de champanhe debaixo dos

meus lábios, “cuidando” de mim. Agradecida, tomo um pequeno gole, as bolhas formigando na minha garganta.

— Eu disse especificamente a ela que Lily não quer ser vista com outro homem enquanto Lo estiver na reabilitação.

Afundo no meu assento e coloco a mão na testa, protegendo meus olhos. Isto não é bom. Isso não é *nada* bom. — Para quem ela ligou? — Eu pergunto a Rose. Isso já aconteceu antes. Só que eu não estava em um relacionamento com Lo. Eu realmente foderia quem quer que minha mãe escolhesse para mim no final da noite. E se ela ligou para alguém com quem eu já dormi? Eu me sinto mal do estômago.

— Eu não sei. — Rose diz, digitando furiosamente no telefone, mandando mensagens de texto para nossa mãe rapidamente. — Ela não quer me contar.

Daisy sopra uma bola e ela estoura contra seu rosto. — Não vejo qual é o problema. — Ela diz, usando a língua para trazer o chiclete de volta à boca. — Quero dizer, é uma merda, sim, mas Lo não está aqui, e é apenas pelas aparências. Além disso, você sempre pode dar um perdido no cara. Mamãe me arranjou com Adam Colefinger ano passado. — Ela faz uma careta. — Ele cheirava como se tivesse tomado banho em *Axe*. Eu estava prestes a vomitar a noite inteira, então, peguei o perfume de mamãe e me encharquei para dar a ele um gosto de seu próprio remédio. — Ela assente com orgulho.

Rose chuta a perna de Daisy. — Você está esquecendo a parte em que ele vomitou em seus calcanhares.

— Esse é o preço que você tem que pagar pela vingança.

Poppy ergue as mãos antes que a tensão exploda todas nós. Rose está fervendo o suficiente para causar um tornado de categoria cinco. Eu só quero me desintegrar e voar para longe.

— Não há nada para se preocupar. — Poppy nos diz.

Troco um olhar hesitante com Rose. *Nada para se preocupar?* Há uma grande possibilidade de que esse cara seja um que eu fodi – que ele esteja de volta para o segundo *round*. E se ele estiver esperando Lily 1.0: a garota que arrastava os caras para o banheiro e os afogava em prazer? O que faço então?

Coloco a cabeça entre os joelhos, tentando respirar normalmente.

Espere por mim, Lo disse.

Estou tentando! Deus, estou tentando. Eu gostaria que todos pudessem ver isso.

Não é tão fácil quando toda a minha família acredita que meu único problema é a ausência de Lo. Eles só entendem o vício dele, e eu sei – no fundo do meu coração – que eles nunca entenderão o meu.

Rose disca um número e coloca o telefone no ouvido — Mãe.

A voz aguda de minha mãe ecoa do fone. — *Não se atreva a discutir comigo, Rose!* — Levanto a cabeça e vejo Rose segurando o telefone longe do ouvido. — *Eu fiz tanto por você na semana passada. E eu peço que você faça uma coisa*, uma coisa*, e você argumenta! Você não pode fazer nada por mim sem discordar? Será que isso é possível?!*

Seus gritos arranham minhas entranhas como unhas tirando sangue das minhas costas.

Rose inala profundamente pelo nariz, tomando uma respiração calculada e medida. Uma vantagem de estar completamente fora do radar da minha mãe – eu nunca tenho que lidar com sua personalidade grosseira. Ela pode estar ao seu lado em um segundo e então se fazer de vítima completamente no próximo apenas para te fazer sentir culpada.

— Deixe-nos escolher nossos próprios acompanhantes, então. — Rose diz. — Posso chamar Ryke para acompanhar Lily. Ele ficará feliz por estar lá. — *Feliz?* Esse é um adjetivo muito forte.

Daisy rasteja sobre o assento para pegar um controle remoto. — Não torture o cara.

Eu meio que concordo. Embora eu adoraria se ele pudesse me tirar dessa, ele já fez o suficiente por mim, e não tenho certeza se posso retribuir.

Rose lhe lança um olhar cruel e murmura *cale a boca.*

Daisy ergue uma sobrancelha e aperta um botão em seu controle remoto. O teto solar começa a se abrir. O ruído mecânico que se espalha pelo silêncio é como o refrão desajeitado da nossa tensão.

Nossa mãe retruca: — *Não vou ligar para o acompanhante dela e cancelar com ele. Ele está me fazendo um favor.*

— Então eu ligo. Dê-me o número dele.

— *Ele já está* aqui*, Rose.*

Os dedos de Rose apertam sua bolsa prateada. E Daisy se levanta entre nós, saindo pelo teto solar.

— Você não está ajudando. — digo a ela.

Mal ouço a voz dela, que se perde no vento. — Eu não... gosto... presa...

Suspiro pesadamente, sentindo o pânico de Rose e o meu se misturando em uma bagunça tóxica.

Rose acena para mim como se dissesse *eu lido com isso.* Eu aceno de volta. Tenho fé nela, mas há uma pessoa que nem Rose Calloway pode destruir com suas palavras.

— Ok — Rose diz —, eu estarei com o acompanhante de Lily, e ela pode ficar sozinha, já que eu também não tenho um acompanhante.

O quê? Achei que ela tivesse convidado Connor. Ou... talvez eu tenha assumido que ela iria trazê-lo.

— *Eu sei.* — Minha mãe diz a ela — *Liguei para Connor esta manhã e perguntei*

se ele estava planejando vir no mesmo carro que vocês quatro. Eu não sei o que foi mais embaraçoso, ser informada pelo namorado de sua filha que você *terminou com ele ou ligar para ele e fazer o maior papel de idiota.*

Rose toca sua testa. — Duvido muito que Connor tenha feito você parecer uma idiota.

— Ele não precisou. Apenas estar de fora da vida da minha própria filha já é embaraçoso o suficiente. Eu deveria saber o que estava acontecendo. Você deveria ter me contado.

— Ele te disse que eu terminei com ele? — Rose pergunta.

— Você me ouviu? — Minha mãe grita, prestes a ter um colapso nervoso. — *Eu deveria saber.*

— Eu sequer contei a Lily! — Rose grita, o cabelo dela começando a soltar do seu rabo de cavalo. Ela segura o telefone perto da boca, colocando-o no viva-voz, não que não pudéssemos ouvir antes… — Ele te disse que eu terminei com ele?!

— Ah, deixa pra lá, Rose. Quanto mais você controlar um homem, maior a probabilidade de ele te deixar. É isso que você quer? Estar sozinha e miserável pelo resto de sua vida?

— Não sei. Você é bem infeliz, mãe, e é casada.

Meus olhos se arregalam tanto que podem muito bem cair do meu rosto. Nossa mãe inala uma respiração afiada. Depois de uma pausa muito longa, ela diz em um tom controlado e assustadoramente calmo: — *Eu chamei um acompanhante para você, Rose. Vejo vocês, meninas, no evento.* — Ela desliga, e Rose desaba contra o assento, como se ela tivesse acabado de terminar uma luta do *UFC*.

Acho que nenhuma das duas venceu.

Poppy desliza até ela e aperta seu ombro. — Ela provavelmente convidou

Sebastian para ser seu acompanhante. — Antes de haver um "Connor e Rose", minha irmã escolheu Sebastian como seu "enfeite de braço" para apaziguar nossa mãe.

Rose balança a cabeça e começa a alisar o cabelo de volta ao lugar. — Não, Sebastian fez uma viagem para as Ilhas Cayman com um namorado esta semana. Ela sabia disso.

Não consigo nem imaginar quem ela armou para Rose, provavelmente alguém com quem ela esperava que Rose se casasse no futuro. É assim que Samantha Calloway opera.

Tremores percorrem meu corpo em alta velocidade. Rose, minha rocha, tem os olhos tão arregalados quanto um relógio *Kit-Cat*. É como se minha mãe a tivesse desnorteado. Quando ela acorda de seu estupor, pega o balde de gelo e tira o champanhe caro. Ela bebe direto da garrafa. Eu me espanto. Considerando que Rose geralmente limpa a borda de suas latas de refrigerante, acho que é seguro dizer que ela está chateada.

Daisy permanece inconsciente do lado de fora, seus longos cabelos chicoteando atrás dela. Acho que todos lidamos com nossa mãe de maneiras diferentes. Rose grita. Daisy encontra ar fresco. Eu afundo em um canto. Poppy permanece calma.

Rose oferece a bebida para Poppy. Ela recusa. — Estou a salvo dela. Eu tenho um marido. — Sim, nossa mãe perdeu o interesse nos relacionamentos de Poppy.

— Ela já deveria saber quem eu sou a essa altura. — Rose murmura. — Eu digo a ela o tempo todo, sabe? *Eu nunca vou me casar, mãe*. E entra por um ouvido e sai pelo outro. Achei que namorar Connor melhoraria as coisas. Meu primeiro namorado de verdade. Ela largaria do meu pé. Em vez disso, ela ficou sussurrando no meu ouvido sobre o que dizer a ele, como eu deveria ser,

preocupando-se se ele terminaria comigo antes que eu terminasse. — Rose xinga baixinho e olha para o teto do carro. — Como você pode amar tanto seus pais em um momento, mas depois, absolutamente odiá-los no próximo? — Ela inala profundamente. — Preciso voltar para a terapia.

Eu abro um sorriso, tentando aliviar seu humor oprimido. — Você sabe que Connor também faz terapia compulsivamente? Perguntei a ele para onde ele estava indo na semana passada, e ele disse que ia ao seu terapeuta diário, para uma sessão comum de desabafo. Engraçado que vocês dois tenham isso em comum, hein?

Rose me olha feio. — O terapeuta dele também é o 'melhor amigo' dele. Então não, não temos isso em comum. Eu na verdade tenho pessoas próximas a mim que eu amo. Como você e Poppy e Daisy... — Seus olhos correm até o torso que está no meio do carro. — Será que ela sequer percebe que estamos em uma autoestrada?

— Acho que ela prefere assim. — Arregalo meus olhos, fingindo horror. — O perigo! — Eu imito a voz de Daisy.

Rose e Poppy riem, embora a risada de Rose morra rapidamente. Ela esfrega os olhos e geme.

Normalmente, eu ficaria animada agora, imaginando que rosto me cumprimentaria quando chegarmos ao evento. Mas tenho tentado esquecer como é chegar ao clímax, o formigamento do meu corpo – a sensação de mãos masculinas e duras deslizando pela minha pele. E eu tenho medo que uma vez que eu veja um cara, disposto e excitado, eu aproveite a oportunidade. Sem pensar. Sem respirar. Eu vou fazer isso e arruinar a única coisa boa da minha vida.

Rose solta outro longo gemido.

Eu tenho que perguntar. — O que aconteceu com Connor?

— Achei que estava tudo bem. — Poppy diz.

Rose enfia a garrafa entre os joelhos magros. — Quando estou com ele, reviro tanto os olhos que sinto que vão cair do meu rosto. — Ela fala com as mãos – tão diferente da Rose normal – que eu me movo no assento para ficar mais perto dela. Rose gesticula para seu corpo, tentando se expressar, mas parece que está se abanando.

Eu me estendo e seguro a mão dela. Rose se acalma um pouco. — Eu não posso acreditar que ela está fazendo isso depois que eu pedi para ela não fazer.

— Vai ficar tudo bem. — digo, mas as minhas palavras só agravam o olhar em seu rosto.

— Connor queria terminar? — Poppy perguntou.

— Não sei. Quando brigamos, nós dois falamos sobre isso o tempo todo…

Eu interrompo. — Sim, mas vocês dois terminam de maneiras estranhas. No mês passado, ouvi Connor dizer algo como: "Sadie nunca discorda de mim". E você disse: "Se você quer um capacho como namorada, então sua gata é perfeita. Tenham uma vida feliz juntos". Daí, você bateu a porta do seu quarto, e ele saiu tempestivamente de casa, *sorrindo*.

Foi tudo muito estranho, e Rose acabou voltando para os braços dele no dia seguinte, não admitindo exatamente a derrota, mas acho que Connor consideraria isso um sucesso.

— Dessa vez é diferente? — Poppy perguntou.

Rose pisca, confusa, forçando seu cérebro. — Não sei. Eu acho que não. Ele me disse que eu estava sendo idiota sobre alguma coisa. Eu nem consigo me lembrar o que era, mas nós dois nos separamos no restaurante. Fomos em táxis separados para casa e não nos falamos desde então. — A compreensão a atinge, e ela cai de volta contra o assento. — *Deus*, o que estou fazendo? Eu sinto que estou na escola preparatória quando estou com ele às vezes. Ele me

deixa louca.

Eu abro minha boca, tão tentada a cantar a música da Britney Spears de novo.

Rose me olha de lado. — Não. Se. Atreva.

Eu rio em vez disso, e Rose leva um longo tempo para se juntar a mim. Ela coloca a garrafa nos lábios, bebendo uma última vez assim que a limusine para.

Aqui vamos nós.

Capítulo 4

Assento marcado. Eu te amaldiçoo.

Cinquenta mesas enchem o grande salão de baile, e minha mãe nos colocou perto da frente, sob a lâmpada mais brilhante. Não só temos que suportar nossos acompanhantes, mas temos que fazê-lo sob o calor escaldante de um holofote. Enquanto esperamos que os caras nos encontrem, eu brinco com o anel de guardanapo brilhante no meu prato e tento não arranhar meus braços ansiosamente.

A organizadora de festas da minha mãe se divertiu muito com as decorações pretas e douradas. Um enfeite de mesa preto brilhante descansa no centro de cada mesa vestida de ouro. Fotos de latas Fizz douradas com bolhas de gás pretas estão emolduradas ao longo das paredes. Diet Fizz tem o esquema de cores inverso, com latas pretas e bolhas douradas.

Pelo menos o logotipo do Fizzle não é verde-limão e rosa vômito – duas cores que induziriam uma enxaqueca instantânea. Ainda assim, ela poderia ter diversificado um pouco. Talvez adicionado um toque de azul ou vermelho. Mas não, essas são as cores da *Coca-Cola* e da *Pepsi*. Nenhuma pessoa amante de Fizzle ousaria tocá-las.

Estou ficando louca esperando nossos acompanhantes, mas pelo menos Rose e Daisy estão sentadas ao meu lado, não permitindo nenhum espaço para um cara se estabelecer perto de mim. Eu também prefiro não olhar ao redor procurando por eles, como Rose, que examina o salão tentando especular

quem diabos nossa mãe convidou para ser nosso enfeite de braço. De qualquer forma, pessoas demais circulam pelo salão de baile para eu jogar esse jogo de adivinhação. Eles se reúnem no bar aberto ou comem petiscos chiques enquanto os garçons passam.

Sinto que estou em uma festa de casamento de um milhão de dólares.

Daisy se recosta nas pernas da cadeira e dobra o guardanapo de pano em uma flor, claramente entediada. — Que conveniente que Maria de repente tenha um problema no estômago. — Poppy nem conseguiu sair da limusine. A babá ligou assim que Maria vomitou, e ela voltou para levá-la ao médico. — Eu preciso ter um bebê para que eu possa usá-lo para escapar dessas coisas.

Rose aperta uma taça de champanhe com firmeza em sua mão. Seus olhos disparam para nossa irmã mais nova. — Não vamos falar de crianças.

— Sim. — digo, sorrindo. — A palavra *bebê* dá urticária em Rose.

Rose toma um gole de sua bebida, sem discordar.

E é então que sinto uma mão descansar no meu ombro. E pela força e tamanho, sei que é *masculina.*

— Lily Calloway. — Ele diz com prazer. Eu conheço essa voz. Só não consigo me lembrar a quem pertence. Raramente consigo.

Eu estico lentamente o meu pescoço sobre o ombro, e meus olhos se arregalam de horror. Reconheço as feições tipicamente americanas, olhos azuis e cabelos castanhos penteados para trás. Mesmo fora da escola preparatória, ele parece um artilheiro estrela – mesmo que seu esporte preferido seja o lacrosse.

Eu não dormi com Aaron Wells. Eu sequer *toquei* um fio de cabelo em sua cabeça, e eu nunca tocaria. Porque esse babaca tentou enfiar Lo em um armário na nona série. Lo se esquivou e correu pelo corredor, longe de Aaron e um bando de valentões inquietos. Aaron não foi rápido o suficiente para

pegá-lo.

Lo luta indiretamente com as pessoas. Então eu sabia que ele não iria retaliar com um taco de *baseball*, batendo na cabeça de Aaron em uma vingança furiosa. Há algumas coisas que doem mais do que um soco. Acho que o pai dele lhe ensinou isso. Lo pagou um cara para invadir a escola e alterar as notas do exame de Aaron, e sua nota geral caiu. Para caras como Aaron, a reputação é tudo, e estar no nível mais baixo da turma pode arruinar o status. Ele deve ter percebido que Lo foi a causa, então, um dia depois da escola, Aaron tentou confrontá-lo com os próprios punhos. Ele esperou por Lo. Lo escapou. Como ele sempre fez. Quatro anos se passaram e a rivalidade entre eles aumentou.

Eu virei um alvo.

Aaron tentava me encurralar nos banheiros, e eu me esquivava com veemência. Fiquei grudada em Lo durante todas as horas do dia. Nesses dois meses, lembro-me de ter muito medo de ir à escola. Eu não sabia o que Aaron queria fazer comigo, mas como a rivalidade deles já havia se tornado física, eu não queria necessariamente descobrir. Lembro-me de pular de susto muitas vezes e temer momentos entre as aulas. Eu me assustava mesmo quando era apenas Lo quem se aproximava, e quando ele percebeu que eu estava ficando psicologicamente fodida pelas ameaças de Aaron, ele decidiu fazer algo mais drástico para me proteger.

Ele ameaçou o futuro de Aaron. Não apenas uma pequena queda em sua nota geral. Ele entrou em contato com as faculdades que planejavam aceitar Aaron e as pagou para que o rejeitassem na hora.

E aconteceu. A universidade dos sonhos de Aaron negou sua inscrição porque Lo os alcançou primeiro. E com o nome Hale e uma grande doação, eles não podiam recusar a oferta de Lo.

Então, Aaron calou a boca. Ele foi aceito na faculdade que era sua segunda opção e nos deixou em paz.

Até agora.

Eu não o cumprimento. Eu me viro para dar a ele a maior ignorada do mundo. Eu não me importo se estou sendo rude. Porque, se minhas suspeitas estiverem corretas, ele só está aqui para tornar minha vida um inferno.

— Não vai dizer oi? — Aaron pergunta. Eu o observo circular a mesa e se sentar na minha frente. Ele chega a pegar o enfeite de mesa e o colocar no chão, para que eu tenha uma visão direta de seu rosto bajulador.

Eu ouço Rose ao meu lado. — Quantos anos você tem?

Eu olho para ela, e quase rio do seu acompanhante. Ele é magrelo, e seu terno é dois tamanhos maior que ele.

— Dezenove. — Ele diz a ela, ajeitando sua gravata borboleta, mas ele a deixa ainda mais torta.

Rose ergue o copo com um sorriso amargo. — Maravilhoso. — Minha mãe a arranjou com um cara três anos mais novo que ela.

Ele toma o assento vazio à sua esquerda. — Meu pai é o advogado do seu pai. — Ele coça a parte de trás de seu longo cabelo castanho, sua pele tem um bronzeado dourado, provavelmente meio italiano. — Eu sou Matthew Collins.

— Prazer em conhecê-lo, Matthew. — Rose diz, gesticulando para o garçom trazer outra taça de champanhe.

O acompanhante de Daisy senta à direita dela. Não entendo o nome dele, mas ele está muito distraído com o telefone para sequer reconhecer minha irmã. Ela também não parece se importar, redobrando o guardanapo no formato uma rosa.

A comida começa a desfilar pelo salão, robalo e abobrinha dando voltas em

cada mesa circular.

Meu apetite se foi. Especialmente quando Aaron inclina seus antebraços sobre a mesa, praticamente se curvando para forçar minha atenção para ele.

— O que você tem feito, Lily?

Eu dou de ombros e solto: — Por que você iria querer vir aqui? — Já se passaram quase três anos inteiros desde que o vi. *Por que agora?*

— Ouvi dizer que seu namorado estava fora da cidade. Eu pensei em checar você, ter certeza de que você estava segura e bem.

Olho furiosa para ele. — Estou bem.

Ele assente, seus olhos me percorrendo. Graças a Deus, meu corpo está escondido pela mesa.

— Minha mãe realmente ligou para você? — Eu pergunto, tensa.

— Ela ligou para o meu amigo primeiro. Ela parecia um pouco desesperada para conseguir um acompanhante para você, e eu disse a ela que estava disponível. — Ele abre um sorriso feio. — Eu não tenho nada melhor para fazer. — E assim a verdade aparece.

— É por isso que você está aqui? Está entediado?

Ele dá de ombros. — Agora que estou quase me formando, Loren não tem nada contra mim. E acho que eu e você... temos negócios inacabados.

Eu fico gelada e olho para Rose por ajuda, mas ela está em uma discussão acalorada com seu acompanhante mais jovem. Bem... ela parece estar educando-o sobre o mercado de ações, como se ele tivesse dito algo tolo e ela teve que corrigi-lo.

Daisy está me observando atentamente, mas não tenho coragem de explicar minha história para ela. Não agora, de qualquer maneira. Pratos de robalo deslizam em nossos jogos americanos, e eu pego meu garfo com firmeza. Não

consigo comer, não até dizer algumas coisas.

— Eu não vou fazer sexo com você. — Eu falo imediatamente.

Sua sobrancelha se curva e eu percebo que esse pode não ter sido o "assunto inacabado" que ele tinha em mente. E então ele diz: — Vamos ver. — Ok, talvez fosse isso então. Ou talvez ele esteja apenas planejando me encurralar, me colocar em alguma situação comprometedora e depois tirar algumas fotos, gravar um vídeo e enviá-los para Lo.

Oh, Deus.

Daisy se intromete. — Ei, afaste-se. Ela tem namorado.

Aaron bufa e diz para Daisy: — Parece que eu ligo?

— Eu sim. — Uma nova voz surge. E, desta vez, eu aplaudo internamente ao som do tom profundo e ameaçador de Ryke. Ele desliza para o assento entre o acompanhante de Daisy e Aaron, fechando o círculo. Ele usa um terno carvão com uma gravata preta fina. Seu cabelo castanho está arrumado, mas ele não está barbeado. Como ele foi convidado para um evento Fizzle? Melhor ainda, por que ele aceitaria e viria?

Eu realmente não me importo. Estou apenas feliz que ele esteja aqui.

— Quem diabos é você? — Aaron cospe.

Ryke aponta para um garçom e aponta para seu jogo americano, silenciosamente pedindo comida. Então ele encara Aaron com olhos estreitos. Se Lo estivesse aqui, acho que ele apreciaria o reforço. Nós nunca tivemos isso antes, e eu tenho que dizer, é meio que legal.

— Irmão de Loren Hale. — Ryke diz a ele.

Aaron engasga com uma risada. — Besteira. Lo é filho único.

— Então não acredite em mim. Estou pouco me fodendo, na verdade. Mas se você mexer com a namorada dele, eu vou me importar. — Um garçom

coloca seu prato na frente dele, e Ryke come o purê de batatas, não dando mais atenção a Aaron.

Aaron olha de volta para mim, e ergue as sobrancelhas, mas ele murmura, *mais tarde*. Não, eu não gosto desse "mais tarde". Ele até *pisca*.

Arrepios percorrem meus braços.

Daisy estreita os olhos para Ryke. — Por que você está aqui? — Ela pergunta por cima do ombro do seu acompanhante alheio, ainda mandando mensagens. — Minha mãe ligou para você?

Ryke corta seu peixe. — Não. Meu pai ligou.

Eu franzo a testa. — O quê? — Isso não faz sentido. Jonathan Hale basicamente culpou Ryke pela decisão de Lo de ir para a reabilitação, deixando-o com uma casa vazia. Por que ele iria querer convidá-lo?

— Sim. — Ryke diz. — Ele me ligou, vomitando alguma merda sobre como devemos deixar o passado para trás. Mas ele é um péssimo mentiroso do caralho. — Ele toma um gole de água. — Ele quer informações sobre Lo, mas nem fodendo eu darei a ele.

Tento não reconhecer a presença de Aaron, mas não gosto do jeito que ele está ouvindo tão atentamente, digerindo os segredos de nossas famílias e os guardando para *mais tarde*. Eu bebo minha própria água para limpar a garganta. — Então, por que veio?

Ryke aponta para mim com uma faca. — Sabia que você estaria aqui. Sabia que Lo não estaria.

Ah, sim, ele não confia em mim. — Quanta confiança. — Eu amo Lo o suficiente para me conter.

Eu olho para Aaron, que encara de volta com um pouco de força demais.

Mas sem Lo para me esconder atrás, minha única defesa contra Aaron é

fugir. E não sou tão rápida quanto Loren Hale. Nem perto disso.

Daisy continua apoiada nas pernas da cadeira. — Estou confusa. — Ela diz, jogando o guardanapo em forma de rosa sobre a mesa.

— Coma. — digo a ela.

Ela suspira e pega o peixe.

Felizmente, as luzes começam a diminuir, e não somos o foco principal do salão. Aaron se vira, de costas para mim, isso ajuda a aliviar a tensão em meus ombros. O palco se ilumina, e tento relaxar na cadeira e me concentrar em meu pai.

Ele entra no palco e domina o pódio de vidro. O salão de baile se acalma, exceto pelo som de talheres de prata batendo nos pratos. Ele parece rico. De que outra forma você descreve um homem que vale bilhões? Mesmo na casa dos cinquenta, seus cabelos grisalhos são mascarados por tintura castanha. Ele sempre tem um sorriso brilhante, do tipo que o faz parecer acessível, mesmo que geralmente esteja ocupado demais para cumprimentar alguém. Eu o amo pelo que ele me deu, e acho que ele nos compraria o mundo apenas pela chance de nos ver sorrir.

— Amigos, família. — Ele diz. — Estou muito feliz por ter todos vocês aqui hoje para celebrar esta ocasião especial. Fundei a Fizzle em 1970 com um plano extremamente ambicioso – e um tanto ingênuo – de criar o próximo melhor refrigerante que pudesse rivalizar com a *Coca-Cola* e, em seguida, com a *Pepsi*. Com a ajuda de investidores e um pouco de fé, Fizzle se tornou uma marca famosa em apenas três anos. — Todos aplaudem. Eu também, admirando meu pai por sua motivação e paixão. Não consigo imaginar sair da faculdade e começar meu próprio negócio com tanta coragem e força. Eu não sou ele. Ou Rose. Ou minha mãe.

Eu estou muito perdida.

Ele levanta a mão para nos calar, e o barulho se reduz ao silêncio. — Quase cinquenta anos depois, os produtos Fizzle são vendidos em mais de duzentos países. Só nos Estados Unidos, nós tiramos o título de refrigerante preferido do Norte, da *Pepsi*. No próximo ano, planejamos roubar os corações do Sul com nosso novo refrigerante. Acreditamos que o sabor e o teor desta bebida são diferentes de qualquer produto da *Coca-Cola* e teremos as pessoas mais teimosas também escolhendo… *Fizz Life*.

Ele se afasta do pódio e uma tela atrás dele mostra um gráfico animado de um comercial da Fizzle, um fundo dourado com bolhas de cor escura subindo. Uma lata prateada gira no centro, com uma escrita dourada que diz FIZZ LIFE, com bolhas brancas destacadas na parte inferior. Nada de preto na lata.

— Fizz Life é zero calorias, sem aspartame. É naturalmente adoçado com uma receita misturada por nossos cientistas de alimentos. — Garçons com bandejas folheadas a ouro começam a andar pelo salão com latas de Fizz Life, distribuindo-as entre as mesas. Nosso garçom coloca uma lata na frente do meu prato. Centenas de pessoas começam a abrir os lacres, o ar gaseificado saindo e borbulhando, o barulho tão fiel ao nome da empresa. — Este não é apenas o refrigerante mais saudável do mercado, mas também a bebida do futuro.

O slogan: *Fizz Life, Vida Melhor* pisca na tela. Abaixo estão as palavras exatas de meu pai: *a bebida do futuro*. Talvez seja.

Daisy estende sua bebida para mim. — Saúde. — Eu bato a lata dela com a minha, e ela se vira para fazer o mesmo com o encontro dela, mas ele está navegando pelo *Facebook*. Ryke já abriu a lata dele e já está bebendo o novo refrigerante.

Quando ele nota o acompanhante dela e o desgosto da minha irmã, ele diz: — Ele é um vencedor.

O cara nem percebe que estão falando dele.

— Primeiro lugar, raça pura. — Daisy concorda, erguendo seu refrigerante antes de jogar a cabeça para trás, tomando um longo gole.

Eu dou um gole no meu. Tem um sabor diferente do Diet Fizz e do Fizz Lite. Nem mais doce nem amargo. Apenas diferente. De um jeito bom, eu acho. Eu definitivamente posso gostar mais deste do que do Diet Fizz.

— Uau, isso tem um gosto muito bom. — Daisy diz. — Eu tinha minhas dúvidas, totalmente.

Ryke concorda com a cabeça. — Nada mal.

Olho para Rose para ver se ela gosta, mas sua lata permanece intocada, perto do seu prato de comida também intocado. Seus dedos apertam uma taça de champanhe cheia. Mas faz pouco tempo que eu olhei e a taça estava pela metade. O que significa que esta é nova.

Talvez eu esteja hiperconsciente do álcool agora, mas sinto que ela está bebendo mais do que normalmente. Acho que nunca a vi bêbada, ou sequer alegre, que é como eu imagino que ela estaria, do tipo que você mal pode dizer que a pessoa bebeu. Mais ou menos como Lo. Mas não.

Seus olhos abrem buracos nas costas de nossa mãe, em sua mesa ao lado da nossa. Isto não é bom.

Meu pai continua falando sobre o refrigerante e a história da empresa e de cada investidor individualmente.

Acho que não posso ajudar Rose. Não porque eu não tenha forças para isso, mas tenho quase cem por cento de certeza de que ela nunca me deixaria ajudar. Ela não me vê como sua igual. Eu sou a irmã danificada e quebrada, aquela que precisa de reparos. Se *eu* agir como se *ela* precisasse de ajuda, ela vai surtar. Eu tenho que encontrar alguém que ela realmente escute sem se tornar incrivelmente defensiva.

Eu tomo uma decisão repentina, silenciosamente esperando que seja a certa, e puxo meu telefone de um pequeno bolso no meu vestido e começo a digitar.

Eu: Onde está você?

A resposta leva apenas alguns segundos. Sem surpresa.

Connor: Na minha casa. Tudo certo?

Eu digito rapidamente.

Eu: Não. Preciso que você venha ao evento. Rose não está muito bem.

Meu telefone começa a vibrar repetidamente na minha mão. Connor está me ligando. Antes de me levantar da mesa, olho para Aaron. Ele não observa mais o palco, mas seus olhos se fixam em mim. Se eu sair do salão, ele me seguirá?

Não posso atender ao telefone na mesa. Então eu tenho que aproveitar a chance. Assim que me levanto, Aaron começa a empurrar a cadeira para trás, prestes a se levantar também.

Mas então Ryke aponta para ele com sua faca. — Se você a seguir, eu vou cortar a porra da sua garganta. — Ele diz, impassível. Isso foi um pouco desnecessário, mas o aviso funciona porque, quanto mais Aaron olha para Ryke para ver se é um blefe, mais Ryke come sua comida. Eu não posso nem dizer onde a cabeça dele está. Nem Aaron. Meu inimigo volta para a mesa, deixando-me em paz por enquanto.

E eu felizmente contorço as mesas e saio pelas grandes portas duplas.

Eu já perdi sua primeira ligação, mas o telefone ainda toca sem parar. Eu respondo. — Oi.

— *O que há de errado?* — Connor pergunta, sua voz profunda com uma preocupação com a qual eu não estou acostumada. Ele está sempre confiante, equilibrado e seguro de si. — *Você está bem?*

— Eu estou bem. — digo, assentindo. — É com Rose que estou preocupada. — Eu hesito, tentando escolher as palavras certas. — Não sei se você percebeu, mas minha mãe arranjou alguém para ela esta noite. E ela está mais puta do que eu a vejo há algum tempo... — Eu me pergunto se devo mencionar a bebida.

— *Espere... O quê? Isso não faz sentido.* — Connor diz. — *Samantha me disse que ela iria ao evento sozinha.*

Reviro os olhos, nem um pouco surpresa pela traição de minha mãe ou pelo fato de ela ter sido pega. — Ela mentiu. Minha mãe nunca deixaria Rose sem um acompanhante. Acho que Rose esperava poder ir sozinha se nossa mãe acreditasse que vocês dois ainda estavam juntos. — Mas ninguém poderia ter previsto Samantha Calloway falando com Connor antes desta noite.

— *Quem é o acompanhante dela?*

— Matthew Collins, filho de...

— *Robert Collins, advogado principal de Fizzle, eu sei. Eu o conheci. Tomei café da manhã com ele e o seu pai.* — Ah... isso é estranho.

— Você está vindo?

— *Entrei em uma limusine quando li sua primeira mensagem.* — Ele me diz. — *Rose pode não gostar de me ver, independentemente do assunto da sua mãe.*

Eu hesito, perguntando-me se ele está certo. Ela será resistente se ele interferir? — Ela não está acostumada a deixar alguém ajudá-la.

— *Eu não acho que nenhuma de vocês, garotas Calloway, esteja.* — Ele diz. Eu assimilo isso e percebo que ele pode estar certo. Mas estou aprendendo a abrir mão do meu controle para outras pessoas. Estou aprendendo a aceitar a ajuda que me foi oferecida. Espero que Rose faça o mesmo, mesmo que ela sinta que já tem tudo sob controle.

— Prometa-me que você não vai fugir dela. — digo em uma respiração afiada. — Mesmo que ela te afaste.

— *Eu não vou deixá-la ir.* — Connor diz. — *Mas há algo que você não está me contando, Lily? Já aconteceu alguma coisa?* — Percebo a tensão em sua voz, tão sutil e breve, mas presente.

Ela está bebendo mais do que o normal, eu deveria dizer. Mas, e se eu estiver apenas projetando minhas inseguranças sobre o álcool nela? Com Lo na reabilitação, isso é totalmente possível. Ainda assim, estou aprendendo a dizer como me sinto. Eu respiro fundo e solto. — Temo que quando você chegar aqui, ela estará bêbada. E eu nunca vi Rose bêbada, então, não tenho certeza do que ela vai fazer ou como ela vai ficar... ela só fica olhando feio para minha mãe do outro lado do salão...

— *Tudo bem.* — Connor diz. — *Ok, não provoque Rose. Tente não irritá-la.*

Eu rio por dentro. Sim, isso vai ser um pouco difícil. A maioria dos tópicos acende o fogo em seus olhos quando ela está em um humor ruim. E eu sei, sem dúvida, que nossa mãe a colocou em um humor assim. — Quando você estará aqui? — Eu me mexo ansiosamente e esfrego meu braço.

— *Em breve. Você vai ficar bem ou precisa ficar no telefone comigo?*

— Eu vou ficar bem. Ryke está aqui... — Eu paro, sabendo que Connor e Ryke nunca foram realmente amigáveis depois que Lo partiu para a reabilitação. Acho que a única razão pela qual eles suportaram a companhia um do outro era porque ambos se importavam com Lo, e quando ele não está

aqui, torna-se dolorosamente óbvio que eles preferem estar em continentes separados.

— *Bem, tenho certeza de que ele vai ferrar esta noite de alguma forma.* — Connor diz. Lembro-me de Connor descrevendo Ryke como um "Rottweiler que você mantém em uma corrente no quintal, guardando sua casa, mas algo que você prefere não deixar entrar".

Eu hesito em concordar. Ryke ajudou mais do que atrapalhou até agora, mas isso sempre pode mudar. — Até logo. — digo a Connor. Ele se despede e nós dois desligamos.

Eu me esgueiro de volta para o salão de baile, as luzes ainda estão baixas, mas ninguém está no palco. Todo mundo está animado com a conversa, e sinto o cheiro de bolo de ganache de chocolate, o favorito do meu pai. Quando me aproximo da minha mesa, vejo Rose sentada na beirada de seu assento, suas unhas batendo contra a taça de champanhe. Seu pobre par parece uma flor murcha, espancada até a morte pela inteligência de Rose. Tenho certeza de que ela o educou sobre outro assunto, e ele não tem mais nada a fazer a não ser comer sua sobremesa.

Falando em sobremesa. Sento-me e encontro uma bela fatia de bolo na minha frente. Na verdade, *duas* belas fatias. Elas quase compensam o fato de Aaron me encarar assustadoramente do outro lado. Eu o ignoro. Essa parece ser a melhor solução agora.

Eu olho para Daisy, que balança para trás em duas pernas de sua cadeira novamente. — Você não quer o seu bolo? — Pergunto a ela. Claro que notei que foi *ela* quem enfiou o prato no meu espaço, oferecendo-me uma segunda fatia quando eu nem toquei na primeira.

Ela encolhe os ombros. — Eu comeria, mas, você sabe… — Ela revira os olhos e olha para Ryke, como se eles já tivessem tido essa mesma conversa. Eu

não deveria ter perguntado. Eu sei que ela não tem permissão para ganhar muito peso por causa da carreira. Então, ela vigia o que come, para que nossa mãe não critique ainda mais sua cintura.

Ryke está com o prato na mão e se recosta na cadeira como Daisy. O acompanhante dela se inclina para frente, agora jogando um jogo em seu telefone. Nossa, ele realmente não quer estar aqui. Ryke tem uma boa visão de Daisy e vice-versa. Ele pega bastante calda de chocolate cremosa em sua colher. — Isso parece tão fodidamente bom. — Ele a provoca. — Tão úmido. — Ok, eu sei que ele diz que eu sempre penso em coisas sexuais. Mas isso foi sexual. Úmido é uma palavra grosseira, e *eu* sou uma viciada em sexo. Ele definitivamente está tentando irritá-la.

Não aprovo seus métodos.

Mas pelo menos ela se recusa a olhar para ele.

Eu posso dizer que ele está tentando fazê-la comer, e acho que ele gosta de irritar as pessoas. O único problema é: eu acho que minha irmã mais nova tem uma armadura – meio como ele.

Ele lambe a borda da colher e depois suga o bolo, deixando escapar um gemido profundo e masculino.

Minhas sobrancelhas franzem para ele e eu murmuro *pare*. Eu sei que o plano dele não vai funcionar. Daisy não vai comer se sentir que nossa mãe vai repreendê-la por isso.

Ryke mantém a colher na boca e me encara de volta. Então, ele aponta para o prato de Daisy. Eu suspiro pesadamente e deslizo o prato na frente dela.

— Ah, não. — Ela me diz. — Você não vai entrar no plano estúpido dele.

— Você ama chocolate. — Eu a lembro.

— Eu amo muitas coisas que não posso ter. — Ela diz incisivamente.

Verdade. Eu dou de ombros para Ryke, já desistindo. Eu não sou tão resiliente. Ryke, por outro lado...

— Daisy. — Ele provoca, acenando com a colher no ar para tentar fazer com que ela olhe para ele. Ela mal se mexe. Ele tenta uma tática diferente. Ele mergulha dois dedos no recheio de chocolate pegajoso. *Não*, eu grito internamente na minha cabeça. Ele não vai…

Meus olhos se arregalam e minha boca cai enquanto seus dedos sobem para os lábios. Que porra ele está fazendo?! Ryke... precisa parar de forçar a barra com ela. Ele pode achar divertido, mas temo que ela leve sua provocação como um sinal de algo... mais. Isso. Não é. Bom.

Daisy franze a testa ao ver minha expressão e segue meu olhar pela primeira vez. Ryke coloca seus dois dedos (não tão castos) na boca. Estou gritando com ele na minha cabeça. Enquanto chupa o ganache pegajoso, ele fecha os olhos, fingindo um fodido orgasmo de chocolate só para que ela coma o maldito bolo.

Daisy bufa e se inclina um pouco mais para trás em sua cadeira para parecer fria e composta. Então, as pernas começam a escorregar debaixo dela. Eu engasgo, imaginando-a batendo com tudo no chão. Mas Ryke é mais rápido que minhas juntas congeladas. Seus olhos já se abriram. Ele estende a mão e agarra o topo da cadeira dela, colocando os dois em quatro pernas ao mesmo tempo.

Minha irmã bate as mãos sobre a mesa, inclinando-se para frente como se um carrinho de montanha-russa tivesse acabado de parar abruptamente. Ela parece sem fôlego e atordoada ao mesmo tempo.

Ryke não perde um segundo. Ele empurra uma colher extra na frente dela.

E, para minha surpresa, ela realmente pega o talher e coloca um grande pedaço de bolo nele. Ela hesita por um segundo.

— Não é arsênico. — Ele diz.

Os lábios dela se erguem em um pequeno sorriso. — Seus quadris não precisam ser medidos pela manhã.

— Podem ser. — Ele diz a ela. — Você vai comer a porra do bolo se eu medir meus quadris?

— E a sua bunda. — Ela diz.

— Você quer saber o tamanho da minha bunda? — Sua sobrancelha sobe.

— Sim.

— Coma o bolo.

Ela esconde seu sorriso crescente e dá uma grande mordida. Ela fecha os olhos e afunda de volta em sua cadeira, relaxando mais do que antes e derretendo no paraíso do chocolate. — Eu gostaria de poder comer isso todos os dias.

— Você pode, mas então você seria "gorda". — Ele usa aspas no ar.

— Uma tragédia. — Ela diz, empurrando o resto do bolo e esmagando-o até formar uma bola.

— Ok, chega de abusar do caralho da sobremesa.

— Você sempre diz *caralho*? — Ela pergunta. — Acho que nunca houve uma vez que eu estivesse perto de você, em que você não disse isso pelo menos uma vez.

— O que posso dizer? É o caralho da minha palavra preferida. — Ele abre um sorriso seco.

— Você sabe o que é assustador? — Ela diz, apontando a colher para ele. — Você é formado em jornalismo, não é? Você não deveria ser habilidoso com as palavras?

— Você não deveria ser uma manequim sem voz? — Ele retruca.

— Touché. — Com isso, ela dá outra mordida, mas como sua sobremesa é uma pilha de gosma, ela rouba um pedaço da minha.

Não consigo mais me concentrar em Daisy, não quando Rose salta de sua cadeira, seguindo minha mãe, que de repente se levanta e acena para ela com um dedo gelado.

Eu me afasto da minha cadeira, seguindo-as enquanto elas se dirigem para uma sala de estar para convidados especiais, ou seja, família. Sinto uma presença atrás de mim, acompanhando meu ritmo. Olho por cima do ombro e vejo a compleição americana, o cabelo castanho penteado, os feios olhos azuis – eu o odeio. Eu gostaria que ele me deixasse em paz.

Mas Aaron Wells não vai me impedir de ajudar minha irmã. Não quando ela está sempre lá para mim. Fecho a porta atrás de mim quando entro na sala de estar, que está cheia de sofás chiques, um frigobar e um par de poltronas. Nada muito extravagante, exceto o lustre no centro e o papel de parede dourado.

Jonathan Hale e meu pai estão sentados em um dos sofás azul-marinho, com *whiskey* na mão. Eles só olham para cima quando entro mais no recinto. Aaron deve estar aqui em questão de minutos.

Eu tento não me aproximar do pai de Lo. Não quero falar com ele sem Loren presente. Porque ele não quer que eu faça. Meu pai o mantém em uma longa discussão sobre ações, mas sinto o olhar, provavelmente fulminante de Jonathan em mim.

Rose está de pé com os dedos cerrados em torno de sua taça de champanhe, agora cheia. *Mais uma*? Ela parece totalmente equilibrada, no entanto. Um colar de pérolas está enrolado no pescoço magro da minha mãe, e ela tem o cabelo quase idêntico ao cabelo cor de chocolate escuro da minha irmã. Talvez o comentário de Daisy no carro tenha agitado Rose também – sobre ser tão

parecida com nossa mãe. Ninguém em sã consciência gostaria de ser comparado a ela.

— Qual é o seu problema? — Nossa mãe estala. — Você foi incrivelmente rude com seu acompanhante. Olivia Barnes ouviu você do outro lado da sala, repreendendo-o como se ele fosse uma criança.

— Ele *é* uma criança. — Rose retruca. — Você me arranjou com um rapaz de dezenove anos que nunca ligou o maldito noticiário em sua vida.

Minha mãe agarra a cadeira mais próxima, como se Rose a empalasse fisicamente com aquele palavrão. — Olha a língua, Rose.

— Cresça, mãe. — Ela retruca. — Eu já cresci.

Dou um passo em direção a elas para aliviar a situação, mas a porta se abre e Aaron entra e começa a caminhar até mim. Para evitá-lo, olho para meu pai e decido me sentar ao lado dele.

— Oi, pai. — digo com um sorriso, escapando para o mesmo sofá que ele.

— Ei, querida.

Sento-me na ponta da almofada, ansiosa e tímida, especialmente por Aaron estar esperando no bar, imaginando se ele deveria se aproximar, eu acho. E o tempo todo, sinto Jonathan olhando entre mim, Aaron, meu pai e minha irmã, analisando tudo com um escrutínio que eu não gosto.

— Você não deveria separá-las? — Eu pergunto ao meu pai e coço meu braço.

— Elas sempre brigam. — Ele diz. — É melhor apenas deixá-las resolver isso. — Ele pega minha mão. — Você tem roído as unhas? Você não faz isso desde que era criança.

Eu dou de ombros, mantendo um olho em minha mãe e irmã. — Com Lo fora... — Eu paro, incapaz de dizer o resto ou dizer a ele toda a verdade. Eu dou

de ombros novamente, uma resposta comum agora.

A voz da minha mãe aumenta. — E o que ele disse de tão ruim?! O que poderia ter sido, Rose?

— Ele não sabia quem é David Cameron!

Eu franzo a testa. *Eu* não tenho ideia de quem ele é.

Minha mãe parece igualmente perdida.

Rose engasga com uma risada. — Ele é o Primeiro Ministro do Reino Unido, mãe.

— Isso não o torna pouco inteligente.

— Torna sim, para mim. — Rose diz a ela. — Eu não quero compartilhar a companhia de alguém se a pessoa não pode sequer contar até cinco. Prefiro me enforcar.

Tão dramático. E estou assumindo que os familiares recebem um passe livre dos padrões de amizade incrivelmente altos de Rose Calloway.

Juro que ouço meu pai murmurar: — Essa é minha garota. — Ele cutuca meu braço. — Como Lo está?

Os músculos de Jonathan se contraem com essa pergunta e, quando olho, suas sobrancelhas se erguem, esperando que eu responda.

— Eu não sei. — digo com sinceridade. — Não tenho contato com ele. Não devo fazer isso até que ele avance no programa.

Meu pai assente. — Acho admirável o que ele está fazendo. Realmente admirável. Poucas crianças percebem que têm um problema quando o têm.

Olho para Jonathan. — Você sente o mesmo? — Eu pergunto, ganhando um pouco de confiança.

Seus lábios se curvam naquele sorriso amargo e divertido, tão familiar que minha respiração fica presa no meu peito. Isso me lembra muito Lo – essa é a

parte assustadora. — Acho que ele deveria ter vindo até mim primeiro. Poderíamos ter resolvido isso juntos. É por isso que estou com tanta raiva, Lily. Eu dei a ele a vida que ele tem, e ele se afastou de mim.

— Isso não é totalmente verdade... — Eu paro, com medo de seus olhos pulsantes. Ele tirou o fundo fiduciário de Lo. Ele se recusou a acreditar que Lo tinha um problema. Ele pode ter desejado que Lo permanecesse em sua vida, e talvez estivesse assustado com a ideia de admitir que tem o mesmo vício. Talvez ele não quisesse enfrentar seus próprios demônios. E, no final, ele não deixou escolha a Lo a não ser partir e procurar ajuda em outro lugar.

Antes que Jonathan responda, sinto Aaron sentar ao meu lado. Seu braço envolve as costas do sofá atrás de mim, como se estivéssemos juntos. Eu fico rígida e me aproximo da borda da almofada, não querendo tocar em nenhuma parte dele.

Ele se apresenta a Jonathan e meu pai, e todos são cordiais. Mas estou completamente congelada por dentro. Para piorar as coisas, a briga entre Rose e minha mãe piorou.

— Eu não preciso de um homem para me satisfazer. — Rose zomba. Ela aponta para minha mãe com sua taça de champanhe, o líquido espirrando no chão. Ela mal percebe.

Minha mãe arfa, sua clavícula se projetando e as bochechas afundando. — Você é tão ingênua, Rose. Você acha que este mundo vai respeitá-la? Você está vivendo em uma fantasia. — Ela quase cospe. — Mulheres como nós têm uma ilusão de poder. No final, somos todas marionetes para os homens. Aceite isso agora.

O nariz de Rose se alarga, seus olhos cor de gato ficam penetrantes. — Lily está com Lo. — Ela diz. — Por que você causaria tanta dor a ela fazendo outro homem acompanhá-la?

— Isso de novo? — Ela estala.

— Sim. — Rose retruca. — Isso *de novo*.

Minha mãe suspira. — E se Lo nunca voltar? E se ele escolher ficar solteiro, no final disso? Estou criando um plano B para ela. Estou dando opções a ela.

Suas palavras me machucam, e mal noto Aaron rindo de algo com meu pai, como se fossem amigos há muito perdidos. Lo vai voltar. Não vai? Ele vai voltar para mim. Ele vai me querer… Mas a dúvida apodrece em minha alma. E tento me livrar disso com um aceno confiante, mas não estou me sentindo tão segura agora. Não quando minha mãe tem zero fé no homem que amo.

— Opções? — Rose grita. — Você nunca deu a nenhuma de nós uma opção. Sabe qual opção eu teria gostado? A opção de renegar minha própria mãe.

— Pare com isso. — Ela estala. Seu queixo se ergue, mas posso dizer que ela prende a respiração, um sinal de que as palavras de Rose realmente começaram a se infiltrar, infectar e machucar. — Eu ajudei você a expandir a sua empresa.

— E você nunca me deixa esquecer isso. — Rose zomba. A porta se abre, mas ninguém percebe Connor Cobalt entrando, exceto eu. Ele usa um *smoking* caro, mas seu sorriso igualmente caro não está presente. Ele tem uma expressão sombria e fica de guarda na porta, observando Rose com olhos sérios e calmos. Estou tão grata por ele estar aqui. Porque estou com medo por Rose. Não sei como acalmá-la. Não tenho certeza de quais palavras vão tirar a dor desta noite.

Eu gostaria que minha mãe pudesse ouvir o que Rose está dizendo. Sinto que ela está gritando para ser ouvida, mas ninguém consegue entender. Ninguém *entende*. Eu me levanto, prestes a ir até ela, mas Aaron pega minha mão e me puxa de volta para baixo. Ele diz algo para Jonathan e passa o braço em volta do meu ombro.

Estou muito concentrada em minha irmã para empurrá-lo e começar uma discussão aqui. Connor cruza os braços sobre o peito e olha para mim. Ele olha para Aaron, e está prestes a se aproximar, mas eu balanço minha cabeça e murmuro *ela*.

Ele hesita e assente para mim, concordando.

— O que você quer de mim?! — Nossa mãe grita. — Eu estive presente para você toda a sua vida!

— Eu quero que você diga que está errada! Quero que você se desculpe por esta noite e por me colocar com Matthew Collins e por pensar que sou uma ferramenta que um homem pode usar e descartar. Eu sou sua *filha*! — Rose grita, lágrimas de raiva queimando nos cantos de seus olhos. — Você deveria me amar dizendo que sou bonita e inteligente e que nenhum homem é bom o suficiente para mim. Você *não* deveria me dizer que eu valho menos do que valho.

Minha mãe avança um pouco. — Você pode ouvir a si mesma, Rose? Estamos em um evento para a empresa de seu pai, e você está fazendo isso ser sobre você. Você acha que é uma mulher? Você está agindo como uma criança.

Rose olha diretamente para nossa mãe. Inflexível, inabalável. E muito friamente, ela diz: — Vá para o inferno.

A mão da minha mãe voa e se conecta com a bochecha de Rose, o tapa ecoa como um tiro na sala de estar. Jonathan, Aaron e meu pai ficam em silêncio.

Rose deixa cair sua taça de champanhe, e ela se estilhaça no chão de mármore. Ela olha em transe para o chão, como se não tivesse sentido nada. Meu coração bate tão forte que a única coisa que ouço é a pulsação em meus ouvidos.

Nunca vi minha mãe bater em ninguém. Talvez porque eu passava a

maioria dos dias com Lo. Talvez porque eu não tenha estado inteirada dos acontecimentos na minha família. Mas o choque me atinge friamente. Eu não tenho o mesmo relacionamento com nossa mãe que Rose tem. Não somos hostis uma com a outra. Na verdade, não somos... nada realmente. Eu digo oi, ela me pergunta como Lo está, e seguimos em frente.

Eu não desejo isso. Estar fervendo silenciosamente, tendo que me conter para não vomitar palavras de ódio e sentir uma mão acertar minha bochecha. Ninguém iria pedir isso. E eu quero levar Rose para longe disso, mas ela tem vinte e dois anos.

O dano está feito.

Acho que todos temos idade suficiente para sentir as cicatrizes de nossa criação. Agora só temos que encontrar uma maneira de nos curar.

Minha mãe solta um suspiro e diz: — Desculpe... Conversamos mais tarde. Claramente nós duas bebemos muito... — Ela lança um olhar rápido para meu pai, e ele se levanta e se desculpa também, seguindo-a para fora da sala de estar e de volta para a festa.

Aaron continua me puxando para mais perto de seu colo, e eu o afasto, mantendo um olho em Rose, caso ela precise de mim. Duvido que ela gostaria de ser lembrada de que está perdendo o controle. Minha interferência é como dizer: "Sua irmãzinha ferrada da cabeça vai resgatá-la. Quão ferrada isso te torna, Rose Calloway?". É por isso que eu chamei Connor aqui, em primeiro lugar.

Ele se aproxima dela como um homem na ponta dos pés em direção a um leão adormecido. — Rose. — Ele diz suavemente. — Querida…

Ela está tremendo. Seus braços tremem, e seus olhos continuam ficando cada vez maiores. — Ela está errada. — Rose sussurra. Eu praticamente posso ouvi-la cantar em sua cabeça: *eu não sou como ela. Eu não sou como ela.*

Connor diminui o espaço entre eles, e suas mãos tocam o rosto dela, segurando suas bochechas, suavemente acariciando a marca vermelha com um toque leve. — Olhe para mim, querida.

Rose tenta empurrá-lo. — Por que... — Ela continua balançando a cabeça, mas ele a segura com força, tentando fazer com que ela se concentre.

— Estou bem aqui. — Ele diz a ela.

Ela fracamente tenta empurrá-lo novamente, meio sem vontade, e ele agarra a mão dela. — Eu não preciso de você. — Ela o lembra. Mas as lágrimas silenciosas começam a fluir. Ela está chorando na frente dele, deixando Connor ver suas rachaduras. Eu me pergunto se as emoções estão muito difíceis de engarrafar, já que ela bebeu tanto. — Eu não preciso de você. — Ela repete, sua voz embargada.

— Você está certa. — E diz ele suavemente. — Você não precisa de um homem, Rose. — Ele faz uma pausa e eu mal o ouço sussurrar: — Mas você precisa de mim.

Ela olha para baixo e depois de volta para ele, seus cílios molhados e brilhantes, fazendo seu rosto parecer frágil como eu nunca vi. — O que você está fazendo aqui? — Ela pergunta com um aceno de cabeça. — Você não deveria estar aqui. — Suas lágrimas pingam em suas mãos, ambas subindo de volta para o rosto. Ele enfia uma mecha de cabelo esvoaçante atrás da orelha dela, e seus olhos roçam o vergão em sua bochecha.

— Um passarinho me disse que você estava chateada.

Rose solta um grito sufocado. — Você está louco? — Ela coloca as mãos nos braços dele, que seguram seu rosto, mas não o força mais a se afastar. — Você está falando com pássaros agora?

Seus lábios se contorcem em um sorriso fraco. — Eu falaria com qualquer criatura da floresta se ela me desse respostas sobre você.

— Você andaria pelo fogo por mim? — Ela pergunta, cética.

— Sim. — Ele aceita o desafio.

— Tatuaria o meu nome na sua bunda?

— Possivelmente.

— Beberia sangue de vaca em minha homenagem?

— Você é tão fodidamente esquisita. — Ele diz com o maior sorriso.

Ela abre um sorriso, mas é dolorido, e então ela começa a soluçar. Soluçar pra valer. Ele envolve seus braços ao redor dela, e ela cai no abraço. Ele a guia até a porta do banheiro à direita, e eles desaparecem lá dentro.

A sala está quase vazia, e eu me lembro de quem estou sentada ao lado. Aaron se aproxima e sussurra em meu ouvido: — Vou arruinar você do jeito que Loren me arruinou.

Eu arfo. Uma mistura de choque e medo me atinge com a declaração repentina. Ruim não pode nem começar a descrever esta noite. Eu tento ficar de pé, mas ele agarra meu pulso com tanta força que, quando me levanto, ele me traz de volta para baixo.

Jonathan, assustadoramente a única outra pessoa na sala, coloca seu *whiskey* na mesa de vidro — Há algum problema aqui? — Ele pergunta a Aaron.

— Lily não te contou? — Ele diz com um sorriso falso. — Estamos namorando agora.

Eu balanço minha cabeça rapidamente. — Não, não estamos.

Jonathan olha entre nós, lendo minha linguagem corporal fechada e o movimento agressivo de Aaron. E então ele diz: — Some daqui, garoto.

— Como é? — Aaron recua, em choque.

Jonathan se levanta e endireita a gravata. — Lily. — Ele estende a mão para mim, e fico momentaneamente impressionada com a mudança dos

acontecimentos. Jonathan Hale está realmente me salvando desse babaca?

Eu não deveria pegar a mão dele. Eu deveria cuspir nele e ir embora. Lo faria isso. Mas ele também me mataria se eu não deixasse Aaron quando tivesse a chance. E eu não sou idiota. Eu quero estar longe, muito longe dele. Então eu me levanto e, desta vez, Aaron me deixa desembaraçar dele. Mas eu não toco em Jonathan. Passo direto por ele e sigo para a porta, minha saída à vista.

Antes de sair, ouço Aaron dizer: — Ela é uma vadia, você sabe disso, certo?

— E você acha que eu não sei o que meu filho fez com você? Eu o ajudei a arruinar você, seu pedaço de merda. — Ele diz.

Lo contou ao pai sobre Aaron? Sobre como ele o atormentou? Eu não questiono isso. Porque o relacionamento de Lo com seu pai era um assunto tabu entre nós. Ele surgia apenas ocasionalmente em nossas conversas, e eu só pegava uns pedaços da história. E eu sei, sem dúvida, que Jonathan Hale moveria montanhas por Lo. Ele só precisa estar no clima certo primeiro.

— Tal pai, tal filho. — Aaron diz.

Eu tenho que sair, mas estou colada ao lado da porta. Eu olho para trás uma última vez, e os olhos de Jonathan se movem brevemente para mim. — Essa garota é praticamente minha nora. — Ele coloca uma mão firme no ombro de Aaron. — Se eu ouvir que você fez alguma coisa com ela, você vai desejar que só tivesse que lidar com meu filho. Agora, saia da porra da minha frente.

Estou tão confusa.

Não sei mais para quem torcer.

Não sei que lado tomar ou quem elogiar ou condenar.

Tudo o que sei é que minha família é realmente fodida. E nenhuma quantidade de dinheiro ou luxo pode resolver esses problemas. Talvez até

tenham ajudado a causá-los.

Entro no grande salão de baile onde as pessoas vagam, levantando-se e conversando como se fosse a hora do coquetel. Flâmulas e balões dourados e pretos estão no tapete. Perdi algum tipo de celebração. Eu os chuto e vejo minha mãe perto do palco.

O que me possui para fazer eu me aproximar dela? Não tenho muita certeza. Mas enquanto ela fala com meu pai, eu sinto que devo apenas dizer alguma coisa. Talvez ajudar a explicar os sentimentos de Rose, mas de uma forma mais suave e gentil. *Talvez ela me escute*, eu acho. Ela nunca fez isso, mas é um bom pensamento, de qualquer forma.

Eu me aproximo, e meu pai pede licença para se misturar com alguns empresários mais velhos. Ela parece um pouco magoada, seus lábios apertados e a mão um pouco trêmula. — O que foi? — Ela pergunta, no limite.

— Você está bem? — Por que eu começo com isso? Claro que ela não está bem, e ela realmente merece minha simpatia depois de dar um tapa em Rose? Não, nem um pouco. Mas não posso voltar atrás, e sua postura dominadora mina minha confiança.

— Tudo bem. — Ela diz, virando as costas para mim quase imediatamente. Ela acena para a amiga e age como se eu fosse um móvel que escolheu esbarrar em sua perna.

Eu tento de novo. — Eu acho que ela está apenas tentando se expressar, mas ela não sabe como fazer isso sem gritar…

Minha mãe continua acenando para a amiga ao longe. Ela coloca a mão no meu ombro, dando-me um tapinha. — Claro, eu tenho que ir falar com Barbara. Encontre Aaron. Ele vai te fazer companhia. — Com isso, ela entra na multidão e usa o sorriso mais falso. Eu a vejo abraçar uma mulher cheia de joias em um vestido vermelho.

Eu sinto que ela acabou de me dar um soco no estômago.

Ryke de repente se aproxima de mim. — Aí está você. — Ele me entrega um copo d'água, e eu aceito com gratidão e um sorriso. — Você está bem? Nada aconteceu, não é...? — Suas sobrancelhas franzem, e ele olha para trás de mim, provavelmente procurando por Aaron, que tenho certeza que desistiu. O aviso de Jonathan Hale foi forte o suficiente para ser ouvido. E Aaron não é tão estúpido.

— Não. — digo. — Nada disso que você está pensando. — Nós dois olhamos para a festa, que parece abrandar – uma calma após toda a tensão. *Unchained Melody*, dos Righteous Brothers, começa a tocar. Casais se abraçam, balançando ao som da linda melodia.

— Quem era aquele cara, afinal?

— Um velho inimigo. — digo a ele, observando uma mulher idosa colocar a bochecha no ombro do marido.

Ryke enfia a mão no paletó e acena com a cabeça, como se entendesse completamente como é ter inimigos. Não tenho dúvidas de que ele tem seu quinhão.

— Minha mãe deu um tapa na minha irmã. — digo, completamente desligada das palavras.

Ryke nem vacila. Ele apenas olha para os dançarinos. — Engraçado, minha mãe fez a mesma coisa comigo quando eu disse a ela que estava vindo para cá. — Ele bebe sua própria água.

— Acho que seu pai me salvou esta noite.

Ryke fica quieto, assimilando aquilo.

Estamos tão ferrados. Isso é tudo o que posso pensar e processar.

E mais balões começam a cair no final da música. O teto pisca com luzes

multicoloridas suaves.

Eu consegui.

Nenhum cara me tocou. Eu não toquei neles. Sexo era a última coisa em minha mente esta noite.

Cada dia parece um obstáculo.

E uma vitória.

Capítulo 5

Fevereiro

Três potes diferentes de sorvete se espremem entre minhas coxas, o frio penetrando em minha calça de pijama da *Sra. Marvel*. Dia dos Namorados é uma merda. Connor e Rose planejaram seu encontro na semana passada em algum restaurante chique, deixando-me para devorar Chunky Monkey, Half-Baked e Cherry Garcia sozinha. Eu assisto desenhos animados tarde da noite na televisão de alta definição, sendo transportada de volta aos meus anos de infância com *Looney Tunes*. Com cada "isso é tudo, pessoal", meu coração bate forte e eu viro minha cabeça, prestes a mencionar o quanto eu gostei ou odiei o episódio para Lo.

Que não está aqui.

Ele ainda não enviou um e-mail. Quatorze dias no mês, e eu não ouvi um pio dele, nem mesmo uma menção de que ele está vivo e bem. No final de janeiro, ele me enviou um buquê de rosas vermelhas. Acho que ele queria que elas chegassem hoje. Pelo menos eu espero que sim, assim eu saberia que ele ainda pensa em *nós* e não planejou terminar nosso relacionamento para sempre.

O comentário da minha mãe no evento Fizzle também não acalmou minhas preocupações. Se ela acha que eu preciso de um plano B, eu me pergunto quem mais acredita que ele vai me abandonar quando voltar para casa.

Essa paranoia… ela apodrece como uma ferida. Olho para o vaso de vidro na minha mesa de canto. As rosas caíram e murcharam, mas o cartão ainda está aberto. Lembrar as palavras nos rabiscos confusos de Lo me alivia um pouco.

Essas são *pra valer.*

Meu peito incha. Essas são pra valer.

3 ANOS ATRÁS

Reality TV passa pela minha tela plana. Nada melhor do que fingir estar doente em um dia de escola e ficar em casa de pijama para assistir porcaria na televisão. Eu desembrulho preguiçosamente os chocolates da caixa de Dia dos Namorados em forma de coração no meu colo quando há uma batida na minha porta.

Por um momento, debato sobre esconder os doces, mas decido contra. Muito trabalho e, realmente, qual é a chance de a minha mãe estar do outro lado da porta? A última vez que ela voluntariamente entrou no meu quarto foi provavelmente há dois anos, quando nossa governanta acidentalmente colocou um dos vestidos de debutante de Daisy no meu armário. Na ocasião, eu encontrei minha mãe gritando histericamente para o nada – atirando minhas roupas ao acaso em um ataque de raiva. Quando ela encontrou o vestido marrom, ela me disse que eu deveria ter percebido que o vestido não pertencia ali. E então ela se afastou.

Deixando-me sozinha.

É seguro dizer que a batida não veio dela.

Minha porta se abre lentamente sem um convite, e eu relaxo imediatamente. Lo preenche a entrada, vestindo seu uniforme da Academia Dalton: calça preta, camisa branca e a gravata azul fina que estava frouxa em

seu pescoço. Ficava bem nele... talvez bem *demais*.

Ele me examina longamente, e então suas sobrancelhas se erguem em acusação.

— Sem nariz escorrendo, sem pele úmida, tosse ou até mesmo um chumaço de lenços. — Ele diz. — Devo dizer, Lil, você é a pior em fingir estar doente.

— Ainda bem que eu não estou realmente tentando.

— Por que você não me disse que ia matar aula? — Ele pergunta, ainda parado no batente da porta. Estranho, mas tento não questionar.

— Eu não queria que você se sentisse obrigado a faltar comigo. — Eu me endireito e me inclino contra a cabeceira. A verdade: fingir estar em um relacionamento com Lo consiste em DPA (demonstrações públicas de afeto). Muito disso. Já que é Dia dos Namorados, eu não queria estar na aula e receber um telegrama com doces. Ou ficar nos corredores exagerando nos olhares de paquera e sessões de amasso apenas para exibir nosso romance falso. Estou exausta só de pensar nisso.

Seus olhos pousam na minha mesa de cabeceira. Vinte e quatro rosas vermelhas florescem em um vaso de cristal. O pequeno cartão se destaca do mar de pétalas. Já li em voz alta esta manhã a pedido de Daisy. *Feliz Dia dos Namorados. Com todo o meu amor, Lo.*

— Belo toque. — digo a ele após o momento de silêncio. — Daisy quase morreu quando as viu, e acho que minha mãe ficou muito feliz. — Definitivamente, estamos vendendo bem nosso relacionamento falso. Seis meses e ninguém questionou até agora.

— Você gosta delas? — Ele pergunta, desfazendo o resto de sua gravata.

Eu me afasto para olhar as rosas novamente. Nenhum menino jamais me mandou flores. No meu aniversário, a casa fica cheia de lírios para comemorar a ocasião, mas geralmente são da família ou amigos dos meus pais.

No começo eu pensei que essas rosas eram outro gesto fingido de nosso relacionamento falso. Agora que Lo me perguntou se eu gosto delas, não tenho mais tanta certeza.

— Elas são bonitas e muito melhores do que lírios. — Eu admito.

— Então, eu sou o melhor namorado falso de todos os tempos. — Ele diz com um sorriso fácil. E minhas suspeitas desaparecem. *Namorado falso*. É claro. Ele finalmente diminui a distância entre nós e se senta ao meu lado. Ele inclina minha caixa de chocolates com o dedo e faz uma careta. — Você é nojenta.

— Não gosto de recheios. — Todos os chocolates estão mordidos ao meio e alguns foram cuspidos de volta para a caixa. Ainda não encontrei um que não seja ruim.

— Bem, eu não posso nem olhar para isso. — Ele fecha a caixa e a coloca na mesa de cabeceira. Aproxima-se, inclina-se um pouco mais perto e gentilmente descansa a palma da mão na minha testa, invadindo com sucesso meu espaço e fazendo minha respiração sair dos pulmões.

— Você não está quente. — Ele diz suavemente e desliza a mão até o meu pescoço, pressionando levemente. — Os linfonodos não estão inchados.

Eu estreito meus olhos. — Como você sabe sobre linfonodos?

— Eu tive gripe no ano passado. — Ele me lembra. — Shhh, e deixe-me terminar meu diagnóstico.

Minhas bochechas ficam quentes.

— Você está corada. — Ele balança a cabeça e tenta suprimir um sorriso. Ele coloca as mãos nos meus ombros e inclina minha cabeça para trás contra o travesseiro, ajoelhando-se e se erguendo sobre mim. — Eu tenho que ouvir seu coração.

— Não. — Eu recuso fracamente, sem vontade de brincar com ele. Não

quando sempre tem que acabar comigo tensa, excitada e carente. Ele adora me provocar, e eu me preocupo com o dia em que não terei forças para dizer *não*.

Ele me ignora e coloca o ouvido no meu peito, no lugar que o V da gola da minha camisa exibe. Eu inspiro com força, seu rosto muito perto. Depois de um longo momento, ele se levanta um pouco e diz: — Eu sabia.

Meus olhos se estreitam. — Sabia o quê?

Seu olhar quente traça meus lábios, e voa de volta para os meus olhos. — Você está sofrendo de um caso claro de... — Sua boca roça minha orelha. — *paixão ardente*.

Eu dou um tapa no braço dele e tento sentar, mas ele está pronto para mim. Ele se inclina e faz cócegas na minha cintura e quadris tão rapidamente que eu nem prevejo seu movimento. E eu rio e me contorço debaixo dele até gritar para ele parar, lágrimas de felicidade escapando dos meus olhos.

Nós nos acomodamos com a respiração pesada. Ambos deitados de lado, nossos pés entrelaçados, encaramo-nos no silêncio tranquilo.

— E qual é a cura? — Pergunto, entrando no jogo desta vez, mesmo sabendo que não deveria.

Ele me dá um sorriso torto que poderia derreter mil garotas.

Muito suavemente, ele diz: — Eu.

Meus olhos se fixam em seus lábios macios, implorando-me para pressionar os meus neles. Ele se inclina um pouco, mas não diminui o espaço entre nós, a incerteza ainda pairando. Parece que seu corpo me puxa para ele, uma força magnética forte demais para lutar. Eu me aproximo, e meu pé roça seu tornozelo nu. Sua respiração fica mais pesada.

Não consigo parar de olhar para seus lábios, imaginando como eles seriam contra os meus. Suaves, fortes, famintos. Minha resistência se esgota e eu

cruzo a distância, dando um beijo rápido em seus lábios antes de me afastar. Eu acho que esperava que o beijo casto, de classificação livre, satisfizesse meus desejos. Não. Na verdade, tudo que eu quero fazer é tirar aquele sorriso bobo do rosto dele com um mais profundo.

— O que foi isso? — Ele pergunta, divertido. Seus lábios roçam levemente os meus e se afastam provocativamente.

— Minha cura. — Eu digo, entrando no jogo. Isso torna as coisas menos reais. Certo? Ainda deitados de lado, nossos corpos se aproximaram cada vez mais em sua própria missão, separando-se de nossos cérebros. Sua mão sobe e desce pelas minhas costas, parando no declive acima da minha cintura.

— Essa foi a dose errada. — Ele sussurra.

— Oh.

Ele leva apenas um momento para se inclinar e nossos lábios se unirem, imitando o estado de nossos corpos. Sua mão segura a parte de trás da minha cabeça e ele suga meu lábio inferior, fazendo meus lábios doerem de desejo novamente. Meu quadril começa a se mover instintivamente, pressionando mais forte nele enquanto o beijo se aprofunda. Sua língua desliza em minha boca e um gemido escapa dos meus lábios.

Eu tenho que me afastar. — Lo… — Eu sussurro, tentando limpar minha mente e avaliar o que diabos meu corpo está fazendo. Literalmente, estou segurando sua camisa e minha perna de alguma forma passou por cima de seu quadril.

— É Dia dos Namorados. — Ele me lembra, saindo do jogo. — Quero te dar uma coisa.

Uma coisa. Vago – e em minha mente pervertida, estou pensando em todos os tipos de coisas nefastas.

— Você já me deu flores. — Mas eu não me mudo da posição – pressionada

com tanta força contra ele que posso sentir o ritmo lento de seu batimento cardíaco contra meu peito.

— Algo melhor.

Eu quero isso. Mesmo que eu não saiba o que é *isso*. Mas há algumas linhas que não consigo cruzar com Lo, não importa o que ele me ofereça, então pergunto: — O quê?

Ele puxa minha cabeça em seu peito e escova meu cabelo para trás. Eu sinto sua respiração quente quando ele se inclina no meu ouvido e sussurra: — Eu quero fazer você gozar.

Por dentro, estou exultante pela ideia, mas minha cabeça começa a sacudir automaticamente em outra direção. Eu movo minha cabeça para trás enquanto meu corpo fica colado a ele.

— Não? — Seus olhos se erguem e ele se apoia um pouco no cotovelo. — Achei que era o presente de Dia dos Namorados perfeito, especialmente porque planejava manter todas as suas roupas.

Meu coração começa a bater ainda mais rápido com a perspectiva. Nós fizemos algumas coisas desde que começamos o nosso "falso" namoro. Quando praticamos dar uns amassos, isso às vezes leva a toques e outras coisas, mas eu consegui parar antes de chegar ao clímax. Sexo não é o mesmo que brincar. Essas brincadeirinhas têm sido a base do nosso relacionamento fingido. Já faz algumas semanas desde a minha última transa, e eu já fiz planos para este sábado para obter minha próxima dose. Eu aproveito qualquer chance de participar de uma festa organizada por um aluno de escola pública, e não sei se fazer algo com Lo hoje seria certo.

— Vou àquela festa da fogueira neste sábado. — Acabo dizendo.

Eu espero que ele se afaste, mas ele não o faz. — Eu também. — Ele exala e me beija levemente nos lábios.

— Eu vou fazer sexo lá.

— Eu vou ficar bêbado. — Ele pressiona seus lábios rapidamente nos meus mais uma vez e, em seguida, esfrega o polegar sobre a pele sensível da minha orelha. Eu praticamente estremeço com o toque.

— Lo.

— Lily. — Seus dedos descem para o botão da sua calça. Eu olho fixamente para os pequenos movimentos.

De alguma forma, sou capaz de murmurar: — Não comprei nada para você.

Seus lábios se curvam, mas ele não diz mais nada. Eu posso ver o elástico de sua cueca boxer, e percebo que tenho que me afastar dele para que ele possa tirar a calça completamente. Eu me desgrudo dele, afastando-me enquanto o ponto entre minhas pernas lateja.

Minha mente entra em modo de convencimento. *Eu posso fazer isso. Eu posso me impedir de fazer algo pior. Ele disse que eu posso manter minhas roupas. Isso significa nada de sexo. Isso significa que podemos fazer isso e ainda vai ficar tudo bem.*

Seu frasco de bebida desliza para fora de sua calça quando ele a arranca. Eu o pego, pensando em tomar um grande gole. Talvez isso alivie meus pensamentos conflitantes. Silenciando ou a parte de mim que diz *pare* ou a outra que diz *foda-se isso, sim!*

Agora de cueca boxer, Lo se vira e me vê com seu álcool. Ele pega rapidamente de mim, seus olhos ainda claros. Ele levanta sua bebida. — Minha. — Ele diz. Então ele pega minha mão na dele e a coloca sobre a protuberância em sua cueca. — Seu.

Ahhhh... merda. Eu estou ferrada.

Acho que devo retirar minha mão, especialmente porque as pessoas normais provavelmente recuariam a essa altura. Mas algo a mantém bem ali.

Nele.

Ele não parece surpreso com isso. Na verdade, ele continua a se despir na minha frente, desabotoando a camisa e tirando-a. Parece meu aniversário ou algo assim, só que eu tenho que ficar me lembrando que esse é Lo e não um stripper em uma das minhas fantasias.

Agora que ele está quase nu, eu puxo minha mão, e ele divertidamente dobra o elástico de sua boxer. Eu arfo e ele sorri. — Com ou sem ela, amor? Sua escolha.

Meu cérebro fica em branco. Ele não consegue processar sua pergunta. — Vou considerar então como se *você não pudesse lidar com isso.* — Ele diz com a voz rouca, e deixa sua cueca. Não. Eu definitivamente não consigo lidar com ver o pau dele agora. Eu mal sou capaz de respirar a essa altura.

Ele vem por cima de mim e se inclina para outro beijo profundo. É diferente sentir a pele nua contra o meu corpo totalmente vestido. Com meus ficantes, geralmente é o contrário. Entretanto, eu gosto disso. Correr minhas mãos sobre suas costas nuas, descendo até sua bunda. Meu corpo pulsa por algo mais, e ouço suas palavras como um refrão na minha cabeça – *eu quero fazer você gozar*. Todos os protestos e considerações saem completamente da minha mente.

Seus beijos de repente se tornam suaves novamente, provocando-me um pouco. Quando ele pousa outro beijo inocente em meus lábios, eu solto um longo gemido. Mal posso aguentar isso por muito mais tempo. Eu não sou uma princesa da *Disney*. Eu não desmaio ao beijar a menos que envolva língua, pressão e leve a outros eventos excitantes.

Decidindo resolver o assunto com minhas próprias mãos... ou quadris, eu me empurro um pouco para que nossas pélvis se encontrem. O contato parece muito melhor. Eu só... preciso estar mais perto.

Lo empurra meu corpo para baixo em resposta e pressiona em mim, a dureza em sua cueca moendo contra o latejar entre as minhas pernas. Seus lábios mudam de leves para determinados, devorando os meus intensamente. E enquanto ele se esfrega contra mim, a tensão aumenta, empurrando meu corpo para um estado hiperconsciente. Cada toque me excita, e tudo o que eu quero agora é que minhas roupas desapareçam. Para eu senti-lo por dentro. Para que o anseio seja eliminado com um impulso e o êxtase.

Minhas mãos trêmulas tentam agarrar a barra da minha camisa e arrancá-la. Eu a puxo até a metade antes que Lo pare de se mover e coloque sua mão na minha. — Não. Suas roupas ficam. — Ele arfa. Seus lábios estão vermelhos e crus, e mal consigo tirar os olhos deles.

Eu pisco.

Lo puxa cada dedo da minha camisa e depois os prende nos seus. Seus lábios encontram a minha garganta e deslizam para o lóbulo da minha orelha, mordiscando e beijando. Meus quadris se erguem quando ele pressiona para baixo, e eu posso senti-lo ficando cada vez mais duro, excitando-me mais. Seus lábios se movem para o meu peito, fazendo seu caminho ainda mais longe através da minha camisa, suas mãos apertadas contra meus quadris.

Ele me beija novamente, sua língua passando rapidamente em minha boca.

Eu estou morrendo por dentro. Eu quero *mais*.

Eu levanto meus quadris e desta vez ele agarra minha bunda e aperta. Forte. Solto um longo gemido e meu corpo estremece. Ele me mantém apertada contra ele, enquanto suas mãos se movem e amassam a parte interna das minhas coxas até o topo. Devagar. Devagar. Devagar. Evitando aquele ponto que exige atenção.

Deixo escapar um gemido e ele me coloca de volta para baixo. Sua respiração se aprofunda, e ele começa a mover seu corpo ainda mais rápido,

empurrando e se certificando de esfregar-se contra mim. Funciona. A tensão começa a aumentar e eu balanço com ele enquanto ele encontra minha boca novamente. E então, de repente, tudo explode. Eu tenho que me afastar dos seus lábios, enterrando meu rosto em seu bíceps enquanto meu orgasmo explode em ondas.

Ele segura a parte de trás da minha cabeça e me abraça enquanto eu estremeço de euforia e felicidade e o êxtase que me transforma em uma fera selvagem.

Leva apenas alguns minutos antes da euforia desaparecer, deixando-me com uma sensação de que estou afundando. Sem a necessidade, minha mente clareia e a enormidade do que acabei de fazer me atinge com tudo. Eu me afasto de Lo, recusando-me a encontrar seus olhos, que me seguem totalmente preocupados.

Eu rapidamente pego meu telefone na mesa.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta, sua voz cheia de insegurança.

Um nó se alojou em minha garganta, mas consigo murmurar: — Nada... apenas... coloque as roupas. — Eu aponto para sua calça no chão. Não consigo olhar para ele quase nu. Eu não confio mais em mim.

Ele se atrapalha com suas roupas enquanto meu coração bate descontroladamente. E então... eu encontro.

— Acho que acabamos de fazer sexo. — digo horrorizada, olhando para a pequena tela do meu telefone.

— O quê? — Ele franze a testa e se aproxima, ainda sem camisa, mas pelo menos está de calça.

Eu seguro meu telefone para ele ver. — *Sexo sem penetração.* — Ele lê e depois lambe o lábio inferior, pensativo. Seus olhos encontram os meus. — Isso não é sexo de *verdade*, Lil.

— Não é o que isso diz. — Eu continuo lendo. — Sexo a Seco. Acho que nós acabamos de ter Sexo a Seco! Oh, meu Deus. — Meu coração vai explodir. Eu cruzei uma linha. Deixei-me ser levada por todos os sentimentos confusos e cruzei a porra da linha.

— Uau! — Lo coloca as mãos no meu rosto, forçando-me a olhar para ele. — Respire um pouco. — Ele espera eu me acalmar um pouco e então diz: — É a *Wikipédia*. Não a porra do Santo Graal. Você pode escolher o que considera sexo *real* para *você*. Ok? — Seus olhos parecem um pouco culpados, e eu me sinto ainda pior por fazê-lo sentir remorso por algo que eu claramente queria.

— Ok. — digo com um aceno de cabeça. — Então isso não foi real. Sexo a Seco não conta.

Alívio o preenche.

— Mas — Continuo —, acho que não devemos fazer isso de novo. — Eu não confio em mim.

Ele tira as mãos do meu rosto. — Tudo bem. — Ele diz, soando um pouco distante. — Eu só... — Ele balança a cabeça. — É Dia dos Namorados.

— Eu sei. — Eu não posso deixá-lo triste com isso. — E foi o melhor presente que já ganhei. Honestamente.

Ele sorri e me beija levemente na têmpora antes de pegar seu frasco na mesa.

Eu expiro profundamente. *Nunca mais*. Mas, enquanto me lembro da maneira como ele me olhava, no comando, determinado e tão poderosamente, como se me fazer gemer fosse seu único objetivo na vida… bem, eu sei que talvez nunca encontre isso com outra pessoa.

Nunca mais é um preço muito, muito alto a pagar.

Mas não estamos realmente juntos, afinal. Somos apenas dois amigos

brincando de faz de conta.

Capítulo 6

Alguns meses em Princeton e parei de ir às aulas novamente. Ver as pessoas andando pelo campus com sorrisos e gargalhadas dá um nó no meu estômago, então, tenho feito todos os trabalhos do curso e compareço apenas para as provas. Eu tenho ficado com notas médias, o que é melhor do que reprovar.

Rose me repreende quando eu fico em casa, deprimida novamente. Acho que sinto que fevereiro se transformou no que foi o meu primeiro dia sem Lo – toda a dor que me esmagou desde o primeiro momento em que ele partiu me engole de volta em seu abismo escuro e sombrio. Mantive a esperança de que ele me enviasse um e-mail à essa altura. Mas ele não enviou.

Meu vibrador me faz companhia. Minhas fantasias também. Mas eu raramente tenho um orgasmo. É como se minha tristeza tivesse eliminado qualquer possibilidade de sentir aquele êxtase novamente.

Para me manter ocupada e levantar meu ânimo, decido mudar um pouco minha rotina. Nos últimos três dias, gastei meu tempo na Calloway Couture, pagando uma aposta que perdi para Connor. Prometi a ele que ajudaria Rose em sua empresa de moda sendo sua assistente.

O que eu descobri rapidamente que significa apenas ser a vadia de recados.

Embora eu tenha minha própria mesa em um espaçoso loft, a sala é decorada com prateleiras de vestidos, blusas, casacos, botas e bolsas. Rose vigia

tudo de seu computador em seu escritório tirânico – um cubículo de vidro que literalmente tem vista para toda a sala. Ela tem duas outras garotas trabalhando em mesas perto de mim no centro do loft. Elas são responsáveis pelas mídias sociais, *sites* e inventário.

Enquanto elas são membros produtivos da empresa de Rose, eu sou mais como um pequeno hamster correndo em uma roda fixa. Pego café e arquivo notas. Trabalho agitado. Mas é melhor do que me masturbar por duas horas inteiras sem nenhum tipo de alívio. Eu fiz isso ontem. Não tem graça.

Depois de um minuto, Rose sai de seu escritório e vai até minha mesa branca.

— Você recebeu o cartão de visita que eu deixei para você? — Ela fez uma caixa inteira de cartões para mim, como se solidificasse minha posição como "Assistente de CEO" por todo o futuro.

— Sim, eles são bonitos. — Eles são até perfumados com essência de "lírio". Perguntei a ela se os cartões dela cheiravam a rosas e ela me deu um olhar frio. Aparentemente, mamãe teve a ideia de perfumar os cartões de visita, e Rose teve que concordar com isso. Nossa mãe tem suas garras na empresa de Rose de várias formas. Rose começou o negócio aos dezesseis anos, jovem demais para perceber que nossa mãe se consideraria co-fundadora. Ela age como uma parceira silenciosa, mas Rose preferiria que ela não estivesse envolvida, considerando que a única contribuição que ela faz é irritá-la. Ela é um mosquito intrometido, mas também é alguém fácil de amar se ela concordar com você.

— Não, não esses cartões. O da terapeuta.

— Ah... sim, estava preso na tela do computador. Muito difícil de não ver.

— Você ligou?

Eu lambo meus lábios secos. — Não, ainda não. Achei que você ainda

estivesse pesquisando.

— Não, acabei. Essa é a única. Eu sei que ela é a única, mas se você não gostar dela, eu vou continuar procurando. Mas você deveria encontrá-la pelo menos. Ela é uma mulher adorável.

Eu inspiro fundo. — Ok, sim. Vou encontrá-la em breve. — Talvez ela me prescreva algumas drogas e leve esses sentimentos embora. Isso soa bem.

Enquanto seus saltos batem de volta para seu escritório, eu seguro o *mouse* com a força do *Hulk* e clico no *Microsoft Excel* eficientemente. Rose detalhou minhas tarefas e sua importância por código numérico. Percebo que ligar para a minha terapeuta é a número um. Verificar os tamanhos dos sapatos para envio à *Macy's* é a número trinta e cinco.

Assim que pego meu telefone para marcar um horário, ele toca na mesa, vibrando na superfície de vidro. Eu franzo a testa e verifico a tela, um número desconhecido aparecendo. *Poderia ser...?* Eu pego freneticamente o celular, meu coração martelando. Se for ele, o que eu digo? Eu hesito, as palavras percorrendo meu cérebro em um frenesi. Não sei se existe uma maneira certa de começar uma conversa. Talvez não seja ele. Talvez seja apenas um pensamento esperançoso. Ele nem deveria estar ligando até março. Não foi isso que Ryke disse?

Afogo minhas inseguranças e coloco o fone no ouvido. Eu inalo uma respiração profunda antes de dizer: — Alô?

— *Oi.*

Ele me ligou. *Lo* me ligou. Eu deixo as palavras afundarem com o som de sua voz profunda. Inclino-me para frente na mesa, colocando a mão nos olhos para esconder qualquer lágrima que ameace cair. Prefiro que Rose *não* me veja de seu escritório e termine a ligação antes mesmo de começar.

Pensei em todas as coisas que diria a Lo por e-mail e telefone em março,

mas elas voaram da minha mente desde o primeiro toque. Só sobrou uma resposta não tão eloquente. — Você me ligou.

Eu o ouço se mexendo, como se estivesse ajustando o telefone e segurando-o com um ombro no ouvido. Imagino uma mão na parede e uma longa fila de caras esperando atrás dele para usar o telefone preto. Como em uma prisão. Não sei por que penso isso. Ele não está na cadeia. Ele está na reabilitação. Essa sim, vai *ajudá-lo*. Tenho certeza de que minha nova terapeuta vai psicanalisar essa comparação.

— *Estou indo bem, então, eles estão me deixando entrar em contato com minha família.* — Ele para de falar por um momento. — *Você é a primeira pessoa para quem eu liguei.* — Ele solta uma risada fraca, e eu o imagino esfregando os lábios. — *Inferno, você é a única que eu provavelmente vou ligar.*

— Não vai ligar para Ryke? — Eu pergunto.

— *Eu vi Ryke.* — Ele explica rapidamente. — *Como você está?*

— Por que você não enviou um e-mail antes? Ryke disse que você poderia enviar e-mails este mês. — Sim, eu me esquivei da pergunta sobre mim. Eu preciso ouvi-lo explicar isso antes que eu possa falar sobre qualquer coisa acontecendo na minha vida.

Ele faz uma longa pausa. — *Eu planejei enviar. Sentei em frente ao computador e fiquei olhando para a tela por uma hora inteira.*

Eu mordo a unha do polegar. — O que aconteceu?

— *Eu escrevia algumas frases, relia-as e apagava. Tudo parecia tão estúpido. Quer dizer, eu não sou um escritor. Então, uma hora depois, tudo que eu tinha era 'oi' e eu estava tão chateado que simplesmente larguei pra lá.*

Parece algo que ele faria. — Eu também não sou uma boa escritora. — Eu olho para o escritório de vidro, e Rose fala ocupada em seu próprio celular, de costas para mim. Bom. — Estou feliz que você ligou.

— *Mesmo?* — Sua voz falha um pouco, e minha respiração fica mais pesada. Quero que as coisas voltem ao normal. Não quero que nosso relacionamento mude, mas sei que tem que mudar. Só espero que seja melhor do que antes. Não pior.

— O que você andou fazendo aí? — Pergunto — Você vai voltar para casa mais cedo? Como é aí? Você conheceu mais alguém? Como é seu conselheiro? A comida é boa? — Todas essas perguntas saem dos meus lábios, e paro por um segundo, perguntando-me se o assustei.

— *Está tudo bem. Ainda não terminei o programa, então, ficarei aqui por um tempo ainda.* — Ele limpa a garganta. — *Então ... como você está?*

— Você conheceu alguém? — Eu tento de novo.

— *Lil...* — Ele diz, magoado. — *Você está me matando.* Como você está? *Essa não é uma pergunta tão difícil de responder, não é? Apenas me diga alguma coisa.*

— Eu estou bem. — digo. — O que você está fazendo agora? Onde você está? — Quero poder imaginar onde ele realmente está, não ter a prisão como pano de fundo para nossa conversa.

— *Estou sentado em uma cadeira laranja gigante que parece algo de um filme de Austin Powers. É feia pra cacete. Na semana passada um cara desenhou um pênis com um marcador mágico nela.*

Eu sorrio. — Você está sentado em um pênis?

Eu quase posso sentir um sorriso esticando seu rosto. — *Sabia que você acharia isso divertido.* — Ele faz uma pausa. — *Eu sinto sua falta, amor.*

— Mesmo? — Meu estômago aperta.

— *Mesmo.*

— Conte-me mais.

— *Estou usando o telefone da instituição na sala de recreação deles. Há uma mesa*

de sinuca, algumas máquinas Fizzle, puffs e uma televisão enorme que está sempre na ESPN. *A maioria das pessoas está almoçando agora, então está bem quieto.*

Almoço. Olho para o meu relógio. É meio-dia aqui. Sua reabilitação provavelmente está localizada em algum lugar com o mesmo fuso horário do Leste. Talvez ele esteja perto... eu não deveria perguntar. Não quando concordamos em manter a informação em segredo. Eu não quero ser tentada a dirigir até ele. Eu realmente serei a namorada patética se fizer isso.

— *Eu...* — Ele para de falar, tentando encontrar as palavras certas. — *Tentei perguntar a Ryke sobre você algumas vezes. Ele não me diz nada. É tão irritante, você não tem ideia.* — A amargura escorre por sua voz.

Eu solto uma risada fraca. — Eu tenho, sim.

— *Mesmo?* — Lo inspira, como se estivesse se preparando para o próximo lote de perguntas. — *O que você tem feito?*

— Estou ajudando Rose. — digo a ele, acenando para mim mesma. — Não é tão ruim. Ela tem me mantido ocupada... está... está dando certo na maior parte do tempo.

— *Isso é... bom, Lil. Então você está realmente bem?*

Minha garganta começa a fechar, inchada com um nó. Não quero que ele passe os dias se preocupando comigo. Ryke se infiltrou em minha mente, e eu o ouço sussurrando: *Você vai arruinar o progresso dele sobrecarregando-o com esse grande fardo. Você tem que se desapegar tanto dele, Lily. Deixe ele em paz.*

Tudo o que eu sempre quis foi que Lo fosse feliz. Eu só nunca pensei que a felicidade dele coincidiria com a minha depressão. Parece estúpido e idiota, mas para ele se tornar saudável, ele precisa parar de se concentrar em mim para que possa se preocupar com seus próprios problemas. Isso é o que Ryke continua me dizendo, certo?

Então, eu cedi aos apelos constantes de Ryke. Eu decido não sobrecarregar

mais Lo. Ele não precisa mais ser minha rocha. Vou ter que encontrar outra ou talvez eu consiga me sustentar sozinha.

— Sim. — digo, meu coração se contraindo enquanto eu reprimo uma onda de emoção. — Tenho me saído *muito* bem. Eu tenho uma nova terapeuta e joguei fora toda a minha pornografia. — Lágrimas silenciosas começam a se formar e lentamente riscam meu rosto, mas mantenho minha voz firme para que ele não perceba. — Até parei de usar brinquedos. — Ele vai acreditar na mentira, mas duvido que acreditasse se eu adicionasse *e eu parei de me masturbar.*

— *Sério?* — Sua voz falha, soando à beira das lágrimas.

— Sim, sério. Eu nunca me senti melhor. — Eu afasto o alto-falante da minha boca, a mentira esmagando meu peito.

Depois de um longo momento, ele diz: — *Bom, bom. Estou feliz.* — Ele inala outra respiração profunda. — *Eu não tenho muito mais tempo...*

— Lo. — Eu interrompo. *Por favor, não me deixe ainda.*

— *Sim?*

— Eu estou esperando por você. — *Eu te amo.*

Imagino um sorriso se espalhando por seu rosto. Mesmo que seja triste, ainda é um que eu vou manter em meus sonhos. — *Eu sabia que você podia.* — Ele faz uma pausa. — *Eu tenho uma reunião com meu conselheiro em alguns minutos. Eu vou te ligar de novo...*

Quero deixá-lo com algo melhor, algo mais satisfatório. — Você está oficialmente no meu banco de dados de coisas safadas para fantasiar. — Eu fantasio sobre Lo todos os dias. Ele é a minha fantasia número um.

— *Você sempre esteve no meu.* — Ohhh… — *Falo com você mais tarde, amor.*

— Estarei esperando.

— Eu também. — Com isso, desligamos ao mesmo tempo, e olho para o meu telefone, como se a conversa que acabei de ter fosse toda criada pela minha mente. Eu verifico meu histórico recente para confirmar.

Sim, foi real.

E, melhor do que isso – vai acontecer de novo.

Capítulo 7

Sento-me na sala de espera da terapeuta com Rose ao meu lado. Ela faltou a todas as suas aulas do dia para estar aqui comigo. Já agradeci umas cem vezes. Meus olhos disparam entre a saída e a porta do consultório. Fugir parece tentador, mas com Rose aqui, mantenho-me sentada na almofada do sofá branco e evito roer as unhas. Uma janela tem vista para o horizonte de Nova York, o interior tão moderno quanto, com estantes de vidro e orquídeas roxas.

Quando a porta finalmente se abre, eu me levanto como se o sofá eletrocutasse minha bunda. E a terapeuta me cumprimenta com um sorriso caloroso e sincero. Parecendo ter quarenta e poucos anos, seu cabelo castanho-chocolate está cortado na altura do queixo, e ela usa uma saia preta, jaqueta justa e uma blusa creme. Mesmo com seus saltos, ela mal atinge a minha altura. Ela deve ser super baixinha então.

— Oi, Lily, eu sou a Dra. Banning. — Ela estende a mão e eu a aperto, momentaneamente envergonhada por minha palma suada. Quando ela me solta, fico surpresa que ela não limpe a mão na saia como se tivesse pego algo infeccioso.

Ela gesticula para o consultório, abrindo mais a porta para mim.

Eu olho de volta para Rose.

— Eu estarei aqui. — Ela me garante. Eu tento absorver um pouco de sua confiança, mas, infelizmente, isso não é contagioso.

Levanto o queixo, fingindo ser forte, e entro no consultório da Dra. Banning. Algumas estantes de vidro cobrem as paredes, e sua mesa de cerejeira fica no canto. No centro está um tapete de pele branco e dois móveis: uma cadeira de couro marrom e um sofá de couro marrom idêntico.

— Sente-se. — Ela diz, apontando para o sofá.

Eu sento na beirada dele, meu pé quicando ansiosamente. Olho pela grande janela, há um parque à vista, o pedaço de verde realmente me acalmando um pouco.

A Dra. Banning segura um caderno em suas mãos, e meus olhos se fixam nele por um longo segundo. Meus problemas serão documentados nas páginas para (espero) que apenas ela veja.

— Você vai me dizer por que eu sou assim? — É a primeira coisa que pergunto. Nem mesmo começando com um cordial "como está o seu dia?". Não. Eu começo deixando escapar minha maior insegurança: *o que diabos há de errado comigo?*

— Talvez com o tempo. Por que não começamos nos conhecendo primeiro?

Eu concordo. Oh, meu Deus. Até terapia eu faço errado... não consigo fazer nada *certo*.

— Fui para Yale fazer meu doutorado e me concentrei principalmente no vício, especialmente no vício em sexo. Agora, conte-me um pouco sobre você. Não precisa estar relacionado a sexo.

Esta deve ser a pergunta mais fácil que ela vai fazer, mas minha língua está pesada na minha boca. — Posso beber um pouco de água?

— É claro. — Ela se levanta e vai até seu frigobar que fica embaixo de uma pintura de Vincent Van Gogh. Quando ela volta com uma garrafa d'água, levo um longo minuto para tirar a tampa e beber.

— Eu... hum, eu cresci em um subúrbio fora da Filadélfia. Tenho outras três irmãs. — Meus olhos piscam nervosamente para ela. — Você conheceu uma.

Dra. Banning sorri encorajadoramente. — E suas outras irmãs, você é tão próxima delas quanto é de Rose?

— Não muito. — digo. — Poppy é casada e tem uma filhinha. Ela é muito mais velha do que eu, então, eu realmente não cresci com ela. E Daisy é muito mais jovem, e quando entrei no Ensino Médio, meio que segui meu próprio caminho.

— Como você era no Ensino Médio?

Eu dou de ombros. — Não sei. Eu era a garota quieta. Ninguém me incomodava, a menos que eu fosse arrastada para as brigas de Lo. Normalmente, ninguém realmente se dava conta de mim, exceto quando havia um projeto em grupo. Eu apenas estava meio que... lá.

— Você tinha amigos?

— Sim, Loren... meu namorado. Ele, hum, está na reabilitação. — Eu coço meu pescoço.

— Está tudo bem, Lily. — Ela diz suavemente. — Rose explicou sua situação. Nós vamos falar sobre ele na hora certa.

De repente, estou com medo de que ela diga que ele é a raiz de todos os meus problemas. E se ela me disser para nunca mais vê-lo? E se *essa* for a solução? Meu peito bate tão ansiosamente que acabo deixando escapar: — Eu sei que nosso relacionamento não é saudável, mas tem que haver uma maneira de estarmos juntos e resolver nossos problemas. Certo? — *Por favor, diga sim. Por favor, não acabe com isso para mim.*

A Dra. Banning me analisa por um longo momento e coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, mas ela escorrega para fora novamente, seu cabelo é tão grosso e volumoso que não fica no lugar. — Por enquanto, quero me

concentrar no seu vício, Lily, e então falaremos sobre como seu namorado se encaixa nisso. Não precisa se preocupar, ok? Vamos tentar trabalhar nisso juntas para encontrar as respostas que você deseja.

Eu relaxo um pouco e deslizo mais para trás nas almofadas para evitar sair correndo do consultório. — Ok.

— Ok. — Ela balança a cabeça e olha para seu caderno. — Vamos voltar um pouco no tempo. Eu quero que você me conte sobre seu relacionamento com seus pais. Como eles se encaixaram em sua vida? E como eles se encaixam em sua vida agora?

Eu aperto os olhos, processando essas relações que eu tentei desesperadamente não classificar por muito tempo. — Quando eu era mais nova, meu pai estava sempre ocupado. Ele ainda está. Eu nunca o odiei por isso. Seu sucesso me deu muitas oportunidades. — Inferno, eu não teria sido aceita em Princeton ou na Universidade da Pensilvânia sem o prestígio da minha família.

— Você nunca ficou chateada por ele não poder passar mais tempo com você?

Eu dou de ombros. — Talvez quando eu era pequena e não entendia como seu trabalho duro pagava por nossa casa e nossas coisas boas. Mas agora, eu só gostaria que ele se aposentasse para que ele pudesse ter mais tempo para si mesmo.

— E a sua mãe? Ela não tem um emprego, não é?

— Não. — digo. — Meu relacionamento com ela é... — Minhas sobrancelhas franzem, tentando colocar em palavras como minha mãe costumava me tratar em comparação com as outras meninas. — Não tenho certeza de como foi. Mas agora, ela me deixa em paz. Falamos brevemente de vez em quando, mas é só isso. Provavelmente é mais por minha culpa. Eu só não tenho estado

muito por perto.

— E por que é assim?

Quando entrei na faculdade, comecei a ir cada vez menos aos almoços familiares semanais. Então, eu meio que parei de ir de vez. Era realmente o único "tempo para a família" agendado e eu sempre encontrava uma maneira de fugir. Para ter sexo.

Respiro brevemente antes de dizer: — Não achava muito importante estar presente. Não comparado com meus próprios assuntos, eu acho.

— Sendo "sexo" o seu assunto. — Dra. Banning esclarece para mim, seu tom clínico.

Eu assinto uma vez. — Parece horrível, não é? — Eu murmuro, a vergonha se infiltrando como um vírus.

— Parece que você tem um problema e está procurando ajuda para isso. Esse é um passo monumental.

— Eu só quero que isso pare. — Confesso.

— Seja mais específica. O que exatamente você quer parar? O sexo?

Eu balanço a cabeça. — Não completamente. Mas meu cérebro parece que vai explodir às vezes. Mesmo que eu não esteja fazendo isso, estou pensando nisso quase todos os minutos do dia. É como se eu estivesse presa nesse *loop* e não soubesse como sair dele. É exaustivo.

— É normal que os viciados sejam consumidos por seu vício, especialmente viciados em sexo, onde grande parte da obsessão é em termos de fantasia. Como as fantasias mudaram desde que Lo partiu? Elas são menos frequentes?

Eu paro e penso sobre isso por um momento. — Eu acho que sim. — digo com um aceno inseguro. — Passo mais tempo sentindo falta dele. Então, talvez, sim. — Claro que isso pode mudar se ele voltar para mim. Ele estará em

casa e eu terei mais energia para fantasiar. Deus, espero que não. Eu só quero que meu cérebro *pare*.

Tomo outro gole de água. — Você vai me perguntar sobre sexo? — Até agora, sinto que estamos dando voltas no assunto. Os terapeutas não deveriam ser diretos?

Dra. Banning inclina a cabeça um pouco, e eu me perco em seus lindos olhos castanhos que me lembram Loren. Só que ele tem manchas âmbar que lembram seu álcool favorito. — É claro. Você se sente confortável o suficiente para falar sobre isso? Rose diz que o assunto deixa você nervosa.

Ela disse isso? Eu me pergunto o quão transparente eu sou na frente da minha irmã. — O que você quer saber? — Pergunto.

— O que o sexo significa para você, Lily?

Eu nunca fui questionada sobre sexo antes. Lo até se esquivou do tópico para evitar o assunto do álcool em troca. — Faz eu me sentir bem.

— No seu questionário, você escreveu que gosta de fazer sexo em locais públicos. Por que você está bem com isso, mas não está confortável com *ménage* ou *voyeurismo*? Leve o seu tempo para responder. Eu sei que você provavelmente não pensou sobre isso antes.

Ela está certa. Eu não pensei. E, por alguma razão, meus músculos começam a se soltar com suas palavras. Eu não sinto como se ela estivesse julgando. Ela realmente parece querer me ajudar. Como Rose. — Eu gosto de fazer no banheiro ou em algum lugar além do meu apartamento porque é mais fácil fugir depois. O momento pode começar e terminar com o sexo, e não preciso esperar para falar com o cara.

— E quando você está com Lo?

Seu nome faz minhas bochechas corarem. — Isso aumenta a emoção. — Lembro-me do vestiário do ginásio. Onde ele agarrou meus pulsos e os forçou

acima da minha cabeça. Eu tinha uma perna em volta de seu quadril enquanto a outra lutava para ficar no chão, mas ele me levantou do chão com cada impulso. Ele me preencheu até eu quase explodir. O tempo todo, algum cara poderia virar na esquina e nos pegar. O risco atiçou meus nervos e aumentou a tensão. Eu estava em chamas, voando dois metros acima do solo em um êxtase tão intenso que quase desmaiei no final.

— E por que não *ménage* e *voyeurismo*?

— Dois caras ao mesmo tempo... — Eu me encolho, lembrando que isso aconteceu uma vez. — Lo... ele me olhou de um jeito estranho quando eu *pensei* que dormi com dois caras. Eu bebi demais, então, não consigo me lembrar do momento, mas... eu não quero que ele me veja assim. — Eu roo as unhas, percebo o que estou fazendo e abaixo a mão rapidamente. — Eu posso aceitar o julgamento de outros caras, a "vadia" e a "puta", mas eu não suportaria ter meu melhor amigo olhando para mim assim. E talvez para outra garota, teria sido bom chegar a esses pontos, mas eu sabia que, para mim, meu vício estava progredindo para novos extremos. E eu não podia deixá-lo ir tão longe.

Ela acena. — Isso é bom. Então seu namorado te ajudou a perceber o que era considerado seguro para você pessoalmente e o que não era?

— Eu acho que sim.

— E você teve a força de vontade para parar.

Eu dou de ombros. Nunca pensei que tivesse muito mais do que *esperança*. Força de vontade – essa parece ser uma palavra forte.

— Você não acha que tem força de vontade? — Ela deve ver minha hesitação e insegurança. Meu fraco encolher de ombros deve ter me entregado.

— Eu não estou melhor, não é? — digo. — Eu deixei Lo dormir comigo

durante a véspera de Natal, e eu sabia que ele não deveria ter feito isso. Eu me masturbo o tempo todo e eu só joguei minha pornografia fora *agora*. Eu nem tenho certeza de quanto tempo isso vai durar.

— Lily. — Ela diz, movendo-se para frente em seu assento. Ela me encara por um longo momento. — Você escreveu aqui que foi monogâmica o tempo todo em que solidificou seu relacionamento com Lo. *Essa* é uma conquista que você pode reivindicar. Tenho pacientes que passaram anos com vários parceiros e ainda lutam para permanecer fiéis. Você passou esses mesmos anos com homens diferentes e, no entanto, está aqui, me dizendo que seu problema *não é* trair, mas sim, masturbação compulsiva, pornografia e relações sexuais. Esse é um grande obstáculo que você superou.

Meu queixo treme. Ninguém nunca me disse que eu fiz algo bom. Esse tempo todo eu pensei que falhei totalmente com Lo, pensei que meu problema atrapalhava minha capacidade de ajudá-lo. Talvez ainda atrapalhe, mas a Dra. Banning está me dizendo que tentei ser saudável para Lo. E eu consegui, em grande parte. — Oh. — Murmuro, incapaz de formar outras palavras. Eu enxugo meus olhos antes que as lágrimas venham.

— Você o ama. — Ela me diz. — Mas sua situação é incrivelmente delicada. Rose me diz que ele foi permissivo com você a vida inteira e, por sua vez, você foi permissiva com ele.

Eu assinto, a dor pesando no meu peito. — Eu vou mudar.

— Bom. Para se tornar saudável, você terá que fazer o inverso. Em vez de permitir os vícios um do outro, vocês precisarão se ajudar.

O meu único problema agora é que não tenho certeza se Lo está disposto a voltar e me ajudar. E se ele seguir seu próprio caminho, que não me envolve mais? Eu não vou forçá-lo a fazer parte da minha vida se ele escolher não fazer. Mesmo que... mesmo que isso me mate um pouco, eu faria qualquer

coisa que Lo quisesse.

Obviamente, esse tem sido o nosso problema até agora.

Isso não vai ser tão fácil quanto parece, eu percebo.

— Lo foi seu primeiro encontro sexual?

— O que... o que você quer dizer com isso?

— Ele foi a primeira pessoa a tocar em você?

Eu me encolho um pouco, tentando trazer meu cérebro de volta para aquelas memórias iniciais. — Sim... nós, uh... tínhamos nove anos, eu acho. — Nós brincamos de "médico" e eu me esparramei no sofá de couro em sua sala de jogos. Nua, sem nenhum juízo, suponho. Mas talvez tivéssemos... sabíamos um pouco sobre sexo aos nove anos. Ele tocou meu peito. Eu o toquei. E então eu peguei sua mão e coloquei entre as minhas pernas. Nós nos separamos depois disso e nunca mais brincamos daquilo. Enterramos o momento como se fosse uma história embaraçosa. Eu explico isso à Dra. Banning. Brevemente.

— Foi consensual para vocês dois?

— Sim. Isso é estranho?

— Nove anos é um pouco velho para crianças brincarem de médico. — Ela me informa. — Especialmente porque, nessa idade, você tem um pouco de compreensão de sexo ou, pelo menos, da sexualidade. Eu chamaria isso de experimentação. Alguém interrompeu vocês?

— Ninguém nunca entrou. A babá de Lo era meio relapsa. Ela costumava sentar no sofá e assistir novelas o dia todo. Então... não é anormal?

— Se algo assim acontece, é melhor que as crianças sejam pegas e, com sorte, os pais podem sentar com elas e explicar o comportamento apropriado. É uma pena que vocês não tenham tido essa orientação, mas eu não me preocuparia muito nisso. Entre nove e doze anos a experimentação sexual é

uma parte normal do desenvolvimento infantil. Você e Lo têm aproximadamente a mesma idade, nenhum de vocês foi coagido ou forçado a isso, então, eu não consideraria anormal.

Eu tento absorver suas palavras antes que ela faça outra pergunta.

— E depois disso, mais alguém tocou em você?

Eu nego com a cabeça. — Não, eu me toquei muito. E então, eu fiz sexo.

— Com Lo?

Eu afundo no assento. — Não, não com Lo. — Eu sabia que ia falar sobre a perda da minha virgindade – como se ela tivesse solidificado o resto dos meus atos nefastos no futuro. A memória enterrada já veio à tona nos últimos dias enquanto eu tentava me preparar mentalmente para esta discussão. — Eu tinha treze anos.

— Ele era mais velho?

— Não muito. Ele era um garoto de quinze anos, filho de uma amiga da minha mãe. Eu estava na casa dele para a festa surpresa de aniversário de seu pai. Foi durante o dia, e todo mundo ficou do lado de fora na piscina. Lo deveria estar lá.

— Por que ele não estava?

A lembrança dói um pouco porque, se os planos de Lo tivessem mudado, sei, sem dúvida, que não teria perdido a virgindade naquele dia. Mas acredito que ainda teria ido por esse caminho. Mesmo que a minha primeira vez não tenha sido alucinante, eu ainda amava o sexo. A maneira como isso explodia meus nervos e sacudia meu corpo a um nível máximo. Assim que senti um vislumbre disso pela primeira vez, eu estava perdida.

— Ele não queria ir à festa. Ele queria encontrar uma bebida e passear à beira do lago. Mas Rose me implorou para ir. Ela não queria que nossa mãe

ficasse focada nela a noite toda, então, eu fui fazer companhia a Rose. E no final, eu a deixei para sair com um cara que me deu um pouco de atenção. Fomos para o quarto dele, e o que estava feito, estava feito. — Meu estômago dói quando admito o resto. — Rose me perdoou. Ela sempre perdoou, mas eu realmente não consigo me perdoar, sabe? Sou uma pessoa horrível e me convenci de que era melhor não me envolver na vida de ninguém. Se eu ficasse longe, eles não seriam machucados por mim e eu poderia fazer o que quisesse. — Eu aceno para mim mesma. — Sim, então foi assim que eu vivi. Mas Rose não aceita ser ignorada. Ela nunca me permitiu afastá-la completamente. — Esfrego os olhos rapidamente.

— E Lo? — Dra. Banning pergunta, sem perder o ritmo. — O que aconteceu com ele naquela noite?

— Eu escapei para a casa dele. Morávamos na mesma rua, então não era tão difícil. E eu subi pela janela dele. Encontrei-o desmaiado na cama. Escondi todas as garrafas dele antes que seu pai as encontrasse, e o enfiei debaixo das cobertas. — Eu aceno novamente, como se aceitasse a memória. Um lembrete doloroso de nosso relacionamento fodido. — No dia seguinte, agimos como se nada tivesse acontecido.

Ela me encara com olhos sombrios, um tipo de preocupação que acho que os terapeutas não deveriam ter. Isso desaparece antes que ela me assuste mais, mas percebo que ela está começando a entender o quão fundo nosso relacionamento emaranhado, confuso e destrutivo realmente vai.

— Depois que você perdeu a virgindade, como seu relacionamento com Lo mudou?

Eu me contorço um pouco na minha cadeira antes de dizer: — Bem... nós sempre fomos amigos. — Estou prestes a dizer que *nada mudou*. Mas não consigo mentir. Depois que comecei a fazer sexo, tudo mudou.

— Então, me leve através de suas experiências sexuais entre o dia em que você se tornou sexualmente ativa até o agora. Como as coisas progrediram? Especialmente com Lo.

Minha mente gira enquanto penso na oitava série e me sinto um lixo por perder minha virgindade tão jovem. Eu não contei a ninguém por meses, e mesmo que eu estivesse viciada na sensação, eu me recusei a fazer isso de novo por um tempo. Com muito medo da culpa angustiante que me assombrava. A segunda vez aconteceu em uma festa de formatura. Um garoto da escola pública a organizou. Lo e eu mal os conhecíamos, então era perfeita para participarmos. Nós dois gostamos do anonimato. A medida em que os anos passavam na escola preparatória, as pessoas costumavam nos agrupar por causa de nossa amizade e status. Éramos Fizzle e Hale Co., e quanto mais eles apagavam nossas identidades, mais nos apegávamos um ao outro.

A festa foi como qualquer outra, exceto pelos quartos no andar de cima. Eles estavam abertos e disponíveis, assim como o jogador de futebol de quinze anos que conheci. Parecia melhor do que da primeira vez, e criei essa teoria de que ficaria cada vez melhor quanto mais eu tentasse.

Lembro-me de sair da festa com Lo no meu ombro. Não conseguimos esconder de Nola o fato de que ele bebeu, mas ela guardou suas opiniões para si mesma e me deixou na casa de Hale. Foi naquela noite, com Lo meio adormecido na cama, que perguntei se ele era virgem.

Eu queria que ele me dissesse *não*. Para aliviar minha vergonha.

— Estou esperando. — Ele murmurou, sonolento.

Minhas sobrancelhas franziram. — Pelo casamento? — Mas ele adormeceu antes que pudesse responder. Mas acho que eu sabia mesmo assim.

Ele estava esperando por mim.

Comecei a fazer sexo a cada poucos meses, nada sério. Eu passava meu

tempo principalmente com pornografia e me masturbando. O dia em que Lo descobriu que eu perdi minha virgindade nem foi grande coisa. Estávamos lendo quadrinhos juntos durante uma tarde chuvosa, e reclamei que *Havok* e *Polaris* precisavam apenas foder e acabar com isso. A tensão sexual deles estava me matando.

Lo olhou para mim e do nada perguntou: — Você fez sexo?

Era como se alguém aspirasse o ar direto dos meus pulmões. — O quê? — Eu chiei.

Ele puxou os joelhos para cima e deu de ombros, como se não fosse nada. Talvez ele estivesse apenas tentando me deixar confortável. — Quando vamos a festas, você desaparece. E quando saímos, você está sempre um pouco diferente.

Eu não sabia como ele reagiria. Se ele me chamaria de vadia, me expulsaria por ser suja. Mas eu nunca tinha mentido para ele antes, e não podia suportar a ideia de começar. Então eu contei tudo da maneira mais breve possível. Eu não queria que ele pensasse que tinham se aproveitado de mim, e fiz questão de enfatizar que tenho procurado a maioria dos caras ultimamente. Que eu gostava de sexo.

Sua primeira pergunta foi: — Rose sabe?

Eu balancei a cabeça, e disse a ele que não queria contar a mais ninguém.

— Eu posso guardar um segredo. — Ele disse, mas suas palavras não aliviaram o pânico em meu peito.

Ele sabe, eu ficava pensando várias vezes.

Ele percebeu minha agitação e me deu uma cotovelada brincalhona no lado do corpo. Seus quentes olhos âmbar encontraram os meus, um pouco preocupados, mas principalmente compreensivos. Soltei um pequeno suspiro de alívio.

— Só... você pode me avisar quando for fazer isso nas festas? Se alguém te machucar...

— Eu sou cuidadosa.

Seus olhos escureceram. — Ainda assim. Nós cuidamos um do outro. Ok?

— Ok.

Então, eu fiz. Nós nos deleitamos com nossos atos e escondemos nossos segredos das outras pessoas. Para todos os outros, éramos Fizzle e Hale Co. Um para o outro, éramos segurança, amor e livres de julgamento e desprezo. Aos quatorze anos, Lo finalmente perdeu a virgindade.

Comigo.

Uma noite desleixada que enterramos sob nosso hedonismo.

Seguimos em frente como sempre e, aos dezesseis, eu fazia sexo pelo menos uma vez por mês. No último ano, nos tornamos um casal falso e tudo mudou novamente. Ele me beijou. Eu beijei de volta. E eu acreditei o tempo todo que estávamos fingindo. Mas houve momentos em que questionei isso. Onde nossa "prática" e as provocações se transformaram em toques pecaminosos. Mais do que provavelmente deveríamos ter.

Quando eu fui para a faculdade, não aguentava mais do que uma semana sem algum tipo de liberação, e perdia horas com pornografia. Ter um lugar longe dos meus pais se tornou minha perdição. Tudo aumentou; meus rituais começavam ao amanhecer e terminavam ao anoitecer. Uma obsessão que interferia no meu sono, meus sonhos, meu *tudo*. Isso me consumiu por inteira como uma espécie de besta raivosa.

Lo e eu podemos ter apoiado os vícios um do outro por anos, mas tenho certeza de que eu estaria em uma encruzilhada ou pior se Lo não estivesse lá. Sempre que eu sentia que estava indo por um caminho sem volta, eu recorria a ele. Para conversar. Sobre qualquer coisa, na verdade. Sua companhia foi

minha graça salvadora.

Minha boca seca quando termino de contar minha história de vida. Eu me sinto exposta e esgotada e realmente não posso acreditar que coloquei tudo para fora como em uma espécie de dilúvio emocional. Dra. Banning me encara com uma expressão que não consigo avaliar, mas ela deve pensar que estou fodida além de qualquer ajuda. Nosso relacionamento co-dependente começou quando crianças e, embora tenhamos machucado um ao outro, também fomos o nosso único sistema de apoio real por muitos anos. Como você conserta isso sem danificá-lo também?

— Você mudou de ideia? — Pergunto a ela. — Está pensando que não deveríamos ficar juntos, afinal?

Dra. Banning bate a caneta no caderno. — Não. Eu só acho que vocês dois têm muito o que trabalhar. E esperamos chegar a esse ponto. Quero que você descubra a fonte desse vício, Lily, e talvez eu possa ajudá-la a chegar lá a tempo.

Ela está me dizendo que pode haver uma resposta, mas não vou tê-la tão cedo. Eu posso esperar. — Eu só... quero saber o que devo esperar. Você vai me dar remédio? Vou precisar passar pelos doze passos ou algo assim?

A Dra. Banning balança a cabeça. — Sem medicação. As drogas não vão resolver o seu problema.

— Mas... eu não consigo dormir... — As noites são horríveis. Tudo o que eu quero é ter um orgasmo, sentir essa liberação, esse êxtase e, se eu não tomar uma pílula para dormir, então, como vou descansar?

— No momento, há um desequilíbrio em seus níveis de oxitocina. Com orgasmos compulsivos, você contrabalanceou substâncias químicas em seu corpo. É por isso que você está passando por baixas agora. É importante que a química em seu corpo se reajuste para um equilíbrio normal. Você será capaz

de lidar melhor e combater compulsões sexuais. As drogas apenas vão mascarar o problema.

Eu tento processar suas palavras, e minha cabeça começa a flutuar. — E quando estou triste? — Com Lo ausente, sinto uma pressão tão forte no meu peito. Sempre ouvi falar sobre depressão, mas nunca entendi o quão debilitante pode ser. Alguns dias, eu só quero ir dormir e nunca mais acordar.

— Posso lhe dar uma receita. — Ela me diz. — Mas eu prefiro que você não tome nenhum antidepressivo. Como eu disse, a química em seu corpo precisa se reajustar. Ela está desequilibrada provavelmente há muito tempo. Agora, se você vai passar pelo programa de doze passos? Não.

Eu franzo a testa. — Mas Lo...

— Você não é alcoólatra. — Ela me diz. — O objetivo do programa de doze passos é eliminar completamente o vício da vida do viciado. Para viciados em sexo, isso é inviável. O sexo faz parte da natureza. O álcool não. Sua irmã sabia disso, e era por isso que ela não queria que você fosse para um centro de tratamento que promovia o programa de doze passos para o vício em sexo. O celibato permanente não será a resposta. A intimidade com seu parceiro é no que vamos mirar.

Intimidade com seu parceiro. — Então Lo…

Ela assente como se pudesse ler meus pensamentos. — Quando ele voltar da reabilitação, ele será uma parte importante na sua recuperação. Eu adoraria que ele a acompanhasse em algumas das consultas.

Eu coro. — Não tenho certeza se ele vai querer fazer isso...

— Pelo que Rose me disse, parece que ele estaria disposto a fazer qualquer coisa por você. — Ela olha para o relógio. — Por hoje é isso. Eu te assustei?

Eu nego com a cabeça. — Não... na verdade, pela primeira vez, sinto que estou indo para algum lugar.

E eu sei que esse lugar é um lugar bom.

Capítulo 8

Depois de mais dias cheios de aulas, terapia e solidão, chegam as férias de inverno. E todo ano, com as férias de inverno, vem o aniversário de Daisy. Nossa mãe perguntou a ela que tipo de festa de Doces Dezesseis Anos ela queria, e ela escolheu passear com o iate por Acapulco e Puerto Vallarta, no México. Samantha Calloway bateu o pé quase imediatamente com a ideia. Não porque seja muito luxuoso, mas porque ela tem um café da manhã especial com suas amigas tenistas na quarta-feira que ela não perderá. Daisy estava pedindo um aniversário de uma semana, não apenas uma noite.

Nosso pai tinha uma reunião de negócios, então, ele também não poderia fazer a viagem. Mas eu intervim e disse à minha mãe que eu iria acompanhá-la. Desde a ligação de Lo, tenho me sentido melhor e meio que quero me testar – para ver se consigo me impedir de fazer algo com um funcionário. Eu sei que posso e estou pronta para experimentar essa vitória pessoal. Dra. Banning até achou que seria uma boa ideia.

Minha mãe ficou mais do que feliz com esses termos, mas Rose não. Ela tem uma competição na *Academic Bowl* durante todo o fim de semana. Assim como Connor. A solução dela? A estrela morena do atletismo.

Ryke.

Ele chegou até a perguntar *pessoalmente* a Daisy se ele poderia se juntar à festa dela porque eu precisaria de ajuda. Eu estava lá quando ela disse a ele que se ele pudesse lidar com um barco cheio de estrogênio, não seria ela quem o

impediria.

Ele engasgou com uma risada seca e disse: — Acho que vou ficar bem.

Ela abriu um sorriso igualmente tenso. — Só estou te avisando.

Daisy convidou vinte de suas amigas mais próximas da escola preparatória, que parecem estar acostumadas a conseguir o que querem. Ele deveria estar com medo.

Depois de um voo para o porto, espero no cais enquanto os comissários recolhem nossa bagagem para trazer ao iate. As garotas de dezesseis anos saem de duas limusines, ajustando seus óculos de sol *Chanel* e reaplicando um brilho labial para combater a luz do dia. Eu me sinto um pouco malvestida em meus short jeans e top. Essas garotas parecem que fizeram um pit stop em L.A. e foram fazer compras: saias longas e ondulantes e tops sem alças justos com bolsas de grife penduradas em seus braços.

Elas me trazem de volta aos meus dias de escola preparatória. Passei a maior parte do tempo evitando essas garotas, com muito medo de como seria rotulada se meu segredo fosse exposto. Lo foi meu único amigo e, como resultado, sou um pouco socialmente inepta quando se trata de garotas. Essa viagem vai ser *incrível*. Só preciso me lembrar de que sou quatro anos mais velha. E mesmo que me façam sentir como um pequeno molusco... eu sou uma estrela do mar brilhante. Uh... eu realmente preciso criar impulsionadores de confiança melhores.

Daisy se destaca entre suas amigas com um metro e oitenta. Quando ela me vê, acena e seus olhos voam para o belo rapaz de 22 anos ao meu lado. Ryke usa óculos escuros e apoia um braço no poste do cais com uma indiferença tão confiante, que o resto das garotas começa a examinar melhor, encarando os músculos definidos de seu bíceps e os cumes visíveis através de sua regata verde. É como uma manada de leoas perseguindo a presa.

Eu bato em seu estômago, meus dedos atingindo a dureza de seu abdômen.

Sua sobrancelha se curva como se eu tivesse enlouquecido. — Que porra é essa?

Eu afasto a minha mão. — Pare de fazer isso.

— Só estou parado aqui.

Esta vai ser uma longa viagem. — Não fique parado *assim*.

— Assim como? Sério, como diabos eu deveria ficar? — Ele joga as mãos no ar.

— Eu não sei. — Exclamo, olhando para as meninas. — Não se incline nas coisas. Parece sexual.

— Eu nem vou perguntar como isso é possível. Além disso, tudo parece sexual para você. — Ele me lembra.

— Elas podem parecer ter a minha idade, mas todas têm dezesseis anos.

Ele olha para as garotas que ainda o avaliam de longe. — Não brinca. E deixe-me adivinhar, você acha que eu vou ficar com uma delas. Eu não sou você, Lily.

Ok, isso dói.

— A maioria dos caras faria isso. — Eu me defendo. — Elas são garotas fofas e os homens geralmente pensam com o cérebro de baixo. Eu só estou contando para o seu pau, caso ele tenha outros planos.

— Deixe meu pau em paz. — Ele rosna. — E, a propósito, deixe sua atitude sexista na praia.

Talvez eu tenha generalizado toda a população masculina como sendo tarada, mas estou um pouco no limite aqui. A última vez que estive em um barco, eu quase arruinei minha amizade com Lo, e acabei formando um relacionamento real, ao invés disso.

Acho que os barcos são meus inimigos. Eles me deixam meio louca.

Eu abro minha boca para dizer isso a ele, mas Ryke me corta: — Controle-se, Calloway.

Ele tem razão. Respiro fundo e me preparo para o pior. Eu posso fazer isso. É apenas uma semana.

Eu rio internamente. Sim. Claro…

⋆⋆⋆

Enquanto as meninas fazem um breve passeio pelo iate, dado pelo comissário-chefe, Ryke e eu encontramos a área de descanso com uma varanda sombreada. Eu me sento no sofá enquanto um garçom nos traz suco de laranja fresco. Como parte do itinerário, minha mãe disse aos garçons para não levarem álcool a bordo. A última coisa que ela quer é que uma das garotas, bêbada, caia das grades e se afogue.

— Por que você não me contou sobre Lo? — Eu finalmente pergunto. — Você entrou em contato com ele. Ele me disse que você na verdade o viu. — A omissão não dói tanto quanto eu pensei que faria. Ryke é estável. Lo precisa dele. Eu posso entender isso.

Ryke coloca seus pés na mesa de centro enquanto eu coloco os meus sob minhas pernas no sofá ao ar livre, segurando um travesseiro no meu colo. — Eu não queria te contar porque você teria começado a me atormentar com perguntas, assim como Lo fez sobre você. O objetivo de estarem separados é para que vocês possam se concentrar em si mesmos. Se vocês estão constantemente se preocupando um com o outro, então isso não vai acontecer.

Todo esse tempo, pensei que Ryke estava cem por cento certo. Mas a Dra. Banning disse que a solução para mim não é o celibato, mas sim, focar na intimidade. E ter intimidade com meu parceiro, na verdade, requer *meu*

parceiro. Pela distância prolongada, posso dizer que ela teme que eu volte para a pornografia, masturbação ou, pior, outros homens, para preencher o espaço vazio. Eu não vou. Ela disse que eu tenho força de vontade e estou tentando exercê-la ao máximo enquanto ele está fora. E se ele não quiser voltar para mim, bem... também estou tentando não pensar nisso.

Eu mexo uma cereja no meu suco. — Você não confia em mim, não é? É por isso que você está aqui.

Ryke estica os braços no encosto do sofá, seus músculos se destacando mais do que antes. Parece que ele é o dono do maldito iate. Como posso obter esse tipo de confiança? Eu gostaria que isso pudesse passar para mim. Pensando melhor, talvez não. Isso significaria que eu teria que me aproximar fisicamente dele.

— Honestamente, estou preocupado com você. Espero que, se você tiver algum tipo de ataque de pânico, eu esteja aqui.

— Porque você prometeu a Lo que cuidaria de mim enquanto ele estivesse fora. — digo com um aceno de cabeça. — Desculpe se estou impedindo você de ter umas férias de inverno melhores. O que você estaria fazendo, de qualquer maneira?

— Recebi um convite para fazer *snowboard* em Aspen com alguns amigos, mas já havia recusado antes de Rose me ligar.

Eu franzo a testa. — Por quê?

— Eu estava planejando escalar montanhas, e meus amigos não escalam, então... — Ele dá de ombros como se não fosse grande coisa.

Ainda estou presa na parte da "escalada". — Você escala montanhas?

— Desde os seis anos. Eu adorava tudo sobre isso e passava horas em academias de escalada *indoor*. Lembro-me de implorar para minha mãe me deixar ir *antes* da escola, mesmo que eu já passasse o dia todo lá desde o minuto

em que o sinal tocava anunciando o fim da aula. Minha mãe odeia, então, ela me colocou no atletismo para ver se eu parava, mas não parei. Acabei encontrando duas coisas que eu amo em vez de uma. Ela ficou em êxtase quando eu disse a ela que mudei meus planos esta semana.

— Você escala montanhas de verdade? — Aperto os olhos, tentando imaginá-lo amarrado e pendurado em uma laje de pedra.

— Sim, Lily, eu escalo *montanhas*. — Ele balança a cabeça como se fosse uma pergunta boba.

— O quê? Você poderia ter passado seus dias inteiros na academia.

— Eu teria ficado entediado. — Ele diz. — Eu escalei tanto que continuei me esforçando para algo novo e desafiador. Era sobre isso que minha viagem deveria ser. Eu ia escalar sozinho o Half Dome, em Yosemite. Já fiz *free solo* no El Capitan no mesmo Parque Nacional algumas vezes antes, mas nunca no Half Dome.

Não faço ideia de quais são essas montanhas ou como são, mas se ele escala desde os *seis* anos e por tantas horas, ele deve ser muito bom.

— Minha mãe está pirando com isso o mês todo, mas o clima acabou ficando ruim na Califórnia, de qualquer maneira. Eu teria que remarcar, mesmo que não viesse aqui.

Se eu tivesse um filho, eu estaria pirando também. — O que é escalada *free solo*? — Quero dizer, obviamente, *solo* implica estar sozinho, o que parece bastante perigoso. Se eu tivesse coragem de subir uma montanha, gostaria de alguém lá para me pegar se eu caísse.

— Sem cordas. — Ele me diz. — Só eu e a montanha e um pouco de giz.

Minha boca se abre lentamente. — O que... isso significa... se você... não. — Eu balanço minha cabeça com a imagem de Ryke perdendo o controle e se espatifando no chão duro. — Por que você gostaria de fazer isso? — Paro para

pensar. — É a adrenalina?

Ele balança a cabeça. — Não, todo mundo me pergunta isso, mas eu não tenho essa sensação como quando eu corro. Se você tem uma descarga de adrenalina quando está escalando, isso provavelmente significa que você está caindo da montanha. Quando você sente medo, seu peito se contrai e você provavelmente vai escorregar e morrer.

Eu arfo. — Você está falando sério? Você não fica assustado? Nem um pouco? — Como isso é possível?

— Não. — Ele me diz. — Você tem que estar calmo, e eu adoro aumentar as apostas e tentar superá-las. Como eu disse, é um desafio.

Eu o encaro como se ele fosse uma espécie alienígena, mas acho que muitas pessoas escalam sozinhas, ou talvez não. — Muitas pessoas morrem escalando sem cordas?

— Talvez um pouco menos da metade das pessoas que fazem *free solo.* — Ele dá de ombros novamente.

— Você é louco.

Ele sorri. — É o que a minha mãe me diz.

O bando de garotas de repente se infiltra no convés em vários tons e estilos de trajes de banho. A maioria é biquíni, mas vejo alguns maiôs que expõem os quadris e a parte inferior das costas. Metade das garotas corre para as cadeiras acolchoadas no deck, tentando lutar pelas que têm a melhor luz. Algumas vão para a nossa área de estar e se sentam ao nosso redor.

Já conheci a maioria das garotas, já que a maioria cresceu com Daisy desde a pré-escola, mas não consigo me lembrar da metade dos nomes. A loira-avermelhado com pele clara e uma leve camada de sardas é a melhor amiga de Daisy: Cleo. Depois, há Harper, a garota nativa americana usando um biquíni com tachas pretas. Não consigo identificar a terceira garota que se senta

conosco. Ela já está tão bronzeada que um pouquinho mais de sol já pode causar câncer de pele instantâneo nela. Ela também usa um brilho labial rosa brilhante que combina com seu biquíni azul-neon, pronta para ser inserida em um clip da Katy Perry.

Daisy se aproxima de mim no sofá. Percebo que ela usa um biquíni com toneladas de tiras em camadas, a cor verde-escura combinando com seus olhos. — Precisamos de alguns lanches. Estou morrendo de fome.

Ao comando, uma garçonete de camisa branca e calça preta se afasta da porta de vidro deslizante. Ela entrega a Daisy um menu com toneladas de itens e uma linha na parte inferior que diz: *se não estiver no menu, peça-nos e talvez possamos fazê-lo.*

— Eu quero chocolate. — Cleo diz para a garçonete. — Que tal... morangos cobertos de chocolate?

A garçonete assente. — Algo mais?

— Eu não posso comer chocolate... então... — Daisy cantarola para si mesma enquanto desliza o dedo pelo menu. Sua expressão vai ficando sombria, como se estivesse frustrada com o que ela pode e não pode comer.

Praticamente sinto Ryke fervendo ao meu lado. Mas ele precisa fechar a boca. Ela não quer chocolate, e ele não deveria pressioná-la a comer como ele fez no evento Fizzle.

Eu tenho alguma influência fraternal e sei que há alguns alimentos que serão bons para ela comer. Eu me inclino para mais perto e aponto para um sanduíche de atum.

— Isso é saudável.

— Mamãe disse "sem maionese". — Ela diz suavemente.

— Bem, mamãe não está aqui. — Jesus, minha mãe passou seriamente dos

limites em algum lugar. É o aniversário de Daisy. Ela espera que ela não coma bolo também? Isso é sacrilégio.

Daisy fica olhando por um longo segundo, pensando nas consequências de trapacear, sem dúvida. Ela já está vestindo 36, e isso medindo um metro e oitenta, o que é fodidamente louco, mas até que a indústria da alta moda pare de procurar esse tipo de garota, não vejo minha mãe mudando.

— Pegue a porra do sanduíche. — Ryke diz a ela. — Você vai queimá-lo nadando.

— Não coma atum. — Cleo diz de repente. — Sua respiração vai feder.

— Sim, eu odeio o cheiro. — Harper concorda.

Já quero estrangulá-las.

Daisy fica tensa com todas as vozes. Ela devolve o menu à garçonete. — Vou querer o atum, obrigada. Minhas amigas terão que lidar com o cheiro. — Ela lança um olhar para Cleo. — É meu aniversário, afinal.

Cleo dá de ombros. — Só estou tentando avisá-la. E se conhecermos algum garoto local gostoso? Você vai assustá-lo com mau hálito. — Deus, elas já estão planejando pegar caras. Isso acabou de passar de um pouco divertido para aterrorizante. Espero estar preparada para lidar com elas. *Por favor, deixe-me estar preparada.*

— Melhor ainda. — Daisy diz. — O cara vai correr até você. Vê, eu te fiz um favor.

Cleo franze os lábios e, em seguida, seus olhos lentamente seguem para mim. — Então, Lily...

Eu me preparo.

— Como você ficou tão magra? Quanto você veste? 34?

Ótimo, ela me faz uma pergunta que eu não tenho certeza de como

responder. A verdade – passo mais tempo consumida pelo sexo do que cuidando de mim mesma. Em minha defesa, eu sou baixinha. Se Daisy virasse tamanho ٣٤, ela desapareceria e precisaria ser hospitalizada.

— Ela sempre foi magra. — Daisy responde por mim com facilidade.

— Sabe, eu nunca fui capaz de dizer se os caras gostam do *look* magra tamanho 34. — Cleo diz com uma falsa polidez. Ela poderia muito bem ter dito 'magrela' em vez de magra. Ela tem que saber que suas palavras são extremamente rudes.

Seus lindos olhos azuis piscam para Ryke, que está fingindo estar ocupado assistindo a um jogo de basquete na televisão pendurada. — Certo, Ryke?

Seus olhos ficam grudados na tela enquanto ele confirma com um simples "Aham".

Cleo se agarra à palavra como se fosse uma isca. — Você gosta de meninas tamanho 34?

Isso é tão fodidamente chato! Eu me mexo desconfortavelmente no meu assento, e Daisy solta um longo suspiro exasperado. — Cleo.

— O quê? — Cleo diz, encolhendo os ombros com indiferença. — Eu só quero uma perspectiva masculina sobre a situação. Eu só tenho irmãs mais novas, ok? Estou curiosa.

Ryke se vira um pouco, seu olhar ainda escondido atrás dos óculos. — Meu irmão a ama, então, obviamente alguns caras gostam de garotas magras. Cada um tem uma preferência.

Harper interrompe um pouco ansiosa demais. — Qual é a sua?

Imagino que ele esteja revirando os olhos agora. Malditos óculos de sol, eu realmente gostaria de vê-lo quebrar na frente de apenas algumas garotas. Como ele vai lidar com todas as vinte, juntas?

Ele responde na hora. — Eu gosto de mulheres. Seios grandes, cinturas curvas, uma bunda que eu possa agarrar. — Ele se mantém firme, inabalável. Estou me encolhendo por dentro e um pouco horrorizada que ele tenha respondido isso. As amigas de Daisy olham umas para as outras, percebendo que todas têm quadris minúsculos, peitos de tamanho decente e não têm bunda.

Daisy examina Ryke por um tempo e depois diz: — Que tamanho de peitos? — *OhmeuDeus.*

— Que tal mudarmos de assunto? — Eu digo.

— Grandes. — Ryke diz a ela.

— Você gosta de agarrá-los também? — Daisy pergunta. Suas amigas literalmente suspiram em voz alta.

O lábio de Ryke se contrai, mas ele segura o que eu *acho* que é um sorriso. Fico feliz que ele ache isso divertido. Eu não acho. De forma alguma. Isso é apenas... não. Se Lo estivesse aqui, ele teria gritado com seu irmão por flertar com uma garota de quase dezesseis anos. É isso que Ryke está fazendo. Mesmo que suas intenções sejam iniciar uma discussão ou deixar alguém desconfortável, parece que ele está *flertando*. — Só se eu ouvir uma mulher gemer quando eu fizer isso.

— Ryke! — Eu grito com ele e murmuro "*chega*". Meus olhos se arregalam para enfatizar que estou falando sério. Eu sei que ele não está intencionalmente tentando flertar de volta, mas ele está prestes a cruzar a linha. E suspeito que ele saiba que isso existe, e que já cruzou muitas em sua vida. Talvez ele pense que as regras tradicionais não se apliquem a ele. Ou talvez ele simplesmente não se importe.

Daisy abre a boca para responder, mas ele a interrompe: — Aí está sua perspectiva masculina. — Ele se volta para a televisão, fechando-se para as

meninas.

Cleo ainda não terminou de me assediar. — Sobre Loren Hale, ele está na reabilitação, certo? Meus pais ouviram de alguns amigos da família. — Ela acena para a garota Katy Perry. — Você se lembra de Greta? Seus pais encontraram um papelote de cocaína e ela foi mandada para a reabilitação. É como se eles não entendessem que somos jovens e queremos nos divertir. Eles já fizeram isso antes.

— Sim. — Katy diz. — É tão hipócrita.

Odeio que estejam comparando Lo a uma adolescente fazendo merda por aí. É assim que começa, claro, mas o problema dele foi além de uma pequena dose de rebeldia adolescente. Não é uma *vergonha* que ele esteja na reabilitação. É o que meu pai disse... *admirável.*

— Ele escolheu ir. — Eu defendo meu namorado, calor se acumulando em meus olhos. — Ele quer ajuda. — Que é uma evolução de onde estávamos antes.

Um silêncio constrangedor se instaura, e Cleo aperta os lábios, evitando meu olhar estreito. Felizmente, os lanches chegam em uma bandeja, resgatando-me da situação tensa. As garotas começam a conversar novamente, e eu olho para Ryke. Ele me dá um aceno de apoio, o que significa mais para mim do que eu *jamais* vou deixar transparecer. Eu quero fazer isso direito. Quero ser forte e lutar, e estar neste barco é um grande passo.

A última vez que estive aqui, eu estava uma bagunça. Este é o meu recomeço.

Daisy pega seu sanduíche, e seu cabelo comprido gruda no atum que escorre dos lados. Ela joga o sanduíche de volta na bandeja e usa um guardanapo para limpar os fios. — Eu odeio o meu cabelo. — Ela murmura baixinho.

— Já ouviu falar em rabo de cavalo? — Ryke diz a ela. Sua antagonização não está ajudando. Depois do Ano Novo, percebi que seu "traço de assinatura" traz inseguranças.

— Sim. — Daisy retruca — Quer que eu prenda *seu* cabelo em um?

Cleo balança a cabeça. — Ele não tem cabelo suficiente para isso. — Ela morde um morango.

— Você pode fazer uns bem pequenininhos em toda a cabeça dele. — Harper entra na conversa.

Ryke mantém o olhar fixo em Daisy. —Você não deve reclamar de algo que você pode mudar.

Os lábios de Daisy formam um beicinho apertado. Ela puxa a faixa de cabelo de seu pulso e reúne suas longas mechas em três seções, trançando-as facilmente. — Feliz? — Ela rebate.

— Só se você estiver. — Ele diz. — Não é o meu cabelo. — Ele retorna ao seu jogo de basquete, onde ele deveria ficar. Ele está me deixando paranoica. Não quero que minha irmã se apegue a ele ou pense que ele está dando atenção a ela pelos motivos errados.

Cleo cruza os tornozelos, sentada em um puff que está de frente para nós. Seu biquíni azul-bebê reluz na pele clara. — Você não vai nadar? — Ela me pergunta. — Onde está seu traje de banho?

— Vou colocar depois. — Embora eu não esteja ansiosa para nadar com as amigas de Daisy. Os olhares de Cleo me deram uma queimadura de terceiro grau. Ela não gosta de mim. O ódio dela pode vir de qualquer lugar – como o fato de eu ser a única que trouxe um cara na viagem, ou de ser quatro anos mais velha – então, eu tento não perder meu tempo questionando isso.

— E você? — Katy pergunta, aproximando-se de Ryke no sofá. — Você vai nadar com a gente? — Seus longos cílios voam sobre a curvatura de seu corpo,

os ângulos de seus músculos tão definidos. Claro que ele escala. Seus músculos gritam: "Eu escalo montanhas!" Não apenas "eu corro pra caralho!". Eu deveria saber. Eu fui boba.

— Vou terminar de assistir a esse jogo primeiro. — Sua voz fica ríspida, e ele se senta mais rígido do que antes.

Eu quero rir, mas não posso porque, com o canto do olho, em outra poltrona, vejo Harper pegando uma minigarrafa de vodca, despejando o conteúdo em seu daiquiri *virgem*.

— O que você está fazendo? — Minhas sobrancelhas se unem. Ela está falando sério? Eu estou sentada bem aqui. Eu não sou tão ameaçadora? Minha mãe disse especificamente *nada* álcool. Todas elas ouviram seu aviso antes que ela as enviasse na limusine.

— Seu namorado pode ser alcoólatra, mas eu não sou. — Harper me diz com um sorriso seco.

— Harper, isso é rude pra cacete. — Cleo diz neste tom pretensioso que faz parecer... bem, não tão rude.

Não aguento mais. — Vou colocar meu traje de banho. — Eu me levanto do meu assento e Ryke, surpreendentemente, segue o exemplo.

Daisy murmura um pedido de desculpas enquanto entramos. Eu dou de ombros para tentar dizer a ela que está tudo bem, mas meus nervos ainda vibram não apenas em frustração, mas em ansiedade severa. Ryke fecha a porta de vidro deslizante atrás de nós.

— Com medo de ficar sozinho com elas? — Eu pergunto.

— Estou com mais medo de *você* ficar sozinha. — Ele me diz.

Oh. Ele tem *zero* fé em mim. — Eu ficarei bem. Devemos colocar nossos trajes de banho.

— Claro.

Nós vamos para nossos quartos, e eu consigo manter uma distância segura de todos os funcionários do sexo masculino. Se Lo é perseguido por estar na reabilitação por alcoolismo, como as pessoas reagiriam à reabilitação por vício em sexo? Nem consigo imaginar. Talvez seja bom que as instalações de tratamento tenham sido um fracasso para mim, de qualquer maneira. Eu não gostaria de envergonhar minha família com a notícia de que sua filha ou irmã é uma aberração.

Fecho a porta do meu quarto, um dos maiores com uma colcha dourada elegante, uma manta de pele e uma cômoda com tampo de granito. Uma *chaise* creme vitoriana repousa contra a parede direita, almofadas com costuras douradas decoram os assentos.

Eu coloco meu biquíni preto simples e passo meus dedos pelo meu cabelo curto antes de dar uma olhada rápida no espelho. Se eu inspiro fundo, minhas costelas aparecem. Eu me sinto mal e, para combater essa emoção, eu normalmente pularia na minha cama e encontraria pornografia para assistir. Masturbar-me até que tudo se transforme em êxtase.

As coisas precisam mudar, eu me lembro. Então, eu me afasto da cama e paro de brincar com meus dedos.

Uma batida soa na minha porta. — Você está nua? — Ryke pergunta.

— Não.

Ele entra. — Você está bem?

Eu engulo o nó na minha garganta. Eu gostaria que Lo estivesse aqui. Ele me faria sentir melhor. Talvez nem mesmo com sexo. Ele apenas sorriria, me beijaria, me diria que sou linda e: "Fodam-se elas". Porque, no final do dia, nós éramos a única coisa que importava um para o outro. Tudo que eu precisava era dele.

— Eu odeio as pessoas. — Eu deixo escapar. Lo e eu costumávamos evitar o mundo inteiro porque tínhamos medo de ser ridicularizados. De como as pessoas nos notariam. Criamos essa bolha em torno de nós mesmos, enchendo-a de mentiras e miséria, até que finalmente estourou.

— Então agora você está generalizando o mundo inteiro por três garotas maliciosas? — Ele pega uma decoração de veleiro na cômoda, derrubando-a enquanto fala. — Quatro garotas, se você quiser incluir sua irmã provocadora.

— Eu exagero muito. — digo. — E se alguém está *provocando*, é você.

Ryke solta uma risada longa e seca. — Isso é engraçado, considerando que seu namorado é dez vezes pior com as palavras. Se alguém pode cutucar a alma de alguém, é ele... e provavelmente meu pai, mas isso é outra história, não é? — Seus lábios formam um sorriso dolorido.

— Então você não machuca as pessoas com suas palavras? — Questiono com as sobrancelhas levantadas.

— Você quer saber a diferença entre Lo e eu? — Ryke pergunta, apoiando os cotovelos na minha cômoda, indiferente e idiota de uma só vez.

— Claro.

— Você se lembra da festa de Halloween? Lo roubou bebida da casa, e ele mal admitiu que pegou. Antes de você chegar lá, ele passou cerca de cinco minutos dizendo a eles todos os motivos pelos quais eles eram fodidos idiotas. Não estava nem perto de ser engraçado, especialmente quando ele disse a Matt que caras como ele não valem nada na vida. Que eles vão pegar merda e comer até morrer. Foi frio e cruel.

Meu peito dói porque acredito em cada palavra que Ryke está me dizendo. Ouvi Lo detonar pessoas na escola preparatória até que elas chorassem, não porque isso o fizesse se sentir melhor, mas porque o machucaram primeiro e foi sua maior arma de defesa.

— Ele deixa pra lá às vezes. — digo baixinho. — Ele nem sempre é assim. — Eu o defendo porque ele não está aqui para falar por si mesmo. E o que eu disse é parcialmente verdade também. Lo sabe quando ir embora. Como a primeira vez que estivemos no The Blue Room. Se alguém está assediando ele de volta, ele não vai ficar lá e aguentar por muito tempo. Ele está muito acostumado a abuso verbal, e acho que ele prefere não ser enfraquecido e esgotado por isso. Ele prefere apenas sair da porra do caminho.

— Tudo bem — Ryke diz —, mas no contexto da festa de Halloween, ele não deixou.

— E o que você teria feito, Ryke? Não roubado o licor? Não começado a luta? Parabéns. — Relembrar o passado coloca um gosto amargo na minha boca. Não podemos alterar esse evento. Falar sobre isso deixa minha pele em carne viva.

— Eu teria dado um soco nele. — Ryke diz facilmente. — Eu teria socado o merdinha na cara. Essa é a porra da diferença. — Ele se endireita, e minha mandíbula abre um pouco, não esperando por isso.

— Você não parece um lutador.

— Não? — Ryke diz, seus olhos pulsando com algo feroz. — Se alguém está me dando merda, eu não vou ficar lá e aturar. Talvez Lo tenha ficado indefeso a vida toda, mas eu não.

— E depois? Teria sido quatro contra um naquela festa. Você teria sua bunda chutada.

— Eu nunca disse que seria a coisa certa. — Ele dá de ombros. — É apenas um tipo diferente de erro.

O erro *dele*. E o erro de Lo. Nenhum dos dois é melhor ou pior, eu percebo. Suas educações diferentes os fazem reagir a situações de maneiras opostas. É isso o que ele está me dizendo.

Também me deixa incrivelmente triste. Porque ele basicamente admitiu estar tão danificado quanto seu irmão. Imagino seu punho voando no rosto de Matt antes que palavras horríveis sejam cuspidas, impulsivas e impetuosas.

É apenas um tipo diferente de dano.

Assim como ele disse.

⋆⋆⋆

Eu flutuo em uma boia amarela no oceano azul cristalino. As garotas, Daisy e até Ryke descansam em suas próprias boias de cores vivas, cada boia amarrada por uma corda para que não nos desviemos do barco ou um do outro. Pego Harper bebendo *outra* minigarrafa de bebida que ela contrabandeou no barco.

Querido Deus, por favor, não deixe uma das amigas da minha irmã mais nova se afogar no fundo do oceano porque elas estão muito bêbadas. Obrigada.

Os primeiros cinco minutos foram realmente divertidos. Tirei uma soneca e ouvi música tocando nos alto-falantes do barco, e meus pés deslizam na água fria.

No entanto, cinco minutos depois, as garotas ficam tão malditamente inquietas que seus gritos e vozes agudas feriram meus tímpanos e me acordaram.

— Oh, meu Deus! Algo me tocou. Era um tubarão?! — Katy grita, assustada. Ela se agarra à boia de Ryke, e ele quase cai na água. A palma da mão dela bate em seu abdômen nu para se segurar, mas, claramente, suas mãos não o agarram ali por acaso. Ela está de olho nos músculos esculpidos dele desde que ele saiu do convés, como se ele os tivesse construído com as malditas mãos nuas. É levemente irritante… e também assustadoramente preciso.

— Relaxe. — Daisy diz a ela. — Provavelmente era apenas um peixe.

Ryke tenta se desvencilhar dela, mas ela agarra seu bíceps agora, seus olhos

em pânico disparando dele para a água, dois segundos antes de gritar: — Salve-me!

Ele cuidadosamente tira os dedos de seu braço. — Acho que você vai sobreviver.

— Oh, sim. Certo. — Ela levanta o queixo e se posiciona de volta em sua boia rosa.

Ryke desengancha sua boia verde do grupo e rema com uma mão até minha corda solitária na ponta. Ele fixa sua boia e coloca seus óculos de volta sobre os olhos.

— Suave. — Eu sussurro para ele.

— É assim que se faz. — Ele concorda.

Reviro os olhos e afundo de volta na minha boia, minha bunda roçando a água por baixo. Pronta para a soneca número dois. As sonecas são ótimas. Quando estou dormindo, mal tenho vontade de pular da água, ir para o meu quarto e realizar alguns atos de amor próprio.

— Sério, isso é possível? — Ouço uma garota perguntar curiosamente. Agora *eu* estou curiosa.

Eu escuto atentamente.

— Juro pela minha vida que foram quatro dedos. — Katy diz. — Fiquei muito dolorida depois.

O queeeê?

Olho rapidamente para Ryke, mas, com seus óculos escuros, não posso dizer se ele está ouvindo o que estou. Dedos. Dolorida. Isso é sexual. Eu sei que não é apenas minha mente pervertida.

— Mas como ele pôde fazer isso? Quero dizer, como eles caberiam?

— Não caberiam. — Outra garota acrescenta. — Eu definitivamente não

acredito em você.

Daisy fica quieta no meio do bando, chutando o mar calmo com os pés.

— Vamos perguntar a Lily. — Cleo sugere. — Ela é mais velha e tem namorado. Tenho certeza de que ela saberia. Lily!

A garota mais próxima joga água no meu peito, e eu hesito antes de me sentar para encarar a fila de garotas. Eu realmente, *realmente* não quero falar sobre sexo com as amigas de Daisy. Toda essa viagem foi sobre eu não pensar em sexo e, no entanto, isso me cerca, mesmo quando eu não quero.

Harper, a mais próxima de mim, explica o debate. — Katy diz que o "namorado dela" — ela usa aspas no ar — coloca quatro dedos dentro dela. Isso é possível?

Eu me contorço um pouco, minha boia batendo no imperturbável Ryke, que olha para o céu, tomando banho de sol durante este desastre. Enquanto estou aqui, a dois segundos de soltar minha boia e flutuar no oceano o mais longe possível deste barco e da conversa.

— Hmmm... — Meus braços se transformam em um vergão vermelho gigante. — Todo mundo tem corpos diferentes.

— Você acabou de me chamar de vagina frouxa? — Katy rosna para mim. *O quê?!*

— Não! — digo. — Claro que não. Os dedos dele poderiam ser pequenos. — Eu tremo. Isso não foi melhor. *OhmeuDeus*. Se eu me jogar da boia e ficar debaixo d'água agora, isso será realmente estranho?

— Bem, quantos dedos Lo costuma usar? — Cleo pergunta. Devo ficar com um tom mais escuro de vermelho porque Cleo acrescenta: — Não fique envergonhada, Lily. É só sexo. De que outra forma vamos descobrir todas essas coisas se não falarmos uma com a outra?

Daisy se endireita em sua boia, deixando cair os pés no meio e apoiando o queixo no plástico verde-azulado. — Como você aprendeu sobre sexo? Poppy e Rose conversaram com você sobre isso?

Ela soava um pouco chateada, como se tivesse perdido alguma experiência monumental de ligação entre irmãs por ser a mais nova.

Ela está enganada. Poppy nunca falava comigo, já que ela era muito mais velha e passava mais tempo sozinha com os meninos do que nos ensinando sobre eles. E Rose – eu sempre acreditei que ela me julgaria por ficar transando por aí. *Não* falar com ela provavelmente é o meu maior arrependimento.

Eu aprendi com a internet, pornografia e revistas de fofocas, como *Cosmo*. A *Wikipédia* também ajudou. Eu me pergunto se teria feito alguma diferença se Poppy ou Rose conversassem comigo. Talvez eu não tivesse tanta vergonha, mas, novamente, talvez não fizesse diferença. Eu nunca saberei. Por mais que eu *odeie* pensar nisso, Cleo está certa. As meninas não devem ter vergonha de falar sobre sexo.

— Quem se importa com quem ela aprendeu? — Katy retruca antes que eu possa encontrar uma resposta adequada para Daisy. — Quero saber mais sobre Lo. Vocês fizeram estilo cachorrinho? Ouvi dizer que é o melhor.

— Eca, isso não é, tipo, na bunda? — Uma garota se encolhe. — Isso deve doer.

— Estilo cachorrinho também pode ser na vagina. — Outra garota se intromete. — Dãã.

Secretamente, dou uma cotovelada na boia de Ryke. Ele oscila e agarra a minha para se equilibrar. Eu o encaro e sibilo: — *Salve-me*.

Ele descansa a cabeça na boia, *ignorando-me*.

Ele está me abandonando para me virar sozinha. — Eu. Vou. Afogar. Você.

— Eu sussurro.

De repente, ele se senta. — Vou pegar um pouco de comida.

— Eu também. — Escondo meu sorriso e, depois de uma breve remada, acabamos de volta ao iate. Eu estendo uma toalha em uma das espreguiçadeiras no deck e deito para me secar.

Ryke esfrega uma toalha no cabelo e depois a joga na poltrona adjacente. — Você com certeza sabe como evitar as pessoas. Tenho que reconhecer.

— Estou tentando melhorar, mas algumas coisas ainda me deixam desconfortável. — Especialmente porque Lo não está aqui para me ajudar a entrar nesse novo e aterrorizante mundo social. Tê-lo ao meu lado tornaria a transição mais suave. Eu não me sentiria tão... desequilibrada pelas pessoas. — E como você pode não se sentir desconfortável com *aquilo*?

— É preciso muito mais para me abalar. Eu não estava prestes a nadar para longe delas.

— Você acabou de fazer isso.

— Porque *você* me pediu. — Ele coloca os pés no convés, sentado de frente para mim enquanto eu relaxo na espreguiçadeira.

— Então você realmente teria ficado lá enquanto eu descrevia sexo com Lo? — Eu pergunto em descrença.

— Você está se esquecendo de que eu basicamente assisti ele te apalpar. — Ryke me lembra. Sim, eu me lembro agora. Quando Ryke conheceu Lo, foi em circunstâncias estranhas. — Sou formado em jornalismo. Na minha profissão, não posso fugir de situações estranhas ou desconfortáveis. Eu só tenho que lidar com elas. E isso é algo em que eu tenho sido muito bom na maior parte da minha vida.

Eu pensei que esta viagem faria um monte de coisas. Fazer-me enfrentar

minhas inseguranças e, ao final, aumentar minha confiança para o futuro. Nunca pensei que isso me ajudaria a entender a figura misteriosa e sombria que é Ryke Meadows.

— Ei. — Daisy sobe no convés com uma toalha enrolada na cintura. Ela se senta na espreguiçadeira em frente à minha e segura um travesseiro decorativo em seu peito, cobrindo-se enquanto Ryke fica sentado entre nós.

Meu estômago embrulha. — Suas amigas estão vindo também? — Estou com medo de ver a multidão de garotas invadir a área do convés e cavar por mais detalhes sobre a minha vida sexual.

— Não, elas disseram que queriam ficar lá fora um pouco mais. — Ela olha para os dedos dos pés por um momento, as unhas pintadas de azul-turquesa. — Sinto muito por elas. Eu não sabia que elas iriam importunar você. É estúpido, de qualquer maneira.

— O que é estúpido? — Pergunto.

— Sexo. Quem se importa com quantos dedos um cara colocou em Katy?

Eu realmente, *realmente* não quero falar sobre isso na frente de Ryke, e posso dizer que ele está mordendo a língua. Ele quer dizer alguma coisa, claramente, mas precisa segurar por dois segundos. Por favor. Será que isso é possível?

Ela continua, antes que eu possa responder. — Eu posso citar cerca de três coisas que são melhores do que sexo. As pessoas fazem parecer que é uma experiência fantástica e, no final, é super sem graça.

Ryke esfrega os lábios, curioso. *Não morda a isca dela*, peço com os olhos arregalados, mas ele não está olhando para mim. — Quais são essas três coisas?

Daisy cruza os braços, se preparando para quando ele retrucar. Ele sempre o faz. Eu deveria terminar isso antes de começar, mas vejo a batalha deles começando e realmente não quero ser atingida no fogo cruzado. — Oxigênio,

chocolate e queda livre. Aí está.

— Sexo é definitivamente melhor do que chocolate, e Lily faria um forte argumento de que é mais importante do que oxigênio. E quando foi que você caiu em queda livre?

— No ano passado, saltei de paraquedas pela primeira vez.

Ele concorda. — Ok, bem, odeio dizer isso a você, mas sexo é dez vezes melhor do que saltar de paraquedas.

— Não, não é. — Ela rebate.

Ryke se inclina um pouco na cadeira. — Então, quem fodeu você não fez isso direito, querida.

Suas bochechas esquentam, ficando vermelhas, mas não tanto quanto as minhas ficam. Graças a Deus. Eu não desejo isso para ninguém. — Não há uma maneira errada de fazer sexo. — Ela responde.

Ryke olha para mim em busca de apoio nessa questão, como se eu fosse o guru do sexo. Eu acho... que meio que sou. Reviro os olhos e suspiro pesadamente.

— Pode haver sexo ruim sim. — digo a ela. — É possível que ele não fosse muito bom.

— Tenho certeza de que ele era tão bom quanto qualquer outro cara.

Ryke intervém: — E você tem outra experiência para comparar ou você está apenas comparando com um cara, uma vez?

Daisy o encara com olhos duros, inabaláveis. — Uma vez, mas, ainda assim, não consigo imaginar que possa ser melhor do que foi.

— Deixe-me te perguntar isso então — Ryke continua a cutucar. Eu quero impedi-lo, mas, toda vez que abro a boca para intervir, ele fala e me corta. — Você por acaso chegou ao orgasmo?

As sobrancelhas de Daisy se juntam enquanto ela tenta se lembrar.

— Eu... eu não sei.

— Então você não chegou lá. — Ryke diz.

Ele coloca seus óculos na cabeça para que ela possa ver seus profundos olhos castanhos, manchas de mel nadando neles. Ele realmente parece que vem em paz dessa vez. O que é bom. Mas, ainda assim, ele não deveria estar conversando sobre isso com ninguém. O que ele me disse antes que ela chegasse aqui? Ah, sim, que há poucas coisas que o deixam desconfortável. Talvez isso seja um problema!

Interrompê-los e encerrar essa conversa absurdamente estranha saiu da minha mente. Principalmente porque minha irmã não parece achar isso tão estranho, e a última coisa que eu quero é envergonhá-la ou tratá-la como uma criança. Tenho certeza de que nossa mãe faz isso o suficiente.

— Mas eu estava... — sua voz desaparece.

— Molhada?

— Sim... — Ela diz suavemente. — Espere, não, eu não estava.

Os olhos de Ryke se estreitam, de repente muito irritados. — Esta foi sua primeira vez?

Ela assente e depois dá de ombros. — Não é grande coisa.

— Sim, é grande coisa sim, caralho. — Ele diz a ela. — Que tipo de idiota entra em uma garota pela primeira vez sem deixá-la excitada primeiro? Provavelmente doeu como o inferno.

— Na verdade, não.

— Eu não acredito em você. — Ele aponta para ela. — Na verdade, você deve ficar longe de qualquer cara que não faça você gozar pelo menos duas vezes antes de foder você. Tenha isso em mente.

Ela balança a cabeça. — Eu não vou fazer sexo novamente. Tenho coisas mais importantes para fazer. Como lavar meu cabelo. — Ela lhe dá um sorriso seco.

— Isso é uma pena, então. — Ele diz. — Você provavelmente iria gostar com o cara certo – talvez até percebesse que é melhor do que a porra do chocolate. — Ele sorri um pouco. — Isso é fofo, você sabe, você deveria dizer isso para o próximo garoto que conhecer.

— Claro. — Ela diz, seu tom ainda cético, provavelmente sabendo que Ryke não está flertando com ela agora. — Talvez eu até diga a ele para experimentar quatro dedos. — Ela sorri com ele por um breve momento.

— Isso eu não aconselharia. — Ryke diz, recostando-se em sua poltrona. — Mas eu também não sou uma garota. Lily?

Minha vez de intervir? Ai, Jesus. — Pois é… não. — Eu digo a ela. — Eu também não aconselho.

— Anotado. — Ela se levanta e nos agradece antes de entrar para usar o banheiro.

Eu imediatamente me viro e confronto Ryke. — I-na-pro-pri-a-do. — Divido as sílabas, para dar ênfase.

Ele desliza seus óculos sobre os olhos, inclina-se para trás e descansa as mãos sob a cabeça. — Eu a estava educando.

— Você estava me envergonhando.

— Parece que isso é um problema seu. — Seus lábios se contorcem em um sorriso. — De qualquer forma, sou melhor que Connor Cobalt. Imagine ele aqui diagramando o sistema reprodutivo para ela. Você preferiria *isso*?

— Não, não, eu prefiro que todos os pênis fiquem a quilômetros da minha irmãzinha. É isso que eu gostaria.

— Não vai acontecer, Lily. Ela tem quase dezesseis. Ela já fez sexo. E ela é a porra de uma supermodelo.

— De Alta moda.

Ele ri baixinho. — Tanto faz. Ela é linda, parece mais velha que você, e muitos caras vão ver isso, se ainda não viram. Ela não deveria se sentir desconfortável falando sobre sexo só porque você está.

Ai. Eu deixei pra lá porque... ele está certo. Eu me encolho ao pensar.

— Não me diga que você gosta dela.

— Eu mencionei que ela tem dezesseis anos? — Ele estala.

— Apenas me certificando. — Eu relaxo um pouco.

Talvez eu esteja fazendo tudo do jeito errado. É bom falar sobre sexo. Sexo não é algo a temer ou a condenar. Eu só preciso encontrar uma maneira saudável de fazer isso. Com Lo, claro.

E então, tudo ficará bem.

⋆⋆⋆

Eu geralmente tomo uma pílula para dormir para combater meus pensamentos conflitantes, mas faço como a Dra. Banning sugeriu e fico longe de medicamentos prescritos. Em vez disso, a escuridão e o silêncio começam a abrir as portas para minhas emoções reprimidas. Eu me enrolo na cama – as ondas do mar não são o suficiente para me embalar no sono. Acabo olhando para o lugar vazio ao meu lado, desejando o calor de outro corpo.

Ficar longe de Lo por três meses é extremamente difícil, mas, com o tempo, tornou-se administrável. Pensar no retorno dele é o que me assusta mais. Toda essa expectativa passa por mim, e imagino o momento em que ele vai ficar na minha porta e gentilmente me dizer que teremos que terminar para sempre. Que ele seguiu em frente, alcançou uma condição saudável e

descobriu que eu sou o câncer gigante em sua vida.

Eu pressiono minha testa no travesseiro. *Não. Chore.* Eu tento, mas lágrimas quentes se infiltram nos vincos dos meus olhos. Eu respiro fundo duas vezes, do jeito que Rose me mostrou.

Lo me fez prometer esperar por ele. Talvez eu devesse tê-lo feito prometer voltar para mim. Pelo menos para me dar uma chance de lutar.

Dez minutos depois, o sexo invade minha mente como um inimigo implacável. Esses sentimentos vão fluir para fora da minha mente com uma dose de êxtase, e meus pensamentos irritantes vão desmoronar e cair. Eu dou boas-vindas ao desejo, emocionalmente esgotada demais para me preocupar com qualquer coisa além de fugir desse estado depressivo. Eu rastejo para fora da minha cama e abro minha mala, vasculhando o fundo antes de encontrar minha bolsa preta de brinquedos de viagem. Eles são todos da mesma marca de uma linha de luxo, e isso meio que me lembra a preferência de Lo por bebidas caras. Ótimo…

Rapidamente, pego um pequeno vibrador rosa em formato de bala e pulo de volta na cama. Abaixo minha calcinha de algodão preta até meus tornozelos e, em seguida, deslizo o dispositivo para dentro. Eu debato se devo me concentrar em Lo. Por um lado, ele é o cara mais sexy no meu arquivo mental de coisas para fantasiar. Por outro lado, lágrimas se acumulam sempre que imagino seus olhos cor de âmbar me encarando, com seu corpo vibrando em cima do meu. Eu só acabo sentindo falta dele e desejando que ele estivesse aqui. Em carne e osso. Abraçando-me.

Resolvo clicar no controle remoto e limpar minha mente de tudo. Eu massageio meu seio debaixo da minha regata cinza. Correndo meu dedo sobre meu mamilo, eu movo meus quadris ritmicamente contra o dispositivo. Calor se acumula em meus braços e pernas, e meu corpo pulsa por uma forte

liberação. Eu deslizo minha mão ao longo do estômago, passando pelo meu umbigo e para o meu ponto inchado e sensível que anseia por ser tocado. Meus dedos esfregam contra o meu clitóris, fazendo meus quadris balançarem e minha respiração travar. *Sim.*

Por favor, faça-me gozar. Por favor, faça-me gozar. Eu canto repetidamente na minha cabeça.

Por favor. Eu alterno entre esfregar lento e rápido e acelerar a vibração da bala com meu controle remoto.

Viro a cabeça e grito no travesseiro. *Por favor.* Eu imploro para a minha mente. *Lo…* Estou consumida demais por essa fome para pensar na tristeza que acompanha o nome dele.

Por favor. E então minhas entranhas se contorcem, meus dedos dos pés se encolhem e minha cabeça flutua, um balão pronto para voar e estourar. Eu ofego pesadamente e fico parada por um momento. A euforia começa a ir embora, e eu quero desesperadamente pegá-la – trazê-la de volta e reviver tudo de novo.

Foi muito rápido, muito superficial, muito insignificante para substituir o buraco no meu coração.

Então, eu começo de novo.

Uma hora depois, encharcada de suor, não tenho pressa de parar. Cada vez que desço de um orgasmo, espero alguns minutos e anseio o próximo antes de começar de novo. Estou pingando, molhada e dolorida e nenhuma dessas coisas me faz desistir. Eu meio que quero me esgotar ao ponto de desmaiar.

Uma batida urgente soa na porta, e meu coração cai. Eu me atrapalho com o controle remoto, tentando desligar o vibrador, mas ele escorrega dos meus dedos e cai no chão. Eu me inclino para pegá-lo sem descobrir minha metade inferior com o edredom, mas quando eu alcanço, meus dedos roçam o

controle remoto e o derrubam debaixo da cama. *OhmeuDeus.*

— Lily! — Ryke diz bem alto. — Estou entrando. É melhor você estar decente.

Eu não estou decente. Eu não estou nem um pouquinho decente. Eu estou quase-surtando-pra-caralho.

— Espere! — Eu grito de volta. Não tenho tempo para pensar. Eu endireito minha blusa, cobrindo um seio exposto que de alguma forma escapou. *Ah, merda.* A porta se abre antes mesmo que eu possa *procurar* minha calcinha sob as profundezas do enorme edredom dourado. Eu o abraço junto ao peito e engulo em seco quando Ryke entra.

Eu tento olhar feio para ele, mas minha paranoia arruína todo o poder do olhar. *Por que não tranquei minha porta?!*

O vibrador de bala zumbe silenciosamente dentro de mim, e meu constrangimento atinge um novo pico. Nunca pensei que isso fosse possível. Percebo o olhar angustiado em seu rosto enquanto ele passa as duas mãos nervosas pelo cabelo castanho, um pouco mais grosso que o de Lo. Eu franzo a testa para sua expressão incomum. Algo o perturbou.

— O que há de errado? — Pergunto. — É sobre Lo? — E se algo aconteceu na reabilitação? E se ele estiver ferido? Eu me endireito, meu pulso martelando.

Ele cruza os braços sobre o peito nu e inclina a coluna contra a minha cômoda, encurvando-se um pouco, seus olhos escurecendo. — Uma das garotas acabou de rastejar para a minha cama.

Não é Lo, mas isso ainda é bastante perturbador. — O que você quer dizer?

— Eu acordei — Ryke diz com raiva — com uma garota de dezesseis anos me *apalpando.* — Seus dedos passam por seu cabelo castanho bagunçado novamente. — Eu não posso lidar com essa merda. Confio em mim mesmo

para não fazer algo com uma garota do Ensino Médio, mas não confio *nelas*. Eu quase fui estuprado, Lily.

Eu não posso deixar de bufar.

— Não é engraçado. — Ele diz categoricamente.

— Eu sei. Sinto muito. — Mas isso... foi meio inesperado.

Ele vai até a espreguiçadeira vitoriana e afofa um travesseiro nas mãos, jogando cada um no chão.

— O que você está fazendo? — Eu grito. Ele não pode ficar aqui. Preciso retirar este vibrador. Eu preciso de *privacidade*.

Ele mantém um dos travesseiros mais macios na cabeceira da *chaise*. — Eu não vou voltar lá. — Ele está deitado de costas, vestindo não mais do que uma calça de cordão que mostra um pouco de definição demais na virilha. Sério, por que Lo *e* seu irmão usam essas coisas para dormir? Elas são tão... sensuais... deixando minha imaginação vagar por lugares muito, muito ruins.

Ele se mexe um pouco, batendo no travesseiro para ficar mais confortável. Isso não pode estar acontecendo.

As vibrações me fazem perder o foco. Eu não posso simplesmente dormir aqui com isso dentro de mim a noite toda. Uma ação deve ser tomada. Mesmo que seja o momento mais estranho (possivelmente embaraçoso) de toda a minha vida.

Eu consigo alcançar debaixo das cobertas e prender meu dedo na corda do vibrador, puxando-o para fora e colocando-o em minha mão. Não posso deixá-lo na cama, não quando faz barulho e, no silêncio da noite, estou com muito medo de que Ryke possa ouvir e pensar que intencionalmente tentei gozar com ele no quarto.

Então, agora vem a parte difícil, eu tento tatear em busca da minha calcinha

sem ser muito óbvia. Quando a encontro, puxo-a para cima das minhas coxas, tentando não me mexer tanto. Quando consigo vesti-la, eu murmuro: — Eu tenho que fazer xixi.

Pego o edredom de pelúcia que pesa uma maldita tonelada e o envolvo em volta do meu corpo como eu já vi em todos os filmes. Só que quando eu rastejo para fora da cama, o edredom pesado arranca o lençol e um cobertor extra embaixo dele. Basicamente, eu apenas despi minha cama. *Bom trabalho, Lily.*

Eu não sou nada discreta. Devo parecer um boneco de neve envolto em um casulo. Pelo menos esconde o fato de eu estar andando engraçado e o vibrador na mão esquerda. Ryke não diz nada sobre meu comportamento estranho. Talvez ele tenha adormecido por causa de seu evento traumático ou eu seja mais furtiva do que penso.

Então... eu caio de cara no chão.

— Você está bem? — Ryke olha para mim.

Minhas bochechas esquentam, e eu rolo como um cachorro-quente queimado, ainda apertando o vibrador na palma da minha mão e segurando o edredom com a outra. Com o canto do meu olho, vejo Ryke sentado e olhando para mim com um olhar de *mas que diabos?*

Agora, eu olho feio para ele, apoiando meu cotovelo no chão para me levantar. — Sou viciada em sexo. — digo a ele. Dizer isso é bom. — Talvez você não devesse estar dormindo aqui.

Ele revira os olhos dramaticamente e se recosta na espreguiçadeira. — Eu posso lidar com você. Eu tenho uma chance maior de ser estuprado fora deste quarto.

— Você honestamente acredita que elas te vão estuprar? — Ele está sendo ridículo.

— Ela basicamente já me molestou, e caras podem ser estuprados também, Lily. — Ele diz. — Achei que você tivesse que fazer xixi.

Eu não preciso, mas preciso desesperadamente chegar ao santuário do banheiro. Ficar de pé parece uma tarefa árdua, então, eu acabo rastejando com meu cobertor em volta de mim. Depois de deslizar pelo quarto ladrilhado, eu chuto a porta e fico de joelhos para trancá-la. Desabo no meu edredom e olho para o teto. Deixo cair o vibrador no chão e ele se move um pouco sobre os ladrilhos de mármore. Eu deveria enrolá-lo em uma toalha e enfiá-lo em uma gaveta, lavar as mãos e voltar para a cama.

Eu sei disso.

Mas eu não faço isso.

Eu sinto que *não consigo*.

Em um movimento rápido, eu pego o dispositivo e o coloco de volta. A pulsação traz de volta meu desejo, fazendo todos os meus nervos congelarem por um breve momento. Eu quero mais. Meus dedos deslizam pela minha barriga e lentamente descem sobre meu clitóris latejante, e eu começo tudo de novo. Um ciclo que eu simplesmente não consigo parar. Fecho os olhos e minha respiração acelera. Bloqueio todos os eventos desta noite, e me perco no prazer em vez de preocupações, tempo e até mesmo esse lugar. Eu não estou em nenhum lugar, exceto aqui.

Meu corpo estremece, e esfrego mais forte com uma urgência sobrepujante. Eu queroqueroqueroquero. *Não*. Eu precisoprecisopreciso. *POR FAVOR!*

Um gemido escapa dos meus lábios, e meus olhos se viram. A liberação repentina e rápida eletrifica meu interior.

E desaparece em poucos segundos. Eu puxo o vibrador e deito imóvel no chão. Lágrimas ardem em meus olhos enquanto minhas ações se infiltram na parte sã do meu cérebro.

Que porra eu acabei de fazer?

Dra. Banning me disse que se recuperar do vício em sexo não significa eliminar todo o sexo. Apenas o tipo que não é saudável. As coisas que invadem meu cotidiano, perturbam minhas rotinas e me transformam em um animal compulsivo. Alguns viciados podem lidar com a masturbação. De repente, percebo que eu não posso.

Meu peito dói enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Não entendo por que não consigo me masturbar como uma pessoa normal. Por que eu tenho que levar tudo ao extremo? Eu pressiono as palmas das mãos nos olhos e choro mais. A situação parece grande demais para mim. Tudo parece muito fora do meu controle.

Eu não traí Lo. Eu me abstive de sexo real, mas isso ainda importa? Eu sou viciada em masturbação. Quando a vida vai me dar um tempo? Eu sei a resposta. E as lágrimas se derramam com força total agora, meu nariz escorrendo, meus olhos queimando. *Esta batalha é eterna.*

Apoiando-me em minhas mãos e joelhos, largo o edredom e rastejo para dentro da banheira, tremendo um pouco enquanto o ar roça minhas pernas e braços nus. Vestindo nada além de calcinha de algodão e uma regata apertada. Eu afundo contra a porcelana e aperto meus braços no peito, me enrolando em uma bola. Eu tento fisicamente me manter inteira. Mas ainda sinto como se estivesse me rasgando. Desfazendo. Em pequenos pedaços insignificantes.

Nada de pornografia. Sem sexo. Sem masturbação. O que mais resta?

Talvez as pessoas me achassem dramática e estúpida por me sentir tão vazia sem essas três coisas. Talvez elas fossem rir ou cuspissem em mim com desprezo. Mas eu não tenho mais energia para explicar *como* o sexo preenche um buraco profundo no meu peito. Como, por um único instante, parece levar tudo de ruim embora.

Respirar dói. Cada inspiração é como uma faca perfurando minhas costelas. Estremeço contra a banheira fria e apoio o rosto nos meus joelhos, fechando os olhos com força. Estou perdendo o controle sobre tudo o que já me fez sentir bem. Sexo e Lo – eles desapareceram e me deixaram tão sozinha.

Minha cabeça pende para o lado, frouxa. Meu corpo está pesado e minhas lágrimas somem, mas a dor no meu peito se intensifica. Eu nem tenho certeza do que vai me fazer sentir melhor. Sem sexo. Sem Lo. Nada pode me fazer inteira novamente. O pensamento rouba minha respiração.

— Lily! — Ryke bate na porta. — Saia. Você já está aí há muito tempo.

Não consigo me mexer. Não consigo falar. Meus lábios congelaram junto com a minha esperança. Por que Lo iria querer voltar para mim? Ele acabou de escapar do inferno, quem iria querer entrar em outro?

— Lily! Eu não estou brincando. Abra a porra da porta.

Abro a boca para responder, mas as palavras ficam presas no fundo da garganta, cansativas demais para serem produzidas. Falar exige uma força que se esvaiu com a minha confiança. Minhas inseguranças engarrafadas me atacam como um parasita cujo único objetivo é destruir até que eu esteja enfraquecida, murcha e morta.

Momentos depois, ouço a porta destrancar. Suponho que ele pegou uma chave em algum lugar. Talvez um comissário de bordo.

— Jesus Cristo. — Ele arfa e se ajoelha ao lado da banheira. Eu pisco lentamente, ainda à deriva. Minha bochecha pressiona a borda da banheira, mas meus braços ainda envolvem meu peito. Meu último cobertor de segurança sou eu mesma. No momento, isso não é muito tranquilizador.

Eu escuto a voz de Ryke enquanto ele disca um número em seu celular. — Dra. Banning? — O quê? Rose deve ter dado a ele o número da minha terapeuta. — Eu sou amigo de Lily Calloway… eu a encontrei em uma

banheira. Ela não responde, e... — Sua voz normalmente firme vacila um pouco. Isso deveria me tirar do meu estupor, mas estou tão, tão perdida. Eu só preciso voltar para casa de alguma forma. Eu preciso encontrar uma razão para me levantar. — Estou preocupado com ela. Você pode falar com ela por mim? — Ele faz uma pausa. — Não quero tocá-la, mas não vejo sangue. Eu não acho que ela se feriu.

Eu não faria isso. Faria? Não…

Sinto o telefone frio sendo pressionado contra meu ouvido.

— *Lily?* — A voz calma da Dra. Banning enche minha cabeça. — *Você pode me ouvir? O que há de errado?*

Tudo. *Isso.* Eu oro por força, mas ela não vem. Eu quero ficar de pé, mas minhas pernas não se movem. Eu preciso de um motivo para continuar... — Me desculpe por te acordar. — Eu mal sussurro. As palavras queimam minha garganta, e eu fecho meus olhos enquanto algumas lágrimas escapam.

— *Não se desculpe, Lily. É para isso que serve minha linha de emergência, ok? Você pode conversar comigo? O que você está sentindo?*

— Envergonhada. — Eu aperto meus olhos com dois dedos. Tenho tanta vergonha do que eu sou e do que faço. Como posso parar? Parece... como uma montanha que eu não fui instruída ou equipada para escalar.

— *O que mais?*

— Cansada. Envergonhada. Chateada.

— *Você está passando por muita coisa agora, Lily.* — Ela me diz. — *É normal sentir essas coisas, mas você tem que ficar forte. Antes de se sentir fora de controle, você precisa conversar com alguém e dizer o que está te incomodando. Não precisa ser eu, mas estou sempre aqui. Como isso começou? É sobre Loren?*

— Sim. Não... eu não sei. — Murmuro. Para um pouco e depois começo a falar, esquecendo que Ryke está agachado perto da banheira a apenas alguns

centímetros de distância. Enquanto falo, um peso começa a sair lentamente (muito lentamente) do meu peito. Ainda está aqui, mas diminui um pouco. — Eu vou ter que parar de me masturbar, não é? — Eu lambo meus lábios rachados e me encolho com minhas próprias palavras.

— *Você acha que não é saudável ou que é um gatilho para outras compulsões?* — Ela pergunta, seu tom sério.

— Eu faço isso — Engasgo — e sempre quero mais. Nunca é o bastante.

— *Desistir de algo não é a mesma coisa que perder o controle. É o contrário, Lily. Você está retomando o controle.*

Eu tento relaxar com sua afirmação. Embora seja algo poderoso, toda a força da frase passa por mim e depois se vai. Imagino Rose dizendo algo parecido. Só então eu ouço. Vejo a força nas palavras. Eu sinto isso, mas não posso me agarrar a isso e *acreditar* do jeito que elas podem. Não sei por quê.

— *Vai ficar tudo bem.* — Ela enfatiza. — *Eu sei que pode não parecer assim agora, mas com o tempo, tudo ficará bem. Você tem que começar a acreditar que pode chegar lá.*

— Eu sei.

— *Ok, bom. Você pode devolver o telefone ao seu amigo?*

Ryke tira o telefone do meu ouvido e o pressiona contra o seu. Eu observo seu rosto enquanto ele ouve a Dra. Banning. Já posso me sentar. Mesmo que tudo ainda doa, tento entorpecer a dor com seu encorajamento. *Seja forte, Lil*, Lo me diria. *Quando eu voltar, serei forte com você*. Eu enxugo o resto das minhas lágrimas, imaginando aquelas últimas palavras. Rezando para que fossem essas as palavras dele e não as terríveis: *seus problemas são demais para mim no momento.* Deus, por favor, deixe-o voltar para mim.

— Sim, eu posso fazer isso. — Ryke assente com a cabeça, seus olhos caindo para o chão de azulejos. — Ele vai responder. Muito obrigado. Estou muito

grato. Você não tem ideia. — Ele desliga o telefone.

— Sinto muito. — Eu digo em uma voz pequena e cansada.

Ryke levanta a mão. — Vou ligar para Lo. Você *não pode* começar a chorar e ter um colapso por telefone. Ele não pode fazer nada para ajudá-la agora, e você sabe o quanto isso vai matá-lo.

Eu assinto descontroladamente, meu coração acelerando com a ideia de falar com ele. — Eu prometo.

Ele hesita antes de discar.

Eu inclino meus braços contra a borda da banheira, quase caindo para estar mais perto do celular – para ouvir a voz dele.

Depois de alguns toques, Ryke diz: — Ei, eu acordei você? — Ele revira os olhos. — Você é um espertinho do caralho... Sim, bem, eu tenho alguém aqui que quer falar com você. — Ele para por um momento e olha para o teto. — Não, ela está bem. Ela acabou de falar com a terapeuta dela. — Ele esfrega o queixo e, em seguida, acena para si mesmo antes de entregar o telefone para mim.

Agarro-o rapidamente, mas assim que o coloco no ouvido, meus pensamentos começam a afundar em algum lugar estranho. Eu esqueço o que planejei dizer. Talvez eu não tivesse nada para dizer a ele. Talvez, eu só quisesse ouvir a voz dele. Eu sussurro: — Oi.

— *Ei.* — Lo responde de volta. Com o canto do olho, vejo Ryke chutando meu edredom de volta para o quarto. Ele evita o vibrador e não faz perguntas sobre isso, mas minhas bochechas coram, mortificadas mesmo assim. Eu afundo mais na banheira.

— É o aniversário de Daisy. — digo a ele. — Estou no México.

— *Ryke já me disse.*

Oh.

Ryke encosta a porta aberta contra a parede e acena para mim. — Não feche isso. — Ele vai para a sua espreguiçadeira, sentando-se com um suspiro exausto.

Uma tensão longa e silenciosa se acumula no telefone, e esqueço o que deveria dizer. Prefiro não mencionar o fato de estar sentada em uma banheira vazia após um colapso emocional. Não quero dar a ele outro motivo para me evitar quando ele voltar para casa. Porque, quem em sã consciência iria querer cuidar disso?

Estou prestes a mencionar como todos nós vamos praticar tirolesa amanhã a pedido de Daisy, mas ele fala primeiro.

— Então, o que aconteceu esta noite?

Merda.

— Nada de mais, e eu não acho que devemos falar sobre isso. Você está aí, tão longe. — Onde quer que *aí* seja. Ninguém vai me dizer sua localização exata. Ele poderia estar no Canadá, pelo que sei.

— Se Ryke te entregou a porra do telefone – alguém que definitivamente desaprova nosso relacionamento – então eu sei que foi ruim. Eu quero saber, Lil. — Não foi assim que imaginei nossa conversa. Achei que evitaríamos o assunto, como sempre fizemos no passado. Ele menciona brevemente o álcool. Eu falo um pouco sobre sexo, mas quando as coisas ficam confusas e realmente focadas em nossos vícios, abortamos a conversa.

— Não foi ruim. — Murmuro. — Ryke me disse para não falar sobre isso. Acho que devemos conversar sobre outra coisa. Você precisa se concentrar em sua recuperação, não se preocupar comigo. — Hesito em ir mais longe. Dra. Banning invade minha mente, e quase posso ouvi-la dizendo que Ryke está errado. Que me separar de Lo não é a resposta. Encontrar uma maneira

saudável de estar juntos é.

Mas ele ainda me quer? Eu não tenho tanta certeza. Eu limpo meus olhos.

Ele solta uma risada curta e amarga. — *Se você não me disser, eu vou ficar me preocupando com isso a porra do mês todo, Lil. E Ryke não compreendeu totalmente o fato de que eventualmente voltarei para casa. E quando o fizer, estarei com você novamente. Vamos ter que começar a conversar e construir um relacionamento melhor. Se eu não posso lidar com essa merda pelo telefone quando estou sóbrio na reabilitação, então, não devo voltar para casa tão cedo.*

Tudo o que ouço é: *vou estar com você novamente*. Afasto o telefone da boca e enxugo lágrimas incontroláveis e silenciosas que descem em uma avalanche. Uma pressão enorme sai do meu peito. Sinto que posso respirar novamente.

— *Lily?* — Ele diz em uma voz frenética. — *Lily, você está aí? Lily, maldição...*

Eu falo no telefone novamente. — Estou aqui.

Eu o ouço expirar e respirar pesadamente. — *Não faça isso. E não me deixe imaginando o que aconteceu.*

Eu descanso minhas costas contra a banheira. — É embaraçoso. — Eu admito.

— *E daí?*

— Você realmente quer fazer isso? Conversar e tal…

— *Se queremos ficar juntos, tipo* realmente *ficar juntos e não voltar a sermos a muleta um do outro, então sim, teremos que conversar. Eu preciso saber quando você está surtando, e você precisa saber quando eu estou surtando, para que possamos impedir um ao outro de fazer merdas estúpidas.*

— Como o oposto do que temos feito. — Dra. Banning disse isso.

— *Basicamente. Olha, gastamos tanta energia escondendo os vícios um do outro e de nossas famílias. Se nos esforçarmos da mesma forma para ajudar um ao outro, talvez possamos fazer isso funcionar.*

Eu gosto desse plano. Ele começa a clarear a névoa que tem nublado meu futuro por tanto tempo. Uma imagem começa a se formar de *nós* quando ele retornar. E estou impressionada com o fato de que haverá um *nós* após uma separação de três meses.

Eu cutuco a bainha da minha camisa. — Nós nos divorciamos. — Murmuro. — Achei que você não ia me querer de volta.

Sua voz cai para um sussurro dolorido. — *Por que você pensaria isso?*

Eu lambo meus lábios secos e rachados novamente. — Casais que se divorciam geralmente não se casam novamente. — Claro que não somos casados de verdade. Mas ele vai entender a metáfora. Ele já usou isso antes quando éramos adolescentes. Brincamos de casinha a maior parte de nossas vidas. É meio fodido, mas acho que é apenas o nosso jeito de ser.

— *Eu vou me casar com você novamente, Lil. Caralho, eu me casaria com você cem vezes até que fosse para sempre.*

Eu aperto meus olhos novamente. — Mesmo?

— *Sim.*

— Mesmo se eu te fizer infeliz?

Há uma longa pausa antes que ele murmure: — *Você não me faz infeliz. Você me faz querer viver. E eu quero viver com você.*

Minha garganta se fecha para as palavras. Fungo, esfrego o nariz e enxugo as últimas lágrimas.

— *Ok?* — Ele respira. — *Então, sobre esta noite, você precisa me dizer o que aconteceu.*

Eu assinto para mim mesma. Certo. — Nos últimos dois meses, eu só estive me masturbando muito. E esta viagem de barco deveria ser melhor do que da última vez. Eu não deveria me transformar nesse monstro compulsivo. — Eu fodi tudo. Mas dizer isso a ele é mais fácil do que eu pensei que seria.

Provavelmente porque sempre fomos melhores amigos antes de nos tornarmos um casal de verdade.

— *Compulsivo como?*

— Eu não conseguia parar. Eu estava usando meu vibrador e então Ryke invadiu o meu quarto porque estava com medo de ser estuprado por uma garota de dezesseis anos.

— *Sério?* — Ele diz, incrédulo. Eu não tenho certeza sobre a que ele está se referindo, então meus nervos se agitam.

— O quê? Qual parte? — Eu coço meu braço.

— *A parte em que Ryke tem medo de uma colegial. Que covarde.* — Ele diz com uma risada.

Eu relaxo. — Isso é algo mau de se dizer sobre o seu irmão.

— *Meio-irmão.* — Lo retruca. *Ceeerto*. Obviamente, há algum problema acontecendo do qual eu não estou ciente.

— Achei que vocês estivessem bem.

— *Ah, sim* — Lo diz sarcasticamente —*, eu só adoro ser o bastardo.*

Acho que antes de Ryke aparecer, Lo pensou que ele era uma criança afetada por um divórcio desagradável entre seus pais. Mas ele acabou descobrindo que, na verdade, ele foi a *causa* da separação deles: um produto da infidelidade.

Ele suspira pesadamente. — *Olha, eu posso perdoá-lo por mentir para mim porque ele tem apoiado minha recuperação e, além de você, ele é a única pessoa que sabe como é estar perto do meu pai. Mas ele pode ser tão fodidamente ofensivo.*

Eu sorrio, feliz por concordarmos nisso. — Eu sei. Ele me incomoda o tempo todo, mas eu meio que tenho que aturá-lo. — Porque ele tem boas intenções. E ele é uma das razões pelas quais chegamos até aqui. Se Ryke não

tivesse se injetado em nossas vidas, temo que teríamos continuado a acobertar um ao outro.

— *Sobre isso...* — Lo para, tentando escolher suas palavras com cuidado. — *Eu não estou me sentindo particularmente feliz com ele, quando eu estou preso aqui e ele está aí...* — Ele se abstém de acrescentar *com você*, mas eu ouço, de qualquer maneira. — *Apenas... não é uma situação ideal.*

— Você não gostaria de estar aqui, de qualquer forma. — digo a ele. — As amigas de Daisy falam sem parar. Seus ouvidos começariam a sangrar.

— *Mas eu ainda estaria com você.* — Ele diz e, em seguida, solta um gemido frustrado. — *Eu só quero te abraçar agora. Isso está me matando.*

— Não tanto quanto a mim. — Eu suspiro.

Lo fica em silêncio por um momento. — *O que aconteceu depois que Ryke te flagrou? Ele não te viu nua, viu?*

Eu coro. — Não, não... — Rapidamente explico minha confusão com o edredom e o rastejar até o banheiro. — Eu deveria ter parado, você sabe. Esse era o ponto em que eu deveria ter encerrado a masturbação pelo resto da noite.

— *Mas você não parou.*

Eu roo minha unha até o fim. — Depois disso, eu fiquei triste. Eu desmoronei. Ryke entrou e ligou para a minha terapeuta. Falei com ela e consegui parar de chorar. É isso. Essa foi a minha noite gloriosa.

— *Eu pensei que você tinha se livrado de todos os seus brinquedos.* — Ele diz, confuso. Imagino suas sobrancelhas franzindo e sua testa enrugando em um pouco de desaprovação.

Merda. Eu disse isso a ele na primeira vez que conversamos. Além de jogar fora minha pornografia (que era verdade), eu menti sobre abrir mão dos meus brinquedos sexuais.

— Eu menti. — digo a verdade de uma vez. — Mas eu realmente joguei fora minha pornografia.

— *Chega de mentiras.* — Lo diz com a voz dura. — *Não vamos mais mentir um para o outro e nem para os nossos amigos. Nós temos que ser melhores.*

— Sim, eu sei. Eu vou. Isso foi... isso foi tudo antes de eu encontrar minha terapeuta.

Eu o ouço se mexer um pouco, a cadeira rangendo.

— Você está naquela cadeira laranja feia? — Pergunto.

— *Não, estou no meu quarto, na minha mesa.*

— Ah... — Eu tento imaginar o quarto dele, e quando estou prestes a perguntar, ele fala.

— *O que sua terapeuta disse esta noite?*

Eu me encolho. — Chega de masturbação para mim. — Eu pressiono minha testa nos joelhos. — Mas eu acho que vai ser impossível até você voltar. Faz tanto tempo. Eu não posso nem imaginar… — Não me tocar? Não atingir aquele ápice apenas uma vez... parece inviável.

— *Quantos anos você tinha quando começou a se tocar?*

Eu beijo minhas rótulas, sabendo bem qual foi o primeiro momento, porque a Dra. Banning me fez cavar minhas memórias para ela. — Nove, mas comecei com a pornografia aos onze anos, depois que encontrei aquela revista na casa do seu pai.

— *Ok, isso é nojento.* — Ele retruca. — *Por favor, nunca mais mencione como você se masturbou com a pornografia do meu pai novamente.*

— Era *sua*, seu idiota. — Eu digo suavemente, não tão ofendida quanto eu deveria estar, eu acho.

— *Como você sabe?*

— Estava na *sua* caixa de sapatos de pornografia, na *sua* prateleira e no *seu* armário.

— Oh. Sem problema, então.

Eu sorrio. Sinto falta de falar com ele, mesmo que nossas conversas não sejam normais em nenhum padrão. Acho que nunca fomos normais. Talvez por isso funcione.

— Bem, isso soa como um plano bom. — digo. — Vou tentar minimizar agora, mas eliminar completamente o "carinho próprio" quando você voltar para casa.

— Esse é o plano mais merda que eu já ouvi.

— O quê? — Eu franzo a testa. *Isto* não é normal. Ele geralmente concorda comigo.

— Não importa se estou aí ou não. Se a sua terapeuta não acha que é uma boa ideia, então, provavelmente não é.

— Mas isso significa... que não poderei fazer nenhum tipo de sexo até que você volte para casa... — Meu pulso acelera com medo repentino. Eu sei que Lo está cortando completamente o álcool de sua vida, mas minha terapeuta disse que os viciados em sexo em recuperação *não deveriam* ter como objetivo o celibato para sempre. É um padrão impossível de manter. O sexo faz parte da natureza humana.

— A menos que seja comigo. — Lo acrescenta.

Agora estou realmente confusa. — Não entendo. Você não está aqui. A menos que você vá me enviar um consolo com o formato do seu pau. — Eu digo esperançosamente.

— Ah, não. Eu não vou deixar ninguém moldar meu pau para o seu prazer. Você pode ter a coisa real no final de março.

— Então, como eu vou fazer sexo?

— *Que tal sexo por telefone? — Ahhhh.* Espere…

— Não é a mesma coisa que eu me masturbando?

— *Não se você está fazendo isso com a minha voz e apenas com a minha voz. Dessa forma, você sabe quando parar e isso vai montar um sistema para você. A parte mais difícil de se recuperar do vício em sexo – para você, eu acho – será estabelecer limites, certo?*

Parece uma ideia muito boa, e estou meio surpresa que ele tenha pensado nisso por conta própria. — Sim, como você sabe tanto sobre isso?

— *Eu tenho conversado com alguns conselheiros que sabem muito sobre vícios, alguns já trabalharam com viciados em sexo antes. Eles estão me dando alguns conselhos.*

Eu sorrio. — Então, podemos fazer sexo por telefone agora?

— *Não.*

— O quê? Mas você acabou de dizer...

— *Você tem que fazer por merecer.*

Huh... — Isso é meio malvado.

— *Eu nunca disse que eu seria legal. Não serei mais permissivo com você, o que significa que não vamos fazer sexo sempre que você quiser. Você terá que encontrar forças para aguentar até a hora certa.*

— E você é quem escolherá quando for a hora certa. Como isso é justo?

— *Eu não sou o viciado em sexo.*

Touché. — Jesus. Achei que o Lo sóbrio seria mais legal.

— *Eu sou legal quando conta.* — Ele diz. — *Você me ama mesmo assim.*

— Eu amo. — Concordo. — Mas se você esperar mais um mês antes de fazermos sexo por telefone, eu posso te odiar.

— *Vou manter isso em mente.*

Ryke bate no batente da porta, e eu pulo com sua presença repentina. Eu esqueci que ele ainda estava aqui. — Terminou? Você está acabando com a bateria do meu celular.

Ele odeia que eu esteja falando com Lo, mas, na verdade, sinto-me mil vezes melhor. Dra. Banning devia saber que ele seria o único capaz de dizer as coisas certas, e da maneira certa, para me fazer acreditar. Ele me deu esperança novamente. Que eu vou chutar a bunda desse vício. E não terei que ficar sozinha quando fizer isso.

— Lo, seu irmão quer o telefone de volta. — Eu digo a ele.

— *Meio-irmão.*

Eu sorrio e saio da banheira.

Eu precisava disso.

— *Eu te ligo mais tarde. Eu te amo.*

— Eu também te amo. — Eu olho feio para ele enquanto entrego o telefone para Ryke.

Ele toca o peito. — Ei, eu liguei para ele para você. — Ele agarra o telefone. — Você não deveria estar me olhando torto. Você, na verdade, deveria beijar os meus dedos dos pés.

— Espere sentado. — digo, passando por ele e entrando no quarto. Meu edredom está em uma bola na base da minha cama. Eu puxo o cobertor emaranhado e me enrolo nele, pulando no colchão. Fecho os olhos, mas não consigo tirar o sorriso bobo do meu rosto.

Chega de me tocar, claro. Provavelmente estarei em um mundo de dor amanhã, mas, por enquanto, sinto que estou nas nuvens.

Capítulo 9

Quase fiz xixi nas calças. Tirolesa deve ser banida de todas as culturas civilizadas. O que eu pensava ser um leve medo de altura se intensificou ao milionésimo grau enquanto eu atravessava uma floresta tropical. Nunca mais.

Eu também quase tive um ataque cardíaco. Só que devido a ver minha irmã deslizando pela corda completamente de cabeça para baixo. Todas as suas amigas continuaram gritando comigo por gritar com *ela* enquanto ela saltava de cabeça sobre a queda de trinta metros. Eu é que sou a louca neste cenário?

Quando decidimos ir almoçar na aldeia, eu poderia praticamente beijar o chão seguro e plano. Daisy escolheu um Café ao ar livre com pequenas tochas a gás pelo chão e máscaras com temas Maya penduradas em guarda-chuvas. Nós nos reunimos em torno de uma longa mesa de piquenique, e eu mal me concentrei no menu. Meus nervos estavam fritos por causa de toda a ansiedade, e o anseio por alívio irritava minha pele. É como se alguém ficasse me beliscando e minha mente apenas respondesse: *vá ao banheiro. Se alivie. Se alivie e você se sentirá melhor*. Eu odeio isso.

E eu sei que não posso mais. Hora de fazer escolhas melhores ou, pelo menos, que não envolvam largar uma mesa de garotas para se masturbar no banheiro. Pensar nas palavras realmente fez com que a culpa surgisse. Sim, eu quero evitar esse tipo de vergonha. Além disso, Lo diz que tenho que fazer por merecer o sexo por telefone. Ceder aos impulsos logo no dia seguinte ao meu comprometimento de parar me concederá zero pontos.

Então, eu me esforço mais.

Respiro fundo e fixo meus olhos no cardápio, debatendo entre tacos de peixe e uma enchilada de frango. As garotas começam a discutir sobre garotos em sua classe e ignoram Ryke e eu com sucesso, já que não temos nada a acrescentar à conversa.

O sol faz minha testa pingar de suor, e uma das garotas reclama sobre precisar que um ventilador seja trazido para cá apenas para resfriá-las. Ryke pede um jarro extra de água para calá-las.

Quando o garçom sai, Ryke cutuca meu braço e pergunta em voz baixa: — Como Lo estava?

— Malvado. — Respondo. — Mas de um jeito bom, eu acho. Isso faz sentido?

— Sim. Com Lo, sim.

Eu gostaria que ele estivesse aqui no México conosco. Talvez no próximo ano ou durante as férias de primavera possamos desfrutar de uma viagem juntos. Isso é, se ele estiver em um lugar onde pode ser cercado por álcool. Ele, sóbrio. Eu, não tão compulsiva quanto ao sexo. Parece muito bom, mesmo que seja um pouco difícil de imaginar.

— Ei, alguém viu Daisy? — Cleo pergunta.

Eu olho para cima do meu menu e procuro freneticamente ao redor da mesa, notando sua cadeira vazia.

— Achei que ela tinha ido ao banheiro. — Harper diz.

— Acabei de voltar do banheiro. Ela não estava lá. Eu verifiquei as cabines. — Cleo nos diz.

Minha cabeça chicoteia para Ryke, meus olhos esbugalhados. E ele diz imediatamente: — Acalme-se. Ela provavelmente está por aqui em algum

lugar. — Ele se levanta da mesa. — Vou perguntar à *hostess* se ela a viu. — Ele tira seus óculos e entra no Café com os ombros rígidos. Eu vejo seus músculos flexionando um pouco através de sua camiseta vermelha. Pelo menos se ele a encontrar com um cara, ele pode intimidá-lo com pura força muscular.

Ligo para o número de Daisy, tentando afastar os pensamentos irritantes sobre como estamos em um país estrangeiro. E mesmo estando hospedados nas partes turísticas, tudo pode acontecer.

Daisy estuda francês na escola preparatória. Não espanhol. Se alguém a sequestrar, ela não será capaz de entender o que está acontecendo.

Minha ansiedade atinge o pico no quinto toque. *Atende*!

Ouço um bipe. *Oi, é a Daisy. Nem Duck e nem Duke*[3]*. Definitivamente não sou a Daisy Buchanan. Eu sou uma Calloway. Se você não errou na discagem, deixe seu nome após o bipe, e eu ligo de volta quando voltar da Lua. Não fique esperando. Pode demorar um pouco. – BEEEP.*

Eu desligo ao invés de deixar uma mensagem mordaz para ela. Ela provavelmente está apenas conversando com alguém no bar ou algo assim... Oh, Deus.

— Ela não está respondendo minhas mensagens. — Katy resmunga. Algumas das outras garotas dizem que também não conseguem falar com ela.

— Ela não é de fazer isso. — Harper diz, suas sobrancelhas franzidas em preocupação. — Ela responde mensagens de texto bem rápido.

— Você acha que ela deu uma de Natalie Holloway[4]? — Katy meio sussurra, meio grita.

— Você *não* disse isso. — Cleo repreende.

Ryke volta e joga um maço de notas na mesa. Sua expressão irritada e preocupada inquieta meu estômago, uma combinação que eu não gosto agora. — Garotas. — Ele gesticula para que todas se levantem. — Deixem suas

bebidas. Temos que chamar um táxi.

Eu me levanto da mesa e ando rapidamente ao lado de Ryke enquanto vamos para a rua para chamar vários táxis. — O que aconteceu? — Pergunto. — Onde ela está? — Carros entram e saem da fila longa e cheia de turistas, e táxis amarelos encostam para nos pegar. O ar está denso de umidade, e as palmeiras se projetam do canteiro central, inclinadas. Mesmo em meio a um suposto paraíso tropical, algo tem que dar errado.

Ele esfrega a nuca. — A anfitriã disse que a viu sair com um homem...

Isso é tudo que eu ouço. Eu me viro para correr pela calçada, prestes a correr e gritar o nome dela a plenos pulmões.

Ryke agarra meu braço e me puxa de volta. — Antes de você ligar para a porra da Guarda Costeira — ele diz rudemente —, acho que sei onde ela está.

— Como? — Pergunto, o medo perfurando meus pulmões.

Ele gesticula para o primeiro grupo de garotas subir na van mais próxima. — Entrem. — Ele diz a elas. — Tessa, você também. — A garota Katy Perry faz beicinho, obviamente esperando andar no mesmo táxi que ele. Mas pelo que Ryke me disse, *ela* é aquela de quem ele quer ficar longe, muito longe.

— Ryke! — Grito. Eu preciso de respostas. Daisy é minha irmãzinha. A garota que seguia Rose e eu como uma pequena sombra. Fingimos acreditar em Papai Noel por mais cinco anos só por causa dela. Eu não posso perdê-la para traficantes mexicanos ou sequestradores ou estupradores ou qualquer merda. Não no meu turno. Eu faria mais do que ligar para a Guarda Costeira. Eu traria os Fuzileiros Navais, o Exército, a Força Aérea, a porra dos paraquedistas militares. Eu teria vinte helicópteros voando pelo país em busca dela. Talvez isso seja excessivo e eles tenham coisas melhores para fazer. Mas eu não me importo.

— Entre primeiro. — Ele me diz, apontando para o último táxi. Eu entro

depois que ele dá o endereço para o primeiro e o segundo motorista. Harper senta-se à minha esquerda. E então Cleo pula e se espreme à minha direita. Como diabos eu acabei em um sanduíche entre elas?

Ryke toma o banco do passageiro ao lado do motorista. — Siga aqueles táxis. — Ele diz. — Rápido. — E o carro acelera.

Cleo se inclina para frente, seu cotovelo afundando na minha coxa. — Ela está bem? — Ela pergunta a Ryke, enfiando a cabeça entre os assentos.

Estou me perguntando a mesma coisa, Ryke. Preciso de algumas informações aqui.

— A *hostess* disse que o cara com quem ela saiu é um agente de viagens local. Ela me deu uma lista de lugares para onde ele leva turistas.

— Então ela não foi sequestrada? — Harper diz.

— Não até que ele perceba quem ela é. — Cleo acrescenta.

Eu olho feio para as duas. — Isso não está ajudando. — Meu estômago afunda e dá nós. Olho para Ryke no banco da frente. — Como você sabe para qual lugar ele a levou?

— Eu tenho um pressentimento…

— Um pressentimento? — Grito. — Ryke, ela está desaparecida, e você mal a conhece...

— Eu a conheço o suficiente. — Ele diz. — Ela é impetuosa pra cacete e corajosa, um pouco ousada demais e fodidamente destemida.

Isso parece certo.

— Confie em mim, Lily. — Ele estica o pescoço por cima do ombro para olhar para mim, e Cleo recua um pouco, recostando-se em seu assento novamente. — Eu prometo que vou encontrá-la. Eu não vou deixar nada acontecer com aquela garota, ok? — Confiança e determinação pulsam em seus

olhos. Só espero que ele tenha escolhido o lugar correto. Prefiro não persegui-la pelo México para descobrir que o guia turístico a sequestrou, afinal.

Assinto uma vez, e Cleo realmente pega minha mão e aperta levemente. Compaixão – algo que não estou acostumada nas pessoas. Especialmente em meninas.

Eu dou a ela um sorriso fraco, e ela retribui. Os táxis param e Cleo abre a porta. Nós rastejamos para fora, chinelos batendo no cimento. As garotas saem dos outros táxis à nossa frente, e todos nos reunimos depois que os carros se afastam. Não faço ideia de onde estamos. Nos pés de uma colina inclinada, vejo um grupo de turistas olhando para o lado de um penhasco amarelado e marrom. Ouço o rugido do oceano e o barulho da água batendo na rocha. Ondas esbranquiçadas deságuam em uma ravina que separa o mirante das falésias. E a multidão observa a rocha e a água. Eu sei o que está acontecendo, mas não quero acreditar.

Ryke praticamente corre morro abaixo em direção aos turistas, e as garotas o seguem mais devagar. Eu corro para alcançá-lo.

— Ela está praticando mergulho?

— Não. — Ele diz, chegando ao fundo. Ele examina os rostos, tentando encontrar o de Daisy entre as pessoas, e eu sigo seu olhar em direção ao penhasco.

Meu coração quase explode. Porque cinco homens bronzeados estão ao lado de um penhasco de doze metros, alguns moradores estão ainda mais alto no topo, provavelmente vinte metros. E alguém salta, seu corpo arqueado enquanto mergulha.

Em linha reta.

Na ravina abaixo.

Oh. Meu. Deus.

Ele faz um pequeno respingo, mas tudo o que vejo é pedra e mais pedra e a pequena fatia de água que ele poderia facilmente ter errado. Que. Merda.

Onde está minha irmã?! E então eu a vejo. Ela não está com os turistas do lado "seguro" onde estamos. Não, ela, de alguma forma, encontrou seu caminho no penhasco. Descalça, ela se agarra ao meio da rocha e se aproxima enquanto um dos mergulhadores a orienta sobre onde colocar os pés.

Eu coloco minhas mãos ao redor da boca. — DAISY. — Eu grito até minha garganta queimar. Ela é louca. Clinicamente.

Ryke congela ao meu lado e solta uma série de palavrões.

— Eu tenho que ir buscá-la. — digo, minhas costelas apertando os meus pulmões. Ela não pode pular. Ela não é uma mergulhadora treinada. Estamos em Acapulco, México, onde os homens provavelmente mergulharam da borda centenas de vezes, cronometrando a velocidade das ondas na rocha, sabendo exatamente em que ponto atingir. Ela não sabe nada!

— Não. — Ryke me diz. — Eu vou buscá-la. Você vai ter um ataque de pânico no meio da porra do penhasco. Apenas fique aqui. Vigie as meninas. Respire, caralho. — Parece que ele precisa respirar também. Ele não perde mais um segundo falando comigo. Ele dispara na direção de onde viemos, tentando encontrar um caminho para o lado do penhasco.

Eu apenas observo o pequeno pedaço do cabelo loiro dela que está amarrado em uma trança no ombro. Ela assente com a cabeça enquanto um mergulhador local aponta para a água abaixo e depois aponta para a rocha. *Pelo menos ele está ensinando a ela*, é tudo o que eu penso. Se ela pular, pode morrer ou ter uma concussão. Isso não está no roteiro.

— Oh, meu Deus. — Cleo exclama, chegando ao meu lado. Seus dedos se enrolam ao redor do corrimão de segurança de metal. — Aquela é Daisy?

As meninas arfam enquanto se amontoam. Todas elas começam a pegar

seus celulares para gravar a morte iminente da minha irmã. Seus dedos se projetam para fora da borda da rocha, não há muito para se prender.

Ela está planejando pular. Ela não está apenas lá em cima para um passeio íntimo pelo penhasco. Esta é a sua ideia de diversão.

— Ela é louca. — Harper diz com um aceno.

Outro mergulhador local salta da borda e voa no ar com precisão. Ele mergulha de cabeça no ponto certo da água, e o homem que ensina Daisy continua falando, como se isso fosse algum tipo de demonstração para ela.

Daisy acena, nem um pouco assustada. Eu praticamente posso ver seus olhos se iluminando com admiração e excitação.

— Ela vai pular? — Harper pergunta. — Há pedras em todos os lugares.

Cleo aperta ansiosamente o corrimão. — Isto não é um oceano. Isso é tão pequeno quanto um rio. Ela não deveria estar pulando naquilo? — Ela aponta para o oceano totalmente azul que atinge a parte norte do penhasco, mas Daisy está do lado, a seção onde o oceano deságua nessa pequena fenda entre nosso ponto de observação e a montanha que ela escalou.

— Já vi esses tipos de mergulhos antes. — Diz Katy (ou melhor, Tessa), mascando chiclete. Ela se aproxima de Cleo. — Há uma pequena área onde é muito, *muito* profundo e, além disso, é raso e muito, *muito* rochoso.

Onde está Ryke?!

— Cala a boca. — Cleo perde a paciência com ela. — Sério, cale a boca.

E então, eu vejo Ryke subindo o penhasco, agarrando sulcos na rocha e colocando os pés em pequenos buracos, projetando seu corpo para cima e para frente com resistência e força. Ele não precisa de um morador local para lhe mostrar o caminho. Ele está escalando livremente, eu percebo. Fazendo escalada *free solo*. Sem corda. Acho que, de alguma forma, ele conseguiu fazer o

que havia planejado antes de vir nessa viagem.

Ainda assim, estou apavorada.

Um local diz algo, e suas cabeças giram na direção de Ryke. O homem se aproxima e estende a mão para Ryke quando ele os encontra. Ele a sacode como se fosse um convidado bem-vindo ao clube no topo de um penhasco deles. Na verdade, eles não estão *no topo*. Isso seria muito alto. Mas o lado do penhasco já é alto demais para mim.

Daisy reconhece Ryke, e olha para a água quando sua boca começa a se mover. Seu rosto fica vermelho e as veias começam a saltar de seu pescoço enquanto ele perde a paciência. Se eu estivesse mais perto, pergunto-me se veria cuspe voando de seus lábios, além de furiosos.

Os moradores o deixam dizer o que ele precisa, e então Ryke se vira para eles, falando um pouco, mas seus movimentos são calmos, menos irados. Eles acenam com a cabeça e depois apontam para a água, respondendo de volta. Deus, eu gostaria de poder ouvir.

Quando Daisy começa a falar, acho que talvez Ryke tenha conseguido convencê-la a voltar ao estacionamento. Mas suas mãos começam a gesticular, zangadas e tão irritadas quanto ele.

Eles estão discutindo.

Ele dá um passo mais perto, com o pé na metade do caminho enquanto eles ficam ali no lado da porra da montanha. O nariz dele toca o dela quando ele chega tão perto do rosto dela, gritando. Seu peito estufa e ela grita de volta. As vozes deles começam a ecoar pela ravina, mas não alto o suficiente para que possamos entender.

E então ela vira de costas para o penhasco e diz algo para o morador local. Ele acena com a cabeça, e Ryke grita para ela. — NÃO! — Todos nós podemos ouvir o medo e a raiva se contorcendo em sua voz.

Mas é muito tarde.

Ela mergulha.

Bem.

Da.

Porra.

Do penhasco.

De cabeça.

Prendo a respiração, meus lábios se separando enquanto meu queixo cai. Nem mesmo um segundo depois que ela mergulha, Ryke pula impulsivamente logo atrás dela.

Isto… não é bom. Lo e eu vamos perder irmãos no mesmo dia.

Eu espero que eles venham à superfície pelo que parecem horas. *Espero. Espero.* A água corre para dentro e depois para fora da ravina em um ciclo sistemático. Espuma branca batendo em rochas pretas e escorregadias.

Onde ela está?

Ryke aparece primeiro no centro da água, acertando o ponto certo. Sua cabeça gira, procurando por Daisy. Ele gira em círculos. De onde estou, posso ver o pânico em seus olhos, e meu estômago dá mil cambalhotas.

— *OhmeuDeus.* — Cleo murmura. — Onde ela está?!

As outras garotas mantêm seus celulares, ainda gravando. Eu deveria ter percebido que Daisy estaria em maior perigo fazendo algo potencialmente fatal do que ser sequestrada. Eu deveria ter tido uma conversa sobre não *pular do penhasco para a morte* antes da viagem começar.

E então, sua cabeça rompe a superfície da água, a poucos metros de Ryke.

No que parece ser uma região profunda e segura.

Solto um pequeno suspiro de alívio.

Ryke parece pronto para estourar um vaso sanguíneo do pescoço. Ele desconta sua agressividade na água e respinga água nela. Ela respinga de volta, e eles começam a gritar novamente. Ela balança a cabeça e acaba nadando em direção à margem rochosa.

Dez minutos depois, eles aparecem perto do topo do morro, esperando por nós e pingando. Ryke passa a mão pelo cabelo grosso e encharcado. E a regata verde de Daisy gruda em seu corpo esbelto enquanto seu short jeans pinga. Todas começamos a andar, e eu ouço a discussão deles quando me aproximo.

— Ele me disse onde pousar! — Ela grita. — Eu tive aulas de mergulho na sétima série. Eu estava bem, Ryke! — Ela teve aulas, eu me lembro agora. Nossa mãe a obrigou a fazer um monte de coisas, tentando encontrar seu talento até que ela acabou modelando.

— Você deixou todas as suas amigas na porra de um restaurante! — Ele grita de volta. — Sua irmã pensou que você tinha sido sequestrada! Quão egoísta você é?

Suas bochechas ficam vermelhas. — Achei que ninguém se importaria…

— Besteira. — Ele zomba. — Você sabia que viríamos atrás de você. Você sabia que iríamos te encontrar e arruinar nossos planos para garantir que você estivesse viva. Você queria que nós te perseguíssemos.

Ela balança a cabeça rapidamente. — Não. Eu só queria fazer isso, mas sabia que Lily não deixaria. É por isso que escolhi Acapulco – por este penhasco. É famoso. E sinto muito por arruinar o dia de todos, mas valeu a pena.

— Você poderia ter morrido. — Ele rosna, seus olhos se estreitando com tanta raiva, que eu já teria recuado. Daisy está com os ombros apertados, a cabeça erguida, resoluta. Ryke está certo. Nada a assusta.

— Eu sei.

Ele a encara por um longo, longo tempo e, quando eu chego, hesito em interromper a briga acalorada deles. — Você queria morrer? — Ele finalmente pergunta.

Daisy pisca por alguns segundos, mas sem estar confusa. É como se ela esperasse essa reação. Ela dá de ombros e diz: — Como você me encontrou, afinal?

— Queda Livre. — Ele diz a ela. —Você disse que é melhor do que sexo.

Seus lábios se contorcem em um sorriso. — Você concorda comigo agora?

— Por mais divertido que tenha sido — ele diz rudemente —, nunca será melhor do que *foder* alguém que você ama. — Ele acrescenta: — Não faça essa merda de novo. — E ele se vira e gesticula para o bando de garotas segui-lo de volta ao estacionamento.

Eu pego o braço de Daisy antes que ela vá até Cleo. Seu sorriso fraco imediatamente some quando vê minha expressão furiosa e quase em lágrimas. Eu nunca estive mais apavorada.

— Lily... me desculpe. Minha intenção não era te assustar.

— E se você morresse?

— Eu não morri. — Ela toca meu braço e o sacode. — Vamos. Fique feliz, estamos no México.

— Isso não está certo, Daisy. — digo. — Você não pode simplesmente sair correndo sem dizer a alguém para onde está indo. — Eu nunca li o Manual da Irmã Mais Velha, então, decido apenas dizer a ela o que sinto. Isso tem que ser o suficiente. — Poderíamos ter encontrado um penhasco que fosse supervisionado, não um claramente destinado a mergulhadores profissionais locais.

— Eu queria pular desse.

Eu suspiro pesadamente. — Você está se ouvindo? Você *queria* esse? Você soa como Cleo e Harper, mimada e arrogante.

Ela se encolhe. — Eu sinto muito. De verdade. — Ela balança a cabeça. — Eu não deveria... Se eu soubesse que você reagiria assim, eu teria parado.

A coisa assustadora é que… eu não acredito nela. Nem um pouco.

— Ok. — Nada mais pode ser dito. Ryke brigou com ela. Eu dei a ela o olhar de desaprovação, arrasado.

— Eu não estou na sua lista negativa, estou? — Ela pergunta. — Honestamente, eu nem pensei que você tivesse uma.

— Eu não tinha.

Ela suspira. — Então eu sou a única pessoa nela?

Não posso deixar de sorrir. Começamos a voltar juntas, as amigas dela mais à nossa frente. — Eu acho que sim.

— O que eu posso fazer? — Ela pergunta. Seus olhos brilham. — Já sei! Bolo. Bolo resolve tudo. — Ela grita para as meninas: — Hora do bolo!

Elas comemoram e aplaudem, girando para gravar Daisy para o final de seus vídeos. Tenho certeza de que eles circularão por sua escola preparatória por algum tempo. Ela será uma superestrela. Por todas as razões erradas.

Ryke se vira por causa do anúncio e ainda parece chateado. Ele revira os olhos e sacode a água do cabelo com uma mão firme.

— Sabe o que ele me disse? — Daisy diz. — Ele me disse que eu ia abrir meu crânio, sangrar no oceano e ser comida por tubarões. E então ele vai e pula atrás de mim. — Ela solta uma risada irritada. — Eu não precisava que ele fosse meu herói, aparecendo, escalando o penhasco e falando espanhol com os moradores locais.

— Espere, eles não falam inglês?

Daisy percebe que deixou essa pequena parte escapar. Ela estremece ao dar um sorriso de desculpas. — Eles estavam me explicando coisas, e eu apenas respondia com 'Sí' repetidamente. Eu entendi a essência do que eles estavam dizendo enquanto moviam as mãos. Você deveria estar mais surpresa pelo fato de Ryke ser *fluente* em espanhol.

— Eu não estou — Retruco — porque ele cresceu com uma mãe tão neurótica quanto a nossa.

— Sério? — Suas sobrancelhas franziram.

— Eu não a conheço pessoalmente. — Esclareço. — Mas ela o manteve ocupado. — Eu me abstenho de dizer *como você* porque ela não precisa se sentir mais atraída por ele do que eu acho que ela já está. A diferença de idade deles é um grande empecilho. Ryke entende isso, e temo que Daisy não.

— Oh.

Eu hesito. — Daisy, você não... — *tem uma queda por ele.*

Ela encontra meus olhos e os lê bem. — Como você disse antes, Lily, ele é sete anos mais velho... bem, prestes a ser seis. — Ela tenta me dar um sorriso tranquilizador antes de sair do meu lado e alcançar Cleo, mas eu não estou satisfeita. Porque ela olha de volta para Ryke enquanto ele tira a camisa molhada e a torce. Seus olhos voam sobre o corpo dele, e eu vejo um futuro não tão bom.

Não tenho certeza de como Lo reagiria a um cenário de Daisy e Ryke.

Tudo o que sei é que ele não ficaria feliz.

---

3. Aqui, ela faz uma brincadeira com o primeiro nome dela e três sobrenomes que pertencem: a *Margarida* (Daisy), do desenho da *Disney*; uma personagem de uma série famosa (*Os Gatões*, no Brasil); e uma personagem do filme *O Grande Gastby*.
4. Jovem de 18 anos de desapareceu durante uma viagem de formatura em Aruba.

Capítulo 10

Março

De volta aos Estados Unidos, o frio de março torna quase impossível não vestir várias camadas de roupas. Eu elaboro um plano para ficar em casa até o último segundo. Normalmente chego sete minutos atrasada para a aula quando decido ir, mas acho que todos deveriam ter um período de tolerância de dez minutos. Sério. Está frio.

As únicas vezes em que encaro o clima é para ir nas minhas sessões de terapia com a Dra. Banning. Hoje foi tudo decentemente bem, eu acho. Sinto que estou no caminho para descobrir por que tenho esse vício, e ela me dá a perspectiva e orientação de que preciso tanto.

Para ocupar meus pensamentos e não ficar obcecada com sexo, assisto a uma comédia romântica na *Netflix* no meu quarto. Fechei meu dossel para sentir como se estivesse em uma selva, minha rede me protegendo dos mosquitos. O que é meio divertido. Eu faria algumas piadas de safári, mas lembro de que estou sozinha. E não há ninguém por perto para apreciá-las.

O notebook descansa na minha barriga enquanto mastigo um *Twizzler*. Depois de me abster da masturbação, eu me voltei para o açúcar, doces e basicamente qualquer coisa que apodreça meus dentes. Quase não ajuda, mas é melhor do que sucumbir aos impulsos.

Meu telefone toca, e eu me contorço pelo meu cobertor da *Marvel*. Quando

pego meu celular, noto o número desconhecido na tela. Meu peito fica mais leve quando desligo o computador e pressiono o celular no ouvido.

— *Ei, é Lo.*

Isso é o suficiente para me fazer sorrir de orelha a orelha.

— Que Lo? O nome do meu namorado é Loren.

— *Suas piadas foram ficando cada vez menos engraçadas sem mim.*

Eu finjo um suspiro. — De jeito nenhum. Você tinha que estar aqui quando eu fiz a *melhor* piada da girafa da história. Foi hilária.

— *Duvido.* — Ele diz, mas posso senti-lo abrindo um sorriso.

Eu mordo um pedaço do *Twizzler*, tentando controlar meu próprio olhar bobo, mesmo que ele não possa me ver. — O que você está fazendo? Como está a reabilitação? — Antes de ele ligar, eu planejei perguntar mais sobre ele. Da última vez, a conversa girou em torno de mim, e não quero que isso aconteça novamente. Mesmo que minha recuperação exija esforço de nós dois, isso não torna a dele menos importante.

— *Está bem.* — Responde. Imagino ele dando de ombros. — *E você? Você foi à terapia hoje?* — Então eu tenho um namorado que não gosta de falar sobre seus problemas. Isso pode ser mais difícil do que eu pensava.

— Não mude de assunto. Quero saber como *você* está. — Eu tranço três Twizzlers juntos para formar um pedaço gigante e delicioso.

— *Minha vida é chata.* — Ele suspira.

— Não, não é. — Respondo. — Você provavelmente está fazendo várias coisas legais. Como falar com as pessoas. E... jogar sinuca. E... — Eu não tenho ideia do que diabos ele faz na reabilitação, e acho que esse é o problema.

— *E nada divertido.* — Ele me diz. — *Eu não estou aí. E não estou com você.*

— Eu pensei que você disse que temos que começar a *conversar.* — Enfatizo.

— Isso serve para nós dois, você sabe. Não podemos apenas discutir meu vício e não o seu.

O silêncio se espalha pelo fone por um momento dolorosamente longo antes que ele diga: — *Eu estava conversando com Ryke outro dia... ele me perguntou quem é Aaron Wells.*

Meu *Twizzler* escorrega da minha mão. Sinto que Lo está desviando, e está meio que funcionando, já que Aaron Wells faz meu estômago revirar. E eu estava planejando *nunca* contar a Lo o que aconteceu no lançamento do refrigerante Fizzle, especialmente enquanto ele estiver na reabilitação. Eu não queria dar a ele uma razão para querer beber.

Lo continua. — *Perguntei a ele por que ele queria saber. E ele não me deu uma resposta direta, apenas disse algo sobre como ele foi a um evento familiar com você. E eu pensei, por que diabos ela iria querer trazer aquele babaca para uma festa? E então me lembrei de sua mãe e como ela costumava arrumar encontros para você antes de namorarmos.* — Ele faz uma pausa. — *Alguma coisa aconteceu, não foi? Aaron sabe que estou na reabilitação. Ele provavelmente decidiu que agora era um bom momento para se vingar, certo? Você está indefesa enquanto eu estou basicamente preso aqui.*

— Você não está preso. — digo. Não quero que ele pense na reabilitação como uma prisão. Não quando está ajudando ele.

Ele geme, e eu o imagino esfregando os olhos cuidadosamente. — *Eu quero estar aí com você.* — Ele diz. — *Eu não quero que Ryke seja a pessoa protegendo você. Esse é o meu trabalho, e pretendo ser fodidamente melhor nisso do que fui antes...* — Ele para, e entendo o resto: *antes de você quase ser estuprada.* Sim, ele estava um pouco consumido demais pelo álcool para vir em meu socorro naquela noite. Felizmente eu escapei disso, mas ainda dói pensar no assunto. Tenho tentado evitar banheiros públicos desde então e tento não ser atormentada pelo medo de ser atacada. Às vezes isso me invade, e eu me retraio em grandes multidões, mas eu sempre fui mesmo um pouco reclusa.

Eu gostaria de poder responder que *não precisava de proteção*. Mas isso seria uma mentira total. Aaron estava agressivo naquela noite, e eu precisava de algum tipo de reforço para me ajudar. — Ryke não me protegeu. — digo suavemente. Abro a boca para explicar, mas Lo já tirou conclusões precipitadas.

— *O quê?* — Sua respiração fica pesada. — *Se ele te machucou, porra, eu vou...*

— Lo. — Eu o interrompo. — Eu só quis dizer que não foi Ryke que me ajudou... foi seu pai.

O silêncio ecoa pelo telefone novamente.

Eu explico. — Ele viu Aaron me incomodando, e ele o ameaçou. Funcionou. Aaron me deixou em paz depois disso.

O telefone estala.

— Lo?

Então eu o ouço expirar. — *Meu pai?*

Talvez eu não devesse ter mencionado nada. Foi preciso muita força para se afastar de alguém que ele ama, mas que o machucou. E se deparar com um lado decente de Jonathan Hale torna difícil cortá-lo completamente da vida dele. Mesmo que isso possa ser melhor para Loren agora.

— Sim. — No momento, há apenas uma pequena chance de que ele se abra sobre seu pai, e acho que ele nem mesmo sabe como se sente sobre o homem. Eu falaria com ele sobre isso, mas ele terminaria a ligação antes mesmo de eu começar a cutucar o assunto. Então, eu quero mudar de assunto antes que ele desligue. — E a reabilitação? — Eu pergunto. — Você não pode continuar se esquivando dessa conversa.

Eu o imagino apertando os olhos com aquela agitação familiar, e ele geme novamente, aborrecido. — *Você acabou de deixar minha cabeça girando e quer*

saber sobre a reabilitação?

— Sim. — digo, sem recuar. Eu tenho que pressioná-lo.

Ele solta um longo suspiro. — *Estou sóbrio. Eu apenas pensei que seria diferente ficar sóbrio por tanto tempo.*

— O que você quer dizer?

— *Eu estava tão miserável quando estava bêbado, e me convenci de que estar sóbrio seria o oposto de estar miserável. Acho que pensei que a sobriedade seria incrível. Não me entenda mal, é legal. Às vezes, consigo pensar com mais clareza e filtrar algumas besteiras que normalmente não teria problema em dizer. Mas é um saco, também. Dói mais.*

Agora, ele tem que enfrentar a dor. Estou passando por algo parecido. Todas as situações das quais eu fugiria com sexo e um orgasmo são coisas que eu tenho que confrontar. É difícil, e torna os impulsos ainda mais difíceis de conter.

— *Mas eu não vou voltar para o que era* antes. *Por nada nem por ninguém...*

— Seu pai? — Pergunto, sabendo que tem que ser o "ninguém" a quem ele está se referindo. Jonathan Hale tirou o fundo fiduciário de Lo, sua herança e tudo o que garantia financeiramente o futuro de Lo. Tudo porque Lo não vai voltar para a faculdade e viver de acordo com seus padrões impossíveis de alcançar.

— *Sim. Ele.* — Lo murmura. — *Ele é o assunto favorito do meu terapeuta.*

Talvez eu possa facilitar isso... — Você vai conversar com Jonathan quando voltar?

— *Eu não sei mais...* — Ele para por um momento. — *Ele é um dos meus gatilhos para beber, mas eu não precisava de reabilitação para descobrir isso.*

Meu peito se contrai. — Eu sou... — E se *eu* for um gatilho. Oh, Deus.

— *Não, Lil.* — Ele me diz com uma risada curta. — *Você é o oposto. Você é*

minha estabilidade... meu lar.

Eu inspiro fundo, suas palavras fazendo meus olhos arderem um pouco. Ele sempre foi como lar para mim também. Eu limpo a garganta, não querendo ficar toda sentimental pelo telefone. Eu não tenho muito tempo para ouvir a voz dele. E então estarei sozinha novamente. — Quando você voltar, o que vai fazer? — Ele não vai para a faculdade, e precisará ganhar dinheiro agora. Ryke e eu nos oferecemos para ajudar com suas finanças, mas o orgulho de Lo esmagou a ideia.

— *Não tenho certeza. Vou me preocupar com isso mais tarde.* — Lo diz suavemente. Eu gostaria de poder ampará-lo ou abraçá-lo. Qualquer coisa. Ele parece um pouco perdido, mas que pessoa de vinte e poucos anos não está? A única diferença entre Lo e eu neste momento é que eu ainda estou na faculdade. Mas estamos na mesma situação. Não estou mais perto de saber o que quero fazer com o resto da minha vida do que ele está. Eu gostaria que meu futuro diploma pudesse escolher magicamente uma carreira que seja perfeita para mim. Se quatro anos de faculdade me comprassem *isso*, seria perfeito.

— *Podemos desviar a conversa de mim agora?* — Lo pergunta. — *Como você tem passado?*

— Estou um pouco frustrada. — Murmuro. — Sexual *e* mentalmente.

— *Mentalmente?* — Ele pergunta, preocupado. — *Você está bem?*

— Simsimsim. — Eu digo rapidamente. — É só que as sessões de terapia me esgotam. Quero tanto saber por que sou viciada em sexo. Dra. Banning diz que a resposta pode não ser tão clara. E eu só me preocupo que quando eu encontrar... não vou gostar.

Sua respiração fica pesada do outro lado da linha, e suas palavras saem como um sussurro. — *Você acha que sou eu?*

Parece uma facada no peito. Eu olho para a trança de *Twizzler* no meu colo. — Sou *eu*, Lo. — Engasgo. — Não posso culpar ninguém pelos meus problemas. Eu só tenho que descobrir como tudo começou.

— *Quando tínhamos nove anos, fizemos algumas coisas.* — Ele diz calmamente. — *Você se lembra daquilo?*

— Muitas crianças fazem coisas estúpidas. — Defendo, pensando no que a Dra. Banning me disse. Ela chamou de experimentação.

— *Foi errado.* — Ele me diz com mais confiança. Eu o imagino passando uma mão trêmula pelo cabelo castanho-claro. Sua voz continua firme e determinada. — *Eu era mais velho do que você.*

— Por nove meses. — Ele está sendo ridículo.

— *Não importa, Lil.* — Ele retruca. — *Tenho pensado muito neste lugar e, quero te dizer que sinto muito. Por tudo que eu já fiz para te machucar.*

— Você não me machucou. — Eu interrompo. — Sério.

— *Lily.* — Ele diz, muito suavemente. — *Você se lembra da noite antes de nos separarmos e eu vir para cá? O dia antes da véspera de Natal?*

— O Baile de Caridade. — digo. A noite em que ele quebrou sua curta sobriedade bebendo minigarrafas de tequila de um quarto de hotel.

— *Eu machuquei você.* — Ele diz. — *Eu fiz sexo com você para que você parasse de se concentrar no meu vício em álcool... para que você parasse de me olhar como se eu estivesse desmoronando. Você estava chorando histericamente, e eu* fodi *você. E depois, eu fui um completo idiota sobre isso. Como você chama isso?*

— Você não... — *me estuprou*, eu penso, sabendo que é isso que está atormentando sua mente. Ele não o fez. — Eu queria aquilo, Lo. Por favor, não pense isso. — Deus, somos tão ferrados. Eu espero sua resposta, mas só ouço o silêncio. — Lo?

— *Ei.* — Ele limpa a garganta. — *Desculpe, Lil. Por aquela noite, por quando tínhamos nove anos. Eu sinto* tanto.

— Você não precisa assumir toda a culpa. Eu também estava lá quando éramos mais jovens, você sabe. Eu toquei você. Talvez eu tenha fodido você.

Ele ri agora, e isso me faz sorrir. — *Posso garantir que eu estou fodido, mas não é por sua causa.*

— Digo o mesmo. — Pelo menos eu espero que sim.

De repente, ele solta um longo gemido. — *Deus, eu só quero te beijar.*

Eu sorrio. — Bem-vindo ao meu mundo. Acho que imaginei ficar com você cerca de cinco bilhões de vezes desde que você se foi.

— *E quantas vezes você imaginou meu pau na sua boca?*

Meus olhos se arregalam e eu perco o fôlego, mesmo que ele tenha dito isso de forma tão blasé.

— *E o meu pau na sua bunda?* — Eu ouço o sorriso por trás das palavras.

Oh, meu Deus. Lambo meus lábios secos e me contorço um pouco na cama. O ponto entre minhas pernas começa a pulsar com suas palavras.

— *Na sua boceta?*

— Lo. — Eu resmungo. Estamos fazendo sexo por telefone agora? Eu olho para a porta. Devo ir trancar?

— *Você tem se comportado?* — Lo pergunta. — *Você se tocou?*

— Não, eu esperei.

— *Estou orgulhoso de você.* — Lo me diz. E imediatamente sinto uma sensação de realização tomar conta de mim. — *Você merece um prêmio então.*

Vamos fazer sexo por telefone! *Isso!* Eu rastejo para fora do meu dossel, lutando com a rede por dois segundos muito longos, e então pulo da cama com o telefone ainda na minha mão. Corro para trancar a porta. Parando no

meio do quarto, olho para o meu armário. — Eu preciso... — Como isso funciona?

— *Precisa de quê?* — Ele pergunta, confuso. Ótimo, ele não pode ler minha mente. O que eu não daria para estar namorando *Charles Xavier*... da edição *X-Men: Primeira Classe*, é claro, onde ele é interpretado por James McAvoy. Homens carecas não são meu tipo.

— Não importa. — Eu murmuro.

— *Precisa* de quê*, Lily?* — Lo provoca novamente, sua voz séria. Eu não respondo imediatamente, tentando ganhar coragem para dizer as palavras. — *Eu vou ter que adivinhar? É melhor não ser lubrificante. Você nunca teve problemas em ficar molhada perto de mim.*

— Pare de falar. — digo a ele. —Você está tornando isso duro para mim.

— *Você está me deixando duro.*

Reviro os olhos enquanto meus lábios sobem involuntariamente. — Por favor, me diga que essa não é a sua melhor conversa suja.

— *Eu já disse coisa melhor.* — Ele concorda. — *Você sabe que pode me dizer qualquer coisa. Não pode ser tão constrangedor assim.* — Ele faz uma pausa. — *Bem, tenho certeza de que você ficará envergonhada, de qualquer forma, mas a boa notícia é que eu não consigo ver você ficar toda vermelha.*

Eu gostaria que ele pudesse. Eu daria qualquer coisa para ele estar aqui agora. Mas, na verdade, não. Porque voltar para casa cedo significa que ele fracassou, e eu quero que ele tenha sucesso. Eu apenas me sinto tão em conflito. Sobre tudo.

Talvez seja por isso que ainda estou de pé no meio do meu quarto, hesitando entre me aventurar no meu armário ou pular de volta no colchão.

— Você acha que eu deveria... usar um vibrador ou... um consolo... — Eu chego a *gaguejar*. Meu rosto inteiro aquece, e eu juro que pequenas gotas de

suor se acumulam no meu lábio superior. Eu o seco freneticamente, em pânico, como se alguém fosse me ver transpirando.

— *Você está falando sério? É* isso *que você está nervosa pra caralho em me perguntar?* — Ele diz, um pouco ofendido. — *Eu pensei que você queria usar o celular ou algo assim.*

O quê? Levo um momento para perceber do que ele está falando. Eu engasgo e me encolho. — Eca. — Agora *eu* estou ofendida.

— *É isso que você ganha por não ser sincera desde o início, amor.* — Ele diz com uma risada. Sua voz cai para um tom sério. — *O que sua terapeuta diz sobre os brinquedos?*

— Nós não falamos sobre eles.

— *Então vamos evitá-los por enquanto, ok?*

Não posso evitar me sentir um pouco triste com a decisão. Na minha cabeça, eu ouvi Lo dizendo: *claro, vá escolher aquele que se parece com o meu pau.* Acho que esses dias de permissividade acabaram.

Eu afasto o dossel e subo de volta na cama, o telefone agora no viva-voz. — Onde você está agora? — Eu pergunto, querendo uma imagem mental no lugar.

— *No meu quarto. Eu tenho meu próprio banheiro, sem companheiro de quarto, então, a privacidade é boa. Mas o edredom é meio áspero.*

— Que sexy.

Eu o vejo sorrindo em minha mente, seus olhos âmbar se iluminando. — Eu sempre sou, não sou?

Deus, eu sinto falta dele. Uma onda de tristeza vem sobre mim, e o impacto parece tão repentino e abrupto que tenho que beliscar o nariz para conter as lágrimas. Eu afundo de volta no travesseiro e olho para o topo do dossel. Tudo o que posso pensar é o quanto eu quero vê-lo. Quão irônico é isso? A única

vez que estamos prestes a fazer algo parecido com sexo, e estou me transformando em uma louca emocional.

— *Lily, você está chorando?* — A preocupação de Lo aumenta.

— Não. — Enxugo meus olhos e mantenho o telefone na minha barriga. — Vamos apenas fazer isso logo.

— *Bem, quando você fala assim...* — Ele retruca.

Eu não tive um orgasmo em dias. Eu preciso me recompor porque, se cancelarmos isso, eu vou me arrepender muito em algumas horas, quando os impulsos recomeçarem.

— Não, sério, eu estou bem. — Eu me endireito e o telefone cai no meu edredom. — Vamos lá. Quem tira a roupa primeiro? — Eu tremo. Isso poderia ter sido muito mais sexy.

— *Acho que nós dois somos péssimos em sexo por telefone.* — Lo diz.

Eu deveria achar isso engraçado, mas, em vez disso, suas palavras me deixam com medo. É como se alguém oferecesse um saco de cocaína a um viciado em drogas e decidisse no último minuto arrancá-lo. Imagino esta noite, sozinha na minha cama, lutando contra os desejos mais uma vez. E dessa vez será minha culpa. Porque eu fiquei deprimida, triste e patética. Idiota.

— Não, nós somos bons nisso. — Eu nos defendo. — Por favor, por favor, por favor vamos tentar de novo. — Mas o medo faz minha voz tremer e ficar instável com lágrimas.

— *Ei, Lily.* — Lo diz com urgência. — *Está tudo bem.* — Eu posso ouvi-lo se movendo, e me pergunto se ele está tirando uma peça de roupa. Talvez sua calça.

— Não está. — Rebato. — Não está tudo bem.

— *Shhh.* — Lo sussurra. — *Você está bem. Estou bem. Eu ainda vou fazer você gozar, eu prometo. Apenas relaxe e respire, amor.*

Assim que ele diz as palavras, meu computador emite um *ping*! Eu fungo um pouco e murmuro: — Espere um segundo. — Eu abro o *Skype*. Então eu vejo o alerta: *Aceitar chamada de Hellion616*

Meu coração imediatamente salta para a garganta. Esse é Lo, claro. Seu nome de usuário tem sido o seu personagem favorito da *Marvel* desde os quinze anos. Eu vou vê-lo, não vou? Isso pode ser real? Eu mordo meu lábio e clico no botão.

A tela é preenchida com Lo. Ele me olha de volta. Ele parece o mesmo que eu me lembro. Quase três meses se passaram, e ele ainda tem o mesmo cabelo castanho-claro, mais curto nas laterais, mais cheio em cima. As mesmas maçãs do rosto afiadas que o fazem parecer ameaçador e sexy de perder o fôlego. Ele está sentado de pernas cruzadas em sua cama de solteiro, com o edredom azul-marinho. Está vestindo uma camiseta cinza carvão e calça preta. Seus olhos âmbar estão fixos nos meus. Eu estou *olhando* para ele. Não apenas imaginando seu corpo, seus olhos, seu rosto. Eu não posso evitar – eu explodo instantaneamente em lágrimas incontroláveis de alegria.

— *Não.* — Lo prolonga a palavra e acrescenta um pequeno sorriso. — *Não chore. Você vai me fazer começar a chorar.*

— Eu sinto muito. — Enxugo os olhos com as costas da mão. Solto um longo suspiro e posiciono melhor o notebook na minha cama. Agora ele não está olhando para metade do meu rosto.

Encontro seu olhar novamente, desta vez mais relaxada, mas meu peito incha. Uma parte minha temia que ele voltasse para casa muito mudado e muito diferente de alguma forma. Todo o meu terror evapora. Ele ainda é Lo. Ele ainda é meu.

— *Oi.* — Ele diz em um único fôlego.

— Oi. — A parte mais difícil de toda essa provação foi estar longe dele. Não tem nada a ver com sexo, eu percebo. Ele é meu melhor amigo, meu mundo inteiro, e perder *isso* dói mais do que ficar sem um corpo para me esfregar à noite. Vê-lo me lembra de que ele não partiu para sempre. Mesmo que às vezes pareça assim.

— *Você parece bem.* — Seus olhos voam ao redor do meu corpo. — *Você está ganhando peso?* — Ele pergunta, esperançoso. Talvez ele tenha imaginado que eu estaria como um galho seco, tão esquelética e retorcida que ele teria que me segurar antes que eu desaparecesse. Uau, isso seria assustador.

Talvez eu não fosse a única com medos enormes e imensuráveis.

— Estou. — Eu digo com um sorriso. Eu me inclino um pouco para trás e pego o pacote de *Twizzlers*. Eu o balanço na frente da tela. — Estou em uma nova dieta. Chama-se Comer Doces Para Evitar Sexo.

— *Isso parece uma dieta horrível* — ele me diz — *e uma maneira horrível de lidar com seu vício.*

Eu dou de ombros e levanto a barra do meu suéter de cashmere. — Eu posso fazer isso agora. — Belisco o pouquinho de gordura que acumulei perto do meu umbigo e mostro para ele.

— *Isso é bom, mas você ainda precisa ficar saudável da maneira certa. Coma seus* Twizzlers *e* Ho Hos *agora porque, quando eu chegar em casa, vou abolir essa dieta.*

— Como você sabe que eu tenho *Ho Hos*?

Ele inclina a cabeça e vejo o sorriso brincalhão envolver seu rosto. Testemunhar isso ilumina o meu próprio rosto. — *Por favor, se você abastecesse a despensa com açúcar de propósito, você teria os doces com os melhores nomes. Ding Dong, Sugar Daddy, Blow Pop.*

— Eu não comprei *Blow Pop*, muito obrigada. — Respondo como se tivesse

ganhado, mesmo que ele esteja certo. Tenho três pacotes de *Ding Dongs* esperando por mim na despensa. Eu tenho uma queda por coisas boas e famosas. Por que mais eu teria contratado Connor Cobalt como meu tutor quando estava na Penn?

— *Mais alguma novidade?* — Lo pergunta gentilmente, mas agora que olho para ele, vejo o medo pulsando atrás de seus olhos. Ele temia que *eu* é quem tivesse mudado. Eu me sinto a mesma, mas sei que, com o tempo, estarei diferente. Todo mundo eventualmente cresce. Mas se há algo que eu sei com certeza neste mundo é que eu nunca quero mudar sem Loren Hale. Temos que tentar evoluir juntos.

— Encontrei uma nova sarda no meu ombro. — Eu tento mostrar a ele, mas esbarro na tela. — Oops, desculpe. — Sinto como se eu tivesse dado um tapa na cara dele ou algo assim. Eu inclino o computador de volta e pego Lo sorrindo para mim.

— *Fofo.* — Ele diz.

Eu ruborizo, e ele revira os olhos para minhas bochechas avermelhadas, mas ainda está sorrindo. Então isso é bom.

— *Eu também tenho algo novo.*

Minhas sobrancelhas sobem. *Sério?* Ele agarra a bainha de sua camiseta, e então seus olhos se movem para mim provocantemente, prolongando o momento. *Por favor, não deixe que seja uma tatuagem.* Lo odeia tatuagem, e a última coisa que eu preciso é que ele declare seu amor eterno com algo que ele não gosta. E eu não quero necessariamente olhar para o meu nome tatuado em seu peito enquanto fazemos sexo. Isso acaba com o clima para mim.

Percebo que estou me aproximando cada vez mais da tela. Eu me inclino para trás para não parecer uma completa esquisita. — Anda logo. — Eu digo com um gemido enquanto ele apenas fica *parado* lá com um sorriso bobo. Ele

está me matando!

Finalmente, ele puxa a camisa sobre a cabeça e ajeita o cabelo com os dedos, observando enquanto eu fico de queixo caído. Eu estreito os olhos, esperando que isso não seja algum tipo de filtro do *Skype*. — Eles são reais? — Eu acabo perguntando, meus dedos inconscientemente correndo sobre seus músculos na tela. Como se eu pudesse *realmente* tocá-los. Maldição, eu quero. Eu tenho que me afastar da tela de novo. Acho que Lo teve uma visão agradável dos pelos do meu nariz.

Ele me dá um olhar estranho e então ri. — *Não, eu os pintei aqui só para você.* — Agora sem camisa, Lo não consegue parar de sorrir. Eu não consigo parar de *encarar*. Seu abdômen está definido. Com um pacote completo de seis músculos. Ele era musculoso antes, mas eles não eram definidos *assim*. Seus músculos magros se curvam e ele está até com aquele V sexy em sua cintura, como se estivesse me conduzindo para o seu pau.

Isso é *muito* melhor do que uma tatuagem.

— *Estou malhando.* — Ele explica. — *Temos muito tempo de lazer. Eu passo mais tempo na academia.* — Ele lambe o lábio inferior, seus olhos passando pelo meu corpo. — *Sua vez.*

— Eu sabia que isso era um truque para me deixar nua. — Eu digo com um sorriso. — Só não crie esperanças. Meus seios não cresceram.

— *Eu amo seus seios como eles são.*

Sua voz rouca me deixa sem fôlego. Eu pisco algumas vezes e me concentro em "tirar a roupa".

Eu roubei o suéter de cashmere de Rose porque estou sem roupas limpas, e lavar roupa está bem abaixo na minha lista de coisas que gosto de fazer. Eu me ajoelho e inclino a tela para cima para que ele tenha uma visão melhor da minha metade superior. Meu coração bate forte enquanto observo seu peito

subir e descer em antecipação. Fiquei nua tantas vezes com Lo, mas nunca em uma tela de computador. É um pouco diferente – a distância, a incapacidade de tocar fisicamente. Mas talvez seja diferente de uma forma boa, quase mais excitante.

Eu puxo lentamente o suéter sobre a cabeça, meus seios se projetando em um sutiã preto. Minha respiração fica mais profunda enquanto observo o jeito que ele me encara, seus olhos baixando e depois subindo, como se seus lábios passeassem pelos meus seios e barriga como sempre fizeram.

Eu quero que ele me pegue em seus braços e empurre todo o seu peso sobre mim. Eu quero sentir sua dureza contra mim, seus músculos me prendendo no colchão. Quero ser soterrada sob seu amor e seu calor.

— Onde você está? — Eu sussurro, planos de encontrá-lo e me enrolar em seus braços invadem minha mente.

— *Bem aqui. Com você.* — Ele sussurra de volta, não me oferecendo nada mais, mas *essas* palavras são suficientes para roubar minha respiração e fazer minha boca abrir. Eu mantenho meus olhos nele e imagino sua mão fazendo o que a minha faz. Soltando o fecho do meu sutiã. Deixando as alças deslizarem pelos meus ombros até o teclado do notebook.

Ele olha para mim como se quisesse me puxar em seu peito duro e me abraçar com força, como se estivesse a segundos de chupar meu lábio inferior, de morder e depois mergulhar a língua dentro da minha boca. Ele se moveria contra mim e sussurraria meu nome até minhas costas arquearem. Até eu gritar em seu ombro.

Meus mamilos acordam com a atenção, seu olhar intensificando partes do meu corpo que não são despertas há meses. Seus olhos voltam para os meus, e eles estão nadando com desejo. Sexo por telefone nunca poderia funcionar conosco. Eu sentiria falta do seu olhar, da forma como ele me encara e devora

meu corpo com seus olhos cor de âmbar. Ele me faz sentir total e inequivocamente linda.

Só ele pode reivindicar esse feito.

Lentamente, ele começa a deslizar para fora de sua calça, e eu começo a desabotoar meu jeans. Nós ficamos nos olhando enquanto isso, tentando captar os movimentos sensuais, medidos e lentos um do outro. Ele não consegue ver nada abaixo da minha cintura e, da mesma forma, a tela corta a visão em seu abdômen inferior. O fascínio do que está abaixo aumenta minha pulsação, o calor se acumulando em minha testa.

Desajeitadamente, eu tiro meu jeans e o chuto para fora da cama. Agora de joelhos, Lo tem uma bela visão da minha calcinha de algodão verde. Eu me sento, para que ele só possa me ver da cintura para cima. Enquanto Lo tira a roupa, eu consigo ver a protuberância em sua cueca boxer preta. O ponto entre minhas pernas começa a latejar de novo, ansiando por algo duro para preenchê-lo, investindo contra ele por muito, muito tempo.

O silêncio aumenta a tensão, nada além de nossa respiração pesada e superficial. Espero, imóvel, enquanto ele tira sua última peça de roupa. Meus olhos se fixam na tela caso eu possa vislumbrar seu pau. Mas ele não aparece. Lo consegue tirar sua boxer sem me mostrar nada. *Buuu.*

Ele levanta sua cueca para a câmera, balançando-a vitoriosamente em um dedo antes de jogá-la de lado. Seus olhos encontram os meus em desafio. *Minha vez.*

Com uma mão, apoio-me no colchão e, com a outra, rolo minha calcinha pelos tornozelos. Eu me inclino para a frente para puxá-la sobre os pés, e acho que acabo enchendo a tela de Lo com meus seios no processo. Ele está ganhando muito mais com esse negócio do que eu. Isso é certo.

Minha calcinha está na minha mão, mas ela está *muito* encharcada para eu

levantá-la em triunfo. Estou prestes a jogá-la no chão quando Lo diz: — *Você não vai me mostrar?*

Ótimo. Eu a viro para que ele tenha uma visão da parte de trás, e a seguro para a câmera por uma fração de segundo.

— *Deixe-me ver a parte da frente.* — Ele diz com uma voz suave. Tão exigente.

Meus olhos se arregalam, e eu balanço a cabeça rapidamente. Não, não, isso não vai acontecer.

O canto de seu lábio sobe. — *Vamos lá, Lil.* — Ele respira. — *Eu não posso tocar em você. De que outra forma eu vou saber o quão molhada você está?*

Eu expiro longa e profundamente. Engulo em seco e tenho o súbito desejo de correr meus dedos sobre o meu ponto doce. Para alimentar o monstro dentro de mim.

Eu respiro para me acalmar e me concentro em Lo. — Deixe-me ver seu pau primeiro. — Minha voz soa mais suplicante e desesperada do que eu pretendia. Eu nem sei porque quero ver. Não é como se ele pudesse entrar em mim pela tela do computador. Realmente, isso só vai me torturar mais.

— *Ainda não, amor.* — Ele me diz docemente.

— Então eu não vou te mostrar minha calcinha de novo. — Eu teimo, cruzando os braços sobre os seios. Desde que me lembro, sempre consigo o que quero durante o sexo. Ou, pelo menos, eu tento. E desde que estou com Lo, ele tem sido mais do que disposto em ceder aos meus desejos. Eu não percebi o quão difícil seria ceder às suas ordens até agora. Eu tenho que entregar meu controle a ele, confiar nele, colocar todas as minhas necessidades sexuais aos cuidados dele.

Não é tão fácil para mim.

— *Não é assim que funciona.* — Lo diz. — *Eu estou no comando. Se eu disser para*

você gozar, você goza. Se eu disser para você parar, você para.

Eu preciso de limites para controlar minhas compulsões. *Nós conversamos sobre isso*, eu me relembro. Deixo cair meus braços, expondo meus seios novamente para ele. Isso é um começo. Lo estabelecerá as diretrizes para os meus limites, para que eu não exagere. Eu só preciso aprender a aceitá-las.

Lo se entregou completamente a mim. É a minha vez de deixá-lo cuidar de mim.

Eu obedeço ao seu primeiro comando e viro minha calcinha do avesso e a levanto para a tela, silenciosamente esperando que o computador não seja de alta definição. Embora ela esteja claramente encharcada.

— Satisfeito? — Eu pergunto depois de alguns segundos.

— *Imensuravelmente.* — Seu sorriso suaviza meu coração, e meu estômago se agita, enfraquecendo minha determinação. Essa provocação não pode continuar por muito mais tempo.

Eu jogo a calcinha no chão, e ele se mexe um pouco na cama. Mas ainda não consigo ver abaixo de sua cintura.

— *Levante as mãos.* — Lo ordena.

Eu franzo a testa e levanto as palmas das mãos para o computador. Ele me olha por muito tempo, e de repente percebo o que ele está prestes a fazer. Abro a boca para reclamar, mas ele me corta. — *Quero que a gente goze junto.* — Ele diz com a voz séria. — *Mantenha suas mãos para cima e, quando eu disser para você se tocar, você pode.*

Eu me rendo com as palavras *gozar junto*. Eu não consigo parar de assentir, e outro sorriso curva seus lábios. Lentamente, sua mão abaixa e seus olhos tremulam um pouco. Sua câmera ainda está inclinada, então, não consigo ver nada abaixo da cintura dele. Talvez seja esse o objetivo. Algumas coisas são mais quentes se não forem vistas.

Seus olhos se erguem de volta para os meus, penetrando-me, não se afastando mesmo quando sua respiração fica mais pesada, a subida e descida de suas costelas acelerando. Seu corpo balança um pouco para frente, e pequenos grunhidos escapam de seus lábios entreabertos. Meus olhos dançam em torno de seu braço que se move rapidamente, seu peito brilhando com uma camada de suor, ardente e sexy.

— *Mãos para cima.* — Ele diz em um tom rouco. Eu as levanto novamente, sem sequer ter percebido que as abaixei.

Contorço-me na cama enquanto sinto a umidade deslizar pela parte interna da minha coxa. Pego um travesseiro e o pressiono entre minhas pernas, o ponto latejando por mais pressão, mais peso, mais fricção – implorando por toque.

— *As mãos.* — Ele ordena.

Eu as levanto pela terceira vez, praticamente arrancando meu cabelo. Eu tremo e solto um pequeno gemido.

Eu não posso esperar mais.

— Lo… — Eu gemo.

— *Espere, amor.* — Ele encoraja gentilmente, mas seus olhos dizem algo diferente. *Aguente firme, porra.* Ele está me testando. Eu sei isso. E eu quero passar e ter sucesso, e mostrar a ele que posso lutar contra minhas compulsões.

Eu mantenho meus olhos nos dele e tento não olhar para nenhum outro lugar. Isso não ajuda muito, já que ele me encara como se quisesse estar enterrado dentro de mim. Deus, o que eu não daria por isso...

Depois de outro longo momento, ele diz: — *Abaixe suas mãos.*

Isso é tudo o que é preciso.

Minhas mãos caem e deslizam para baixo, sentindo a umidade pela

primeira vez. Eu suspiro e gemo ao mesmo tempo, e quase caio para trás no meu travesseiro. *Eu preciso de você*, quero gritar. *Por favor.*

— Olhos em mim, Lil.

Eu apoio meu corpo em um cotovelo fraco e tento manter meu foco nele sem inclinar a cabeça para trás, sem deixar minhas pálpebras se fecharem. Estou tão... perto de me desfazer completa e totalmente. Eu alterno entre esfregar e deslizar meus dedos para dentro. A pressão aumenta, estimulando meus nervos em cada superfície da minha pele. Mesmo que ele queira que eu olhe para ele, seus olhos começam a desviar dos meus. Eles descem dos meus seios para o meu abdômen e até o meu pulso, onde a tela termina.

Ao mesmo tempo em que meus quadris balançam, ele empurra um pouco para frente. Nossa respiração sincroniza com nossos movimentos impetuosos. E, de repente, parece que ele está realmente aqui. Dentro de mim.

Ele estende a mão e inclina a tela para baixo. Por um breve segundo, ele me deixa ver o que está fazendo – sua mão agarra a base de seu pênis e corre para cima e para baixo ao longo do eixo. A câmera se move de volta para o rosto dele, e eu estou em chamas. Eu preciso gozar. Preciso de alívio *agora.*

Seu braço acelera, e meus gemidos ficam mais altos. Eu o ouço gemer em uma respiração profunda e rouca. Meu corpo fica tenso, retorcido e apertado enquanto meus dedos dos pés se curvam. O mundo inteiro gira. Eu agarro os lençóis com minha mão livre e monto a onda de clímax.

Alguns momentos depois, eu caio contra a cama, meu cotovelo cedendo à exaustão e minha respiração vacilante e pesada. Meu estômago, seios, coxas e bunda estão escorregadios de suor. Deus... isso foi incrível.

Eu quero sentir isso de novo.

Impulsivamente, minha mão percorre meu corpo e toca meu monte macio. Um gemido escapa dos meus lábios, e eu esfrego mais forte.

— *Lily*. — A voz de Lo enche minha cabeça. Fecho os olhos e deslizo meus dedos para dentro.

Isso.

— *Lily.* Pare.

Meus olhos se abrem, mas mantenho minha mão entre as coxas. Gentilmente, eu me ergo para olhar para a tela. Na caixinha à esquerda, eu me vejo esparramada na cama nessa posição, mas Lo só consegue ver do meu umbigo para cima, minhas pernas estão caídas além do computador. Mas eu acho que é óbvio o que eu estava fazendo.

Eu evito o seu olhar. — Só um segundo. — Eu digo a ele em um sussurro suave, culpado. Eu me deito e desapareço completamente de sua vista, a tela inclinada em direção à minha cabeceira, não ao colchão. Meus dedos se movem mais uma vez. Eu *preciso* sentir isso de novo.

— *Caralho.* — Lo xinga. — *Lily! Eu disse* pare. — Eu o ouço. De verdade, mas obedecer é difícil pra caralho. E uma parte minha, egoísta e horrível quer fechar o computador para abafar suas exigências. A pressão se intensifica enquanto eu me encontro em outro precipício, preparando-me para pular. Oh, Deus…

— *Lily, sente-se para que eu possa te ver.* — Ele ordena.

Não posso. Eu esfrego mais rápido, mais forte e por mais tempo. Eu preciso de mais. Eu sempre precisei de mais. Eu gemo, meus ombros cavando no colchão, meu corpo se contorcendo. Eu quero que suas mãos me ergam, me coloquem em seu peito, que seus músculos se fundam em *mim*. Meus olhos se fecham, e eu imagino tudo isso. Que ele está duro contra mim, que ele está dentro de mim, esperando que eu goze, sussurrando em meu ouvido que tudo vai ficar bem se eu apenas deixar a tensão ir enquanto estou cheia dele.

Sim! Eu grito, minha coluna arqueando, meu corpo formigando com um

fogo tão quente que eu mal consigo respirar. Eu atingi esse ápice. Novamente. E então... eu começo a descer. Minha boca aberta se fecha e meu batimento cardíaco diminui, mudando do ritmo irregular e errático para algo que eu odeio.

— *Maldição, Lily.* — Lo rosna. — *Sente-se* agora*, caralho.*

Meus olhos se arregalam de horror com o que fiz, queimando com lágrimas de culpa. Tudo parece diferente desta vez. Eu puxo minha mão e mecanicamente levanto meu corpo lânguido para uma posição sentada. Eu me curvo para frente e seguro contra o peito um cobertor que estava jogado perto de mim. — Não foi minha intenção... — Eu mordo minha unha e enxugo uma lágrima que escapou. A vergonha me esmaga como uma onda de cinquenta quilos. Eu não posso sequer olhar para a tela para encontrar o olhar desapontado de Lo.

Eu entendo agora. O porquê de querer que eu seguisse suas ordens desde o início. Assim poderíamos evitar *isso*. O que é ainda pior é que, por baixo da vergonha dilaceradora e da culpa, há uma pequena parte minha que quer fazer isso de novo. Talvez depois de terminarmos a conversa no *Skype*... *não*!

— *Isso foi bom?* — Ele pergunta com uma voz tensa.

Qual parte? E por que eu tenho que estragar tudo? Eu olho pateticamente para minhas mãos. — Não olhe para mim assim. — Eu sussurro.

— *Você nem olhou para mim ainda.* — Ele murmura.

Eu inalo uma respiração tensa e, finalmente, tomo coragem para encontrar seu olhar. Não há nenhum julgamento em suas feições. Em vez disso, seus olhos âmbar nadam com uma empatia que eu não mereço. E vejo a preocupação, como se eu tivesse partido seu coração, como se ele tivesse acabado de perceber a extremidade e o horror das minhas compulsões.

— Sinto muito. — Eu engasgo. Seco minhas lágrimas antes que elas caiam.

— Você não tem que... — *estar comigo*. Eu sou um monstro.

— *Eu te amo.* — Ele diz. — *Vamos trabalhar nisso juntos.* — Tradução: *eu não vou a lugar nenhum.*

— Eu quero fazer isso de novo. — Admito em voz baixa.

— *Eu sei.* — Ele esfrega os lábios, pensativo.

— Então... podemos fazer isso juntos de novo... esta noite? — Ele só está bravo por eu ter feito isso sem ele, com certeza.

— *Por hoje, chega.* — Ele diz, cada palavra soando como uma montanha que ele tem que escalar.

— Mas eu só gozei duas vezes. — O medo pressiona o meu peito, tornando difícil respirar.

— *E eu só ia deixar você gozar uma vez.* — Ele diz. — *Eu tentei exaurir você com preliminares, mas é difícil. Eu deveria ter feito você esperar mais, e você deveria ter me ouvido depois que acabamos. Mas nós vamos ficar melhores nisso. Porém, vai levar tempo e prática.*

Então, é assim que vai ser para mim. Não tenho permissão para me dar prazer de nenhuma maneira, e Lo já encerrou essa noite. Não quero fazer algo idiota quando ele desligar. *Não pense nisso, Lily*. Respiro fundo, mas isso não me acalma muito.

— *Fale comigo.* — Lo diz, angustiado. Ele descansa os antebraços sobre os joelhos dobrados. — *O que você está pensando, Lil?*

— Estou com medo. — Murmuro. — Estou com tanto medo do que posso fazer. — Eu me sinto febril, lágrimas escaldantes trilham meu rosto.

— *Eu sei que é difícil. Não consigo imaginar alguém me dando uma cerveja e me forçando a parar por aí. Eu entendo, Lil. Eu entendo pra caralho. Mas você tem que encontrar forças para esperar. Eu sei que essa força está aí em você. Você só tem que cavar para encontrar.*

Eu absorvo suas palavras por um minuto inteiro. Uma dor faz pressão no meu peito e explode com minha próxima frase. — Queria que você estivesse aqui. — Meu queixo treme, e minha voz falha. Eu pressiono minha testa nos joelhos, escondendo minha expressão destroçada.

— *Eu estou aí, amor.* — Ele murmura. — *Estou bem aí com você.* — Eu ouço a dor em sua voz. Ele tenta relaxar o máximo possível, mas é como se eu estivesse comprimindo o coração dele tanto quanto ele está apertando o meu. — *Você está em meus braços* — ele me diz —*, e eu estou beijando seus lábios, sua bochecha, seu nariz...* — Eu fecho os olhos e viajo em sua voz, que começa a acalmar meu tormento. — *Sua cabeça se inclina contra o meu peito, e você ouve a batida do meu coração enquanto ele desacelera. Eu seguro seus pulsos, permitindo que você desça suavemente do seu clímax nos meus termos. Você colapsa contra mim.*

Eu olho para cima para encontrar o seu olhar. Está cheio de esperança, com anseio e algo mais. Algo que eu acho que só pode ser compartilhado entre duas pessoas quebradas.

— *E você para de lutar.* — Ele sussurra. — *Eu vejo seu corpo relaxar contra mim, e então eu te beijo no topo da sua cabeça. Eu te digo o quanto estou orgulhoso de você, e como fazer você gozar uma vez dura* a vida toda.

Minha última lágrima cai. Eu não posso me mover para limpá-la. Estou hipnotizada por Loren Hale, meu *tudo.*

— *Eu te amo* — Ele diz novamente —*, e nenhum outro homem jamais vai dizer essas palavras tão a sério quanto eu.*

Meu peito dói tanto. Suas palavras são lindas e dolorosas ao mesmo tempo. Como nós, eu suponho. Eu tenho que ser forte. Por ele. Por mim. Por *nós.* Minha garganta está inchada, mas encontro a determinação para responder. — Vou passar o resto da noite com Rose. — Eu assinto, solidificando o plano na minha cabeça.

— *É uma boa ideia.* — Ele concorda. — *Que tal você se limpar, se vestir, dizer adeus e então eu ligo para Rose e me certifico de que você está com ela?*

Assinto de novo. Eu gostaria disso. Tanto. Tê-lo ao meu lado faz o insuportável parecer tolerável. Só espero que no futuro nossa luta se torne mais fácil.

Esperança. Uma coisa tão boba.

Às vezes ela não se concretiza.

Capítulo 11

Alguns dias depois, Rose finalmente terminou de decorar nossa casa e decide que precisamos de uma festa de inauguração adequada para comemorar o evento. Ela também quer que esse seja o "Dia do Voto de Lily" ou DVL, para abreviar. Ela que inventou o termo e também propôs a ideia.

Escrever meus votos em um pedaço de papel e lê-los em voz alta deve reforçar meus objetivos de longo prazo. Eu estava a bordo, até que ela convidou Connor e Ryke. Eu a lembrei de que ela é feminista e deveria estar do *meu* lado. Eu sou a garota.

Ela respondeu com "você não deveria se envergonhar de seu vício" e "isso lhe dará mais incentivo para não quebrar os votos". Porque, aparentemente, eu vou me sentir muito mais culpada por quebrar os votos que três pessoas ouviram do que os que apenas Rose ouviu... tudo bem, faz sentido.

— Eu não entendo por que temos que fazer isso lá fora. — Reclamo, envolvendo meus braços em um dos casacos de pele de Rose que são muito mais quentes do que qualquer coisa no meu armário. Coberta com meu chapéu de *Star Wars Wampa Laplander*, que tem grandes orelha felpudas, eu literalmente pareço uma espécie de monstro peludo.

— Eu não queria provocar um incêndio na casa. — Ela diz. Uma leve camada de neve cobre o chão, mas a grama ainda é visível. Uma fogueira ruge em uma lata de lixo de metal alguns metros à nossa frente. As chamas lambem o ar frio, e eu me pergunto como foi que Rose conseguiu acendê-lo.

Embora não deva ser tão difícil. Os sem-teto fazem isso.

A porta de vidro dos fundos se abre e Rose diz: — Finalmente, por que você demorou tanto? — Após o evento Fizzle em janeiro, Rose e Connor ficaram juntos, para nosso espanto. Mas estou esperando a próxima separação de vinte e quatro horas.

Os mocassins de Connor rangem contra a neve enquanto ele caminha em nossa direção. — Dirigir geralmente requer tempo. — Ele diz a ela. — É física simples, na verdade. O tempo é igual a distância dividida pela velocidade.

— Eu sei a fórmula do tempo, Connor.

— Eu sei que você sabe. — Ele responde com um sorriso. — Eu só gosto do jeito que sua testa enruga quando você pensa que estou insultando você.

— Quando você *está* me insultando.

— Essa é a sua perspectiva. — Ele diz e olha para mim. — Oi, Lily. Que grande dia.

Eu dou de ombros com indiferença, e Rose me olha feio. — É um grande dia, Lily. — Ela reforça. — É quando você se compromete a melhorar.

— Certo. — digo, assentindo. — Acho que estou apenas nervosa.

Connor franze a testa. — Por quê? Essa não é a parte fácil? Você está longe de Lo há quase três meses e não o traiu — Ele faz uma pausa e acrescenta —, de acordo com Rose.

— Eu não traí. — Afirmo. — Ainda não estou cem por cento confortável falando sobre essas coisas. — Mantive meu vício em segredo por tanto tempo que *compartilhar* exige muito mais coragem do que alguém como Connor ou Rose jamais poderia entender.

— Você se sentirá melhor quando tirar tudo isso do seu peito. — Rose me garante. Ela se vira para olhar a casa e depois olha ansiosamente para o

relógio. Seus lábios franzem antes que ela diga: — É melhor Ryke estar aqui logo. A festa de inauguração da casa começa em quinze minutos.

Daisy, Poppy, meus pais e basicamente todo o grupo estão convidados, e eles não podem testemunhar esse ato de declaração simbólica. O resto da minha família permanece ignorante sobre meu vício até que eu decida que estou pronta para contar a eles. Não tenho certeza se esse dia chegará tão cedo.

— Você não deveria ter esperado por Lo para dar a festa? — Connor pergunta. — Ele vai morar aqui, certo?

Lo vai se mudar para nossa casinha isolada. Conversei com a Dra. Banning e ela concordou que deveríamos morar juntos se quisermos continuar a ter um relacionamento. A única exigência que será diferente da nossa rotina normal é que realmente temos que *viver* juntos. Sem mais quartos separados e vidas secretas. Nesse momento, podemos até ser co-dependentes, mas nosso vício um pelo outro pode muito bem chutar a bunda dos nossos outros vícios. Ajudar em vez de encobrir. Se a Dra. Banning pensa que Lo é uma grande chave para o meu sucesso (não um obstáculo), então eu acredito. Ela é mais inteligente do que eu, afinal.

Rose vai continuar morando na casa também, certificando-se de que Lo e eu nos misturemos com a família em vez voltarmos a ficar reclusos. O plano realmente parece bom. Mas eu sei que pode não ser fácil. Nada nunca é.

Perguntei se ela ia convidar Connor para ficar conosco. Há um quarto extra para ele se ela ainda quiser ter privacidade. Mas eu esqueci que Connor trabalha na Penn, muito longe para morar permanentemente aqui. No entanto, a resposta dela não envolveu distância. Ela me disse que o relacionamento deles ainda não progrediu para *esse* status e ela não se sentiria confortável em convidá-lo. Eu li nas entrelinhas.

Eles não fizeram sexo ainda.

Rose pode ser a mulher mais confiante que eu conheço, mas quando se trata de falar sobre sua vida sexual, ela pode ficar tão vermelha quanto eu. Ela pode ler livros e diagramar clinicamente o sistema reprodutivo sem corar. Inferno, ela *se passou* por mim, agindo como se fosse viciada em sexo para dezenas de terapeutas. Mas contar a alguém sobre si mesma é como arrancar os dentes. Ela tenta manter sua vida íntima realmente privada, mas acho que é mais do que isso. Acho que ela tem medo de admitir como se sente. Ela quer que as pessoas pensem que ela é a rainha do gelo, mas, na realidade, ela teme como o resto de nós.

Às vezes acho que somos mais parecidas do que diferentes. Talvez seja porque somos irmãs.

Rose se vira para responder à pergunta de Connor. — Lo odiaria essa festa. Estou fazendo um favor a ele.

Ela tem razão.

— Você acha que ele vai ficar chateado por você estar morando com a gente? — Eu pergunto a Rose com um sorriso. Ela nunca foi sua pessoa favorita. Honestamente, eu só espero poder sobreviver na mesma vizinhança que eles. Eles podem se matar ou me matar no fogo cruzado.

— Ele vai ter que lidar com isso. — Rose estala.

Connor olha para mim. — Você e Lo vivendo juntos sem alguém para acompanhar é como uma criança gorda vivendo na Terra dos Doces. — Ele pausa, percebendo que isso pode ser considerado bom ou ruim, dependendo da "perspectiva". Então ele acrescenta: — Ela morreria.

Eu arfo quando a imagem do cadáver de um garoto gordinho aparece na minha cabeça, suas bochechas recheadas com milho doce. Minha boca aberta se contorce em uma careta, enojada com a metáfora perturbadora. — Uiiiiii... — Eu me encolho e sacudo os braços para me livrar da imagem.

Rose revira os olhos, mas ela está *sorrindo* com a resposta dele. É por isso que eles estão juntos, eu penso.

A porta dos fundos se abre novamente e Rose olha friamente para Ryke enquanto ele se aproxima. — Eu disse para estar aqui às cinco em ponto.

— Tem trânsito pra cacete em todos os lugares. — Ele retruca e enfia os punhos em sua jaqueta preta da *North Face*. Quando ele se aproxima de mim, seus olhos imediatamente sobem para o meu chapéu. — O que diabos está na sua cabeça?

— *Wampa.*

Ele me encara, sem entender.

— *Star Wars.*

— Você parece ridícula. — Ele diz, e então se vira para Connor. — Você sabia o que era essa coisa?

— Eu não me importei, então não perguntei. — Connor responde secamente.

Ryke olha feio e sinto que algo ruim está por vir. Os dois ainda não estão se dando bem. Eu realmente não tenho certeza do que será necessário para que isso aconteça.

— Você é um idiota. — Ryke diz, sem rodeios, mas não do jeito cativante de Connor Cobalt. Ele é simplesmente malicioso.

— Por que mesmo você está aqui? — Connor pergunta.

A mandíbula de Ryke endurece. — Eu sou amigo de Lily.

— Bem, eu sou namorado de Rose *e* amigo de Lily. — Connor diz. — Eu não sei se você é bom em matemática, mas... — Ele dá o seu sorriso de quinta série. Ah... Connor...

Rose dá um tapa de leve no braço dele. — Pare, estamos aqui pela Lily.

Vocês dois, comportem-se. Não temos muito tempo.

Ela me entrega um saco plástico preto e eu dou uma olhada rápida dentro, já sabendo que ele contém o meu último pornô. Esqueci uma das caixas de sapatos no fundo do meu armário na última vez que joguei tudo fora.

— Então, eu apenas jogo essa coisa? — Viro-me para Rose para orientações. Ela assente com a cabeça e eu dou alguns passos para frente.

— Vê se não pega fogo. Você é feita de pelos no momento. — Ryke me avisa. Oh, sim. Paro um pouco distante e lentamente puxo algumas revistas da sacola. Eu as enrolo, para que Connor e Ryke não possam identificá-las. Eu realmente não preciso aumentar o meu constrangimento hoje.

— Adeus, pornografia. — Eu digo baixinho e as jogo uma por uma o mais rápido que posso. O fogo estala e faísca e eu recuo um pouco. Agora estou meio que com medo de pegar fogo.

Rapidamente, termino com as revistas e jogo a sacola vazia por último.

— Agora seus votos. — Rose anuncia. — Leia-os em voz alta.

Certo. Enfio a mão no bolso e tiro um pedaço de papel. Meus dedos já estão rosados de frio, mas ainda assim consigo abrir o papel rapidamente.

Eu só tenho alguns itens na minha lista, mas cada um é um pouco doloroso de dizer. Pelo menos na frente de Rose, Connor e Ryke. Eles se movem ao redor da lata de lixo para que eu possa vê-los claramente, o que torna isso ainda mais difícil.

— Um. — digo em voz baixa. — Eu não vou ver pornografia.

— Achei que isso era para ser uma proclamação. — Ryke balança nas pontas dos pés. Ele se inclina para frente e diz: — Eu nem consigo ouvir você.

— Diga isso com vontade. — Rose concorda com um aceno de apoio.

— Grite. — Connor acrescenta.

O fogo faz outro som de *crack* alto e desencadeia algo em mim. Ou talvez seja a confiança ilimitada dos meus amigos. Respiro fundo antes de gritar: — Não vou ver pornografia!

Ryke começa a bater palmas. Connor solta um assobio com os dedos, e Rose me dá um sorriso. A pressão no meu peito aumenta, mas também diminui com cada palavra. Neste momento, talvez a confiança deles seja contagiosa.

— Dois. Eu não vou me masturbar!

Eles ainda estão torcendo e eu me concentro no papel em meus dedos frios.

— Três. Não serei compulsiva em relação ao sexo! — Grito, e ainda assim sei que esse será o voto mais difícil de manter. O mais difícil de controlar.

— E quatro — Faço uma pausa enquanto olho para essas palavras finais. Elas significam tudo para mim. — Eu não vou trair Loren Hale!

Meu sangue está bombeando por causa do fogo, dos aplausos de apoio dos meus amigos e das minhas palavras – tanto que jogo o papel triunfantemente nas chamas.

— Que diabos?! — Rose grita. Pulo para trás e verifico meus braços para ter certeza de que não peguei fogo. Mas eu estou bem. Eu toco meu chapéu. *Wampa* está bem também.

— O quê? — Eu pergunto, agora confusa.

Olho para trás e vejo Rose prestes a desmaiar de angústia. — Você queimou. — Ela diz como se eu fosse a pessoa que perdeu a cabeça.

— Achei que era isso que eu devia fazer.

— Por que você queimaria seus votos? O objetivo deles é te ajudar.

— Então para que serve o fogo? — Eu aponto para ele acusadoramente.

— Para o pornô, Lily. — Rose geme em suas mãos e olha para cima. — Ok,

nós temos que fazer isso de novo.

— Não. — Todos dizemos ao mesmo tempo.

Rose se vira para Connor primeiro. — Isso é importante. — Ela reclama, as mãos indo para os quadris. Ela fala sério, mas não tenho intenção de repetir isso. Acho que um DVL é o suficiente para uma vida inteira.

— Ela leu em voz alta. Não é esse o ponto, Rose? — Connor pergunta.

— Dá azar.

— Por favor, me diga que você não é supersticiosa. — Connor inclina a cabeça, examinando-a como se ela tivesse se transformado em uma cigana – do tipo mágico, não aquelas bonitonas que se vê nos shows de TV. — Você vai me dizer que pratica feitiçaria e bruxaria também?

— Este não é o século XVII, Richard. — Rose responde. — Se fosse, suponho que você me queimaria na fogueira.

— Eu não teria chance. Eu já estaria morto.

— Por quê? Por ser um espertinho?

Ele se aproxima de Rose, a apenas alguns metros de distância, e fico surpresa quando ela se mantém firme, sem dar um passo para trás. Seus olhos passam rapidamente pelas bochechas de porcelana dela, pelo nariz rosado do frio e pelos impressionantes olhos cor de gato. — Eu teria mencionado como a Terra gira em torno do sol, e eles gritariam *herege*. Você, é claro, seria acusada de heresia ou bruxaria aos dezoito anos.

— Eu sobreviveria. — Ela declara.

— Sim. — Ele balança a cabeça. — Você cortaria seu lindo cabelo para isso. — Seus dedos roçam seus cachos castanhos brilhantes que param no peito.

— Você acha que se eu cortasse meu cabelo eu ficaria parecendo um menino? — Ela replica, defensiva. Acho que para se proteger naquela época,

ela precisaria ser um homem. Ela se afasta dele, os olhos frios como gelo.

Ele não recua. Ele aceita o desafio com um sorriso fervoroso. — Acho que você se esforçaria para isso, e eu manteria meus lábios de espertinho fechados para não morrer. — Ele a examina. — E, então, eu fingiria estar com um homem só para poder fazer isso. — Uma de suas mãos desliza pescoço dela, a outra segura seu rosto, e ele pressiona seus lábios nos dela, puxando-a para mais perto enquanto eles se beijam.

As mãos dela ficam soltas ao seu lado, e enquanto ele funde seu peito ao dela, fechando cada lacuna, ela envolve os braços ao redor dos ombros dele. Internamente, estou balançando as bandeiras de Connor Cobalt e Rose Calloway, torcendo por eles.

Quando eles se separam, seus hálitos quentes viram fumaça no ar frio. Os olhos de Rose estão surpreendentemente suaves, mas suas palavras permanecem ferozes. — E então nós dois estaríamos mortos. — Ela o lembra. — Seríamos enforcados por sodomia.

— E eu morreria com você. Feliz. — Ele sorri, e os lábios dela sobem em um sorriso igualmente apaixonado.

E a campainha toca, quebrando o momento deles e arruinando com sucesso o bom humor de Rose. — Eu ainda tenho que apagar o fogo. — Ela diz, estressada.

Connor aperta os braços dela levemente, e sua atenção volta para ele. — Vou socializar com sua mãe. Tome seu tempo, querida. — Ele a beija suavemente na bochecha e desaparece dentro das portas de vidro deslizantes.

É nessa hora que percebo o quão bem Connor conhece minha irmã. A maioria dos caras escolheria salvar a garota do trabalho manual. Mas Rose preferiria adiar qualquer conversa com nossa mãe. Enquanto ela se afasta para encontrar algo para apagar o fogo, Ryke se aproxima de mim andando

rigidamente, as mãos ainda firmemente escondidas no bolso da jaqueta.

Eu lambo meus lábios secos, tão hesitante quanto ele. — O que foi? — Eu me pergunto se ele vai me criticar por algo que fiz com Lo. Talvez por ter falado com ele novamente. Ele nunca esteve no meu time. Não de verdade. Ele está do lado de Lo com muito mais frequência.

— Eu sinto muito. — Ele diz, as palavras soando tão sinceras que quase tropeço para trás em choque.

— O quê?

Ele revira os olhos, sua expressão se fechando. — Não me faça dizer isso de novo.

Minhas sobrancelhas se franzem, e eu puxo as orelhas do meu chapéu *Wampa* para baixo, para esconder meu rubor e me proteger da rajada de vento que se aproxima, sem saber mais o que dizer, já que ele me deixou confusa.

Ele passa a mão pelo cabelo. — Eu pensei que você iria traí-lo e quebrar a alma do cara. — Ele admite. — Eu não achei que você iria conseguir resistir. E eu estava errado. — Ele faz uma pausa e seus olhos encontram os meus, e eu vejo Lo neles. — Desculpe por ser um idiota, por não entender... eu acho que ele precisa de você tanto quanto você precisa dele. — Ele acena para si mesmo, como se percebesse o quanto essas palavras são *certas* enquanto ele as diz.

Ele pode não ser meu fã. Mas ele está apoiando nosso relacionamento. Isso é ainda melhor. Não posso deixar de sorrir.

Ryke até mesmo sorri de volta. — Você é uma boa pessoa, Calloway. — Com isso, ele dá um tapinha no meu ombro e depois se vira, indo para o calor do interior.

Rose joga um pouco de neve na lata de lixo, e o fogo sibila e esfumaça o ar. Ela joga a pá para o lado e bate as mãos para limpar a sujeira. Quando ela me vê olhando, ela se aproxima e aperta meu casaco em volta de mim,

encontrando os ganchos para fechá-lo.

— Obrigada. — Eu digo a ela. — Por esses três meses.

Seus olhos encontram os meus. — Você fez todo o trabalho.

— Não é verdade. — digo com uma pequena risada. Ela encontrou minha terapeuta. Ela decorou a casa. Ela passou mais tempo me ajudando do que posso contar. — Estou feliz por eu estar aqui.

— Eu também. — Ela diz, seus olhos suavizando novamente. Ela está começando a ficar boa nisso. Seu braço envolve meu ombro. À medida que entramos, sei que o futuro pode não ser tão fácil. Eu sei que haverá mais problemas para lidar.

Mas não consigo imaginar voltar a ser como era.

Agora é hora de começar a construir relacionamentos.

Acho que estou pronta.

Capítulo 12

Lo vem para casa amanhã.

Eu não acho que meu cérebro consiga processar mais alguma coisa durante o dia, mas, ainda assim, estou sentada no consultório da Dra. Banning, tentando repassar alguns tópicos pesados antes de Lo voltar. Meu pobre cérebro está prestes a se ejetar do meu crânio.

Mas não quero desistir, não quando estou tão perto de ter algum tipo de descoberta sobre meu vício. Sinto que estou prestes a encontrar respostas. Eu só preciso que algo faça *clic*.

Dra. Banning passa a mão pelos lados do seu cabelo preto curto, seus olhos atentos em seu bloco de notas no momento. Minhas unhas estão roídas até o fim, e esfrego os dedos na tentativa de aliviar a dor. Só dói mais.

— Lily. — Dra. Banning finalmente olha para cima e eu encontro seu olhar. Ela me dá um sorriso caloroso, tranquilizador e eu relaxo um pouco. — Você me disse que estava dando uma festa de inauguração da casa. Como foi?

— Bem. — digo, passando as mãos no meu jeans e me encolhendo por dentro com a palavra. *Bem*. Uma palavra tão estúpida. Parece vazia e sem ênfase. É o tipo de palavra que você usa para esconder a verdade.

— E seus pais sabem que Lo vai voltar para casa da reabilitação. Como eles se sentem sobre ele morar com você depois de tudo isso?

Eu pondero sobre a pergunta, ouvindo a resposta da minha mãe em vez da

minha. *Faça isso funcionar.* Três palavras que me deixaram mais confusa do que qualquer coisa.

— Eles sempre aprovaram nosso relacionamento. — digo a Dra. Banning. — A reabilitação não mudou isso. Não tenho certeza se alguma coisa mudaria.

— E se você contasse a eles sobre o seu vício? — Ela pergunta.

Meu estômago se revira só de pensar, mas imagino minha mãe com seu julgamento frio e a vergonha de meu pai por ter uma filha suja e nojenta. Não posso…

— Eles não entenderiam.

— Como você sabe?

Eu tento pensar em uma resposta melhor do que *eu só sei*. Mas não consigo.

A Dra. Banning se inclina um pouco na cadeira e pergunta: — E como foi realmente a festa de inauguração da casa? Você está em sua nova casa com seus amigos e família, mas Lo não estava lá. Isso deve ser difícil.

— Você não deveria estar me perguntando sobre sexo? — Esta pergunta tem sido minha tática de desvio.

— Nós vamos chegar a isso mais tarde. Agora, eu quero falar sobre a festa. — Obviamente, ela percebeu minha estratégia. Eu acabo cedendo.

— Eu me senti estranha. — Murmuro. — Mas eu sempre me sinto estranha, então realmente não foi muito diferente. — Eu coço o braço, mas, sem unhas, é mais um esfregar do que coçar.

— Por que você se sentiria estranha perto de sua família?

Eu tenho tantos segredos, às vezes parece que eles estão me esmagando de dentro para fora. Ocultar meu vício da minha família sempre criou um abismo entre nós. Mas algo me impede de dizer isso para a Dra. Banning. Um nó se aloja na minha garganta enquanto pisco algumas vezes, totalmente confusa.

Porque eu acho que sei... acho que sei que sempre me senti assim, mesmo antes do meu vício. Antes que houvesse qualquer segredo.

Eu tento me lembrar das manhãs em que eu acordei na minha própria casa. Onde eu descia as escadas de pijamas para tomar café da manhã com a minha família. Eu podia sentir o cheiro de bacon e ovos, e eu podia ver Lucinda por cima do fogão me perguntando se eu queria cogumelos ou tomate nos meus ovos mexidos. Mas essa memória não está correta. Nossa chef se chamava Margaret. Lucinda cozinhava para Jonathan Hale.

— Não está certo. — Eu murmuro baixinho.

— O que não está certo, Lily?

Deixe-me pensar. Noites. As noites eram na minha casa. Mas isso era antes de eu escapar para a casa de Lo e passar a noite lá. *Sim.* Eu tinha o que... sete anos. Posso ver a tela da televisão passando desenhos bobos e ouço Poppy tocando piano ao fundo. Rose estava no chão, lendo o primeiro *Harry Potter*. Os saltos da minha mãe ecoaram na sala e ela olhou entre mim e Rose. Ela caminhou até a estante e voltou para puxar o livro de Rose de suas mãos, substituindo o mundo mágico por *O Sol é Para Todos.*

Nossa mãe enfiou o livro de fantasia debaixo do cotovelo e saiu da sala sem olhar para trás.

— Eu não posso... — Eu balanço a cabeça, lágrimas fazendo meus olhos arderem. Não gosto dessa resposta. *Pegue isso de volta.*

— Lily. — Dra. Banning diz, mas ainda estou balançando a cabeça.

Eu vejo todos os anos passando pela minha mente. Vejo cada uma das minhas irmãs sufocando, sendo silenciosamente moldadas por uma mãe que só quer o melhor. Eu me vejo sendo livre *disso.* Mas por que isso dói? Não deve doer, porra.

— É estupido. É tão estúpido. — Eu reclamo e coloco as mãos nos olhos.

— Lily. — Ela diz lentamente. — Você tem que deixar isso entrar.

— Deixar o que entrar?

— A dor.

Meu lábio inferior treme e eu continuo balançando a cabeça. — É estupido.

— Por que você pensa assim, Lily? — Ela pergunta com fervor. — Sua dor não vale menos do que a de qualquer outra pessoa.

— Você não entende. Eu *não deveria* me sentir assim. — Aponto para o meu peito. — Eu tenho dinheiro. Venho de uma vida privilegiada. Eu me recuso a dar uma festa de piedade para mim.

— Você não pode se recusar a se sentir magoada só porque acha que não merece sentir isso.

Não sei se acredito nela. Eu acho que eu deveria. — Minhas irmãs ficaram com a parte ruim. — digo em defesa, minhas bochechas manchadas de lágrimas. — Eu escapei. — Nenhuma mãe controladora. Nada de aulas de piano ou recitais de balé.

— Você nunca se dá um tempo. — Ela me diz. — Você nunca se deu a chance de sentir. Entende?

O vazio. Eu acho que é onde essa dor deveria estar.

— Somos só você e eu. — Dra. Banning diz. — Eu não me importo com o seu sobrenome. Eu não me importo com o que suas irmãs passaram. Tudo o que me importa é você, Lily.

Levo alguns momentos para reunir forças para começar a falar sobre os pensamentos que perturbam minha cabeça. Algumas lágrimas caem em minhas mãos e consigo dizer: — Quando eu era *bem* pequena, minha mãe costumava me colocar nas aulas como fazia com as outras meninas. Arte. Canto. Piano... Tudo. — Eu mordo meu lábio, acenando para mim mesma

enquanto me lembro. — Fiquei cerca de um dia em cada uma. Eu nunca fui talentosa como Poppy e Rose. — Faço uma pausa e me encolho com minhas próprias palavras. *E daí, Lily Calloway? Você não é talentosa. Você não precisa chorar por causa disso.*

— Continue. — Dra. Banning insiste.

Eu balanço a cabeça agora, mas a memória continua a transbordar. — Quando a escola me mandou para o reforço de matemática na terceira série, acho que foi a última vez que minha mãe prestou atenção em mim. Eu não era sociável e simpática como Poppy. Eu não era inteligente como Rose. — Seco meu olho. — E eu nunca fiquei alta e bonita como Daisy. Acho... acho que eu era algo que ela desejava poder devolver. Como uma bolsa. Mas ela não podia. Então, ela apenas agiu como se eu não existisse…

Ela me deixou passar as noites na casa do Lo. Me deixou fazer o que eu quisesse. E essa liberdade acabou sendo tão sufocante quanto o seu controle.

— Eu nunca senti que ela me amava. — Murmuro. — Nunca me senti digna o suficiente.

Eu balanço a cabeça novamente. Não quero que esta seja a resposta. Deveria ser algo *maior*. Deveria ser um evento horrível, com risco de morte. Não esses sentimentos estúpidos.

— Quando você vai parar de se punir pelo que sente? — Dr. Banning me pergunta.

— Eu não sei como. — Falo, com a garganta apertada.

— Você é humana, Lily. Você se fere como o resto de nós. Está tudo bem.

Eu assinto agora, mudando um pouco o curso. Eu quero chegar lá. Permitir-me sentir dor pela minha infância sem ao mesmo tempo sentir uma culpa irreparável. Eu simplesmente não sei como compartimentar essas emoções. Como posso suportar a dor de ter sido solitária sem me odiar ao

mesmo tempo? Porque minhas irmãs teriam dado qualquer coisa pela liberdade que eu tinha. Porque o mundo daria qualquer coisa para ter a vida na qual eu nasci. Eu me sinto egoísta e estúpida. Inútil e patética. Feia e usada.

O sexo me deixou inteira novamente.

Uma vez se tornou duas. Duas viraram três. E, então, eu simplesmente não conseguia parar.

Dra. Banning me passa uma caixa de lenços e eu pego alguns da caixa, assoando o nariz e tentando me recompor.

Quando o silêncio persiste, eu digo: — Eu não quero que essa seja a resposta. Ninguém vai entender. — Eu sou uma garota que decidiu preencher o vazio em seu coração com sexo. Negligência e solidão me levaram a este lugar. Uma única escolha para começar e, depois, a incapacidade de parar.

— Eu entendo. — Dra. Banning me diz. — Rose vai entender. E, com o tempo, sua família também. Você só precisa dar uma chance às pessoas, Lily, e precisa aprender a não se envergonhar de como chegou aqui. Não é sua culpa.

Sua voz me acalma, relaxando meus pensamentos entorpecidos. Ela rabisca algo em seu bloco de notas e meu cérebro grita comigo por não ter apertado o botão de ejetar mais cedo. Mas, infelizmente, ainda há mais a discutir, especialmente com o amanhã chegando.

— E quanto a Lo? — Eu pergunto, limpando minha garganta. Eu seco a minha última lágrima. — O que devo fazer agora que ele está voltando?

Ela abre a gaveta do armário e eu a vejo puxar um pequeno envelope branco. — Antes de lhe dar isso — Ela diz —, quero te parabenizar por seus noventa dias de celibato.

Acho que a ouvi errado. — Eu não tenho sido celibatária.

Seu sorriso é caloroso. — Você fez sexo com outro parceiro?

— Lo e eu tivemos... sexo pelo *Skype*. — digo, corando um pouco com as palavras.

— Mas ele não chegou a penetrar você. — Ela me lembra. Eu fico ainda mais vermelha com a palavra *penetrar* e silenciosamente me pergunto como ela nem piscou quando disse isso.

— Então, eu tenho sido celibatária? — digo, um pouco incrédula.

— Para seu tratamento pessoal e o que você precisava fazer, *sim*, você completou seu período de celibato. Você deveria estar orgulhosa de si.

Na verdade só há um pensamento em minha mente. — Então eu posso fazer sexo com Lo? — Eu quero pular da cadeira e saltitar ou fazer algo bobo. Eu também me sinto um pouco bipolar. Um segundo atrás eu estava chorando e agora estou mais animada do que nunca.

— Sim e não. — Dra. Banning diz, e me esmaga mais uma vez. Essa montanha-russa emocional está acabando com o meu estômago.

Ela desliza o envelope branco para mim. — Com base em nossas sessões, eu fiz uma lista dos seus limites. Atos sexuais dos quais você nunca deve participar e atos que você deve se limitar. Pense nisso como diretrizes ou regras para o sexo. — Sempre achei que as palavras sexo e regras nunca deveriam ser sinônimas. Eu acho que as coisas definitivamente vão mudar para mim.

Eu pego rapidamente e pressiono meu dedo contra o selo para abrir.

— Antes de abri-lo — Ela me interrompe. —, vou te aconselhar a *não* ler a lista.

Eu franzo a testa. Isso não faz nenhum sentido. — Como vou saber o que não fazer?

— Você já ouviu o ditado "as pessoas querem o que não podem ter"? — Ela

pergunta. Eu não gosto de onde isso está indo. — Na minha experiência, toda vez que alguém escolhe ler esse envelope, é muito mais difícil seguir as regras. Eles ficam com medo e geralmente nunca compartilham a informação com seu parceiro sexual. Você tem uma escolha, Lily. Você pode olhar dentro do envelope agora ou pode entregá-lo a Lo e deixá-lo cuidar disso.

Isso soa como uma grande decisão, uma que pode mudar tudo. Ler agora poderia me aterrorizar seriamente. Eu posso imaginar as palavras *sexo uma vez por mês* rabiscadas ali. Acho que eu teria um ataque de pânico. Com Lo por perto, abster-me de sexo será mil vezes mais difícil, e sei como será cansativo me dizer *não*. Mas é exatamente por isso que eu deveria dar a ele, para que eu não surte e jogue a lista no lixo. Deixe-o decidir meu destino. Eu fico mais nervosa enquanto penso sobre o insuportável desconhecido. Mas talvez a Dra. Banning estivesse certa.

Desistir de algo não é a mesma coisa que perder o controle.

— Você não precisa decidir agora. — Dra. Banning diz. — E quando você e Lo se sentirem prontos, vocês dois poderão me ver juntos.

Ótimo. Eu nunca tive uma conversa totalmente franca sobre vício com Lo. Não tenho certeza de como a terapia *com* ele será. Outro obstáculo para ansiar.

Enfio o envelope no bolso de trás e dou a Dra. Banning um rápido agradecimento e um aperto de mão antes de sair. Na saída, meu estômago revira. Eu sei muito bem como as escolhas podem alterar o futuro.

Nós começamos um relacionamento falso. Nós terminamos. Nós namoramos. Nós nos amamos. E então nos separamos. Dor, felicidade, alegria e mágoa ricocheteiam de cada caminho percorrido e de cada memória descoberta.

Uma decisão pode mudar minha vida para sempre.

3 Anos e meio atrás

eu seguro a alça da minha mochila de pelúcia do *Capitão América,* que pode facilmente se transformar em um travesseiro, se necessário. Toda vez que passo a noite na casa de Lo, coloco meus produtos de higiene pessoal e roupas no pequeno bolso interno. Com meu aniversário de dezessete anos se aproximando, eu provavelmente deveria trocar a mochila por uma opção mais *madura*. Como o *Batman*. Mas Lo me mataria se eu viesse com a *DC* para a casa dele.

Eu me mexo em sua porta, não acostumada a entrar em sua casa pela porta da frente. Eu normalmente passo pela janela. Muito mais legal. Ter que esperar na varanda da enorme mansão só me lembra de que esta noite é um pouco diferente da maioria. Eu ergo a mão para bater na porta, mas decido usar a aldrava de metal de leão em vez disso. Eu bato algumas vezes e seguro a alça da minha mochila. Esperando.

Depois de um minuto inteiro, a porta se abre, mais luzes iluminando a varanda. E minha boca cai e meu rosto se contorce. Lo está diante de mim, mas ele está...

— O que você está vestindo? — Nós dois dizemos ao mesmo tempo.

O que eu estou vestindo?! Ele está de calça preta e uma camisa branca, parecendo ter quase 22 anos. Seu cabelo castanho-claro ainda está um pouco bagunçado, mas está estrategicamente bagunçado. Ele está barbeado, e suas bochechas se projetam quando ele franze os lábios enquanto olha desde os meus dedos dos pés até a minha cabeça.

— Que porra é essa? — Ele diz levemente, se encolhendo enquanto olha para mim como se *eu* tivesse me transformado em um alienígena intergaláctico. Eu estou *exatamente* a mesma. Ele é que está diferente.

— Eu não sabia que havia um código de vestimenta hoje à noite. — Respondo.

Ele cruza os braços e inclina a cabeça para o lado.

— Não me olhe assim. — Retruco, abrindo caminho pela porta já que ele rudemente ainda não me convidou para entrar. A sala de estar fica à nossa direita, o teto abobadado e o candelabro de cristal iluminam bem os móveis de couro e os caros tapetes de pele de animal. Eu tento não pensar em *quais* animais posso estar pisando quando estou na casa dele.

Ele tranca a porta, e eu jogo minha mochila no sofá mais próximo. Quando me viro para encará-lo, ele ainda tem aquele mesmo olhar maluco. — O que foi? — digo.

— Você está usando chinelos de dinossauro e calça de ceroula. — Ele diz, como se eu tivesse enlouquecido.

Eu olho para o meu *look* noturno. Minha calça larga de pijama masculino é folgada na virilha, e meus chinelos verdes de dinossauro fazem meus pés parecerem enormes. Também estou usando uma das camisas de manga comprida de Lo que ele deixou em minha casa outro dia – o logotipo de aniversário de 76 anos do time de basquete da Philadelphia impresso na frente. Eu dou de ombros. — Eu uso isso o tempo todo quando passo a noite aqui.

— Isso foi antes. — Ele me diz.

Eu ouço suas palavras não ditas: *isso foi antes, quando não estávamos em um relacionamento falso*. Duas semanas atrás, Lo foi suspenso da escola, e seu pai ficou louco, ameaçando enviar Lo para a academia militar, chegando até a mostrar a ele os formulários de inscrição. Passei o dia inteiro andando ansiosamente pelo meu quarto enquanto tentávamos encontrar soluções para pacificar seu pai.

E foi isso que conseguimos pensar. Fazer seu pai acreditar que Lo era um

homem mudado, namorando uma garota de quem ele achava que nunca seria digno. Eu. Uma Calloway. Quando, na verdade, estou tão ferrada quanto o filho dele. Vai entender.

Quando anunciamos nosso novo status de relacionamento, seu pai realmente não acreditou. É por isso que estou na sala de Lo esta noite, em vez de no quarto dele, onde costumamos debater sobre quadrinhos e eu o via beber até dormir. Esta noite, deveríamos *provar* o quanto estamos apaixonados.

E, então, tudo ficará bem novamente. Lo ficará aqui. Ele será um "homem mudado" e nós dois continuaremos normalmente. Exceto pela parte do relacionamento falso.

Eu me mexo, nervosa. — Desculpe. — Murmuro, autoconsciente de repente. Ele se vestiu bem para mim, e aqui estou eu, com calça larga e sua camiseta grande demais. Os chinelos ainda são legais.

— Você está certa. — Ele me diz, seus olhos âmbar passando por todo o meu corpo. — Não importa. — Ele abre os três primeiros botões de sua camisa.

Minha respiração fica presa na garganta.

— Você está fofa.. — Ele diz. Um sorriso brinca em seus lábios, e ele ri da minha ceroula novamente. — Ela é minha?

Ainda estou congelada na parte *você está fofa*. Eu não posso dizer se isso foi tudo fingimento ou não. Quero dizer, ninguém está aqui para testemunhar o desempenho do nosso encontro romântico, mas também *deveríamos* estar praticando antes que o pai dele entre pela porta.

— Sim. — Consigo dizer. — Eu roubei depois do acampamento em outubro. — Quase um ano inteiro atrás. Ele não percebeu na época, estou surpresa que ele perceba agora. Ou talvez ele só nunca tenha mencionado isso antes.

— Essa é a minha camisa também. — Ele diz, abrindo o último botão. Meus

olhos sondam seus músculos magros, e percebo que terei permissão para tocá-los pela primeira vez desde que fizemos sexo. E isso foi há muito, muito tempo. Bem, quase três anos para ser exata.

— Bem observado. — Sussurro quando ele se aproxima de mim. Normalmente eu estou totalmente no controle durante o sexo. Eu sei como vai terminar e como vai começar, mas com Lo e esse novo acordo, estou totalmente perdida sobre onde isso vai dar.

Dou alguns passos para trás, descendo alguns degraus até a sala de estar. Ele me segue, como se ele fosse o caçador e eu fosse a pequena corça que ele deseja capturar. Minha respiração fica pesada, não acostumada com o jeito que ele está me olhando. Como se eu fosse dele e ele fosse meu.

Isso tem que ser fingimento, certo? *Claro que é*, eu me lembro. *O acordo, nunca se esqueça. Isso é tudo fingimento.* Mas isso não significa que eu não tenha permissão para apreciar.

A parte de trás dos meus joelhos bate no sofá de couro e mogno. — Você está vestindo minhas roupas. — Ele diz, sua voz rouca e profunda.

Eu engulo em seco. Eu quero envolver meus braços ao redor de seu pescoço e passar minhas mãos pelo seu cabelo, trazendo-o para perto. Isto é errado. Mas parece certo. E o jeito que ele está olhando...

Seus dedos deslizam no cós da minha calça, puxando-me para o seu peito. Sua testa quase descansa contra a minha, sua respiração quente entrando em meus lábios entreabertos.

— Lo…

Ele abaixa o cós da calça, descobrindo meus quadris, e seu corpo endurece contra o meu. Minha mão rapidamente aperta a dele, meus olhos se arregalando de repente.

— Eu não estou vestindo nenhuma... — Paro, mais nervosa com um cara do

que eu acho que já estive antes.

Minhas palavras só fazem sua respiração ficar mais profunda. — Você esqueceu sua calcinha ou só percebeu que esqueceu de roubar uma cueca minha para usar?

Meus olhos caem em seus lábios. Eu quero beijá-los com tanta força que eles vão ficar inchados e vermelhos, e ele vai me sentir nele por dias. — Você não usa boxers. — digo, sem fôlego.

— Tem certeza? — Seus lábios roçam minha orelha. — Então o que eu estou vestindo, amor?

Oh, Deus. Meu corpo vibra e pulsa, e eu quero desesperadamente que suas mãos percorram cada centímetro da minha pele. Eu deveria aceitar o convite dele, mas hesito, preocupada em cruzar uma linha, mesmo sabendo que é por isso que estou aqui. Estamos entrando em um território novo, tudo para podermos declarar nosso amor "falso". Mas, por alguma razão, isso parece tão, tão real.

Ele me observa desistir e decide me ajudar segurando minhas mãos. Ele coloca meus dedos no cós de sua calça preta e a outra mão em seu zíper, guiando-me para as ações certas. Eu desço seu zíper, meu coração batendo descontroladamente no peito. Eu nunca estive tão ansiosa, tão excitada e tão assustada ao mesmo tempo. Estou andando de montanha-russa em alta velocidade e, a qualquer segundo, posso sair dos trilhos.

Eu começo a puxar sua calça para baixo, e meus olhos se recusam a se afastar da protuberância em sua boxer preta. Se esse é o tamanho do pau dele agora, não consigo imaginar como será quando ele estiver duro. Mas eu sei que quero ver.

Abro a boca para perguntar até onde vamos, mas as palavras não saem. Temo que se eu as disser, ele vai parar. E uma parte minha o quer dentro de

mim novamente. A outra parte, a mais razoável, está gritando sobre manter as coisas o mais casta possível. Para que ele não seja como todos os caras com quem estou. Para que eu não quebre o coração dele quando, sem dúvida, procurarei outro homem no futuro.

E então, todos os pensamentos voam para fora da minha cabeça. Ele segura meu rosto em suas mãos e me beija com tanta força que o ar entra em meus pulmões e fica preso lá. Minhas pernas tremem debaixo de mim, e meu braço envolve sua cintura, segurando como se minha vida dependesse disso. Estou sucumbindo a seu corpo, a essa paixão que flui dele a cada beijo. Ele separa meus lábios, sua língua explorando minha boca, seu peito vibrando contra o meu.

Eu gemo, e o som o leva mais fundo. Ele envolve minhas duas pernas ao redor de sua cintura e me empurra para as almofadas do sofá. Lo paira sobre mim, mas sua pélvis se afunda na minha, todo o meu corpo se inflama com algo estranho e, ainda assim, tão familiar. Eu mal posso respirar.

Eu o beijo de volta com a mesma urgência, como se isso fosse desaparecer em questão de minutos. Como se tudo fosse desaparecer diante de nossos olhos, e eu ficaria sem esse sentimento amanhã. Ele tira minha camisa, me deixando em um top azul e pele fria que ele aquece com as mãos. Seus dedos encontram o caminho para o meu seio, e eu me perco na forma como ele acaricia meu mamilo. Eu preciso de sua boca... e seus lábios encontram o mesmo lugar, lambendo um círculo ao redor do lugar mais sensível do meu seio.

— Lo. — Suspiro. — Lo... — Gemo e me contorço embaixo dele. Isso não pode ser real. Eu tenho que estar sonhando.

Sua dureza pressiona perto do lugar molhado entre minhas pernas. Apenas o tecido nos separando. Eu preciso que ele se mova. Silenciosamente imploro

para que ele me preencha, mesmo sabendo que será tão, tão errado. *Isso é fingimento*. Mas por que parece tão bom? Por que parece tão fodidamente real?

Ouço o clique da porta. Nós dois congelamos. Lo levanta a cabeça e ajusta meu top, cobrindo meus seios. Mocassins caros batem no chão de mármore e chaves tilintam quando são colocadas em um bolso.

Jonathan Hale para bem no *hall* de entrada, com uma visão completa da sala de estar – nosso sofá em ângulo perfeito. Ele abaixa sua pasta e começa a tirar a gravata, e sua cabeça vira e ele congela, assim como nós. Era por isso que estávamos esperando, mas isso não torna o momento menos estranho.

Fico vermelho-cereja e escondo o rosto com as mãos, olhando para o pai de Lo pelas fendas dos dedos.

— Pai. — Lo diz, sentando-se um pouco. Minhas pernas ainda envolvem sua cintura. Suas calças ainda estão amontoadas no chão. Talvez isso tenha sido uma má ideia... — Achei que você não voltaria para casa até mais tarde.

— Já é tarde. — Ele diz, examinando nossa posição no sofá. Eu quero me desintegrar nele. — Então vocês dois estão juntos agora?

— Sim. — Lo retruca. — Eu te disse isso há cinco dias.

— Não fale comigo com esse tom de merda, Loren. — Ele retruca com a *mesma* hostilidade. — Eu te ouvi antes. Só não achei que vocês dois estivessem falando sério. Quando você tinha sete anos, você disse que ela era a porra da sua esposa.

Eu coro, lembrando do nosso casamento "de mentirinha". Rose me disse que eu era estúpida durante toda a cerimônia. Acho que nem *tudo* muda.

— Eu não tenho mais sete anos. — Lo responde.

— Eu posso ver isso. — Jonathan me olha um pouco mais do que eu gostaria, e eu me encolho ainda mais nas almofadas. Lo se move para que meu

corpo seminu fique melhor escondido da visão de seu pai. — Você concorda com o que meu filho fez, Lily? — Ele pergunta. — Você acha que foi certo ele foder com a propriedade de outra pessoa?

Eu sacudo a cabeça várias vezes. — Não, senhor. Na verdade... — Eu limpo a garganta, desejando um pouco de confiança. — Eu disse a Lo que se vamos ficar juntos, ele vai ter que mudar. — A mentira tem um gosto nojento na minha boca, mas é melhor eu me acostumar com isso. Haverá muito mais daqui em diante.

Jonathan pondera sobre isso e depois diz a Lo: — Espero que uma mulher possa colocar um pouco de juízo em você. — Então ele vai deixar Lo ficar?! Nós assistimos enquanto ele dá alguns passos para o carrinho de bebidas, ignorando nossa posição não tão inocente no sofá. Ele se serve de um copo de *bourbon*. — Paguei pelos danos que você causou na casa dos Smith, mas estou retirando uma parte da sua mesada.

Lo faz buracos no braço do sofá acima da minha cabeça, fulminando com os olhos o objeto em vez de seu pai. Acho que é uma decisão sábia. — Obrigado. — Ele diz.

Jonathan balança o copo. — Eu conversei com aquela sua diretora vadia. Ela vai tirar sua suspensão do seu histórico escolar. Você vai ficar em Dalton a menos que estrague tudo de novo. — Eu mal posso comemorar a notícia porque ele completa a declaração com: — Pare de manchar o *meu* nome.

Lo range os dentes, o nariz dilatando para conter suas emoções. Quero dizer a Lo que seu pai se recusa a sequer reconhecer a *razão* por Lo ter retaliado contra Trent Smith. Talvez se ele ouvisse o motivo, ele entenderia.

Eu me pergunto se Lo vai tentar encerrar a conversa ou se vai provocar uma reação explosiva do pai. — Ok. — Lo diz com os dentes cerrados, escolhendo deixar pra lá. — Você pode sair agora.

Depois de uma longa pausa, Jonathan pergunta: — Você tem proteção? — Oh, meu Deus! Eu quase me encolho em uma bola, mas Lo mantém uma mão do lado de fora da minha coxa que abraça sua cintura.

Lo fecha os olhos e depois os abre, seu olhar ficando mais furioso. — Sim. — Ele responde com a mesma voz dura, como se cada palavra fosse letal.

— Bom. Prefiro não ter que explicar ao pai dela por que meu filho não conseguia manter o pau nas calças. — *Se ele soubesse*. Ele vai para o *hall* que o levará para *longe* de nós. — E, Loren?

Lo estica o pescoço por cima do ombro para encontrar os olhos duros de seu pai. Em toda a minha vida, eu nunca os vi parecendo suaves.

— Não seja um merdinha tão doente. — Ele observa a forma como o rosto de Lo se contorce com raiva e dor, e eu procuro o brilho de remorso nos olhos de seu pai. Mas não vejo. Ele afoga isso com a bebida na palma da mão e desaparece no corredor escuro.

Lo se senta por um segundo e coloca as mãos na cabeça, arfando como se seu pai o perseguisse pela sala com uma arma.

—Você está bem. — Eu sussurro. — Lo, você não é doentio.

— Eu encharquei a porta do cara com sangue de porco.

Eu me encolho. — Era para ser poético, e o que ele fez não foi muito melhor. — Eu fico quente com a memória crua de quando eu abri um pacote enviado para minha casa, endereçado a mim. Lo sentou-se comigo na cama, pensando que tínhamos encomendado uma revista em quadrinhos e que havíamos esquecido. E quando abri as abas da caixa, eu gritei por causa do conteúdo.

Um coelho branco morto.

Lo encontrou um bilhete manchado de sangue, e eu empurrei a caixa para

longe, o cheiro tão horrível quanto a imagem. — Aqui está algo que você pode foder. — Ele leu. Trent assinou seu nome no final. Que idiota, pensei com lágrimas grossas escorrendo. Aparentemente, a namorada dele terminou com ele porque fizemos sexo em um jogo de hóquei *meses atrás*. Ele era do time de "fora de casa", dirigindo para a cidade por algumas horas para derrotar a Academia Dalton.

E Trent me culpou pela separação. Como se ele não tivesse participado, como se eu fosse uma sereia que o seduziu.

No dia seguinte após receber o pacote de "ódio", passei a noite em minha casa. Rose me queria lá, já que o clube do livro da minha mãe geralmente atrasava. Ela não queria ficar sozinha com ela, então eu fiquei. Lo ficou bêbado, e eu ouvi que ele foi preso por vandalismo e por beber sendo menor de idade.

Tudo o que eu conseguia pensar era: *pelo menos ele pegou um táxi. Pelo menos ele teve o bom senso de* não dirigir bêbado.

— Talvez isso tenha sido muito fodido. — Loren sussurra.

— Gostei do seu bilhete. — Murmuro.

Sua sobrancelha sobe. — *Beba isso, porco?*

Eu sorrio. — Sim.

Seus olhos vão para os meus lábios. — Você é estranha.

— Você também.

— Bom. — Ele se inclina mais perto. — Nós podemos ser estranhos juntos.

Seu coração bate contra o meu peito enquanto suas mãos caem dos lados dos meus ombros, pressionando a almofada. Sua cabeça abaixa e sua boca paira a um centímetro da minha. Ele fica parado por um momento, e meus nervos se atiçam com a forma como nos fundimos, a forma como ele parece se

encaixar perfeitamente em mim.

Meu queixo se inclina, meus olhos fechando enquanto eu fantasio sobre onde isso pode ir. Ele poderia me ter aqui. Agora. E nunca me deixar ir. Ele poderia roçar em mim até meus quadris balançarem e minhas coxas apertarem em torno de sua cintura. Eu poderia estar tão cheia de Loren Hale que sofreria quando ele decidir que já é o suficiente.

Sua grande mão acaricia minha bochecha, segurando meu rosto gentilmente.

— Abra os olhos. — Ele sussurra.

Minhas pálpebras tremem, e eu o vejo olhando tão intensamente, absorvendo meus movimentos minúsculos e tensos. Cheio de luxúria e poder e *alma*. E eu começo a acordar do meu sonho. Ele vai ver a viciada que eu sou. Ele vai perceber o quão carente e nojenta eu posso me tornar, e vai me jogar fora como amiga e amante. Se eu cruzar a linha – se ele preencher essa necessidade dentro de mim – o que será de nós?

O que será de *mim*?

O medo me esfria. E eu começo a arfar, alarmada. — Seu pai se foi. — Eu o lembro. Não há mais motivos para fingir. Não quando estamos sozinhos.

Sua testa se enruga em uma carranca profunda. Ele lambe o lábio inferior e balança a cabeça. — Ele pode voltar. — *Ele não vai*, eu deveria dizer a ele.

Mas sua outra mão desaparece entre nossas pélvis, e seus dedos tocam por cima da minha calça, em um ponto que me faz tremer embaixo dele, e eu arfo.

— Você está molhada. — Ele suspira.

— Lo... — Eu começo, fechando meus olhos enquanto começo a flutuar novamente.

— Olhe para mim. — Ele diz.

A tensão nos envolve em um casulo apertado e desconfortável, e eu sucumbo a esse único pedido, abrindo meus olhos pela segunda vez.

Suas duas mãos seguram meu rosto novamente, envolvendo-me com intensidade, propósito e uma profunda paixão. Meus lábios entreabertos quase tocam os dele.

— Você precisa de mim. — Ele sussurra, sua respiração enchendo meus pulmões.

Sim.

Mas a palavra permanece enterrada sob o medo. Eu o encaro, afogando-me em seus olhos dourados.

Ele olha para mim, nadando em meu olhar inebriado.

É o que não dizemos que dói mais. Nenhum de nós vai falar para esclarecer as coisas que fazem essa tensão crescer e nos atormentar. Então, nós observamos, esperamos e ouvimos a respiração pesada um do outro.

Algumas escolhas nos definem. E, neste momento, eu tomo uma decisão que mudará o curso de nossas vidas para sempre.

Ou talvez, eu apenas prolongue o inevitável.

De qualquer forma, no meu coração, eu sei que isso parece certo.

Uma boa notícia...

A boa notícia é que a *Editora Bezz* está mais do que disposta a trazer as três séries que compõem a história das famílias. As duas gerações. Primeiro, as Calloway (dentro das séries *Addicted* e *Irmãs Calloway*), depois, os filhos destes (na série *Like us*).

... E SUA PARTICIPAÇÃO!

Para isso, contamos com a sua colaboração em fazer dessas séries um sucesso, assim como elas são lá fora, especialmente nas indicações literárias do *Tik Tok*. Adquirindo os livros oficiais e-books e/ou impressos (e não cópias piratas), deixando suas impressões/resenhas nos principais *sites* de venda, assim como em estantes virtuais (*Goodreads* e/ou *Skoob*), e em suas mídias sociais. Isso garantirá com que as séries não sejam descontinuadas, e possamos ter todos esses livros nas nossas estantes.

Adquiram. Indiquem. Comentem.

A lista de livros será atualizada abaixo a cada novo lançamento.

Série Addicted

Viciado em Você

Ricochete

Série Irmãs Calloway

Série Like us

Danificados

Continue lendo...

A HISTÓRIA DE LILY & LO ESTÁ LONGE DE ACABAR!

A SÉRIE ADDICTED CONTINUA...

Agradecimentos

O apoio esmagador que *Viciado em Você* recebeu impulsionou este livro para sua criação final. O que era para ser um conto, se transformou em muito mais por causa do seu entusiasmo pelo nosso trabalho. Então, primeiro, agradecemos a todos vocês: leitores e amigos. Por fazerem esta viagem selvagem e emocionante com Lily e Lo.

Também temos que agradecer a todos os blogueiros que nos ajudaram a divulgar *Viciado em Você*. Não tenho certeza se a resposta do público teria sido sequer metade do que foi sem todos vocês. Krista e eu adoraríamos citar o nome de todos, mas, honestamente, são muitos. Como blogueiras de livros, sabíamos que a comunidade apoiava, mas a quantidade do apoio foi muito além do que esperávamos. Muito, muito obrigada.

Um grande obrigada vai para a nossa família por ler a série, principalmente para a nossa mãe, nossas tias e primos. Sem seus elogios constantes, talvez não tivéssemos reunido coragem para compartilhar este trabalho sensível com o mundo.

E para quem sofre com um vício, ou passou pela experiência e nos agradeceu, *nós* é que agradecemos a leitura. Alguém comentou recentemente sobre como as pessoas chamam de trágico quando celebridades morrem por um vício, mas zombam daqueles que estão sofrendo atualmente. Esperamos que este livro toque algumas pessoas. Nós sabemos que ele não é para qualquer um, mas agradecemos por ter chegado até aqui.

Sobre as autoras

Krista e Becca Ritchie são autoras *bestsellers* do *New York Times* e *USA Today*, e gêmeas idênticas – uma, nerd de ciências, a outra, geek de quadrinhos –, mas com a paixão compartilhada pela escrita. Elas combinaram seus poderes mentais quando crianças e nunca pararam de contar histórias. Elas amam super-heróis, personagens falhos e amor de almas gêmeas. As séries conectadas das três famílias – Hale, Cobalt e Meadows – são o carro-chefe que lhes trouxeram fama, e que chegam ao Brasil através da *Editora Bezz.*

CONECTE-SE COM ELAS

WWW.KBRITCHIE.COM

WWW.FACEBOOK.COM/KBRITCHIE

WWW.INSTAGRAM.COM/KBMRITCHIE

WWW.PINTEREST.COM/KBMRITCHIE